U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Relevância do quarteirão na construção da identidade da cidade contemporânea: Porto, três casos.

Manuel Mota Leitão

M

2022

U.PORTO

Manuel Mota Leitão. Relevância do quarteirão na construção da identidade da cidade contemporânea: Porto, três casos

Relevância do quarteirão na construção da identidade da cidade contemporânea: Porto, três casos.

Manuel Mota Leitão

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2022**

Nota Prévia

As citações transcritas em português, referentes a edições de língua estrangeira, e presentes no texto, foram livremente traduzidas e transcritas pelo autor.

"*Quanto mais o conceito de habitar integra o Homem, mais se aproxima do artefacto, quanto mais o transcende mais o simboliza.*"[1]

[1] **BARATA, Francisco -** *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 23).

Agradecimentos

Um especial obrigado ao professor André Santos, por toda a ajuda e paciência na fase final deste longo curso.

Aos meus avós, por toda a estrutura que me deram e por tudo aquilo que são.

E por fim, a todos os amigos que me suportam e me carregam nesta vida.
Obrigado.

RESUMO

O presente estudo tem como protagonista o quarteirão na sua indissociável relação com o desenvolvimento da forma urbana. A análise desta relação, desde das primeiras formas urbanas aos dias de hoje, permite assim uma leitura única da cidade como espaço que simboliza o Homem e a sua evolução.
Esta peça caracterizadora e definidora do tecido urbano, projeta em si as marcas da história, evidenciando no confronto com a atualidade as transformações no modo de habitar a cidade.

Nesta investigação, a tipologia de quarteirão que domina a identidade histórica do Porto é apreendida através de um número incisivo de casos de estudo, com o objetivo de a confrontar com espaços concretos da cidade. Na sequência deste confronto permite-se olhar para as relações sociais, funcionais e morfológicas que caracterizam uma permanência tradicional no espaço contemporâneo.

O quarteirão, especialmente no contexto portuense, chegou ao presente marcado por um acumular de constrangimentos e negligências que ofuscam os seus potenciais perante a atual realidade urbana, onde os espaços em desuso e por vezes mal aproveitados não são entendidos como regeneradores de uma memória coletiva capaz de atenuar os emergentes problemas da cidade, tornando-a mais inclusivas.

De modo a apreender as oportunidades e a fundamentar o papel que estes espaços podem ter na cidade contemporânea, é oportuno, em primeiro lugar, absorver o modo como as pessoas reagem à gentrificação, formal e funcional, do meio onde habitam. E só então se consegue clarificar soluções que podem ativamente contribuir para resiliência da cidade.

Compreender como é que a arquitetura se transformou no quarteirão, torna-se fundamental para compreender a identidade destes espaços na sua relação com as constantes mutações sociais. Reconhecer o desenvolvimento, entre a sociedade e o meio que a rodeia, é o que permite a formação de uma cidade mais inclusiva e resiliente.
O quarteirão como elemento social e caracterizador da malha urbana, permite assim debater e refletir sobre a vivência colectiva da cidade.

ABSTRACT

This work focuses on the urban block as an element natural to the city. It does so, by diving into the development of the urban form that, from it's origins up to the present scale, allows us an unique perspective of the city's contemporary paradigm.
This defining piece of the urban fabric projects in it self the trace of history, allowing an understanding on the city dwellings' transformations.

In the following research, the aim falls into the city's block typology that characterizes Oporto's historical identity through a series of cases studies.
The sight stands in understanding the human needs around the traditional shape of the block, by looking to the way they've been shaped throughout time and what defines them today. A delicate deconstruction of the urban block hierarchies so one can grasp its complexity and question its character.

The block, especially in the Oporto context, has been dragged to contemporaneity summed by many constraints. It's gentrified spaces, left to abandonment or poorly use, aren't perceive as tools for a more inclusive city. By re-adapting the traditional urban block 'voids', one can restore a democratic access to the city center, aiming for a social cohesion that can better tackle the city's future needs.

In order to intake the left potential and crucial role these spaces can have in the contemporary city, it's needed in first hand, to absorb how do people react to the shapes and scales they are left to live in. And only then, the elements that compose architecture can better and actively give resilience to the city.

This work explores, in last resort, how can the traditional urban block's living tackle the city future needs. Understanding how architecture changes and how was changed by one of the main ways of city dwelling, allows us to clarify where and what to change. Architecture becomes a link between society and its environment. And, its by acknowledging this link, that future actions may become more aware.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

OBJETO *14*

OBJETIVOS *15*

METODOLOGIA *16*

ESTRUTURA *18*

01_CONCEITOS

1.1_**CIDADE** *20*

1.2_**QUARTEIRÃO** *22*

1.3_**LOGRADOURO** *24*

1.4_**TIPOLOGIA** *26*

1.5_**PROBLEMÁTICAS URBANAS** *28*

02_HISTÓRIA

2.1_**CIDADE** *32*

Introdução *32*
Os primeiros modos de habitar *33*
A cidade Grega *35*
A cidade Romana *39*
A forma muçulmana *41*
A época medieval *43*
A cidade Barroca e Renascentista *47*
Revolução industrial *51*
O Modernismo *57*
Contemporaneidade *65*
Conclusão *69*

2.2_**TIPOLOGIAS DE QUARTEIRÃO** *72*

Introdução *72*
Medieval *74*
Tradicional ou Quarteirão Burguês *75*
Ildefonso Cerdà *77*
Ocupação perimetral (*Large Type Block*) *78*
Edifícios laminares paralelos *80*
Edifício-Cidade *81*
Megaestruturas *82*
Pós-Moderno *83*
Aberto *85*
Observações *87*

2.3_**FORMA URBANA DO PORTO** *89*

03_TRÊS QUARTEIRÕES

3.1_**SELEÇÃO** *99*

3.2_**EVOLUÇÃO HISTÓRICA** *109*
Quarteirão junto ao largo Actor Dias *113*
Quarteirão na rua da Boavista *115*
Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas *117*

3.3_**PARÂMETROS DE ANÁLISE** *119*
Introdução aos parâmetros de analise *119*

3.4_**ANÁLISE** *123*

3.4.1_**ACESSOS** *123*
Introdução *123*
Quarteirão junto ao Largo Actor Dias *125*
Quarteirão na rua da Boavista *126*
Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas *131*
Conclusão *133*

3.4.2_**GRAUS DE PRIVACIDADE** *135*
Introdução *135*
Quarteirão junto ao Largo Actor Dias *136*
Quarteirão na rua da Boavista *140*
Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas *144*
Conclusão *147*

3.4.3_**MORFOLOGIA** *149*
Introdução *148*
Quarteirão junto ao Largo Actor Dias *150*
Quarteirão na rua da Boavista *152*
Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas *154*
Conclusão *155*

3.4.4_**IDENTIDADE** *157*
Introdução *157*
Quarteirão junto ao Largo Actor Dias *159*
Quarteirão na rua da Boavista *161*
Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas *163*
Conclusão *166*

3.5_**ANALOGIAS E CONCLUSÕES** *168*

04_PROBLEMÁTICAS URBANAS

4.1_**REALIDADE CONTEMPORÂNEA NA CIDADE DO PORTO** *174*
Contexto global *174*
Contexto portuense *177*
Preocupações e constrangimentos *180*
Soluções *182*
Casos de estudo *184*

REFLEXÃO FINAL

O que aconteceu *189*
O resultado *197*
Observações *200*
Conclusão *202*

FONTES

Bibliografia *208*
Dissertações *211*
Artigos em Periódicos *213*
Internet *214*
Relatórios *215*

CRÉDITOS IMAGENS

02_HISTÓRIA *218*
03_CASOS DE ESTUDO *222*

ANEXOS

Entrevistas *228*
Fotografias *237*
Carta de Património *248*
Quarteirão junto ao largo Actor Dias *250*
Quarteirão junto à rua da Boavista *252*
Quarteirão junto à avenida Rodrigues de Freitas *254*

INTRODUÇÃO

OBJETO

A presente investigação tem como foco inicial o quarteirão, como objeto tipológico integrador e caracterizador do tecido urbano e o modo como se transformou paralelamente ao desenvolvimento da cidade como fenómeno histórico.

Num segundo momento, dentro da cidade do Porto, é estudado o quarteirão portuense de características burguesas, que se desenvolve no seguimento das intervenções almadinas no século XVIII, acompanhando o desenvolvimento da cidade extra muros.
O edificado que conforma esta tipologia urbana vai manter um carácter uniforme até aos meados do século XX, a partir de onde vão surgir as estruturas (sobre as novas técnicas construtivas) de maior expressão, que integram pontualmente este elemento urbano.

Neste sentido foram selecionados três casos de estudo que integram a atual malha urbana do Porto, enquadrando-se em fases distintas na tipologia do quarteirão tradicional burguês.
Sobre este contexto compreendeu-se o universo de análise, a área da cidade do Porto entre os limites da VCI[2] e do rio Douro.

Cada caso de estudo, complementa olhares diferentes sobre uma mesma temática, permitindo algumas conclusões gerais sobre a identidade do quarteirão.
Procurou-se assim representar de modo controlado a diversidade que engloba a reali-

---

2 Via de Cintura Interna (VCI), é a via rápida que contorna em anel a zona central dos núcleos urbanos do Porto e de Vila Nova de Gaia.

dade dos quarteirões portuenses de carácter burguês, e o interesse destes espaços no contexto da cidade contemporânea.

Em última análise, a investigação enquadra o urbanismo contemporâneo e as suas problemáticas como objeto de estudo. Analisa-se neste momento o impacto evolutivo das cidades como fenómeno global, objetivando uma integração clara dos principais paradigmas que ocupam hoje o urbanismo portuense.

OBJETIVOS

O objectivo desta investigação será analisar e identificar o contexto, quer histórico quer tipológico, do quarteirão como elemento caracterizador e definidor do tecido urbano, aprofundando deste modo o caso portuense.

Pretende-se num segundo plano, compreender, identificar e comparar as características de três casos pontuais na cidade do Porto, para que, enquadrando a tipologia do quarteirão tradicional burguês, se identifique a sua relevância perante as problemáticas contemporâneas da cidade.

De modo a integrar este objectivo o trabalho desenvolve um olhar sobre a arquitetura do quarteirão capaz de compreender a sua influencia e como é transformada pelos seus contextos espaciais, sociais e temporais.

Pela análise dos casos práticos portuenses, propõe-se a produção de um conjunto de levantamentos que, materializando a tipologia em estudo no seu contexto urbano, procuram contribuir para um desenvolvimento extensivo da pesquisa.

O trabalho visa num último momento mostrar que o quarteirão de características burguesas se mantém um modo de habitar a cidade relevante para o futuro.

METODOLOGIA

Com o propósito de analisar e identificar as dinâmicas que caracterizam o quarteirão como tipologia urbana, a presente investigação procura aprofundar o desenvolvimento histórico das cidades na sua relação direta com as tipologias que caracterizam o tecido urbano.

Enquadra-se desde os primeiros modos de urbanização, iniciados pelas sociedades rurais e pela consequente necessidade de defesa, até aos pensamentos que materializaram as intervenções pós-modernistas holandesas controlando e corrigindo os planeamentos de expansão da cidade com a introdução de novos métodos de integração social.

Sobre este objetivo completa-se um levantamento tipológico, introduzindo a valorização da noção tipo na interpretação do caso singular e expondo algumas das principais variações que conformam o espectro atemporal do quarteirão.
Consequentemente aprofunda-se sobre um caso urbano especifico para que, dando continuidade ao restantes objetivos do trabalho, se possa englobar as variações associadas à parcela urbana, dentro do desenvolvimento de uma só cidade, do Porto.

Numa segunda dimensão, com o objetivo de clarificar a importância que a tipologia do quarteirão tradicional burguês mostra perante as problemáticas do urbanismo atual, e em paralelo ser capaz de produzir um conjunto de levantamentos relevantes no seu enquadramento, o presente trabalho prende-se em analisar três casos de estudo que integram a malha urbana portuense.

A análise dos três quarteirões, entra como ponto chave no desenvolvimento dos objetivos propostos, pois não só permite a elaboração de levantamentos, gráficos, escritos e volumétricos, relevantes para materializar a tipologia em estudo sobre contextos concretos da cidade, apoiando possíveis desenvolvimentos de futuros trabalhos sobre o tema, como possibilita acima de tudo uma contextualização atual e concreta do quarteirão burguês portuense. Esta contextualização desenvolve-se sobre a análise de três casos, que vão refletir diretamente as origens da tipologia burguesa em estudo.
Neste contexto os três casos vão ser estudados sobre quatro parâmetros de análise, que visam, para além de satisfazer uma certa curiosidade de processo, analisar diferentes características de cada quarteirão. As características vão focar deste modo, o estudo das circulações e dos consequentes acessos, a análise das plantas do piso térreo e do piso tipo hierarquizando as funções dos vários espaços, e por fim um estudo morfológico e da identidade socioespacial.
Criam-se assim as bases para uma compreensão das características que conformam atualmente a tipologia em estudo valorizando por sua vez a singularidade de cada caso.

Sobre esta análise, estruturam-se os paradigmas da cidade contemporânea, fazendo um enquadramento deste do impacto da cidade como fenómeno global até ao problemas e consequentes soluções que ocupam o urbanismo portuense.

No diálogo entre a problemática urbana e as características levantadas nos casos de estudo, torna-se então possível clarificar o papel da tipologia do quarteirão burguês na resolução das problemáticas que ocupam a atual cidade do Porto.

ESTRUTURA

A estrutura do presente estudo, reflete-se essencialmente em três momentos.

O primeiro sendo a introdução e contextualização do objeto, que se enquadra sequencialmente com o desenvolvimento das cidades e das suas morfologias urbanas, completando-se pelas tipologias de quarteirões que nestas se formaram e por fim pelo enquadramento da cidade do Porto como caso de análise.
Sobre este primeiro plano, organizam-se as ideias que acompanharam a transformação das cidades, e como é que estas projetaram sobre a forma de quarteirão um modo de habitar urbano. Desenvolve-se assim sobre o contexto portuense, como palco para enquadrar uma tipologia com um contexto concreto.

O segundo momento que estrutura esta pesquisa, marca-se pela análise de três casos, que consequentemente se desenvolvem sobre quatro parâmetros.
Ao analisar os parâmetros que contextualizam cada caso de estudo na cidade do Porto é então possível aprofundar as características do quarteirão portuense burguês no diálogo com a primeira parte do trabalho. Sobre este desenvolvimento surgem as analogias e conclusões que permitem compreender de modo mais aprofundado as características do quarteirão portuense como objeto de estudo, que no confronto com o tempo marca a cidade contemporânea.

Numa última fase, o trabalho desenvolve uma análise sobre o paradigma no desenvolvimento urbano atual, integrando por sua vez as constatações levantas sobre os casos de estudo na cidade do Porto.

A estrutura conclui-se com uma parte dedicada à reflexão final, que propõe quatro pontos: a síntese, o resultado, as observações e a conclusão.

01_CONCEITOS

Esta investigação move-se sobre um conjunto de peças chave que ajudam a definir a relação do habitar com a cidade. E é sobre o conceito destas peças que o capítulo incide, com o objectivo de as clarificar e interpretar, para que um olhar guie o entendimento e significado de cada um dos elementos.

1.1_**CIDADE**

"A cidade, tal como a realidade histórica, nunca é independente das etapas por que passou na sua evolução: é uma atualização dessas etapas e a sua projeção em direção ao futuro"[3].

A cidade é sempre um produto inacabado.
Este produto perpetuamente inacabado torna-se mais claro quando se olha para a própria genealogia das palavras que o definem, que definem o próprio ato de urbanizar.

"Havemos dito muitas vezes, que a urbanização e a civilização correm em paralelo: pois bem, seguindo a genealogia das palavras, ... O verbo 'uro' ou 'aro' no seu significado genuíno, significa igualmente abrir a terra para cultivo (arar) assim como abrir a terra para a habitar. É se não que os povos primitivos praticavam simultaneamente estas duas operações: pois o instrumento onde se há de passar a vida, não se pode separar do campo onde se há de proporcionar os meios para a manter. ... Em uma palavra, urbanizar significa arar, cultivar, e cultivar é a causa mais fecunda da civilização."[4]

Na constituição formal da cidade, importa olhar para dois elementos que compõem e estruturam o espaço público: as ruas e as praças. Que no mundo interior seriam traduzidas na forma do corredor e sala ou átrio.

---

3 **GOITIA, Fernando Chueca** - *Breve história do urbanismo*. (p. 25).

4 **CERDÀ, Ildefonso** - *Teoria general de la urbanizacion, y aplicacion de sus principios y doctrinas à la reforma y ensanche de Barcelona.* (p. 511).

"As caraterísticas geométricas em ambas as formas espaciais são as mesmas. Elas diferenciam-se apenas pela dimensão das paredes que as integram nos respectivos padrões funcionais e de circulação."[5].

A praça emerge como um dos primeiros espaços onde o Homem descobre a apropriação do espaço urbano. Esta organização, materializada pelo conjunto edificado que delimita um espaço exterior, vai permitir um marcante controlo sobre o espaço interior aberto, assim como facilita naturalmente a defesa contra o mundo exterior ao minimizar os seus acessos. Aqui, a praça convergindo com a definição do pátio, acaba por reter inevitavelmente um valor simbólico estabelecendo uma referência na criação de espaços litúrgicos (Agora, Fórum, Claustro, Pátio Islâmico, entre outros). E com o surgir das casas construídas em torno de um átrio central, o padrão espacial que se encontra na praça define assim um modelo para o futuro. Esta morfologia encontra-se diretamente relacionada com a ideia de quarteirão, que também se reflete num vazio circunscrito pelo edificado. Como refere o autor Robert Krier, nos seus textos em *Urban Space*, a praça e o pátio são espaços que nascem de uma mesma gênese, variando com a identidade dos acessos que os definem, os mais privados marcam os pátios, os mais públicos as praças.

A rua, por outro lado, apresenta um caráter pronunciadamente mais funcional do que a praça que, por virtude da sua morfologia e da relação de escala que forma entre os cheios e vazios da cidade, se torna mais atrativa como espaço de estar. A rua foi sempre se mantendo como elemento de circulação e de passagem. *"A herança que a rua herdou na organização das nossas cidades (europeias) dividiam-se por razões um quanto distintas. Elas foram planeadas para a escala do ser humano, do cavalo e da carroça. A rua torna-se inadequada para fluxo do tráfego motorizado, enquanto se mantém integralmente apropriada para a circulação e atividade humana."*[6].

Em suma, e de modo a apreender as formas que materializam a cidade,*"o espaço urbano organiza-se em tipos identificáveis e reconhecíveis como a rua, a praça, a avenida, o beco, e.t.c., quaisquer que sejam as variações na sua aparência. ... Existe coerência, integração e dependência recíproca entre os vários elementos morfológicos que compõem um espaço. ... a rua é definida pelos edifícios e constitui com estes uma unidade em que as várias partes são indissociáveis."*[7].

---

5 **KRIER, Robert** - *Urban space.* (p. 16).

6 *Idem.* (p. 17).

7 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade*. (p. 136).

1.2_**QUARTEIRÃO**

O quarteirão surge da relação direta com os sistemas de circulação que definem o modo de vida público que, materializando o fenómeno que é a cidade, vai dar luz a um presente modo de habitar.
O quarteirão,*"é a mais pequena unidade do espaço à escala urbana, inteiramente delimitado por vias ou espaços colectivos, e é de cariz predominantemente edificada, que no conjunto forma um sistema fechado."*[8]. O quarteirão surge inteiramente da sua relação com a envolvente, este elemento urbano facilmente se descontextualiza quando analisado isoladamente.

A cidade ganha vida através de uma rica e complexa coexistência de sistemas, em constante interação, como explica Christopher Alexander em *A city is not a tree*, onde ilustra como as partes invisíveis ao espaço público têm um impacto direto no mesmo.
O quarteirão sobre a sua lógica clássica, de perímetro edificado e núcleo exterior, vai conferir à cidade pequenas vivências paralelas ao quotidiano público, que induzem uma escala transitória entre a exposição do espaço público e o elmo privado.
O exterior que caracteriza o miolo do quarteirão, surge neste contexto, pois é sobre este que o habitar urbano se complementa. A funcionalidade deste espaço exterior escondido aos olhos da rua permite dar vida ao quarteirão e consequentemente dar vida à cidade.

---

8 **TORRES, Alexander** - *InsideOut: O Interior do quarteirão como espaço urbano*. (p. 19).

O quarteirão define-se então, não só pela relação com o seu contexto exterior e público, mas também pelas caraterísticas espaciais do seu núcleo privado, tornando-se um elemento que, na estrutura viária da cidade, se materializa pelo método como relaciona o habitar com as necessidades coletivas. *"No quarteirão, existe também total interdependência entre os elementos que o constituem: traçados, lotes, edifícios, fachadas, logradouros, etc., e assim por diante. É sobre o quarteirão que vão incidir maiores transformações até ao seu completo desaparecimento no séc XX. Porque, sendo um elemento morfológico que interliga e estrutura vários outros, é também no quarteirão que se processa a separação entre o domínio público e privado, estruturando as práticas sociais da sua utilização"*[9].

Em suma, o quarteirão é um elemento que se define pelo espaço público que o envolve, modificando-se e adaptando-se sobre as normas sociais e estéticas que acompanham o desenvolvimento da cidade. Como é o caso da classe burguesa no Porto que vem impor uma nova ordem na organização dos espaços urbanos, investindo os seus valores "*... económicos, ideológicos e acima de tudo estéticos.*"[10], ou dos quarteirões habitacionais de *Karl Marx Hof* , em Viena, que integram a emergente classe operária sobre os princípios estéticos que caracterizaram o início do século XX.

9 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade.* (p. 136).

10 **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX.* (p. 137).

1.3_**LOGRADOURO**

A habitual sensação de desafogo que é possível testemunhar na transição entre o espaço interior e o espaço exterior, assim como a marcante sensação de alívio que emerge quando deparados com as amplas paisagens do mundo exterior, torna evidente que o habitar se qualifica quanto melhor for a ligação entre os espaços fechados e a liberdade inerente ao espaço aberto.

É no contexto do exterior como qualificador do espaço interno, que surge a necessidade de clarificar uma das tipologias, subjacentes ao miolo do quarteirão e que marca a realidade morfológica da malha urbana portuense.
Nomeadamente o logradouro, como o elemento que nasce do espaço privado do lote não ocupado por construção. "*O logradouro é palco de modificações e intensificações de usos acolhendo numerosas atividades que não encontram outro lugar na cidade.*"[11].

O logradouro, relaciona-se diretamente com a ideia de lograr ou desfrutar, e traduz-se correntemente como um espaço anexo à habitação resultante de acerto de loteamentos ou das geometrias de ocupação dos lotes. O logradouro define um limite do terreno nas traseiras do espaço edificado, que associado à serventia da casa complementa maioritariamente o piso térreo dos edifícios. Este espaço foi sendo ocupado por "*múltiplas funções ao longo do tempo, desde a horta ou quintal, até ao anexo ou oficina. É um complemento residual, escondido, não podendo ser considerado um*

---

11 **DIAS, João Manuel -** *Vazios devolutos. Reinterpretações arquitectónicas em quarteirões do centro da cidade de Guimarães*. (p. 13).

elemento autónomo neste contexto."[12].

O logradouro define grande parte dos espaços exteriores de traseiras, ilustrando a densa fragmentação que domina frequentemente o interior do quarteirão. Contudo é pelo seu caráter de diálogo direto que estabelece com a habitação que se torna relevante na evolução da cidade, permitindo a constante densificação, reconstrução e reocupação dos espaços.

12 **DIAS, João Manuel -** *Vazios devolutos. Reinterpretações arquitectónicas em quarteirões do centro da cidade de Guimarães*. (p. 13).

1.4_**TIPOLOGIA**

A questão tipológica na arquitetura, é um tema que vai encontrar inúmeros autores como, Saverio Muratori, Jean Tricart, Aldo Rossi, Steven Holl, e mais recentemente Rafael Moneo e Francisco Barata, entre outros, que fazem uso da questão tipológica e da sua elasticidade como ferramenta de estudo. "*Tipologia é o estudo, o processo que permite identificar, descrever e relacionar artefactos, objetos, obras agrupáveis segundo determinado tipo*."[13].

Sobre a noção de tipologia, a arquitetura interpreta-se como um conjunto de elementos espaciais que comunicam uma ideia ou uma necessidade. A arquitetura como um meio de comunicar a vivência humana, intuitivamente se prende à ideia de tipologia. Segundo Francisco Barata, "*A palavra tipo não apresenta tanto a imagem de uma coisa para se copiar ou para se imitar, mas antes a ideia de um elemento que deve ele próprio servir de regra ao modelo. (...) Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo.*"[14].

Neste contexto, é pertinente apontar a distinção entre modelo e tipo. "*Tipo, em arquitectura, é a estrutura conceptual, a matriz de organização espacial que está presente, mesmo com distintas soluções formais, num determinado conjunto de obras que se selecionaram com um objectivo específico. Modelo é um objecto acabado, uma obra que se pode repetir.*"[15].

---

13 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 35).

14 *Idem*, *ibidem*.

15 *Idem*, *ibidem*.

A questão tipológica introduz assim um conhecimento sobre as variações e os limites de um certo grupo de objetos. Estuda-se a elasticidade que um conjuntos de princípios integra quando aplicados a casos concretos.

É necessário compreender a tipologia para que se possa criar a singularidade. Não há possibilidade de arquitetura se não se aceitar a noção de tipo. Segundo Rafael Moneo, questionar-se à cerca da noção de tipo na arquitetura é como perguntar qual a natureza da própria obra de arquitetura[16]. *"... a essência do objecto arquitetónico encontra-se na sua repetibilidade."*[17].
A ideia de tipologia implica a presença de elementos com uma certa continuidade entre si.

Para Saverio Muratori[18], o tipo é o elemento que permite compreender o modelo de evolução da cidade como organismo vivo que adquire o seu sentido na história. Segundo o autor, a compreensão tipológica enquadra três fases significativas.
Segundo os discursos de Quatremère de Quincy, Durand, Viollet-Le-Duc, Ruskin e Semper, a tipologia integra características atemporais (relativamente aos fatores históricos e universais), podendo ser assim aplicada em qualquer sociedade.
Com Movimento Moderno, no século XX, define-se uma segunda fase, onde a classificação tipológica estrutura as regras de análise e de classificação da própria arquitetura. O método tipológico vê-se aplicado nos princípios estéticos de composição e nas teorias formais, baseando-se essencialmente nos princípios funcionalistas.
O último momento define-se pela da fase pós-moderna, onde se re introduzem os conceitos teóricos da primeira fase, desta vez sobre uma abordagem semiótica, protagonizando autores como Giulio Argan, Aldo Rossi, Leon Krier, Rob Krier, entre outros.

No presente, o conceito de tipologia procura soluções morfológicas de carácter universal, sem depender do rigor dos princípios funcionalistas e sem se associar a qualquer tipo de regionalismo. Analisa-se por sua vez, a coerência da arquitetónica, quer da forma quer do tipo.

---

16 **MONEO, Rafae**l - *Oppositions nº13 "On typologys".* (p. 188).

17 *Idem.* (p. 190).

18 *Idem.* (p. 201).

1.5_**PROBLEMÁTICAS URBANAS**

Os princípios associados às problemáticas do espaço urbano, são o que marca os pontos de rotura responsáveis pelo desenvolvimento da cidade no seu percurso histórico.
A sucessão de problemas e soluções, faz repensar o paradigma da cidade como espaço de desenvolvimento social, económico e cultural, aplicando-se sobre um tecido complexo de interações cujo desenvolvimento nem sempre é equilibrado.

No entanto, sobre o que define a problemática urbana, enquadra-se a realidade contemporânea como momento que engloba todo desenvolvimento da história da cidade como fenómeno global.

A cidade como fenómeno global, tem vindo a caracterizar-se pelo rápido e heterogéneo crescimento das metrópoles, associando-se por sua vez a um preocupante crescimento da população urbana mundial.
Com base no relatório da Nações Unidas, *World Urbanization Prospects*[19], um dos mais importantes problemas relacionados com o exponencial crescimento e expansão urbana é o aumento da população urbana mundial.
A população mundial que vive em áreas urbanas aumentou de 30%, nas décadas de 1950, para 54% em 2014. O mesmo relatório prevê um aumento da população urbana mundial até 66% no ano de 2050.

---

19 **Department of Economic and Social Affairs, Population Division** - *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision. (ST/ESA/SER.A/366)*. (p. 21).

Segundo o autor, Senem Zeybekoglu, o meio urbano sofreu uma transformação acentuada nos últimos trinta anos, quer em escala quer em função. Começam a emergir nova regiões mega urbanas em vários pontos do globo, que vão por sua vez absorver as zonas periféricas "*... rearticulando quer geograficamente quer funcionalmente os antigos centros urbanos (e as 'hinterlands'), e erradicando no processo o meio natural e a vida selvagem.*"[20].
O preocupante crescimento da população urbana mundial, faz-se acompanhar por um decréscimo significativo da população rural. Este fenómeno por um lado vai aumentar a procura por alimentar a crescente população urbana, e por outro diminuir a mão de obra das pequenas produções agrícolas nas zonas rurais. Propulsiona-se assim, o desenvolvimento de práticas agrícolas de larga escala mais industrializadas, que levam uma inevitável degradação do ambiente e do meio ecológico.

Neste sentido, as cidades desenvolvem-se e expandem-se como centros de atração social, cultural e económica trazendo a atenção de milhões de pessoas, marcando-se em paralelo como núcleos de segregação social, desemprego e pobreza, privatização e de especulação imobiliária.
Estes impactos vão se ver especialmente refletidos na zonas periféricas do centros urbanos, sob a forma de habitação social, ou de assentamentos informais com fraca qualidade estrutural e acesso reduzido ou ausente a infraestruturas de saneamento.

Mais ainda, os problemas económico sociais relacionados com o crescimento excessivo do espaço urbano, vem introduzir novos desafios ambientais.
O começo do aquecimento global nos meados do século XX e as consequentes alterações climáticas têm-se revelado um dos fatores fundamentais que afetam, e de facto ameaçam os ecossistemas e o habitat humano.

Em suma o desafios mais recentes que definem a problemática urbana, sobretudo, a sua governação, incluem as alterações climáticas, a exclusão e o aumento da desigualdade social, o incremento da concentração da pobreza, a insegurança e criminalidade e, ainda, o aumento da migração internacional.
A segregação entre vida urbana com o meio natural, assim como entre as relações sociais muitas vezes desequilibradas, conformam a realidade atual das cidades.

---

20 **ZEYBEKOGLU**, **Senem** - *City, Urban Transformation and the Right to the City. Journal of Contemporary Urban Affairs* 4 (p. 3).

02_HISTÓRIA

2.1_CIDADE

Introdução

A observação da história e das marcas coletivas que definem cada uma das culturas e ambientes, irá focar-se de um modo geral na cidade Europeia, especialmente no que toca às formas urbanas e às características sociais que mais recentemente moldaram os conceitos de cidade. O objectivo não se foca em produzir uma análise extensa da história, mas antes na procura da relevância e do contexto do quarteirão como elemento de permanência na cidade. A pesquisa desenvolve-se então, sobre a leitura de períodos específicos e em exemplos que permitam apreender a morfologia do quarteirão como objecto inerente ao meio urbano.
Se esta análise incide mais sobre o enredo europeu, deve-se ao facto das cidades neste contexto apresentarem uma diversidade de escalas e formas que permitem estabelecer um contato fértil com a cidade do Porto. Proporciona-se assim um elo comum, quanto aos seus diversos desenvolvimentos urbanos, completando um fundamento básico para que se possa enquadrar os objetos de estudo no contexto portuense.

Neste capítulo procura-se avançar sobre as alterações sociais, morfológicas, funcionais e sensoriais que integram o quarteirão, permitindo uma caracterização completa deste elemento colectivo fundamental à cidade. Visa-se apreender a escala do Homem como elemento central para a transformação equilibrada da metrópole, onde uma relação de respeito com as suas origens, promove um equilíbrio entre o Homem e tudo o que de dele depende.
Ao analisar o papel do quarteirão na história, torna-se inevitável o estudo sobre a origem e o desenvolvimento da cidade, levando incontornavelmente à procura pelo significado de urbanização e por todas as camadas que este elemento acumulou e

moldou no decorrer do tempo.
Enquadra-se a cidade como base para compreender melhor o homem e os seus modos de vida. Compreender o seu universo permite identificar os conceitos e tipologias inerentes ao quarteirão e que se estabelecem no decorrer de uma história em constante ligação com o passado e com o futuro.
É através desta sobreposição da história, que se desenvolve um conjunto de regras capaz de definir a essência do espaço urbano.

Os primeiros modos de habitar

As primeiras cidades surgem sobre a forma de aglomerados urbanos intuitivamente ligados às necessidades de defesa e de desenvolvimento que as primeiras comunidades apresentam. A realidade bélica e a necessidade de defesa contra agressões externas, quer do mundo natural quer de comunidades inimigas, influência diretamente a morfologia dos primeiros aglomerados urbanos, que por sua vez se materializa com o fixar da agricultura no modo vida colectivo.
As necessidades de defesa acabam por arrastar a lógica militar no desenho das cidades durante grande parte do seu desenvolvimento. Esta lógica, acompanhada das necessidades básicas de higiene e de acesso a recursos, definem algumas das essências que ainda caracterizam a metrópole contemporânea.

Um dos primeiros aglomerados urbanos, da qual existe registo, é a cidade de Jericó[21] na Cisjordânia entre 9500 e 9000 A.C., chegando a albergar cerca de 3000 habitantes. Inicia-se assim a cronologia sobre a qual a cidade se formaliza.
"No entanto, é a partir do surgimento das civilizações sumérias e do vale do Indo e da invenção da escrita que começamos a conseguir obter informação mais concreta sobre o que era a cidade antiga. Devido ao relativo isolamento cultural das civilizações existentes neste período, as cidades apresentavam diferenças de cultura para cultura, ..." que de um modo geral se podem caracterizar pela sua monumentalidade *"... e pelo facto de, mais que cidades como parte de uma nação, assumiam-se como cidades-nação, onde vivia a maior parte da população."*[22].
Esta noção permite compreender o caráter inicial que os primeiros modos de habitar colectivo tiveram. A cidade manisfesta-se inicialmente como um espaço definido

21 A cidade de Jericó ilustra a nova cultura baseada na agricultura e que dá vida ao primeiros modos de habitar sedentários. O conjunto urbano marcou-se pelas pequenas unidade circulares feitas em taipa, atingindo até 5 metros de diâmetro. Importa notar que nesta fase a rua ainda não desempenha um papel no desenho da malha urbana.

22 **ABEL, Pierre Emmanuel** - *Cidade dentro da cidade*. (p. 6).

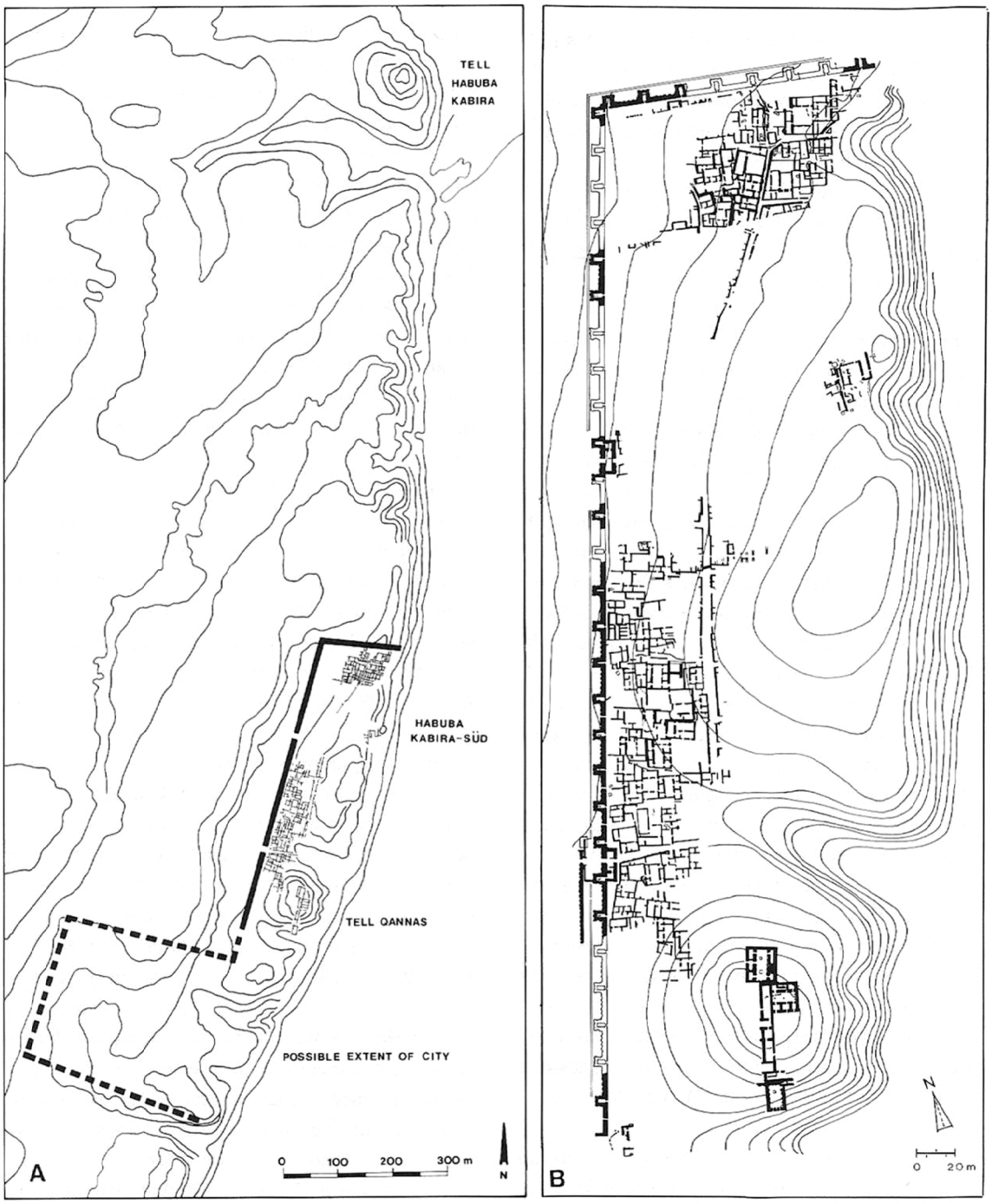


fig. 1. Limites definidos para a cidade de *Habuba Kebira*, segundo as escavações que decorreram entre 1969 e 1975. Clarifica-se o caráter de defesa e das relações diretas com os recursos envolventes, notando as morfologias da consequente implantação urbana.

e isolado onde vive uma população. Representa a casa de um povo, onde a génese militar desenha diretamente a composição da cidade.

Em paralelo, a força da rua como elemento principal na organização entre os espaços públicos e privados, torna-se cada vez mais evidente. A grelha ortogonal começa a surgir pontualmente nas regiões da Mesopotâmia, Egito e Vale do Indo como é o caso das colónias suméricas como Habuba Kabira (cerca de 3500 A.C.), do planeamento de El-Lahun no Egito ou das cidades Haradum e Shaduppum que marcaram o periodo da Babilónia antiga.
Com o aparecimento de uma lógica urbana planeada e geométrica definem-se também as primeiras parcelas urbanas, que vão dar origem à ideia de quarteirão.
Esta parcela desenvolve-se pela primeira vez em pequenas áreas urbanas na região da Mesopotâmia.
Após 3500 A.C., o quarteirão aparece como elemento fechado e privado (onde a sua relação pública e urbana apenas se desenvolve à escala da fachada). As primeiras unidades familiares, que iniciam a ideia de malha urbana, materializam-se como consequência direta dos limites físicos e de rentabilização do espaço.

A cidade Grega

Se os primeiros aglomerados urbanos regiam a sua organização muito em função da defesa e de outras questões instintivamente funcionais, inerentes ao contexto temporal, é então na Grécia onde se presencia as primeiras marcas evidentes de quarteirão como elemento caracterizador do tecido urbano. Aqui, com maior evidência, a vida pública e a organização social marcam irreversivelmente o desenho da cidade.

Hippodamus de Mileto, que surge como autor deste ponto de partida, acaba por ser um dos urbanistas mais marcantes da antiguidade. Sabe-se que foi Hippodamus o responsável pela cidade de Piraeus e crê-se que foi também protagonista no planeamento da cidades de Mileto e Rhodes, que tão claramente definiram o urbanismo clássico.
Tanto na morfologia urbana grega, como posteriormente na romana, a prioridade dos espaços, edifícios e lugares públicos depende diretamente do sistema social.
Enquanto que os lugares públicos são cuidados e concentram grande esforço colectivo e artístico, o tecido residencial defini-se por uma regulamentação cuidadosa sobre a presença de quarteirões[23]. Nota-se assim, que as Polis Gregas eram politicamente

[23] **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade*. (p. 139).

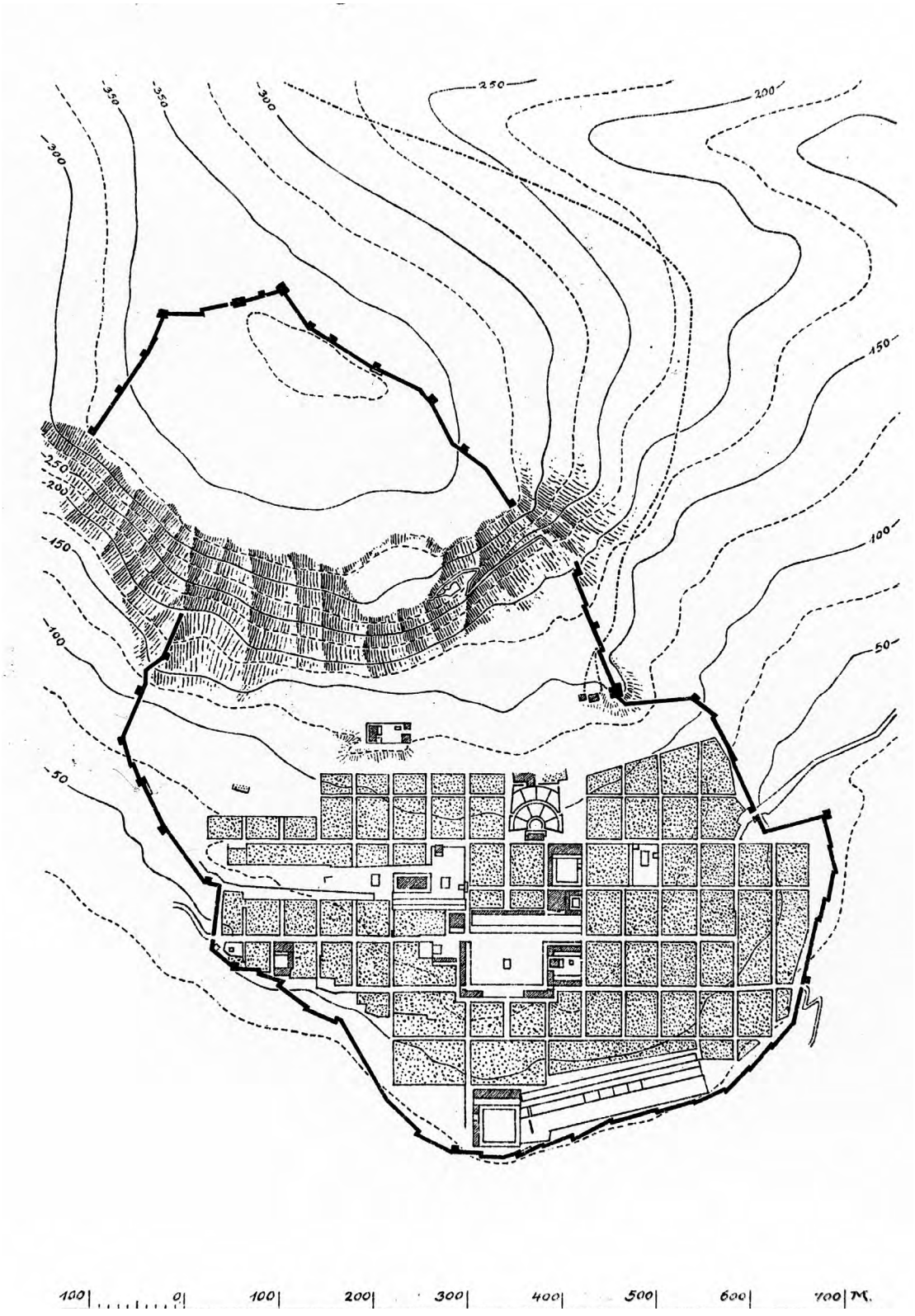


fig. 2. Planta da cidade portuária de *Priene*, que data deste o século XI A.C. Os sucessivos recuos da água vão estabelecer a morfologia final da cidade por volta do século II A.C. Aqui pretende-se ilustrar mais um dos planos associados ao urbanismo clássico, que na relação com o desenho de *Hippodamus de Mileto* vai clarificar a forte integração da vida priva e pública no planeamento da cidade. Demarca-se também os limites muralhados e geográficos sobre a qual se desenha a forte geometria da cidade.

independentes, e onde cada cidadão tinha direito a partes iguais de terra, vivendo em habitações que se relacionavam com a envolvente de um modo modesto e homogéneo, não se distingue a riqueza dos proprietários pela rua, apenas pelo interior[24]. Neste caso, a grelha ortogonal responde naturalmente à divisão equilibrada dos lotes, e os quarteirões pertencendo a famílias distintas assumem maioritariamente funções comercias e habitacionais. As parcelas provenientes da grelha ortogonal vão ser essencialmente ocupadas por residências, já que os espaços públicos marcam a excepção dentro da malha geométrica.

"O quarteirão Grego é subdividido em lotes residenciais de diferentes tamanhos resultantes de um parcelamento prévio que distribui terra a cada família. A habitação, de um só piso, ocupa áreas variáveis, na medida que pode conter pátios e espaços livres interiores, não havendo separação entre construção e logradouro."[25].

Tanto nas civilizações gregas como romanas define-se com clareza as origens do elemento urbano que caracteriza atualmente o quarteirão tradicional. Um modo de construir cidade que se estende por séculos.

Neste momento o espaço reflete uma já madurada organização político-social que define incisivamente os edifícios públicos como elementos ligados à religião e ao poder "democrático". Estes elementos públicos que organizam à vida e à habitação, conferem uma forte e equilibrada centralidade à morfologia da cidade. Os percursos que envolvem os elementos centrais da cidade protagonizam assim o planeamento grego. Neste contexto que criam-se percursos que favorecem uma abordagem aos espaços centrais públicos (sociais ou religiosos). As circulações são desenhadas gradualmente de modo a conferirem um descobrir destes mesmos espaços, realçando a importância do domínio público.

Ao contrário dos povos romanos, os gregos exploram a morfologia urbana usando o contraste entre a quadrícula regular da malha urbana e as marcantes topografias existentes. Aqui, os espaços públicos e centrais não se regem pela organização da grelha habitacional, mostrando assim que a funcionalidade destes espaços vence o impulso de uma organização homogénea. Cria-se um planeamento urbano essencialmente prático definindo tipologias morfológicas agarradas às diferentes funções sociais.

---

24 Importa contextualizar que, dentro do contexto social acima referido, a mulher era excluída da sociedade e a escravidão normalizada.

25 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade*. (p. 148 a 150).

"Estas referências às cidades gregas permitem evidenciar algumas características desse período: a relação dos monumentos como peças fortes da estrutura urbana com o tecido habitacional envolvente, regular e uniforme; a utilização da combinação de geometria orgânicas com quadrículas regulares; os efeitos de monumentalidade sem recurso às perspectivas axiais e a valorização do monumento através da leitura em escorço, perspectiva oblíqua e seu posicionamento em cota superior à do observador. Facilmente se verifica que alguns dos pressupostos que dominarão a composição europeia até aos nossos dias já existiam na Grécia de modo evidente ou embrionário."[26].

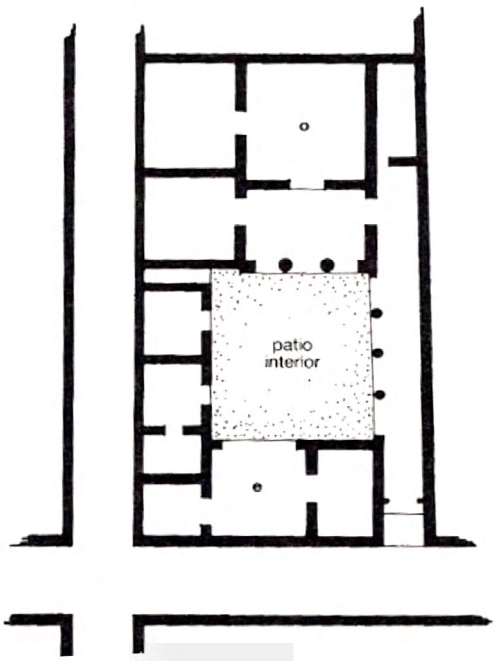


fig. 3. Planta de uma casa particular em *Priene*. A relação da habitação com os espaços exteriores, tanto privados como públicos.

26 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.* (p. 144).

Para que se contextualize a transição entre o desenho grego e romano, é no período helenístico (entre os anos de 323 A.C. e 31 A.C.) que o desenho urbano começa a ganhar uma maior complexidade e se mostra mais sensível à envolvente. As perspectivas tornam-se mais elaboradas, na procura de um enredo, até atingirem como na cidade de Pérgamo, fortes detalhes cénicos.

São os casos provenientes da Ásia Menor que a cultura romana vem a copiar, transportando consigo as mesmas concepções urbanísticas, monumentais e de grande integração entre a arquitetura e o desenho urbano.

A cidade romana, para além extensiva herança cultural, veio a deixar o uso da quadrícula como formadora do quarteirão, que sobre fortes eixos de orientação se desenha diretamente na relação com os pontos cardeais.

O império romano acaba por dar maior protagonismo aos eixos Cardo e Decumanos do que as cidades Gregas antecedentes, possibilitando uma consolidação da tipologia de quarteirão, e de cidade, que até então emergira.

No seguimento da casa pátio grega, a *Domus* romana, transformando ligeiramente as funções domésticas, mantem a organização em volta de um ou dois pátios, consoante a hierarquia das espaços envolventes. Aqui a *Domus* vai apresentar caraterísticas como parcela urbana, muito semelhantes ao contexto grego, no entanto, introduz uma nova relação do edificado com a rua.

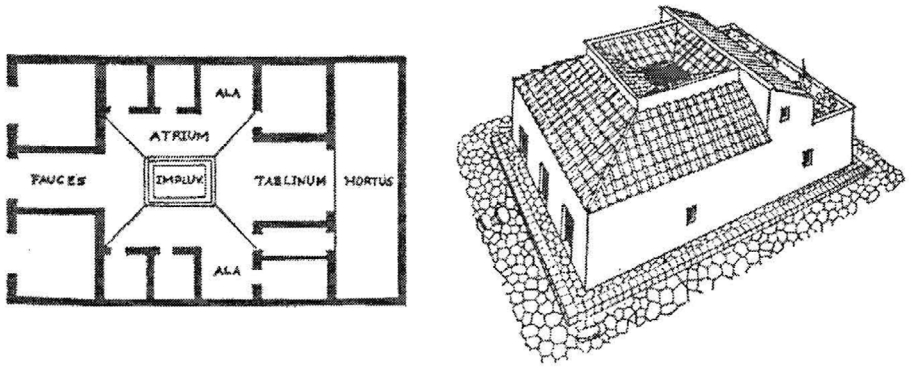


fig. 4. Representação tipológica da *Domus* romana, que se destina ao uso privado em volta de um pátio protagonizado pelo *Impluvium*. Aqui importa analisar a relação que os espaços interiores têm com o exterior nomeadamente na ralação com a rua.

A *Domus* romana começa a ter recorrentemente espaços ligados à rua, geralmente arrendados a terceiros, como lojas ou oficinas. Surge assim uma nova dinâmica na relação entre a parcela edificada e a via pública.

O crescimento do império romano, trás consigo uma arquitetura que se impõe no lugar e onde as técnicas e formas construtivas se estandardizam de modo a serem facilmente apreendidas pelo vasto império. Como consequência desta organização político-social capaz de se impor de modo sistemático por todo o império romano, as grandes metrópoles também esta se expandem e se densificam, resultando na marcante alteração à forma do quarteirão introduzida pelos romanos.

Como consequência da densificação nas cidades romana, a *Domus* é substituída assim pela *Insulae*, que passa a dominar a composição urbana com o crescimento do quarteirão em altura (podendo atingir até seis andares). Esta transformação é principalmente induzida pela procura de espaço e pela necessidade de expansão eminente nos núcleos centrais do império romano. A função do pátio entra em mutação, deixando de pertencer exclusivamente ao carácter familiar. Importa notar que a *Insulae* distingue-se da *Domus*, pois vai destinar-se à população mais desfavorecida, sendo construída com materiais mais pobres e contribuindo para um acesso desequilibrado à higienização.

No quarteirão grego, como afirma Lamas, as retículas parecem ser essencialmente um meio de loteamento residencial, sem intenções estéticas muito precisas. Onde os quarteirões se desenham e se desenvolvem em função do pátio, dialogando com a

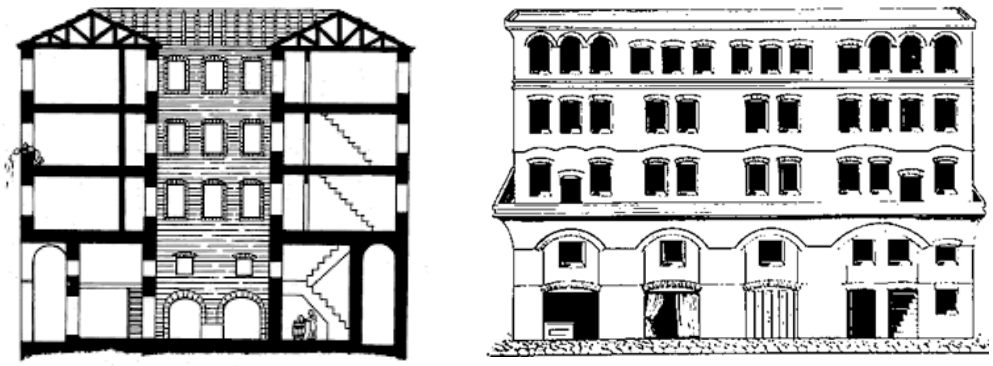


fig. 5. Representação tipológica da *Insulae* romana, que vem responder às necessidades de densificação da cidade, conferindo uma inevitável abertura do edificado para a via pública. Aqui importa ver o carácter do piso térreo que domina a função comercial e coletiva, assim como na proximidade morfológica entre a *Insulae* e a tipologia do quarteirão tradicional europeu.

malha envolvente apenas através de muros ou fachadas.
No desenho romano o mesmo acontece havendo uma continuidade no meio construtivo, onde é também o muro ou a fachada que segue o traçado da rua, dividindo o interior das *Villas* ou *Insulaes* da atividade pública.
Anota-se que em ambos os casos, os vazios centrais que compõem a funcionalidade da célula urbana, não representam espaços de logradouro, hortas ou espaços residuais, o pátio mantém a sua integra como elemento central na vida privada.
Estrutura-se assim, tanto na Grécia como em Roma, um quarteirão paralelo aos principais espaços públicos responsáveis pela vida sociopolítica da cidade.

"À delicadeza e subtileza da arquitetura e urbanismo gregos contrapõe-se a monumentalidade romana, demonstrativa da força, capacidade técnica e realização. Gregos e Romanos representavam já no essencial os modelos possíveis de diálogo do edifício com o sítio: por integração ou por afirmação."[27]

A forma Muçulmana

Goitia define, na obra *Breve História do Urbanismo*, a cidade islâmica como *"... uma cidade secreta, indiferenciada, sem rosto, misteriosa e recôndita, profundamente religiosos, símbolo da igualdade dos crentes perante o Deus supremo."*[28]. *"Esta diferença em relação às culturas europeias manifesta-se tanto nos edifícios como nos espaços públicos. As ruas eram frequentemente tortuosas, irregulares, compostas por fachadas nuas, onde muitas vezes existia apenas a porta de entrada. ... O muçulmano encontrava assim, nesta ausência de perspectiva prolongada uma forma de preservar o seu intimismo mesmo no espaço público. Em contraste, os mercados eram locais cheios de vida, onde se amontoavam pessoas de várias culturas."*[29].

O contexto urbano árabe parece acompanhar o tempo sobre uma morfologia espontânea e compacta, onde o quarteirão ganha uma dimensão bastante diferente da tipologia de planeamento ortogonal que vimos surgir em força na Grécia Clássica e no Império romano. Aqui as ruas são marcantemente estreitas e o carácter labiríntico da malha urbana traduz-se naturalmente num mecanismo de defesa. A composição compacta da cidade dá à luz a quarteirões introvertidos que intuitivamente usam o pátio como ligação principal ao mundo exterior.

---

27 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade*. (p. 146).

28 **GOITIA**, **Fernando Chueca** - *Breve história do urbanismo*. (p. 75).

29 **ABEL, Pierre Emmanuel** - *Cidade dentro da cidade.* (p. 8).

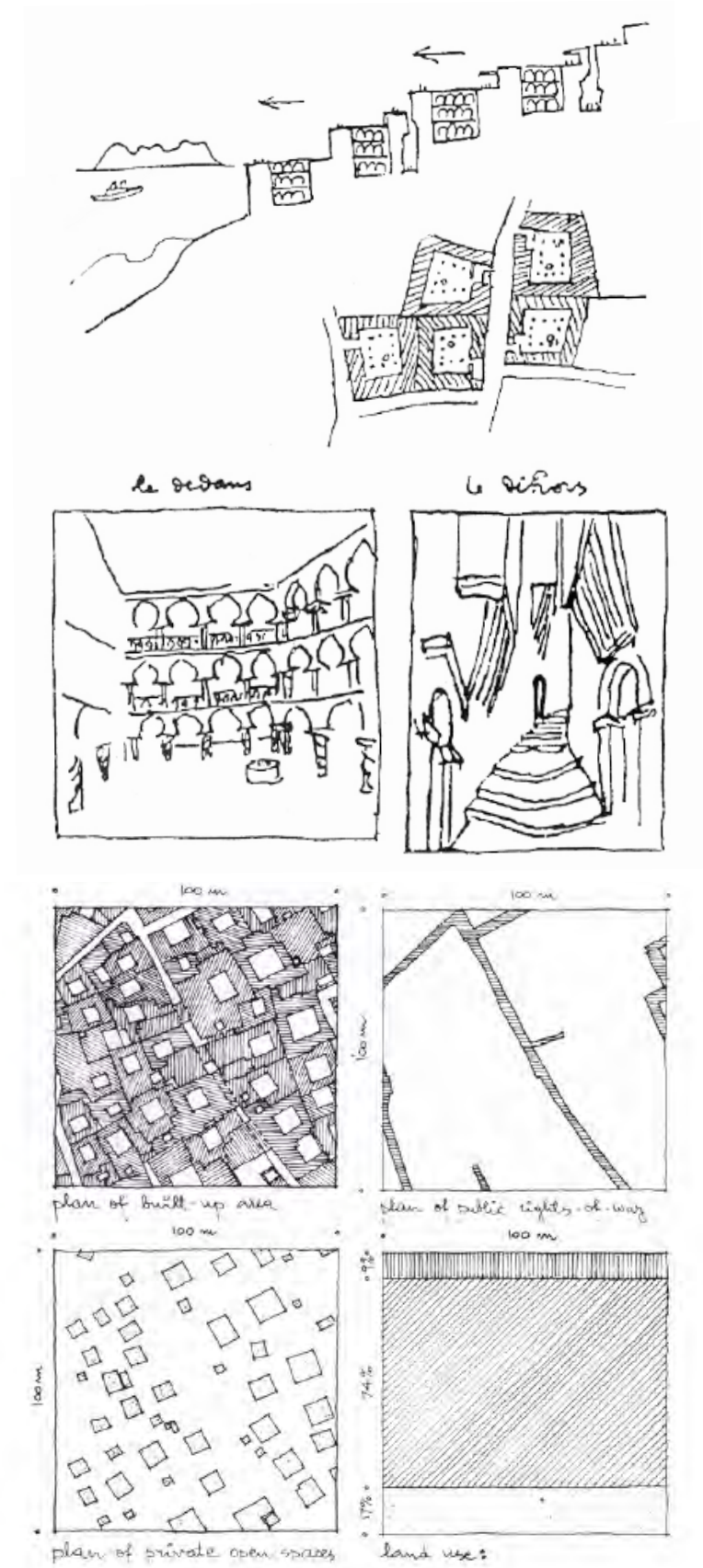


fig. 6. Os primeiros quatros desenhos representam a relação e a função que a cidade islâmica tem com os espaços exteriores, caraterização do percurso e do espaço de estar.

fig. 7. Os quatros esquemas na parte inferior da página, ilustram as hierarquias presentes na cidade muçulmana. Expõem-se as relações entre os elementos que foram esta cidade.

Época Medieval

Depois da queda do império romano[30] e das invasões bárbaras, as cidades preexistentes foram sendo abandonadas e novos aglomerados urbanos começaram a surgir. Estes aglomerados foram crescendo e definindo-se em volta do comércio e da produção de bens, dando origem a um padrão de cidade policêntrico, protagonizado pelo comércio e criando uma imagem facilmente identificável nas cidades Europeias.

É importante remarcar que, apesar deste padrão de cidade policêntrico ter emergido, o período entre o século V e os séculos X e XI onde se nota uma diminuição do crescimento demográfico e da vida urbana no geral, acaba por dar lugar a uma cidade medieval com origens distintas.

Esta morfologia urbana, ainda agarrada mais à espontaneidade funcional do que estética, surge sobre várias matrizes. No caso de Évora, que manteve a sua importância política e religiosa sobre a estrutura preexistente romana, desenvolve-se sobre o domínio cristão a partir do século XII. Évora mostra uma tipologia de urbe medieval que surge a partir da antiga cidade romana.

Uma segunda tipologia medieval estrutura-se centrada nos burgos, que geralmente se desenvolvem na periferia das cidades romanas preexistentes, com é o caso de Braga. Esta cidade sofre um desenvolvimento no quadrante nordeste, sobre a estrutura romana preexistente (*Bracara Augusta*), redefinindo assim os limites defensivos da malha urbana. É neste contexto que os burgos ganham uma nova importância administrativa, marcando como se verá mais à frente, a essência do quarteirão burguês portuense.

No desenvolvimento da tipologia medieval marca-se também o crescimento de aldeias rurais como Monsanto ou Castelo de Vide, que se afirmam com a construção de espaços militares (Castelos e Fortalezas).

No entanto, e talvez de maior importância, são as cidade medievais que surgem sobre a forma de novas cidades, como é o caso de Elvas ou Valença, intrinsecamente desenhadas pela funcionalidade militar.

Estas novas cidades, à qual se deu o nome de *bastides*, emergem como bases militares e comercias onde um planeamento geométrico e determinado ganha protagonismo. Neste último exemplo, a cidade apesar de planeada, ainda se define pela

[30] O declínio do império é o culminar de vários fatores sociais, culturais e políticos que entram em evidência com as irreversíveis perdas de território a partir do ano de 376 D.C.

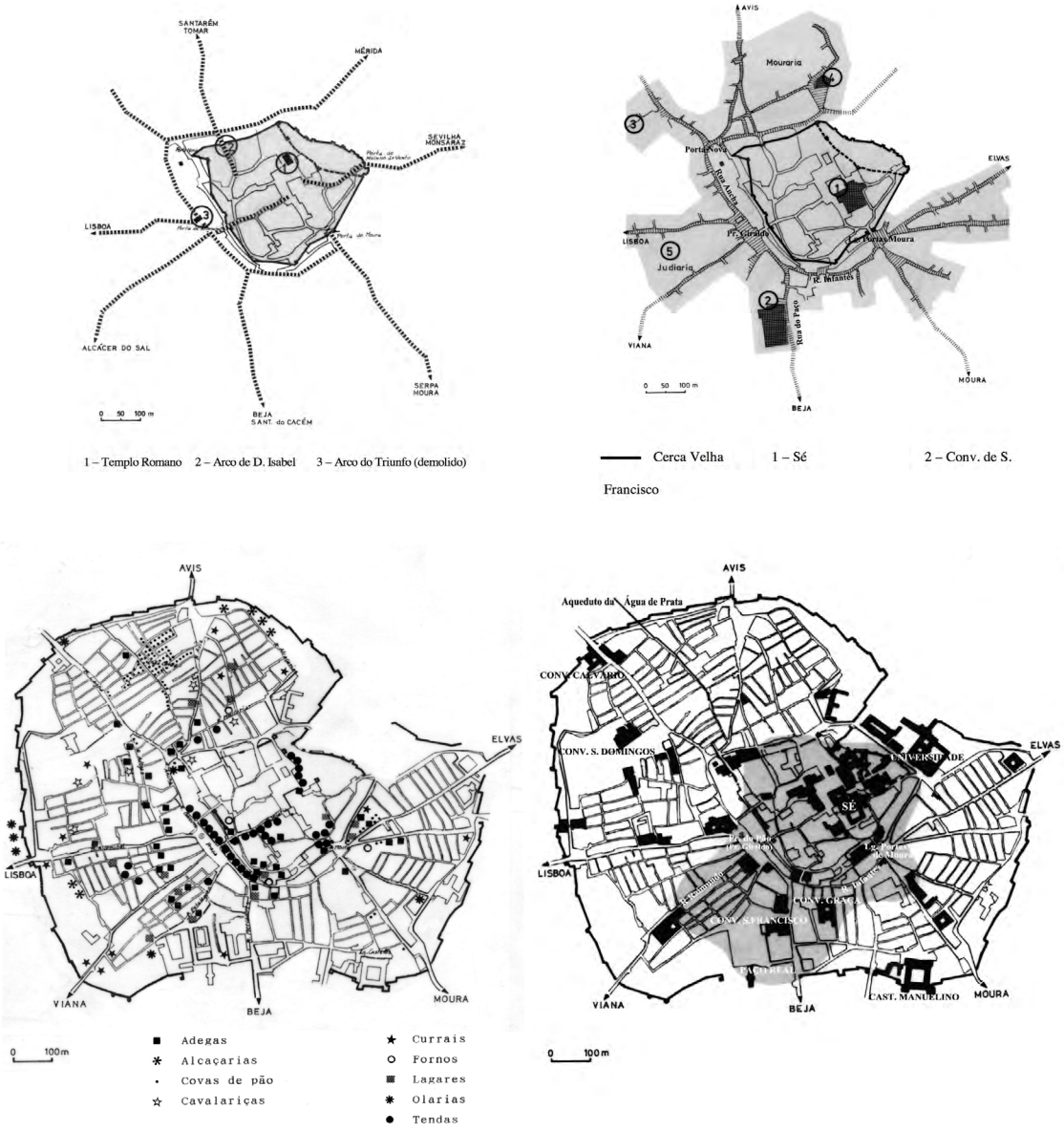


fig. 8. Origem e evolução da cidade medieval de Évora. A cidade vai-se desenvolver a partir da preexistência romana e ilustra como o caráter espontâneo de ligação comercial com a cidades envolventes vai servir de guias para a organicidade do quarteirão medieval. Importa também reparar, que apesar da expansão da cidade, esta desenvolve-se dentro de um novo perímetro muralhado. Destacando-se os elementos religiosos e o comércio na rua como caraterizadores do domínio público medieval.

sua densidade construída, marcando por razões funcionais[31] e simbólicas o contraste entre cidade e campo. As *bastides*, como exemplo tipológico, veem-nos introduzir um quarteirão onde a escala dos pátios e logradouros perde importância para a vida comercial e para densificação inevitável dos lotes.

Por último, importa também notar as cidades que acabam por se desenvolver em torno de antigos santuários cristãos, de morfologia marcantemente centralizada.
Um bom exemplo é Vila baixa, na base do monte Latito, em Guimarães, que se desenvolve em torno do mosteiro fundado no século X, realçando o papel das instituições religiosas no crescimento periférico da cidade medieval.

Expõem-se então algumas das origens morfológicas que vão lentamente constituir as características da cidade medieval, ilustrando o desenrolar do quarteirão nesta fase da história, que mantendo uma essência comum emerge a partir de diferentes fenómenos de adaptação.
Esta essência comum destinge-se principalmente pela morfologia mais intimista que se desenvolve de acordo com as emergentes atividades artesanais e comercias que marcaram a época.

Em suma, a mais marcante característica que encontramos na cidade medieval é a clara divisão entre cidade e paisagem, onde a praça e o mercado ganham grande protagonismo, valorizando o contacto dos edifícios com a rua.
A forma dos quarteirões irregulares deve-se em parte à espontânea edificação habitacional que surge no confronto com a necessidade de fazer comércio, de ter uma frente de loja, dando lugar a quarteirões estreitos e de morfologia mais orgânica. O fator económico, que se baseia diretamente na relação entre as ruas e o espaço construído, vem conferir um novo valor à fachada habitacional intrinsecamente relacionada com o comércio que domina os pisos térreos do quarteirão. *"As irregulares linhas do edificado medieval evidenciam a variedade de estatutos e poderes das pessoas envolvidas"*[32].

No quarteirão medieval é possível testemunhar um uso misto de atividades tanto sociais como laborais, trazendo divergências importantes em relação às *Insulaes* ro-

---

31 Alguns destes factores funcionais mais evidentes marcam-se pela ordem militar destas cidades, onde os seus limites físicos muralhados impossibilitam um espraiamento equilibrado da cidade, assim como pela ordem econômica, onde a densificação permitia o compartilhamento de paredes de meação, tornando mais barata a construção de habitações.

32 **SAALMAN, Howard** - *Medieval cities: Planning and cities*. (p. 30).

manas. O quarteirão passa a ser parte integrante da vida pública da cidade, deixando de ser apenas o resultado de uma divisão e de um parcelamento de terras (lotações fundiárias) para passar a ser o elemento morfológico que define a essência do espaço urbano.

Como destaque, esta tipologia morfológica acaba por se valorizar nas contemporâneas cidades europeias, pois a escala humana evidencia-se como protagonista.



fig. 9. Aguarela de *Louise Rayner*. Perspectiva sobre a *Watergate Street*, Londres. Para além da atmosfera, a imagem visa analisar a escala que morfologia urbana ganha, assim como a relação da fachada com a vida pública marcada pelo comércio.

A cidade Barroca e Renascentista

O renascer do movimento clássico surge como contra ponto à saturada vivência característica da cidade medieval que se estabelecera até ao século XV na Europa.
A cidade como palco para o renascimento surge em Itália, nomeadamente em Florença, de onde se alastra posteriormente pela Europa a diferentes ritmos e com diferentes variantes, substituindo gradualmente o gótico medieval.
Com o surgimento deste movimento, que revê e reinterpreta os ideais arquitetónicos e urbanistas da antiguidade, há um esforço para reformular as cidades sobre este novo olhar. Contudo, ao contrário da arquitetura que sofre um grande desenvolvimento, apoiando-se em parte no escritos de Vitrúvio publicados em 1521, o urbanismo marcou poucos exemplos significantes, propagando-se mais através da imprensa e da comunicação gráfica do que propriamente sobre exemplos concretos. O urbanismo e a cidade Renascentista acompanham deste modo as revoluções artísticas sobre a forma teórica.
A principal razão que justifica este fenómeno é o facto dos núcleos europeus já se encontrarem bastante consolidados quando os ideais renascentistas entram em prática. O urbanismo renascentista mostra-se condicionado pela densificação gradual das cidades e pela necessidade de intervenções pontuais nos centros medievais. No entanto, é nesta fase que os elementos urbanos deixam de ser interpretados como elementos apenas funcionais para se tornarem alvo de percursos visuais, decorativos e focados no observador como peça principal. É com a introdução dos ideais renascentistas que a estética (urbanista) começa o seu dialogo com a função.
Apesar do urbanismo no inicio do renascimento encontrar menos casos concretos que o ilustrassem, em comparação com o mundo da arquitetura ou da pintura, é possível a partir do século XVI observar alguns casos onde um urbanismo renascentista que se aplicam na integra, como na fortaleza Palma Nuova em 1593, integrante da República de Veneza, e na Ville-Richelieu em 1631 na commune de Idre-et-Loire, ambas implantadas de raiz por razões militares.

Ainda que o renascimento tenha encontrado mais liberdade nos elementos arquitetónicos, os princípios urbanísticos renascentistas vão se estabelecer como linha condutora no desenvolvimento das cidades até ao final do século XIX.
Esta linha condutora, por vezes mais teórica do que real, vai integrar uma linguagem morfológica homogénea que se estende pelo Barroco e que vai até ao Classicismo da segunda metade do século XIX. É possível identificar esta continuidade, desde as cidades ideais de Filarete aos traçados Barrocos em Roma, e até mais tarde com a intervenção Parisiense de Hausmann, onde se desenham formas que criam uma re-

gularidade na cidade. É também sobre esta linguagem morfológica homogénea que se salientam intervenções como o desenho da Baixa Pombalina ou mesmo das várias implantações coloniais, que tanto dominaram a América do Sul com a América do Norte, seguindo a tradição da quadrícula clássica.

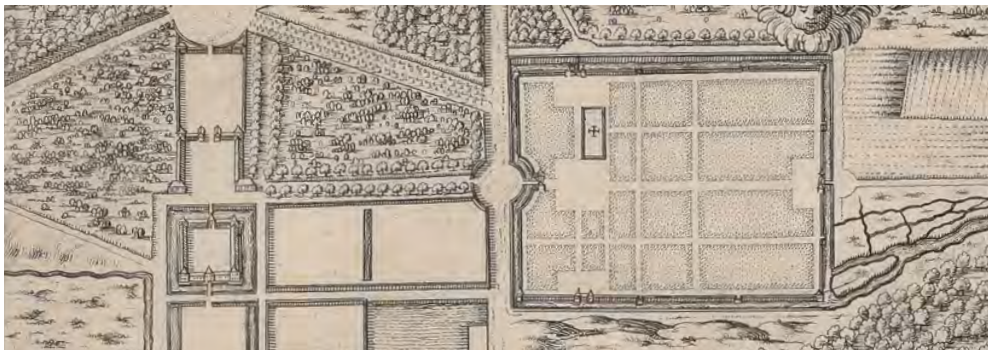


fig. 10. Plano para a Ville-Richelieu, 1631. Linhas geométricas que seguem os princípios clássicos regendo a simetria tanto na vida privada como no espaço público.

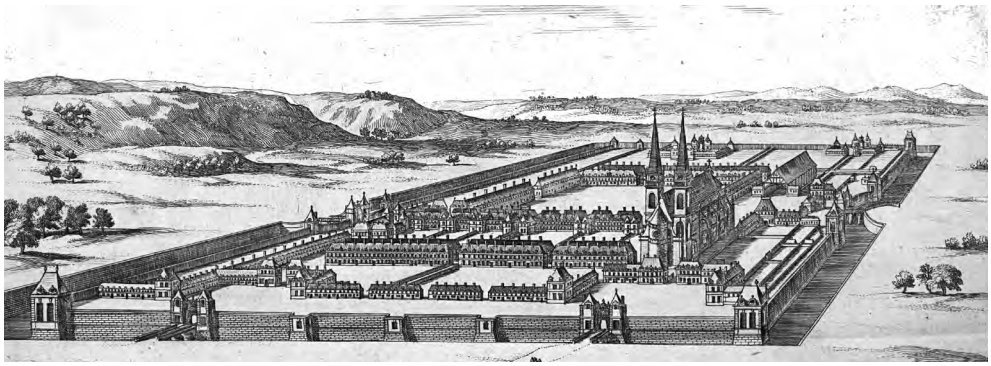


fig. 11. Gravura da Ville-Richelieu, 1657. Ilustra-se a escala do edificado na própria organização geométrica da cidade.



fig. 12. Pintura a óleo e tempera de a *Città ideale*, entre 1480 e 1484. O painel é atribuída a Fra Carnevale, transmitindo os ideais urbanísticos característicos da corrente renascentista.

No entanto, é com o Barroco que se introduz uma primeira organicidade dentro do reviver clássico do Renascimento, adaptando-se às individualidades inerentes a cada espaço da cidade.
Surge a primeira mutação do quarteirão, dentro do desenho urbano renascentista, com o aparecimento do Barroco. *"A partir do Barroco, o quarteirão vai atingir maior refinamento. (...) O quarteirão vai assumir formas, dimensões e volumes diferentes, consoante o seu posicionamento na estrutura urbana, em duas situações: a primeira, como resultado intersticial ou resíduo «ocasional» dos traçados, assumindo formas irregulares [à semelhança dos quarteirões medievais]; a segunda, corresponde à utilização do quarteirão como elemento morfológico-base, gerador do espaço urbano, por repetição e multiplicação."*[33]. José Lamas afirma, que em ambas as situações o quarteirão vai sempre ser ocupado por construções periféricas, embora possa variar quanto ao seu espaço exterior central, permanecendo livre ou ocupado por hortas e jardins. Asim, *"continuando a tradição medieval de espaço semipúblico; ou quase desaparece por completo para dar lugar a um «saguão», o quarteirão torna-se elemento de composição da cidade, um sistema a três dimensões, mais complexo e figurativo que o simples loteamento."*[34].

O Barroco introduz, ao contrário do renascimento que desenha os seus espaços com base em proporções harmónicas e que complementam o espaço de um modo natural, uma sensação mais intensa mas menos duradoura. Esta procura por um dinamismo e movimento reflete-se diretamente na abordagem urbana do Barroco.
O Barroco define então os traçados e as praças como elementos principais da estrutura urbana. Incorpora-se assim a nova monumentalidade estética nos traçados regulares e geométricos das fachadas, com a malha preexistente de base medieval, procurando fugir à monotonia no intersectar destes dois mundos.

"Os princípios arquitetónicos renascentistas são aplicados às fachadas como obras pictóricas, na busca do equilíbrio, desenhado através da simetria, proporção e ritmo. ... A fachada ostentará uma ordem intelectual abstrata e métrica no primeiro Renascimento, sensorial e exuberante no Barroco e no Rococó, autonomizando-se em relação ao próprio edifício, justificando sacrifícios interiores, para que a construção não fuja aos cânones da beleza, proporções e ritmos da estética clássica."[35].
A linguagem clássica depois de passar pelo domínio do Barroco e do Rococó, passa,

---

33 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade.* (p. 188).

34 *Idem, ibidem*.

35 *Idem.* (p. 176).

especialmente em Inglaterra sobre o domínio da burguesia e aristocracia Inglesa, por uma nova presença clássica.
Este reviver do classicismo define-se pelas extensas intervenções, onde o uso da repetição como linguagem formal se faz complementar com a presença de grandes espaços verdes. Espaços como o *Crescent*, o *Circus* ou o *Square* vão definir sistemas de construção complexos com fortes ligações ao desenho de Palladio e onde a ideia de quarteirão se vai diluindo.

Completa-se assim alguns dos exemplos e atitudes que definiram este período, que se proliferou pelo mundo ocidental deixando uma marca capaz de superar a escala medieval e que se reconectar com os sentidos matemáticos da estética.

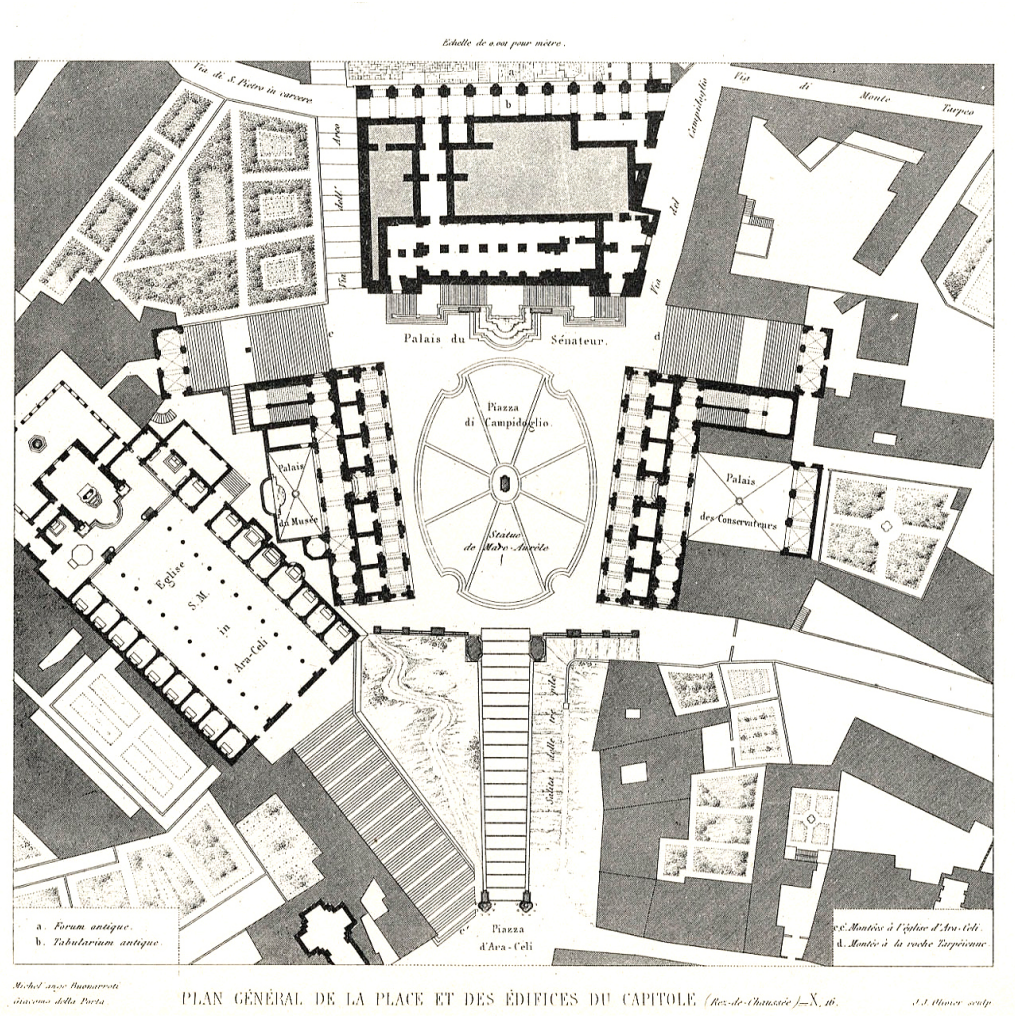


fig. 13. Praça e edifício do Capitólio, em Roma, desenhados por Michelangelo entre os anos de 1536 e 1546, Ilustra a atitude urbana caraterística do período barroco com a introdução da monumentalidade e da ordem sobre a pontual e cuidada intervenção na cidade preexistente.

A imagem de cidade iniciada no Renascimento do século XV, vai perdurar até ao século XIX, sendo apenas completamente substituída com o aparecimento do movimento moderno.

De modo a sintetizar as características desta fase na história do urbanismo, Pierre Abel, na sua dissertação a *Cidade dentro da cidade* ilustra com pertinência o carácter da cidade renascentista.
"Com efeito, a planta da cidade ideal renascentista, mais teórica que real, deveria ser circular ou inscrita num círculo com muitas faces por razões militares. As intervenções renascentistas mais aceites na cidade acabam por ser a criação de novas praças que enquadravam os monumentos mais destacados, e a abertura de algumas ruas novas. Estas contribuições criaram espaços de grande riqueza arquitetónica e monumental, em especial nas cidades italianas deste período.
No entanto, é curioso verificar que, enquanto eram idealizadas cidades utópicas extremamente geometrizadas, a vida pública da sociedade continuava a decorrer nas zonas de tecido urbano irregular da época medieval."[36].

Revolução Industrial

Entre as linhas propulsionadoras do urbanismo renascentista, surge na segunda metade do século XVIII o inicio da revolução industrial, que introduz uma das últimas grandes transformações urbanas da história, fazendo-se acompanhar pela revolução na agricultura[37], nos valores culturais e nos valores económicos. A revolução industrial vai se responsabilizar tanto pelo grande aumento da população, como pela melhoria dos meios de transporte e de produção.

A morfologia urbana que fora, até então, diretamente impactada por fatores defensivos, ganha outra dimensão. O aparecer da revolução industrial e o consequente desenvolvimento militar, veio introduzir mudanças inevitáveis no carácter das cidades, como é possível testemunhar com a revolução francesa (1789-1790).

---

36 **ABEL, Pierre Emmanuel -** *Cidade dentro da cidade.* (p. 10).

37 A revolução agriculta representa aqui uma vez mais, um importante ponto de viragem no desenvol vimento do Homem e das suas interações sociais. Assim como a invenção da agricultura permitiu a criação das primeiras cidades, fixando os povos até então nómadas. A revolução agriculta do século XVIII volta a criar condições para um aumento demográfico e para uma consequente deformação do tecido urbano. Estes fenómenos dão-se pela criação de maquinas que aceleram o trabalho no campo enquanto reduzem o número de mão de obra. Criando um mundo onde a monocultura se normaliza e o êxodo rural marca o crescente desenvolvimento das metrópoles.

O consequente desenvolvimento militar vai tornar a muralha um elemento obsoleto, pondo inevitavelmente em questão o urbanismo tradicional da época.

A instalação das industrias e o adensamento populacional proporciona um espraiamento da malha urbana, que surge na sua maioria através de princípios geométricos e regulares onde o desenvolvimento privado e a rentabilização dos terrenos (pelo loteamento) ganham protagonismo[38]. *"As leis da arquitetura e do planeamento urbano harmonioso pouca importância tiveram para o espaço industrial."*[39].

"O aumento exponencial da indústria resultou também no surgimento dos bairros operários (...) situados nas imediações das grandes indústrias, onde inúmeros operários viviam com ínfimas condições de vida (...).

Consequentemente, começou-se a verificar um descontentamento progressivo por parte da população, o que levou a que começassem a ser substituídos por soluções mais benignas, como é o caso das cidades-jardim idealizadas por Ebenezer Howard, que iniciaram o processo de suburbanização. (...) Morfologicamente voltou-se ao desenho urbano de quadrícula, desta vez sem a criação de centros cívicos e sem hierarquia de ruas, de forma a maximizar o valor dos terrenos, numa perspectiva exclusivamente utilitarista."[40].

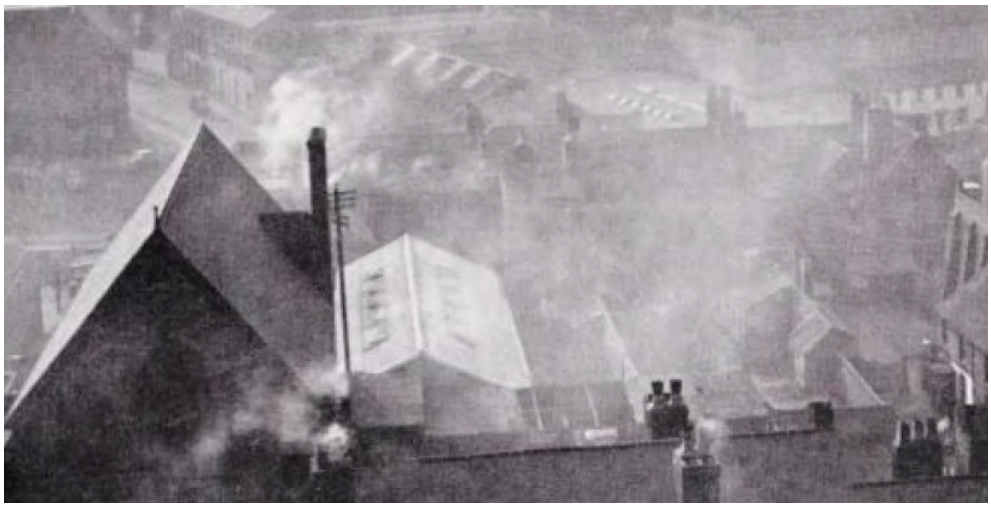


fig. 14. A cidade industrial como catalisadora da forma urbana. A paisagem é invadida por todas as atividades da nova economia industrial, que marca o seu crescimento complexo e irregular.

---

38 *"The city layout became regular and strictly organized once more, with almost equal plot division. Kostof notes that this era projected the modern metropolis as a limitless, gridded city extension of stringently regulated private development."* (**Kostof**, 1991:151) *in* **OIKONOMOU, Maria** - *The transformation of the urban block in the European City*. (p. 490).

39 **KRIER, Robert** - *Urban space.* (p. 72).

40 **ABEL, Pierre Emmanuel** - *Cidade dentro da cidade.* (p. 12).

Destacam-se exemplos que seguem as linhas reguladoras da malha medieval preexistente, como no Porto com os Almadas (que antecede o desenvolvimento industrial da cidade), ou em Viena com a *Ringstraße* e posteriormente com a *Gürtel*[41], que marcam a obsolência dos antigos limites da cidade.

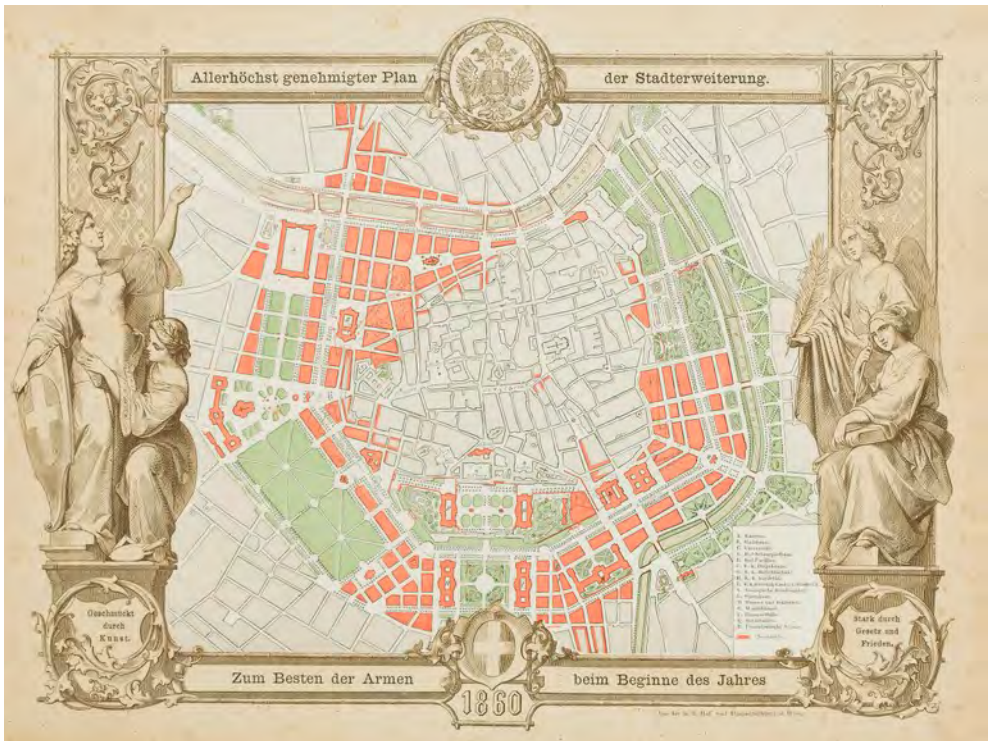


fig. 16. Plano para a expansão da cidade de Viena, 1860.

41 Tanto a *Ringstraße* como a *Gürtel* foram importantes eixos perimetrais no desenvolvimento urbano da cidade de Viena, ambos definiram largos anéis de circulação que substituíram o lugar físico das antigas muralhas da cidade. Entre 1860 e 1890 a *Ringstraße* foi construída sobre as antigas muralhas medievais, enquanto em 1873 a *Gürtel* foi construída substituindo a até então *Linienwall* erguida no início deste mesmo século.


NOTRE DAME
Parvis N.D.
Pont Neuf
PLACE D'AUPHINE
Quai de l'Horloge
Quai des Orfèvres
Quai de la Mégisserie
Quai de Conti
Quai Bourbon
Cour du Palais
Cour de la Sainte Chapelle
S. GERMAIN L'AUXERROIS
Carrefour des Trois Marres
Pont Rouge
Pont au Change
Petit Pont
Rue de la Barillerie
Rue de la Vieille Draperie
Rue de la Calandre
Rue de la Huchette
Rue de la Harpe
Rue de la Vieille Bouclerie
Rue de la Juiverie
Rue de la Lanterne
Rue de la Barre du Bec
Rue de la Monnoye
Rue de la Ferronnerie
Rue de la Saunerie
Rue de la Tixeranderie
Rue de la Vieille Monnoye
Rue de la Vieille Pelleterie
Rue de la Vieille Lanterne
Rue de la Vieille Place aux Veaux
Rue de la Vieille Place aux Veaux
Rue de la Vieille Place aux Veaux

No entanto, é no século XIX que se dão vastas intervenções urbanas, como a grande renovação de Paris levada a cabo por Georges-Eugène Haussmann, entre 1853 e 1870, intervindo diretamente sobre a malha preexistente medieval, ou como a posterior extensão de Ildefonso Cerdà[42] que contrasta com a linguagem medieval fora do núcleo histórico de Barcelona.

O inevitável crescimento demográfico leva o quarteirão, ainda sobre as matrizes renascentistas, a atingir uma nova dimensão. Tanto em Hausmann como em Cerdà a tipologia morfológica que organiza o edificado da cidade ultrapassa as proporções quer do período clássico quer do medieval. Ambas as intervenções vêm definir uma nova escala para o quarteirão, confrontando diretamente os limites funcionais e morfológicos do tecido urbano preexistente.

"O elemento constituinte na formação das cidades capitais do séc. XIX passa a ser o bloco urbano ou quarteirão, composto por edifícios residenciais colectivos"[43].

É no período de transição entre o século XIX e XX que uma nova tela para o desenvolvimento urbano surge, como consequência das problemáticas introduzidas pela revolução industrial.

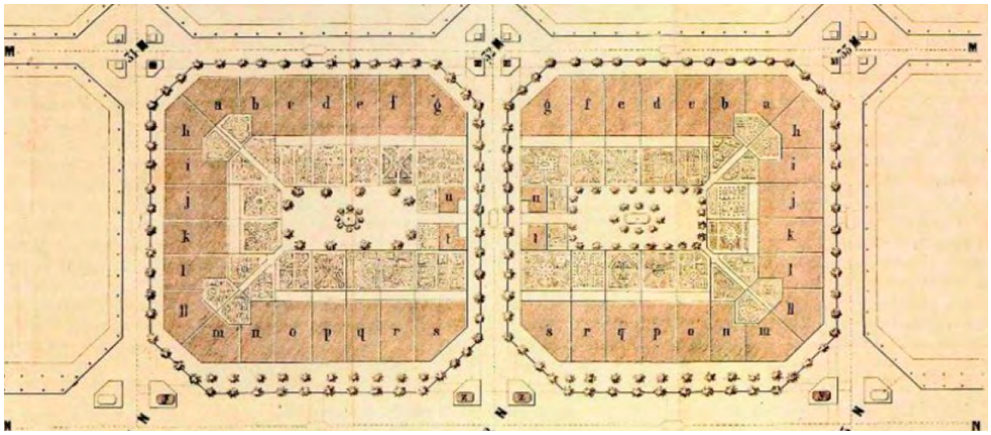


fig. 17. Plano original tipológico do quarteirão, na expansão urbana projetada por Ildefonso Cerdà para Barcelona em 1859. O quarteirão aberto incorpora nele o espaço livre fora do sistema viário. As linhas clássicas dão uma nova escala ao parcelamento urbana onde se pretende *"Ruralizar o urbano, urbanizar o rural"* (*"Ruritzeu l'urbà, urbanitzeu el rural"* in **CERDÀ, Ildefons** - *Teoria general de la urbanizaciòn*.).

---

42 Nesta fase, o Urbanismo ganha uma nova força teórica, refletindo diretamente o trabalho de Ildefonso Cerdà, onde a homogeneização das classes sociais ganha protagonismo e a clara noção que a cidade vive da rica interação entre sistemas dá luz a uma atitude urbanística descentralizada, capaz de se enriquecer através das cicatrizes do tempo.

43 **MARTÍ, Carlos Aris** - *Las formas de le resistência en la ciudad morderna*. (p. 4).

O planeamento urbano ainda sobre matrizes morfológicas comuns vai surgir, especialmente nas cidades europeias, sobre lógicas distintas, trazendo os exemplos da cidade do Porto e de Viena que se expandiram sobre a linhas medievais, como Paris que moldou e transformou as formas preexistentes ou como Barcelona que veio posteriormente introduzir uma lógica fora da malha medieval.

Para além destes casos, considera-se importante referir intervenções, como a de Berlim em 1862, que tornando-se análoga à intervenção Parisiense de Hausmann, destaca-se pela introdução de um planeamento de uso social misto levado a cabo por James Hobrecht, chefe da *Baupolizei*. O destaque desta intervenção acaba por criar as bases tanto para o desenvolvimento da classe operária como o desenvolvimento dos bairros burgueses de Berlim, tendo o quarteirão como peça central.
Este último caso entra em destaque, pois para além de uma restruturação morfológica da cidade nota-se uma restruturação legal para a ocupação dos espaços.
Não que este planeamento em especifico tenha tido resultados felizes evidentes[44], mas sim pois mostra o impacto inegável que este lado mais político e burocrático tem no desenvolvimento da malha urbana.

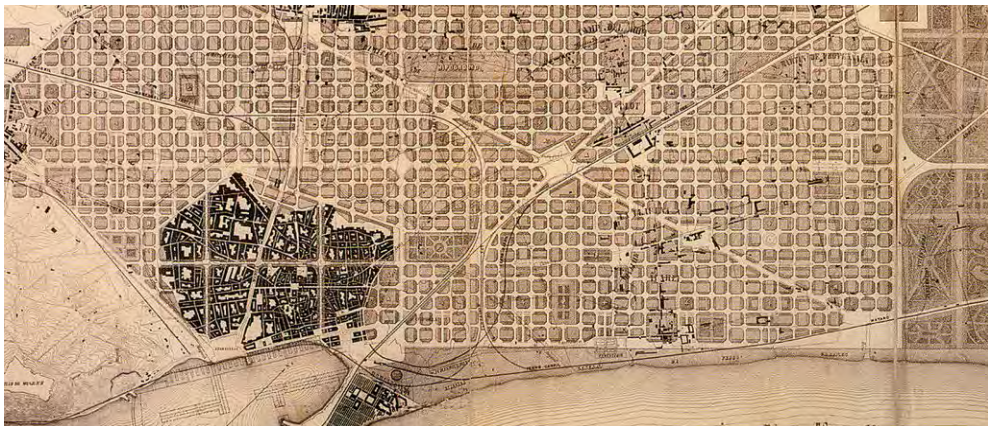


fig. 18. Plano integral da expansão urbana projetada por Ildefonso Cerdà para Barcelona em 1859. A geometria clássica e na nova escala no habitar da cidade, visam expandir os limites medievais da cidade fortemente marcada pelos constrangimentos da económia industrial que protagonizara grande parte das cidades europeias.

44 O *Hobrecht-Plan* regido pela *Baupolizei* em Berlim desenhou-se com a introdução das *Ring roads* (*Innerstadtring*). Este caso definia os seus quarteirões por ruas radiais que evidenciam um centralidade marcada pelo atravessamento de ruas circuncêntricas. Os quarteirões foram (pelo plano de 1853) limitados a 6 andares não podendo atingir mais de 22m, de pátio interno mínimo de 5,34m x 5,34m. Estes lotes foram deixados ao desenvolvimento privado de grupos imobiliários, levando a uma extensiva exploração do espaço. Originando quarteirões super compactados onde a rentabilização do espaço levou a espaços pouco qualificados para a habitação.

Modernismo

Após a sequência de intervenções que ganharam protagonismo na segunda metade do século XIX, surge um rotura no desenvolvimento urbano com a presença do movimento moderno[45].

Durante as sucessivas intervenções do séc. XIX, foram-se criando em paralelo bases teóricas importantes. Salienta-se o caso das *"Garden cities of tomorrow"* de Ebenezer Howard[46], a ideia de cidade linear introduzida por Arturo Soria em 1882, a *"Cité Industrielle"* de Tony Granier e a que critica ao empobrecimento estético do espaço urbano por Camillo Sitte[47]. Estas teorias acabam por encontrar uma base onde se materializar com a introdução dos novos sistemas construtivos, cuja a plasticidade e produção a baixo custo dá luz a uma nova fase do urbanismo guiada pelo movimento moderno.

Todos os autores, contextualizados com a problemática da revolução industrial, eminente da época, desenvolvem linhas condutoras para uma reforma no planeamento e gestão da cidade.

Ebenezer Howard como cidadão de Chicago na década de 1870, testemunhou o impacto da cidade industrial em primeira mão, publicando em 1898, *"Tomorrow: A peaceful path to a real reform"* onde expõe as ideias da cidade jardim como modo de resolver a existência moderna, onde a cura recaí na simples reconexão das pessoas com o campo. Os princípios base das *"Garden Cities"* materializam-se mais tarde em planeamentos urbanos como *Letchworth* (1903) e *Welwyn* (1920) no Reino Unido.

Em ambas as cidades o desenho do quarteirão dilui-se entre os logradouros e os jardins públicos.

Todos os autores a cima mencionados vêm tentar responder de um modo geral às mesmas problemáticas. Arturo Soria desenvolve os seus ideais para a cidade linear, onde a grelha regular simétrica compõe uma metrópole organizada por sectores, no entanto aqui também o objectivo principal recaí na junção da natureza com o ho-

---

45 O movimento moderno marca-se na transição do século XIX para o século XX, surgindo como um novo filtro no modo de desenhar a cidade e habitar. É importante lembrar que a cidade moderna, com toda a sua negativa influência em alguns dos problemas contemporâneos urbanísticos, veio inicialmente propor uma "cura" para as extremas condições urbanas criadas na era industrial.

46 Ebnezer Howard (1850-1928) fundou o movimento "*Gardens Cities"*, também conhecido por *"Self-reliant communities"*.

47 As ideias mais marcantes Camillo Sitte (1843-1903) foram publicadas em *"Stadebau nach seinen Kunstlrischen Grunsatzen"*, publicado em 1889, onde os ideais estéticos na composição urbana entram em evidência na sua marcante valorização da história e tradição.

mem. Soria mantém o desenho geométrico da malha urbana como modo de aliviar a densidade dos subúrbios (nomeadamente de Madrid), de valorizar o individualismo e resolver problemas de transporte, tal como em Ebenezer.



fig. 19. Parte integrante de um artigo para o lançamento da cidade de *Welwyn*, projetada por Ebenezer Howard. Mostra-se a nova direção sobre a qual o princípios urbanos tomam rumo, assim como quais a vontades e necessidades que marcam esta fase na evolução da metrópole.

Tony Granier, sobre a mesma problemática apresenta as suas ideias para a *"Cité Industrielle"*, propondo uma setorização da cidade com o objectivo de facilitar os meios de deslocação. No desenho dos quarteirões, Granier defende que os fogos devem dialogar com a rua e não com o pátio interno, contrariando a perspectiva clássica de quarteirão. Os ideais de Tony Granier veêm-se parcialmente materializados em Lyon, cidade onde nasceu, destacam-se pela presença de grandes vãos, da preocupação pela higienização, assim com pela ligação com luz natural, com a água (o rio), com as vias de circulação e com a eminente necessidade de contacto com a natureza. Por último, dentro da linha de pensamentos maioritariamente teóricos que iniciam o século XX, Camilo Sitte agarrado à conservadora ideia de espaço urbano, vem introduzir um contrapondo na reforma imprescindível nas grandes metrópoles da época. Sitte inspirado pela história e pelas tradições, procura livrar-se das tendências Morfológicas da cidade industrial revivendo a organicidade da cidade Medieval como meio de prender a escala humana necessária para uma vivência estética e harmónica da cidade. Camilo Sitte apresenta as suas premissas e preocupações no ano de 1889, já criticando a crescente rigidez matemática e funcional sobre a qual as novas matrizes urbanas se regiam, em detrimento do bem estar, dos padrões estéticos e da humanização.

Na passagem do século XIX para o séc XX estas novas ideias começam a ser publicadas e debatidas, à medida que a crescente pressão na expansão das cidades originou uma erosão precipitada do espaço urbano.
Em reposta às problemáticas industriais, Viena aparece no final do século XIX como propulsionadora da habitação social, projetando as *Gemeindebauten*[48] que marcam uma nova abordagem na história dos quarteirões urbanos. *"Viena foi uma vez mais, a primeira cidade a estabelecer uma competição, para a habitação operaria, sobre a reforma do quarteirão urbano"*[49].

Paralelamente, testemunha-se em Amesterdão as intervenções de Hendrik Petrus Berlage a Este de *Amsterdam-Zuid*, desenhando os quarteirões de *Transvaalbuurt*, que marcam as primeiras reações modernistas em território Holandês. Os Blocos de *Transvaalbuurt* destinados à classe operária, surgem também como resposta à iminente crescente demográfica gerada pelo êxodo rural e pela saturação da industria.
Ambas as referências anunciadas tanto em Viena como em Amesterdão tornam-se importantes pontos no desenvolvimento morfológico do quarteirão, pois ambas abordam a problemática do modernismo, no âmbito da habitação social, com uma sensibilidade e escala urbana que se distingue da atitude modernista que marca o decorrer do século.
No caso do holandês Hendrik Berlage, os quarteirões de *Transvaalbuurt* surgem como exemplo de implantação da lógica habitacional moderna capaz de emergir no seu interior a lógica de aldeia, onde a cércea do quarteirão varia consoante o nível de espaço público envolvente (ex. rua principal reflete uma maior cércea nas fachadas e vice versa).
Este tipo de reações e adaptações confere uma inevitável resiliência às soluções projetadas por Hendrik Berlage.

---

48 *Gemeindebatuen* define os conjuntos habitacionais que se projetaram em Viena na viragem do século XIX para o século XX. Estas intervenções, que serviram de exemplo dentro do contexto metropolitano europeu, fizeram-se acompanhar das mudanças políticas da época, nomeadamente com o aparecimento da primeira república Austríaca em 1919, que se responsabiliza pela execução destes super quarteirões sociais.
Karl-Marx-Hof, materializou-se como o conjunto habitacional mais icónico neste período da cidade de Viena, tendo sido finalizado em 1930 onde, por rações políticas, apenas se construiu cerca de 18% do projeto inicial. Os 28.751 metros quadrados que foram construídos desenhavam-se sobre a forma de mega blocos definindo grandes pátios sucessivos como modo de centralizar a vida dos 5.500 habitantes.

49 **SONNE, Wolfgang** - *Dwelling in the metropolis: Reformed urban blocks 1890 –1940 as a model for the sustainable compact city.* (p. 74; Vol. 72).

"A composição das fachadas favorece a continuidade entre as paredes e o espaço urbano, em vez salientar o próprio volume do quarteirão (≠Viena), esta continuidade acentua-se desenhando fachadas que sejam idênticas em altura"[50].

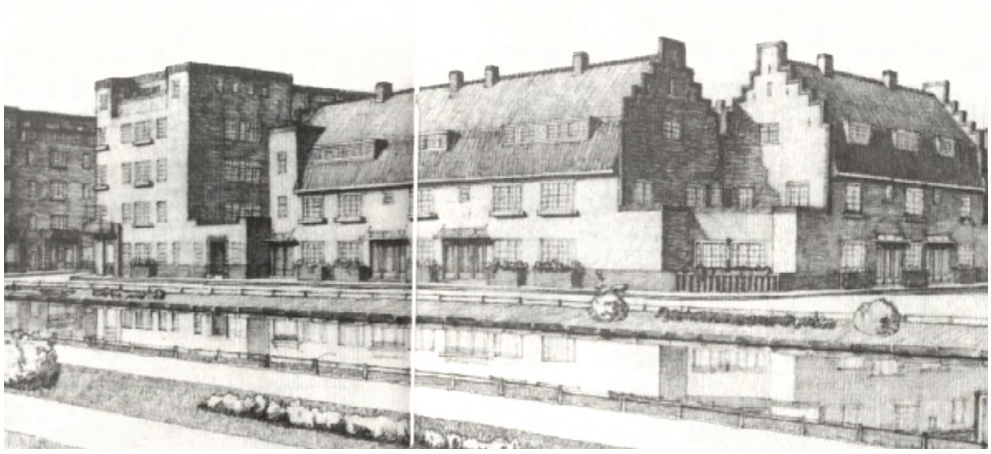


fig. 20. Perspectiva a grafite do complexo de *Transvaalbuurt* em 1912, projetado por H. P. Berlage. Mostra-se aqui a relação do edificado com a envolvente.



fig. 21. Fotografia do interior do complexo em 1924, projetado por *H. P. Berlage*. Ilustrando o caráter do projeto no seu núcleo, e a cuidada relação entre a escala do espaço privado e as vias que o definem.

50 **KOMOSSA, Susanne** - *The Dutch urban block and the public realm: Models, rules, ideals.* (p.71).

Neste contexto, derivado do continuo crescimento demográfico, que Le Corbusier[51] se introduz no mundo do urbanismo. As ideias introduzidas por Le Corbusier veêm romper com as tipologias de quarteirão até à data desenvolvidas, passando pelos esquemas para a cidade de três milhões de habitantes, pelo *"Plan Voisin"* com Pierre Jeanneret e mais tarde pela *"Cité Radieuse"*.
O estilo de vida que se projeta nas ideias de Corbusier conforma-se parcialmente com as ideias de Ebenezer Howard já desenvolvidas no século XIX. Apesar de existirem divergências evidentes nas proporções e escalas usadas por cada autor. Corbusier baseia-se na repetição esquemática da grelha, onde a escala não tem em conta a orientação do pedestre e desvia-se de uma integração com o tecido urbano preexistente. Os edifícios emergem como elementos perfeitamente funcionais, dando lugar aos marcantes blocos habitacionais isolados.

As unidades de composição urbana desenvolvidas por Corbusier posicionam-se numa grelha desenhada essencialmente pelo tráfego de veículos. No entanto a funcionalidade do edifício desliga-se de uma lógica espacial capaz de consolidar as camadas que tão bem caracterizam o desenvolvimento urbano. Cada unidade de habitação é desenhada para albergar 1600 residentes em 337 fogos ao longo de 18 andares (dimensões do edifício: 165mx24mx56m).

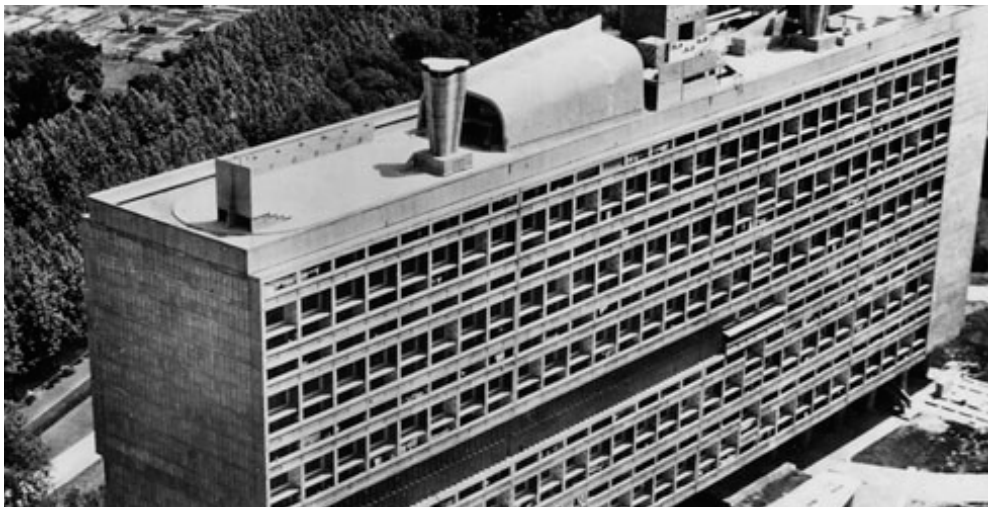


fig. 22. Complexo de habitação social, *Unité d'habitation*. Desenvolvida por Corbusier dentro do projeto para a *Cité Radieuse*. Por comparação com a figura a baixo (*fig. 21*) permite uma clara percepção da escala e da relação com a envolvente presente nos ideais da cidade ideal Corbusiana.

---

51 Arquitecto Franco-Suiço, Charles-Édouard Jeanneret, conhecido por Le Corbusier (6 October 1887 – 27 August 1965).

A escala deste novo olhar sobre o planeamento urbano acaba por não completar harmoniosa nem esteticamente a cidade como um todo. Pois a funcionalidade é feita a partir do interior do edifício e não partindo do exterior que define o urbanismo.

"Os elementos tradicionais do quarteirão são cortados, repensados, reorganizados numa nova unidade que nos aparece sobre a forma de um quarteirão vertical, onde todas as relações se invertem e se contrariam."[52].

Em contra ponto é na primeira metade dos anos de 1920 que surge a intervenção do arquitecto Jacobus Oud[53], ao completar as habitações operárias de *Kiefhoek,* em Roterdão. O projeto de *Kiefhoek* mantem-se até hoje como um dos melhores exemplos de habitação social do anos 20'. J.J.P. Oud apesar de trabalhar com longas unidades de habitação isoladas umas das outras, a escala e proximidade permite que haja uma coerência na configuração urbana do espaço. *"... as habitações operárias de Kiefhoek em Roterdão, foram seguramente um dos grandes feitos nos campos da arquitetura e do urbanismo nos anos vinte."*[54].



fig. 23. Imagem do complexo de habitação social *Kiefhoek*, projetado por J.J.P. Oud em Roterdão.

---

52 **PANERAI, Philippe**; **CASTEX, Jean**; **DEPAULE, Jean-Charles** - *Urban forms: The death and life of the urban block*. (p. 117-118).

53 Arquitecto Holandês Jacobus Johannes Pieter Oud, conhecido por J. J. P. Oud (9 February 1890 – 5 April 1963).

54 **KRIER, Robert** - *Urban space.* (p. 75).

Nesta fase da história nascem os conhecidos *Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna* (CIAM), cuje a transgressão é capaz de ilustrar, de um modo geral, os desenvolvimentos que o planeamento da cidade, e consequentemente da habitação sofrem no decorrer do século XX.
Os CIAM servem de catalisadores do Movimento Moderno na problemática da habitação, nomeadamente na Europa pós-guerra, onde protagoniza a habitação social.

Iniciando um ciclo de congressos que visam desenvolver novos modos de projetar distantes da burocracia da época, os CIAM vão abir foco, entre 1928 e 1930, sobre temas como a habitação social acessível a todos, a densificação vertical, e a consequente definição morfológica do espaços públicos verdes.

Sobre o tema *Functional city*, surge o arquitecto holandês Cornelis Van Eesteren, que se centraliza no CIAM de 1933 ao rejeitar as soluções baseadas nos grande quarteirões perimetrais nomeadamente de Hendrik Berlage. Introduz-se aqui a ideia de substituir os velhos distritos obsoletos por super blocos e é paralelamente nesta altura que os olhos se viram para o modelo americano, dependente do carro e das grandes industrias.

Em simultâneo surge o movimento *Neues Bauen* que lidera as novas tipologias de habitação social, que se vão desenvolver nos países de língua germânica nomeadamente na Holanda, Alemanha e Áustria.
Em contra ponto com as lógicas de super bloco de Le Corbusier e de Van Eesteren o movimento *Neues Bauen* reage às rijas geometrias características do inicio do século XX, incorporando lógicas de autores como Frank Lloyd Wright e Ebnezer Howard, na expansão social e morfológica das cidades.
Ernst May vai destacar-se como um dos precursores deste movimento, com a sua extensão para Frankfurt, incorporando alguns princípios da cidade jardim de Howard.

Le Corbusier vem no mesmo período propor as suas aversões à cidade tradicional, que ultrapassou o século XIX com grandes desequilíbrios. A pouca importância dada à cidade tradicional acaba por criar crenças que favoreceram a arquitetura e não a morfologia urbana. Nesta fase pressão financeira ganha protagonismo, catalisando a construção rápida, modular e em massa.
A repetição em grande escala de módulos acaba por criar lógicas independentes do contexto envolvente.

As *unités d'Habitation* (1947-1952) mostram a decomposição total da lógica aqui estudada de quarteirão tradicional.*"A morte do quarteirão"*[55].

Os esforços provenientes dos CIAM tiveram maior impacto na Europa do que nos Estados Unidos. No entanto vão se estabelecer algumas bases para um planeamento urbano internacional. Nomeadamente, através do desenho eficiente de cada habitação em quarteirões e em unidades de bairro, introduzindo um estilo de vida mais saudável do que a densa e poluída cidade industrial. Contudo importa notar que a cidade industrial, frequentemente, englobava mais percursos pedestres e uma arquitetura maior interesse estético.

A introdução da carta de Atenas em 1943 e os experimentalismos modernistas até então postos em prática, levam a um crescente criticismo da habitação social moderna.

No congresso de 1951 começa-se pela primeira vez a questionar as ideias urbanísticas até então introduzidas, dominadas maioritariamente por Le Corbusier e por Sigfried Giedion. Este CIAM transforma-se num ponto de viragem na reflexão da cidade sobre novos membros responsáveis, conhecidos como *TEAM* 10[56].

No nono CIAM, consolidam-se as reações do congresso de 1951, favorecendo uma dispersão das funções colectivas dentro do âmbito das megas estruturas, homogeneizando as atividades metropolitanas. Esta direção influenciou vários práticos nas décadas de 1960 e 1970 com o emergente pós-modernismo. Daqui marcam-se exemplos como o projeto na *Golden Lane* em França, projetado pelo casal Smithson and Smithson em 1952.

Os CIAM, acabam por ser dissolvidos pela *TEAM* 10, na XI edição em Otterlo na Holanda (1959). Materializa-se assim, a contra reação ao período modernista que protagonizou o pensamento urbano do século XX.

---

55 **PANERAI, Philippe**; **CASTEX, Jean**; **DEPAULE, Jean-Charles** - *Urban forms: The death and life of the urban block*. (p. 121).

56 Nova geração de arquitetos que iniciam a participação nos CIAM pós guerra, mais precisamente em 1953. O grupo nunca se tornou numa entidade oficial, tendo sido compostos por vários arquitetos e convidados no decorrer da sua existência tais como: Jaap Bakema, Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, Aldo van Eyck, Alison and Peter Smithson and Shadrach Woods, que marcaram as CIAM especialmente na década de 60'. Apesar do extenso número de figuras que contribuíram para a existência do grupo, importa referir que todos eles se uniram pelo forte desacordo com as burocracias implantadas nos CIAM antecedentes.
O grupo acaba por se diluir na consequência do encontro de 1981 em Lisboa. No entanto, este movimento que reage às problemáticas geradas pelas utopias modernistas, acaba por traçar novas ramificações com o brutalizo britânico de Alison e Peter Smithson e o estruturalismo liderado pelos membros Holandeses (Aldo Van Eyck e Jacob Bakema).

Contemporaneidade

A regeneração urbana que se introduz paralelamente ao grupo *TEAM* 10, surge como uma nova forma de planeamento, que resulta do declínio dos referidos processos de expansão urbana que predominaram nas cidades europeias na primeira metade do século XX e, especialmente, nas americanas até aos anos 70'.
Esta nova fase acompanhada da crise económica e fiscal do *Estado de Providência*[57], vai determinar novas prioridades nas despesas públicas.
A reorientação radical da política urbana na segunda metade dos anos 70 coincide também com o aceleramento da desindustrialização urbana e com a mudança de paradigma tecnológico. O declínio industrial gerou o esvaziamento de grandes áreas urbanas, levando ao crescimento da pobreza, marginalidade e exclusão social, nomeadamente nos países mais industrializados.
No entanto, a diminuição do crescimento económico e demográfico e as consequências da 2ª Guerra Mundial retiram suporte à constante expansão urbana e conduz o urbanismo a interessar-se mais pela qualificação do espaço, pela reconstrução e revitalização dos espaços destruídos[58].

O esgotamento dos processos de expansão urbana coincidiu ainda com a grande revolução da comunicação, das crises energéticas, dos choques petrolíferos e de outros problemas conjunturais como o fim da era industrial e o fim do crescimento económico. Factores que vão condicionar os planos urbanísticos que englobam o pós-modernismo.

Um bom exemplo do urbanismo na fase final do século XX, é o exemplo holandês. É na Holanda que se começam a controlar e a corrigir os planeamentos de expansão habitacional já durante os anos que cobriram a segunda guerra mundial, o que permitiu os planos de expansão urbana serem bastante regulamentados, especialmente nas décadas pós guerra[59].

Com as mudanças na agenda política holandesa[60], a estratégia de planeamento urbano passa a envolver uma regeneração completa à escala da cidade, e não à escala

---

57 Sistema de organização social em que o Estado garante o acesso gratuito aos serviços de saúde, educação, entre outros.

58 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade.* (p. 17 - p. 20).

59 Alguns dos responsáveis pela implementação das leis e do controlo das morfologias de expansão urbana na Holanda foram: Van Tijen, Merkelnach, Berghoef, Van Embdem, e Van Den Broek.

60 Nova coligação entre o líder democrata-cristão Ruud Lubbers e os socialistas, em 1989.



fig. 24. Plano para extensão geral de Amesterdão, de Cornelis Van Eesteren em 1935 (parte superior da imagem sobre a forma de edifícios laminares paralelos), e o plano de *Amsterdam Zud* de *H.P Berlange*, já construído entre 1917 e 19290 (parte inferior direita da imagem). Vê-se aqui o confronto entre duas tipologias no desenhar da cidade. O existente urbanismo contextualista de Berlage e a ambição de Van Eesteren na lógica do super bloco.

de pequenas renovações isoladas, sobre a pressão de investidores privados. É deste contexto que surgem intervenções como os distritos residenciais de *Lunetten*, nos arredores de *Utrecht* desenhados por N. J. Habraken, que dão seguimento às intenções de reconectar o homem à paisagem natural, numa lógica estruturalista. Do mesmo modo que Aldo Van Eyck, John Habraken desenha sobre um enquadramento flexível, onde cada individuo e cada lote podem agir sobre uma certa independência, introduzindo o conceito de *user participation* na habitação. Criam-se assim lógicas únicas de identidade na malha urbana.

A nível nacional, o avanço da qualidade arquitetónica torna-se um ponto chave na política cultural holandesa com a entrada nos anos 90.
Daqui seguem-se exemplos de projetos para as zonas portuárias na margem sul do rio *Maas*, em Roterdão, com propostas de Josef Kleihues, Aldo Rossi, Oswald Ungers e David Walker. Em Haia o conselheiro social-democrata Adri Duivesteijn contrata os arquitetos Ricardo Bofill e Álvaro Siza para o desenvolvimento de complexos habitacionais. Robert Krier vem também intervir no esquema de redesenvolvimento de *"De Resident"*[61] no centro de Haia.
Logo após, outras cidades acabaram por seguir os mesmos passos de valorização do desenho urbano. Como em Amesterdão com os planos diretores de Soeters, para a *Java Island*, e de Adriaan Geuze para *Boreo Sporenburg*. Aqui autores como Carel Weeber entram como precursores de um novo urbanismo objectivo.
É nesta sequência que a influencia de Rem Koolhaas se faz sentir na arquitetura e urbanismo holandês. Koolhaas em 1977 já tendo reabilitado o *Bijlmermeer*, (herança do urbanismo moderno na região sul de Amesterdão) permitiu que o atelier *Office of Metropolitan Archtitecture* (OMA) introduzi-se as doutrinas racionalistas, estruturalistas e contextualistas no pensamento urbano. Surge no urbanismo uma atitude mais liberal, onde as intenções dos habitantes são tidas em conta alargando o espectro do próprio projeto.
Este tipo de planeamento que marca o inicio de uma contemporaneidade, origina planeamentos onde o desenho de acessos e das habitação se tornam híbridos, como é o caso do *IJ-Plein* em Amesterdão.

---

61 Projeto de renovação no centro da cidade, perto da estação central de Haia, Holanda. Projeto desenhado por Robert Krier entre 1989-1998.



fig. 25. Imagem do conjunto habitacional de *IJ-Plein* em Amesterdão, conceptualizado por *N. J. Habraken.* Ilustra uma das fases mais atuais no planejamento habitacional urbano, onde se prioriza a identidade individual valorizando indiretamente a identidade coletiva.

Conclusão

"Apesar de exemplos como Priene, Sagunto, Berlin, Transvaalbuurt e a Unité d'Habitation representarem um longo enquadramento histórico, a pesquisa expõe claramente que as formas urbanas não se transformaram do mesmo modo que as relações sociais. A metamorfose das formas do quarteirão segue um processo de relativa normalidade, enquanto que as alterações nas caraterísticas sociais são sempre consequência de outras complexas relações e sistemas dentro da cidade."[62].

No desenvolvimento histórico do quarteirão, compreende-se que a organização do desenho urbano surge da resposta às necessidades sociais de cada época, criando, transformando ou adaptando a forma urbana sobre o contexto preexistente.

Deste modo, as primeiras formas de tecido urbano aparecem intuitivamente ligadas às necessidades de defesa e de desenvolvimento das comunidades, e a morfologia dos primeiros conjuntos habitacionais que iniciam a ideia de malha urbana, estrutura-se entre os limites físicos das muralhas ou da própria geografia. A rua começa a aparecer nestes primeiros exemplos como o principal elemento estruturador da vida social.
No desenvolvimento das cidades, o desenho da rua vai introduzir uma lógica urbana planeada e geométrica, responsável por definir as primeiras parcelas urbanas que dão origem à ideia de quarteirão.
Como consequência, o planeamento ortogonal das cidades gregas e romanas, onde a vida pública e a organização social marcaram irreversivelmente o desenho do tecido urbano, introduz a base morfológica do quarteirão com pátio central.

Nos exemplos de carácter medieval, a forma urbana uma vez mais desenvolve-se sobre os limites de defesa da cidade que, crescendo e definindo-se em volta do comércio e da produção de bens, dá lugar a um tecido urbano compacto desenhado por ruas estreitas e quarteirões de morfologia orgânica, largando o espaço central exterior para priorizar o contacto com a rua e com o comércio.

Na sequência do que foi o desenvolvimento das cidades medievais, surge o reviver dos princípios clássicos, que procuram organizar e reestruturar o tecido urbano como resposta às condições de insalubridade e de densificação das cidades. Como consequência dos ideais característicos do urbanismo renascentista e barroco ressurge o quarteirão com um núcleo central exterior desenhado por ruas largas e ortogonais.

---

62 **OIKONOMOU, Maria** - *The transformation of the urban block in the European City.* (p. 496).

Esta tipologia protagoniza-se tanto em intervenções como a reestruturação da baixa pombalina no século XVII, como mais tarde no planeamento parisiense de Haussmann, ou de Cerdà em Barcelona, exemplificando de modo claro o reviver clássico na reestruturação do tecido urbano.

Com a cidade industrial, o êxodo rural e o aparecimento da nova classe operária como consequência da industrialização, dá origem ao primeiros bairros sociais.
Pela primeira vez presencia-se uma separação entre a vida laboral e a social, que apesar se fazer acompanhar por um aumento do nível médio de vida, acaba por fragilizar e marginalizar estas novas zonas residenciais.
"*Em qualquer objeto organizado, a compartimentação extrema e a dissociação de elementos internos é o primeiro sinal para a destruição.*".

Até à cidade industrial o quarteirão mantém-se um elemento definido e publicamente impermeável com loteamentos bem definidos. As primeiras intervenções urbanas sociais, que vieram responder aos desequilíbrios da era industrial, introduzem um quarteirão homogéneo que arrasta consigo a permeabilidade do seu núcleo, oferecendo uma extensão do espaço público. Esta tipologia, como se vê em *Transvaalbuurt*, não deixa de exprimir uma solução que visa solucionar o problema habitacional aos olhos do modernismo. No entanto, acaba por ser substituída ideologicamente, pelo pensamento moderno do quarteirão solitário, denso e desconectado da vivência da rua como elemento social. Existe uma desumanização da escala.

Na sequência do urbanismo modernista, como resposta às problemáticas da era industrial e dos consequentes desiquilíbrios sociais, surge um planeamento do tecido urbano onde as caraterísticas do quarteirão tradicional desaparecem, dando lugar aos grandes blocos de habitação e às cidades jardim que integram a escala dos novos meios de transporte emergentes na época.
Este paradigma, vai consequentemente dar lugar a um repensar pós-modernista, de onde surgem os exemplos de quarteirões abertos e de valorização da identidade e da escala urbana, como nos exemplos de lógica estruturalista holandeses[63] que visam reconectar o homem à paisagem natural.

Concluísse que as cidades, em especial no contexto europeu, vão integrar uma sobreposição de camadas, onde o tecido urbano se torna uma adaptação constante entre as morfologias preexistentes e as problemáticas características de cada época.

---

63 Intervenções nos distritos residenciais de *Lunetten*.

No repensar que definiu o século XX, como reação aos emergentes problemas gerados pela cidade industrial, a forma de quarteirão que reincide nas linhas do urbanismo clássico, vai manter parte das suas qualidades como elemento definidor e caracterizador do tecido urbano atual.

"Urge, portanto, concentrar todos os esforços necessários para requalificar o tecido urbano, de modo a proporcionar o surgimento de novas centralidades territoriais, reforçar as potencialidades existentes, bem como reafirmar o papel da cidade na dinâmica regional. A tomada de consciência desta necessidade é um forte pilar para a manutenção da identidade e cultura da cidade, fazendo a ligação entre a história que lhe deu origem e o futuro que a espera."[64].

64 **COSTA, Francisco Tiago** - *Requalificação dos Interiores de Quarteirão do Porto.* (p. 26).

2.2_**TIPOLOGIAS DE QUARTEIRÃO**

Introdução

"O trabalho do arquiteto começa em todo o caso com o reconhecimento do tipo"[65].

As tipologias descritas na presente investigação objetivam dar a compreender melhor a plasticidade do domínio urbano, ainda assim, ao analisar a questão tipológica importa lembrar que esta não deixa de ser um filtro que ilustra casos pontuais, dentro da complexidade que define e que caracteriza a cidade.

É através da noção do tipo que se ilustram alguns dos ramos existentes que compõem, ou podem compor, o tecido urbano, enquadrando socialmente e morfologicamente os casos apresentados na cidade do Porto.
Deste modo, ao compreender melhor as origens e as consequências das várias tipologias de quarteirão procura-se compreender melhor a natureza do próprio contexto portuense.

As tipologias aqui apresentadas expõem as principais alterações que caracterizaram o universo morfológico do quarteirão, acompanhando a análise histórica da cidade com especial foco no contexto europeu.

---

65 **MONEO, Rafael** - *Oppositions nº 13 "On Typologys"*. (p. 190).

"As tipologias que podemos encontrar surgem a partir do constante confronto entre a habitação e o espaço habitável. Transformando a paisagem, a sociedade, a cultura, os hábitos e o desenho das cidades"[66]

"De facto, o conhecimento das características de uma cidade, no seu processo de formação e da sua estrutura implica o conhecimento das tipologias de habitação", considerando as tipologias de habitação parte integrante e definidora das tipologias de quarteirão, tem-se o conhecimento tipológico como "*fundamental para a definição dos significados de novas propostas."*[67].

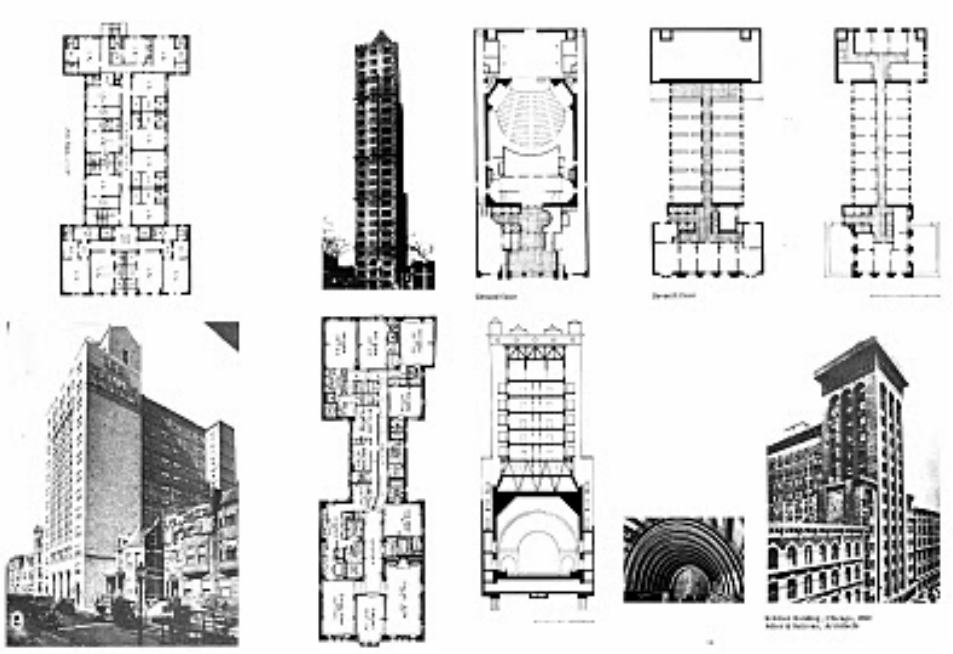


fig. 26. Elementos inseridos na publicação *"The Alphabetical City"*, editada por Steven Holl em 1995. Ilustra-se o estudo tipológico como meio de compreender melhor o contexto da forma, permitindo em paralelo perceber as sua singularidades.

66 **FIGUEROA, Mário** - *Habitação coletiva e a evolução da quadra*. (p. 1).

67 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 61).

Quarteirão Medieval

O quarteirão medieval representa uma lógica que definiu um grande período da história ocidental, marcado pela expansão da classe burguesa e pelo crescimento espontâneo das cidades. Esta tipologia dá origem a quarteirões de formas irregulares e singulares, que tendem a favorecer o contato com a via pública. Como consequência a fachada para a rua tornam-se o elemento principal de comunicação entre o quarteirão e o mundo exterior.



fig. 27. Representação da malhar urbana que envolve a praça de *Chipping Norton*, no Reino Unido, ilustrando a morfologia do quarteirão de caráter medieval.

O quarteirão caracteriza-se pelo edificado compacto, onde o interior é geralmente pouco iluminado faz-se acompanhar de estreitos espaços exteriores (saguões) destinados para a ventilação das habitações. A arquitetura, restrita à fachada, expressa-se, neste momento, apenas de forma bidimensional. Contudo, esta tipologia ganha pela forte relação que tem com a escala humana, perpetuando atmosferas resilientes ainda nos ideais contemporâneos.

Quarteirão tradicional ou quarteirão burguês

O quarteirão tradicional vem reintroduzir alguns dos princípios clássicos como base para restruturar as densas e saturadas morfologias medievais que caracterizavam as cidades europeias dos séculos XVII e XVIII. Esta tipologia é desenhada dentro de uma malha mais ou menos geométrica, arrastando a lógica formal da casa-pátio para a habitação plurifamiliar.
Este modelo salienta-se nas transformações de Haussmann em Paris (1852-1869) ilustrando uma tipologia de quarteirão que dialoga o marcante traçado viário com os módulos que definem a composição urbana.
Haussmann, vem responder de modo relativamente equilibrado à dicotomia entre cheios e vazios, onde o quarteirão ganha grande flexibilidade funcional conectando de forma coerente a matriz urbana com as redes infraestruturais.

Nesta fase o quarteirão passa a ter entre quatro a seis andares, que limitados pela inexistência do elevador permitem uma densificação da cidade preexistente. Paralelamente, a escala do núcleo exterior do quarteirão ganha uma nova dimensão na habitação da cidade, acabando por diluir a privacidade que caracterizara o pátio até então. É a escala destes vazios e o consequente controlo legislativo, que se tornam os principais responsáveis pelo futuro destes elementos, catalisando a resiliência de uns e a negligência de outros.

No contexto português, especialmente na cidade do Porto, o quarteirão burguês caracteriza-se pelo núcleo exterior compartimentado, a maioria dos quarteirões que seguem esta tipologia sofreram uma clara alteração com a crescente densificação da cidade, nomeadamente com o impacto da revolução industrial na cidade, que forma as ilhas[68] do Porto.

O logradouro na realidade do quarteirão portuense, mantendo a tipologia de quarteirão de núcleo exterior, apresenta duas vivências quanto ao seu uso. A vivência de quem habita o piso térreo e efetivamente o logradouro, estando limitado à visão circunspecta do mesmo, e a vivência de quem habita os pisos superiores que de dentro de suas casas lhes é dada a noção do interior do quarteirão como um todo.

---

68 Forma específica de habitação para as classes trabalhadoras que se desenvolveu no Porto no século XIX. As ilhas consistiam em filas de pequenas casas de um só piso, construídas nos logradouros das habitações da classe média, com acesso à rua somente através de estreitos corredores sob estas habitações burguesas, construídas à face da rua.

Para além do pátio dividido em logradouros com o habitual espaço verde e pontuais hortas, é frequente encontrar a fragmentação destes espaços sob a forma de armazéns, estacionamentos e estruturas pouco regulamentadas que estendem a área interior do piso térreo.

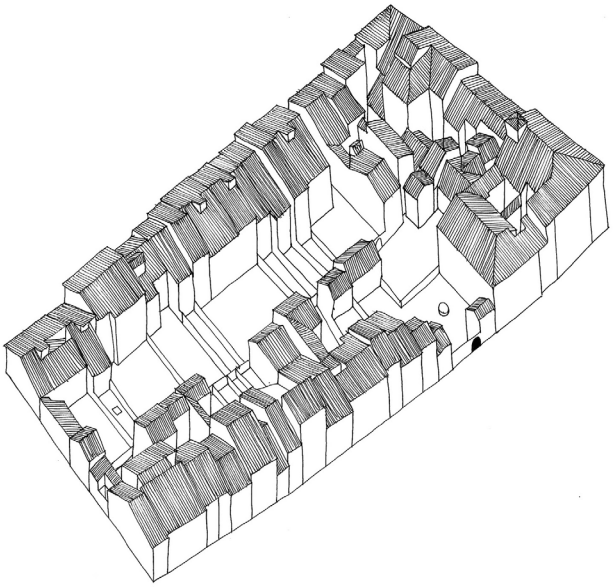


fig. 27. Axonometria da tipologia do quarteirão burguês, extraída da cidade de Bolonha. Percepção clara da morfologia, assim como da relação entre pátio central com os pisos térreos.



fig. 28. Caráter interior de um quarteirão burguês na cidade do Porto (Autora: Izabela Naves). Definido a Norte pela Rua da Boavista, a Sul pela Rua de Álvares Cabral, e a Este pela Praça da República.

Quarteirão de Ildefonso Cerdà

O plano para a extensão de barcelona em 1856 prevê inicialmente uma ocupação perimetral em dois ou no máximo três lados.
No plano diretor os quarteirões não excedem a altura máxima de 20 metros, o que equivale aproximadamente a cinco andares e a profundidade limita-se entre 15 e 20 metros[69], dialogando com o traçado viário de 35 metros de largura que delimita o quarteirão. A área de implantação do edificado não ultrapassa 50% da superfície total do quarteirão, onde os espaços internos abrem-se para a cidade albergando equipamentos públicos e amplas áreas arborizadas, diluindo a relação da frente de rua como definidora do quarteirão. O perímetro do quarteirão deixa de ser o limite do espaço público.
No entanto, o desejo original de Cerdà permanece apenas no traçado viário.
Com a densificação urbana os quarteirões passaram a ser maciçamente ocupados em todo o seu perímetro, conferindo a esta tipologia um caráter que se reaproxima morfologicamente do quarteirão tradicional burguês.
A proposta de Ildefonso Cerdà, sobre a influência neoclássica, introduz uma nova escala em relação ao tecido urbano preexistente.

O aumento sucessivo na escala do quarteirão acaba por afetar inevitavelmente a própria função do pátio. Nota-se na tipologia de Cerdà, entre o plano inicial e o seu inevitável desenvolvimento, um confronto entre o pátio como extensão do espaço público, e o pátio como extensão do espaço privado.

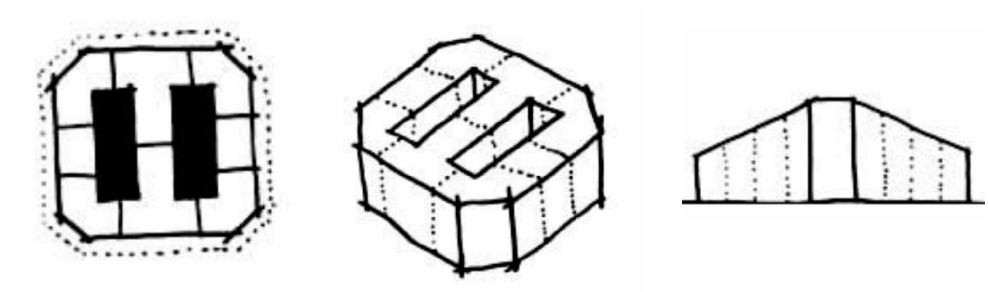


fig. 29. Esquemas tipológico do quarteirão desenhados por Mario Figueroa em "*Habitação coletiva e a evolução da quadra*.". Representação genérica da morfológica que define o quarteirão projetado por Ildefonso Cerdà onde se nota a tipologia do lote que define este quarteirão, a sua relação com a rua assim como exemplifica o caráter que o seu núcleo pode ter na relação entre o edificado e a rua.

---

69 **AIBAR**, **Eduardo**; **BIJKER**, **Wiebe** - *Constructing a city: The cerdà plan for the extension of Barcelona*. (p. 03-30).

Quarteirão com ocupação perimetral (Large Block Type)

A tipologia de quarteirão com ocupação perimetral define-se pelos extensos quarteirões, cuja extensão permite uma maior área para o desenvolvimento de atividades, e a consequente dimensão dos seus interiores confere às parcelas liberdade na definição de espaços privados e semipúblicos que potencializem as atividades no nível térreo.

Esta tipologia Surge no inicio do século XX, como resposta à emergente necessidade em criar habitação social, capaz de melhorar a qualidade de vida das classes segregadas pelo desenvolvimento industrial antecedente.

Em geral o interior dos quarteirões perimetrais mais extensos, acabam por ser ocupados por parques de estacionamento residenciais, jardins privados ou jardins comuns para residentes, assim como com infraestruturas mais gerais envolvendo espaços comunitários ou desportivos.

Liewelyn Davies[70] defende que a extensão desta tipologia oferece um maior núcleo e consequentemente mais oportunidades para uma biodiversidade, apresentando assim, as dimensões de 90 por 90 metros como catalisadores desta biodiversidade.

No entanto Léon Krier crítica os extremos quarteirões perimetrais, pois o seu espaço interno acaba por competir com a escala da rua e interiorizar (privatizar) a vida pública. Krier é assim reconhecido pelo desenho da tipologia *Poundbury Block* presente no desenvolvimento urbano de Dorcester. Este quarteirão favorece o mais possível a permeabilidade pedestre, mantendo a necessária diversidade de escalas entre a rua e os espaços privados. O *Poundbury Block* surge como uma sub-tipologia dentro do *Large Block Type.*
Contudo duas das cidades que desenvolveram experiências significativas desta tipologia, foram Amsterdão e Viena.

No Plano de expansão de Hendrik Berlage para *Amsterdam Zuid* (1915) a morfologia do quarteirão ainda resulta do desenho viário, no entanto, este sistema de ruas é usado como instrumento na ordenação de edifícios perante uma nova hierarquia de vias e espaços públicos. Nesta hierarquia, o gaveto e o diálogo do edificado com os espaços envolventes tornam-se elementos de destaque, acompanhando a própria

---

70 Arquiteto britânico, Richard Llewellyn-Davies (1912-1981) distinguindo-se pelo projeto de complexos hospitalares e pelo planeamento urbano de Milton Keynes em Buckinghamshire, Inglaterra.

evolução do interior do quarteirão, que inicialmente se destina aos jardins internos das unidades residenciais térreas. O miolo do quarteirão vai evoluir a partir da redução dos jardins privados com a introdução de ruas e pátios internos destinados ao uso semipúblico.

No caso de Viena, não se opta pela expansão do quarteirão, mas sim, por aproveitar os vazios urbanos preexistentes para inserir habitação coletiva operária, criando grandes edifícios residenciais contínuos, como no caso do complexo habitacional *Karl Marx Hof.*



fig. 30. Fotografia aérea do complexo de *Karl Mark Hof* em Viena. Pretende-se demostrar como e onde a tipologia do quarteirão perimetral ganha forma. Estabelece-se uma nova escala no viver da cidade, e a importância da habitação social na cidade de Viena neste período (1930).

Quarteirões com edifícios laminares paralelos

A escolha da forma laminar, quer no urbanismo como na arquitetura, aproxima-se pela ausência de hierarquia entre as partes, pela capacidade de crescimento ilimitado, pela equivalência de condições para os distintos elementos e pela relação de proximidade entre o espaço interior e o espaço exterior.

Em Frankfurt, Ernst May[71] (diretor dos serviços de construção municipal), coordena entre 1925 e 1930 a construção de 15.000 unidades em distintos conjuntos, chamados de *siedlungen,* que apesar de intervenções pulverizadas no tecido urbano apresentam uma grande coerência.
Neste mesmo período aparecem também importantes experiências em Roterdão, sobre a autoria de J. J. P. Oud e em Berlim por Bruno Taut[72], dando início a uma linguagem tipológica que se mantém até hoje.



fig. 31. Fotografia aérea do complexo de *West Sindlungen* na cidade Alemã, Frankfurt, com o avanço do programa *Neues frankfurt* dirigido por Ernst May. Exemplifica-se de modo claro a referida apropriação tipológica do quarteirão.

71 Arquiteto e urbanista alemão, Ernest May (1886-1970) sobre as influências de *The Garden City* destacou-se com o seu programa *Neues Frankfurt* enquanto urbanista da cidade, entre os anos de 1925 e 1930.

72 Arquiteto, urbanista e escritor alemão, Bruno Julius Florian Taut (1880-1938) conhecido pela sua obra construída, assim como pelos seus escritos teóricos.

Edifício-Cidade

"A produção em serie da arquitetura centrada, sobretudo na habitação, permitiu que a arquitetura nos aparece-se sobre uma nova luz"[73].

Esta lógica de planeamento urbano visa separar a orientação da casa e da vida cotidiana dos eixos rígidos de circulação (nomeadamente dos sistemas viários). Desconectar o habitar da grelha gerada pela rua, oferecendo uma alternativa de higienização das cidades, onde o espaço privado é democraticamente priorizado e o espaço público significativamente expandido. Este modo de pensar o planeamento urbano procura resolver, em conformidade com as restantes tipologias que conformaram o pensamento moderno, os constrangimentos que as cidades europeias, até à data, acumularam.
O edifício-cidade representa mais uma crítica à cidade herdada, do que propriamente uma ruptura em relação ao quarteirão tradicional.

Esta tipologia que introduz uma substituição do quarteirão pela unidade habitacional, representa a crítica à *rue-corridor*, ao parcelamento fundiário e às condições insalubres da condição urbanas existente.

O modernismo lida com o tipo como um conceito abstrato desconectado da identidade industrial, no entanto, a produção em massa transforma este conceito abstrato numa realidade concreta. Ao permitir uma reprodução exata do modelo, o tipo converte-se em protótipo.

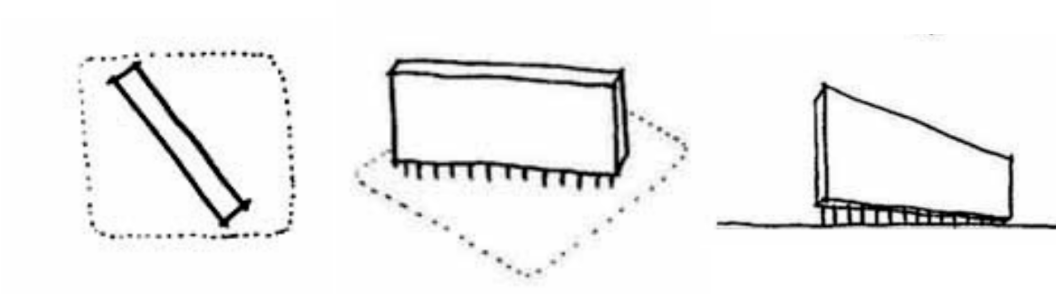


fig. 32. Esquemas tipológicos do quarteirão desenhados por Mario Figueroa em "*Habitação coletiva e a* evolução da quadra.". Representação genérica da morfológica que define o quarteirão projetado por Corbusier, seguindo os ideais da *Cité Radieuse* que vão ser materializados nas suas *Unités d'Habitation*, entre 1947 e 1965.

---

73 **MONEO, Rafael** - *Oppositions Nº13 "On typologys".* (p. 198).

Megaestruturas

As megaestruturas são projetadas no decorrer dos ideais pós-modernistas, como reação aos princípios formais estabelecidos nos CIAM.
No desenvolver desta fase surgem propostas utópicas de grande escala, marcadas por gabinetes como os GEAM[74], Archigram[75], Ant Farm[76] ou mesmo com os Metabolistas[77] no contexto japonês.
Paralelamente, autores como Aldo Rossi, Robert Venturi e Giorgio Grassi (entre outros) vão densificar a produção e a edição teórica da arquitetura. O olhar para a cidade sobre um filtro tipológico, como modo de rever os princípios modernistas, vai introduzir uma nova dimensão às estruturas urbanas, nomeadamente ao quarteirão.

"Uma ampla revisão de muitos dos princípios da cultura moderna, a eclosão de distintas tendências arquitetônicas nos países industrialmente mais avançados, aliado a um optimismo perante as novas possibilidades tecnológicas tornam a década de sessenta um período de grande experimentalismo. ... Esta nova escala dimensional acreditava-se poder recuperar uma maior liberdade e oferecer utopias alternativas ao caos urbano.[78].

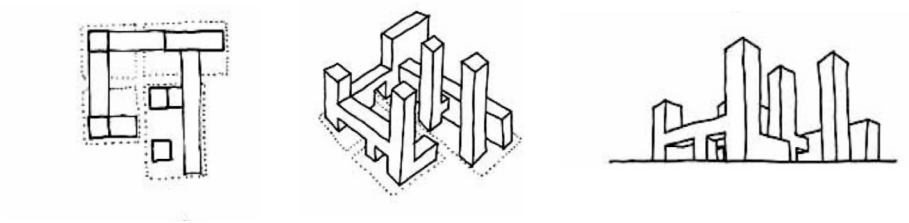


fig. 33. Representação tipológica do quarteirão marcado pelo caráter das megaestruturas. Mario Figueroa refere como exemplo construído o *Barbican Complex* (1964-82) em Londres projetado por Chamberlin, Powell e Bon.

---

74 Gabinete de arquitetura *GEAM* surgiu após a 10ª CIAM em *Dubrovnik* no ano de 1956. O grupo foi fundado em 1958 por Yona Friedman, constituindo durante o seu curto período de quatros anos, membros como Oskar Nikolai Hansen, Frei Otto, Werner Ruhnau, Eckhard Schulze-Fielitz entre outros.

75 Gabinete de arquitetura britânico, *Archigram* surgiu como movimento vanguardista, fundado em Londres na década de 1960 por Peter Cook, Warren Chalk, Ron Herron, Dennis Crompton, Micheal Webb e David Greene.

76 Gabinete de arquitetura americano, *Ant Farm* surgiu como movimento vanguardista, fundado em São Francisco no ano de 1968 por Chip Lord e Doug Michels.

77 Grupo de arquitetos japoneses fundado em 1959, que deu inicio ao movimento Metabolista arquite tónico. O grupo incluiu arquitetos como Kiyonori Kikutake, Kisho Kurokawa, Masato Otaka assim como Fumihiko Maki e critico Noboru Kawazoe.

78 **FIGUEROA**, **Mário** - *Habitação coletiva e a evolução da quadra*. Arquitextos, São Paulo, 2006.

Quarteirão pós-moderno

O quarteirão pós-moderno contextualista, com sugere Mário Figueroa, surge em cidades como Berlim e Barcelona na década de oitenta, acompanhando as acentuadas transformações urbanas que marcaram a época.
O quarteirão no seguimento do movimento contextualista[79] vai recuperar a ocupação perimetral dos lotes, e consequentemente o desenho tradicional da rua, reintroduzindo o gaveto como referência no planeamento urbano.
Os pontuais fracionamentos na morfologia do quarteirão permitem recuperar a partilha coletiva do pátio central, que vai ser ocupado por generosas áreas verdes e equipamentos públicos.

Em Berlim, esta tipologia ganha forma com a estratégia de reabilitação que reinterpreta as *"tipologias, morfologias e linguagens das cidades históricas europeias."*[80]. Esta estratégia, inerente ao quarteirão pós-moderno contextualista, vem surgir na *IBA Berlin*[81], marcando a renovação urbana do lado ocidental da cidade entre os anos de 1979 e 1987.

Por outro lado, em Barcelona, a tipologia ganha foco com a preparação dos jogos olímpicos de 1992 onde se restruturou quatro[82] grandes áreas urbanas *"com o intuito de recuperar o acesso da cidade ao mar, além de criar um novo bairro residencial incorporando as estratégias de Cerdà."*[83].

Em ambos os casos esta tipologia ganha destaque pela sua abertura com a cidade, permeabilizando o interior do quarteirão, e pela sensível relação entre o edificado e o espaço envolvente.

---

79 Movimento que ganha força no decorrer dos anos oitenta, na sequência do movimento pós moderno. O contextualismo visa integrar o projeto com as preexistências urbanas, nomeadamente nos centros históricos. Caracteriza-se pelo adequar da arquitetura ao seu contexto, fazendo uso das linhas for mais envolventes.

80 **FIGUEROA**, **Mário** - *Habitação coletiva e a evolução da quadra*. Arquitextos, São Paulo, 2006.

81 Internationale Bauausstellung Berlin.

82 As quatros áreas urbanas reestruturadas no contexto do jogos olímpicos de verão, Barcelona'92, definiram as zonas destinadas a cada modalidade, sendo estas: O estádio olímpico no Montjuic, La Diagonal, Vall d'Hebron e a vila olímpica na Nova Icaria.

83 **FIGUEROA**, **Mário** - *Habitação coletiva e a evolução da quadra*. Arquitextos, São Paulo, 2006.



fig. 34. Imagem do interior do quarteirão *Teleger Hafen*, em Berlin, projetado no contexto da *IBA Berlin*. A imagem ilustra o caráter contextualista que a escala e o pátio interior do quarteirão têm na relação com as ocorrências que o envolvem.

Quarteirão aberto

Apesar de apresentar semelhanças morfológicas com o quarteirão contextualista, a presença desta tipologia faz-se sentir já nos meados do século XX. Como é o caso do *Conjunto Golden Lane* (1954) em Londres, de Chambeilen, Powell e Bon.
Somente após "*o esgotamento da linguagem pós-moderna e do reconhecimento das limitações evidentes das estratégias contextualistas" que "o pensamento contemporâneo tende a considerar a possibilidade de uma revisão do espaço construído e do espaço livre da cidade herdada ..."*[84].

O quarteirão aberto define-se como um elemento híbrido capaz de conciliar as pluralidades da arquitetura contemporânea. Para além de recuperar o valor da rua e da esquina da cidade tradicional, esta tipologia permite o desenvolvimento de uma autonomia característica dos edifícios modernos. O núcleo destes espaços define-se pelas relações entre os distintos edifícios que podem "*variar do restritamente privado ao generosamente público, sem desconsiderar as nuances entre o semipúblico e o semiprivado."*[85].

"A diferença desta nova abordagem está no posicionamento perante a cidade"[86].

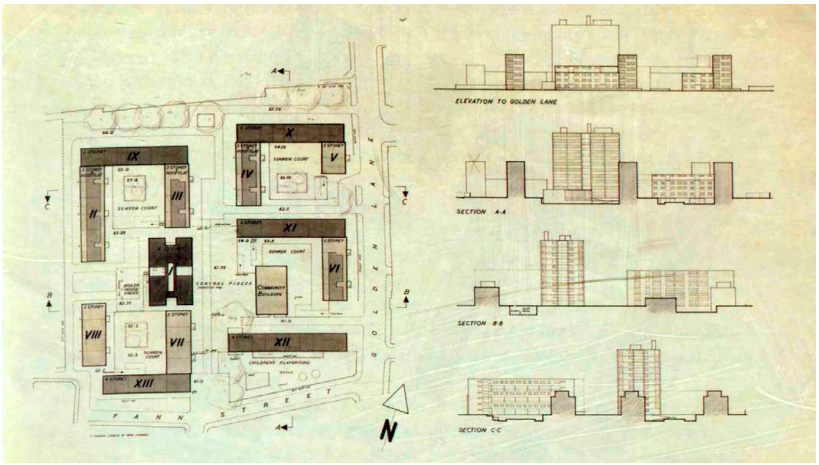


fig. 35. Representação do projeto para o conjunto de *Conjunto Golden Lane*, em Londres. Implantação tipológica na envolvente, realçando a relação diluída que o espaço do quarteirão tem com o seu contexto publico envolvente.

---

84 **FIGUEROA**, **Mário** - *Habitação coletiva e a evolução da quadra*. (p. 6).

85 *Idem*, *ibidem*.

86 *Idem*, *ibidem*.

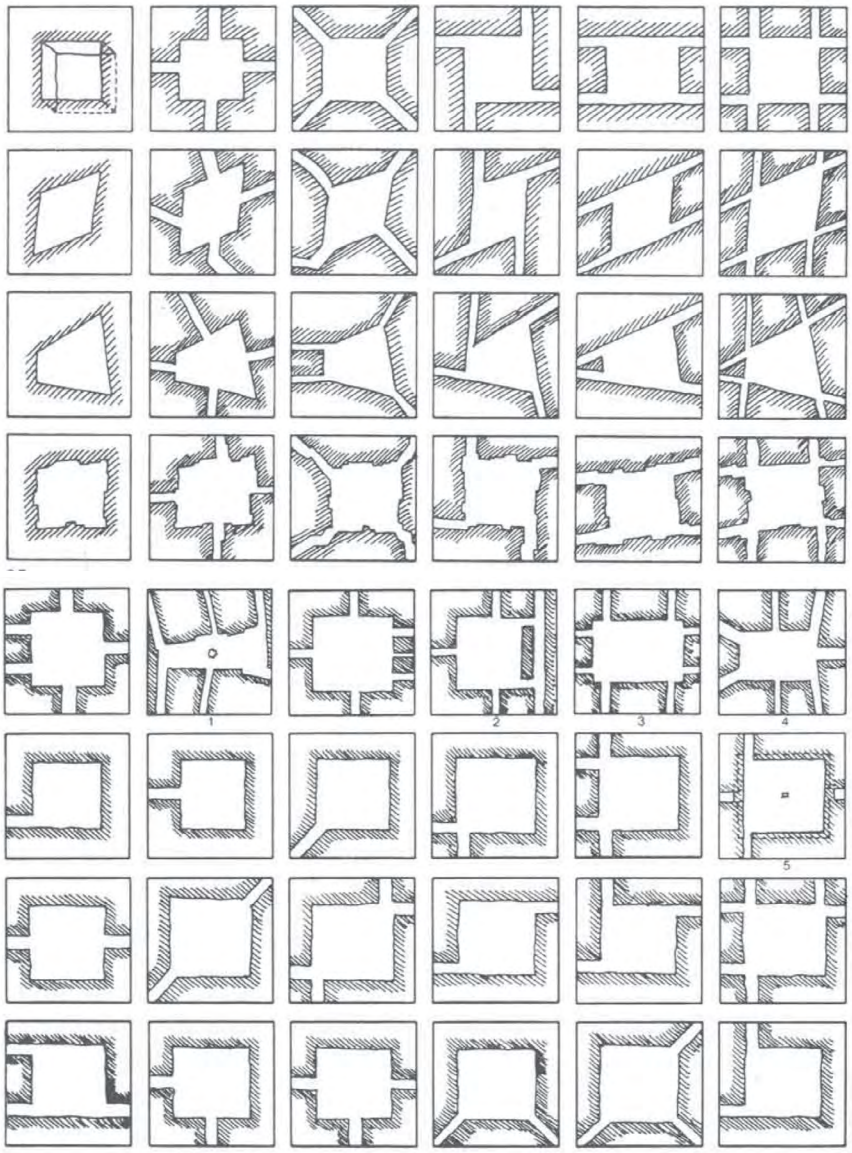


fig. 36. Esquemas tipológicos feitos por *Robert Krier* em *Urban space* (*Morfological series of urban spaces*).

Observações

"A palavra 'tipo' não representa tanto a imagem de uma coisa a copiar ou a imitar perfeitamente, mas sim a ideia de um elemento que, por si mesmo, deve servir de regra ou modelo. ... O 'modelo', entendido de acordo com a evolução prática da arte, é um objecto que deve repetir-se tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objecto em função do qual se pode conceber obras que não se assemelhem nada entre si ... . O tipo surge no momento em que a arte do passado deixa de propor-se como modelo condicionante ao artista. A eleição de um modelo implica um juízo de valor: reconhece-se uma obra de arte como perfeita e trata-se de imitá-la. Mas quando a obra se engloba no esquematismo e na indiferenciação do tipo já não há juízo de valor que comprometa a ação individual do artista: o tipo aceita-se mas não se 'imita'."[87].

Ao analisar algumas das tipologias que surgiram no desenvolvimento do planeamento urbano das cidades, clarifica-se a flexibilidade do tecido urbano. A noção tipo visa dar a conhecer o universo morfológico da ideia de quarteirão e quais as suas constantes sociais e funcionais.

A compreensão tipológica na história, segundo autores como Victor Consiglieri[88], têm três momentos significativos dentro dos dois últimos séculos. O primeiro marca-se pelos discursos de Quatremère de Quincy, Durand, Viollet-Le-Duc, Ruskin e Semper, que defendem que *"a tipologia com um carácter atemporal relativamente aos factores históricos e universais, aplicando-se, pois, em qualquer sociedade"*[89].
No movimento moderno, entre 1920 e 1950, define-se o segundo momento, onde o método tipológico surge também nos princípios estéticos de composição e nas teorias formais, contudo, baseando-se essencialmente nos princípios funcionalistas. Aqui a classificação tipológica estrutura as regras de análise e de classificação da própria arquitetura.
Por último Victor Consiglieri, expõe a fase pós-moderna como o remate destes três momentos. Com o desenrolar da década de 1970 voltam-se a fundamentar os conceitos teóricos da primeira fase, desta vez sobre uma abordagem semiótica.

---

87 **ARGAN**, **Giulio** - *"Sobre el concepto de tipología arquitectónica" in Historia de la arquitectura: Antología Critica.* (p. 49).

88 Victor Consiglieri (1928-2019). Arquiteto português, destacando-se pela atividade de docente entre 1976 e 2005, quer em Lisboa como em Évora, assim como pela autoria de obras como *A morfologia da arquitectura*, *As Significações da arquitectura* e *As metáforas da arquitectura Contemporânea.*

89 **CONSIGLIERI**, **Victor** - *As Significações da arquitectura – 1920-1990*. (p. 147).

"Desde então, o conceito de tipologia tem vindo a procurar soluções morfológicas de carácter universal, sem estarem dependentes do rigor impositivo de princípios funcionalistas, sem conotação com qualquer tipo de regionalismo, mas procurando, antes, a coerência arquitetónica da estrutura, da forma e do tipo."[90].

O domínio tipológico da arquitetura é o que permite dar uma resposta concreta e eficaz à questão do habitar de fazer cidade, "*surgem as dificuldades quando falta esta prática, esta possibilidade e necessidade de verificação*"[91].
Importa, portanto, enquadrar tipologicamente o quarteirão para mais facilmente compreender os potenciais ou constrangimentos dos casos particulares.

---

90 **PIRES**, **Amílcar** - *Os conceitos de Tipo e de Modelo em Arquitectura*. (p. 1).

91 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 34).

2.4_**PORTO**

"A cidade do Porto desenvolveu-se sobre as colinas que dominam o estuário do rio Douro e formou uma paisagem urbana construída numa história já milenar em que a diversidade da arquitetura civil e religiosa testemunha o percurso de um Centro Histórico que remonta às épocas Romana, Medieval, Renascentista, Barroca e Neo-clássica."[92].

No entanto, "*... a habitação corrente da cidade, aquela que domina anonimamente no meio urbano é a habitação burguesa*"[93]. Pelo que é possível, através do estudo de *Francisco Barata*, enquadrar três lógicas que fazem acompanhar o desenvolvimento do tecido urbano portuense até à revolução industrial, completando o contexto do quarteirão desenvolvido no presente trabalho.

"Consideramos que exigirá um tipo de edifício de habitação na área da Ribeira--Barredo, na baixa de Miragaia e nos quarteirões compactos da Sé e da Vitória, que é distinto daquele como que se realizará a expansão almadina; ambos diferem de um terceiro tipo de edifício de habitação que se consolidará a partir da segunda metade do século XIX e cuja construção perdurará até às primeiras décadas deste século. (...) Os três tipos de habitação burguesa - a do Porto mercantilista, a do Porto ilusionista e a do Porto liberal."[94].

---

92 *http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/centro-historico-do-porto/.* (21/04/2022)

93 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 75).

94 *Idem*. (p. 69).

Os quarteirões que integram a forma portuense, vão estabelecer quanto à sua morfologia, uma relação direta com as tipologias habitacionais burguesas que a conformam.
A presente investigação realça assim, quarteirões que se identificam maioritariamente pela tipologia do Porto iluminista e do Porto Liberal, que caracterizando as lógicas habitacionais burguesas enquadram parte da atual cidade do Porto.
A lógica de ocupação iluminista caracteriza-se pelo edificado desenvolvido nas meações exteriores às muralha assim como nas áreas caracterizadas pela expansão almadina, onde se "... *aumenta a grandeza do lote, altera-se a relação do edifício como o logradouro (alguns destes logradouros, realmente profundos, mantêm área ajardinada e horta): ...*"[95]. Posteriormente, com a continuação da expansão almadina surge a fase de tipologia liberal, definindo "*o primeiro tipo de habitação burguesa e urbana do Porto moderno iniciando um processo de industrialização. ... Este tipo não prevê usos mistos e pelo contrário, propõe uma tipologia de habitação de maior complexidade e especialização funcional.*"[96].
O quarteirão de caraterísticas burguesas, integrante do tecido urbano portuense, é quase sempre definido pelo ladeamento de vias, frentes edificadas e pelos consequentes loteamentos[97].

Sobre este enquadramento, "*a habitação burguesa corrente na cidade do Porto parece apresentar grande continuidade, do ponto de vista da análise tipológica, desde o século XVII até ao século XIX.*"[98].

Por volta do ano de 1762, na sequência da restruturação pombalina em Lisboa, é criada a Junta de Obras Públicas como meio de reformar a cidade medieval portuense, que até então se densificara dentro dos limites da muralha fernandina. A Junta de Obras Públicas presidida por João de Almada e sucessivamente pelo seu filho Francisco de Almada, vai criar as condições necessárias para que o quarteirão burguês ganhe forma na logica urbana da cidade. Na consequência das marcantes ações de promoção habitacional e urbana, regidas pela expressão espacial reguladora dos Almadas.

---

95 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 79).

96 *Idem, ibidem.*

97 **TORRES, Alexander** - *Inside out: O interior do quarteirão como espaço urbano*. (p. 22) .

98 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 77).

No entanto, é depois da revolução liberal de 1820 que se sente o novo poder da burguesia como catalisadora no desenvolvimento urbano. *"Se no século XVIII a rua era considerada o elemento fundamental da arquitetura da cidade, no século seguinte o lote individual passou a ser a unidade fundamental de desenvolvimento da cidade."*[99].
Paralelamente ao desenvolvimento da rua, que se destaca até ao início do século XIX, o próprio processo de planeamento urbano, emerge consigo o edificado através da presença dos quarteirões.

Neste período a edificação surge em dialogo direto com os arruamentos da cidade. Seguem-se especificações e morfologias definidas onde o desenho por vezes de frentes de ruas inteiras vai caracterizar a ordem formal estabelecida pelos Almadas. É no seguimento desta fase que se estabelecem padrões para um *"... loteamento regular, com base no lote de 25 palmos (5,5metros) de largura ... , atingindo por vezes os 100 metros"* de profundidade. *"É de salientar que esta regularidade do loteamento com 5,5 metros de largura ou múltiplos desta medida"* vai contribuir mais à frente *"para o desenvolvimento das morfologias das ilhas"*[100].

Após a reforma Almadina, entre os anos de 1851 e 1910, o Porto vai sofrer marcantes alterações, que sobre a luz do ideais liberais marca o período da *Regeneração* em Portugal. Nesta fase, o ministério inicialmente presidido pelo Marechal-Duque de Saldanha, vem induzir um novo desenvolvimento na cidade com as política de construção de infraestruturas de transportes da regeneração.
Estas medidas visaram quebrar o isolamento de vastas regiões do país, assim como dar apoio ao desenvolvimento industrial e comercial das cidades.
Consequentemente, é sobre este objetivo de modernização que a indústria se faz instalar na realidade urbana e onde a problemática da habitação operária vai deixar uma marca permanente no miolo do quarteirão portuense. Surge então a morfologia das ilhas na génese da habitação operária.
A modernização do país neste período traduz-se no Porto através das principais vias de acesso, nomeadamente das pontes que vão marcar a atmosfera atual da cidade.

É na freguesia de Campanhã que se faz sentir, inicialmente, a presença industrial no Porto, que se desenvolve com a construção da ponte ferroviária D. Maria sobre o rio Douro em 1877. O centro, contudo, vai sentir uma maior pressão da indústria com a

---

99 **COSTA**, **Francisco Tiago** - *Requalificação dos Interiores de Quarteirão do Porto*. (p. 24).

100 *Idem, ibidem*.



fig. 37. Rua de S. Vitor, Porto - principais tipologias de ilhas. Representação das linhas urbanas formais que se regeram pela consolidação das ações urbanas do século XIX.



fig. 38. Entrada para ilha construída no interior do quarteirão.

inauguração da ponte D. Luís I em 1886. Com dois tabuleiros em dois níveis diferentes, esta ponte permitiu a deslocação do congestionamento do centro da cidade, na zona ribeirinha, para a zona mais alta da cidade e a consolidação do desenvolvimento urbano para norte, como fora previsto um século antes pelos Almadas[101].

De modo geral a difusão dos meios de transporte, de novas ruas e das novas áreas habitacionais vão permitir um consolidação da malha da cidade sobre os eixos rasgados pelos Almadas, que fazendo-se acompanhar da fixação da classe burguesa, vão impulsionar o crescimento e a expansão da cidade até aos finais do século XIX.

"*É esta burguesia que constrói n(o) centro urbano portuense até meados do século XX, instalando-se nos interstícios do poder produtivo (a indústria a Norte da cidade) e do poder administrativo (a Avenida dos Aliados e espaço circundante).*"[102].
É possível ainda, na cidade do Porto, registar alguns interiores de quarteirão que mantiveram a sua lógica de lotes, e onde se reconhece claramente a unidade habitacional à face da rua e jardim nas traseiras. "*Foram, na sua génese, projetos de espaço doméstico e de estruturação urbana, protagonizados pelas chamadas casas do século XIX que hierarquizaram a intimidade enquanto faziam cidade:(..)"*[103]. No espaço exterior público as vias definem-se pelo alinhamento coerente das fachadas, geralmente estreitas e contíguas. Enquanto que no interior testemunha-se uma continuidade do espaço privado para o jardim nos fundos.
Esta tipologia, na sua sucessão de espaços interiores e exteriores vai materializar uma redefinição da vida privada, que se estabelece com o assentar dos valores e hábitos da família burguesa. A ligação, da classe burguesa do século XIX com o espaço, criou assim claros limites entre o público e o privado, onde o núcleo do quarteirão se manisfesta como parte do universo intimista e familiar.

"*A partir do final dos anos 20 surgem modelos habitacionais com uma escala que aparenta uma clara importação e adaptação de modelos, provenientes por exemplo, de Lisboa, Paris ou Genebra. Contudo, nesses mesmos edifícios, a linguagem, as opções de acessos e de distribuição espacial e funcional sugerem algumas perma-*

---

101 **TEIXEIRA**, **Manuel** - *Habitação popular na cidade oitocentista - as ilhas do porto*. (p. 17).

102 **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. (p. 138).

103 **SILVA, Joana** - *O interior de um quarteirão do Porto: entre o público e o privado.* (p. 1).



fig. 39. Análise do crescente desenvolvimento das matrizes urbanas que consolidaram a atual cidade histórica portuense. A transformação do quarteirão como fenómeno urbano.

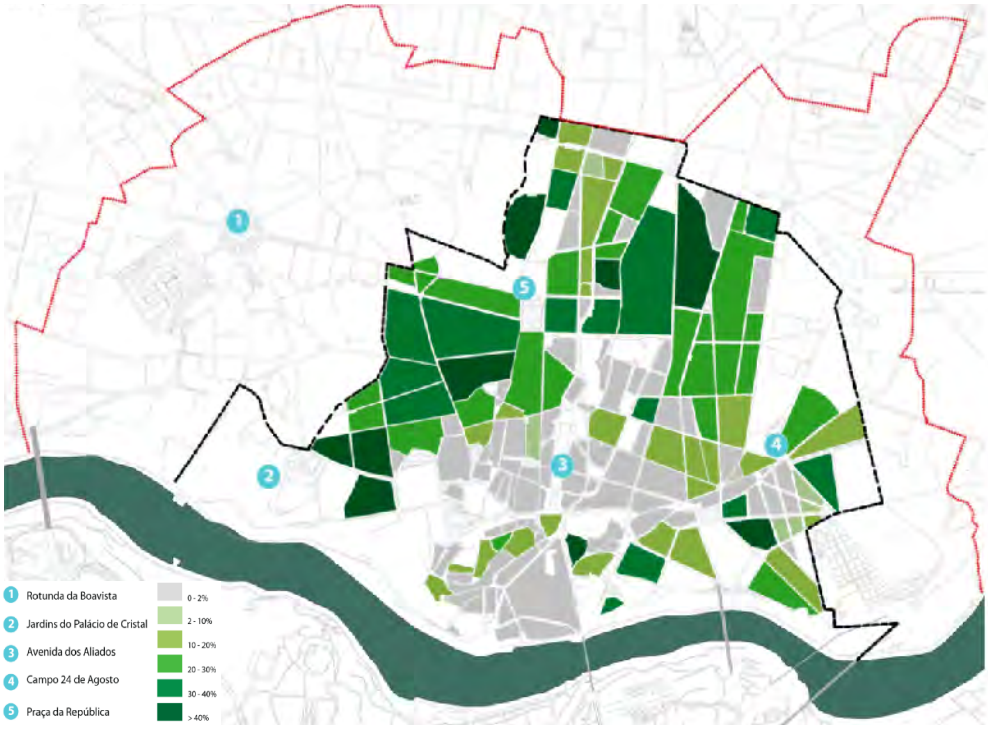


fig. 40. Planta da cidade do Porto. Analise da área potencial (não edificada) dos quarteirões.

nências de um modo de construir portuense."[104]. No entanto, "*a partir dos anos 20, e particularmente no período em estudo (situado entre 1920 e 1960), parece ser credível afirmar que existe uma transformação significativa nas práticas de edificação.*".[105]

Apesar da constante transformação na habitação e nas próprias relações familiares, que acompanharam o desenvolver da cidade, ainda sobrevivem exemplos na atmosfera portuense que são identificáveis pela já referida sucessão de fachadas estreitas, "*mas muitas vezes profundamente desfiguradas, umas pelo abandono que as destrói exponencialmente, outras por projetos desinformados e pouco respeitadores da sua memória.*"[106]. Segundo a autora, Joana Vieira da Silva, Alguns dos exemplos sobre esta tipologia de quarteirão transformaram-se segundo diretrizes legais, indo ao encontro das decorrentes noções de conforto e segurança *"que não se conciliaram com a tradição técnico-construtiva e tipológica das mesmas, impondo a preservação da fachada e ignorando o edifício e a sua organização no lote como um todo coerente."*[107].

Em 1974 iniciam-se operações de reabilitação urbana no centro histórico do Porto, levadas a cabo pela *CRUARB*[108] (Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo), que se responsabilizou pela candidatura do Porto na "*... classificação pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade, ... A candidatura foi iniciada em 1993 e conheceu um impulso decisivo já em 1996, data em que o Comité do Património Mundial, da UNESCO, aprovou a classificação."*[109].
Este fator tornar-se importante no desenvolvimento do quarteirão tradicional burguês, introduzindo paralelamente, aos benefícios de uma classificação do centro medieval e das posteriores intervenções do século XIX, um aumento no custo de

---

104 **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. (p. 138).

105 *Idem.* (p. 141).

106 **SILVA, Joana** - *O interior de um quarteirão do Porto: entre o público e o privado.* (p. 1).

107 *Idem, ibidem.*

108 A *CRUARB* foi a entidade responsável pela recuperação e reabilitação do Centro Histórico do Porto, em Portugal, entre 1974 e 2003, cuja atividade se tornou decisiva para a apresentação da candidatura do Centro Histórico do Porto à UNESCO na classificação como Património Cultural da Humanidade, em 1991.

109 **LAGO, Patrícia Alexandra** - *A utilização de quarteirões-tipo nas estratégias de regeneração urbana nos centros históricos.* (p .77).

investimento do centro histórico, que é substancialmente maior que em outras zonas sem restrições e mais atrativas, dando lugar ao abandono, responsável pela desconfiguração de uma herança que cai pontualmente na obsolescência. Esta obsolência genérica que a cidade sente ao entrar no século XXI acaba por ter um reflexo inevitável na leitura dos casos de estudos que este trabalho visa compreender.

"Ao longo do século XX, os factores económicos que ajudaram a moldar a cidade a uma escala mais geral continuaram a existir. A ação de agentes especuladores e o desejo de maximizar o valor dos terrenos continuou a ter forte influência na forma como a cidade cresceu e se desenvolveu.
Adicionalmente, e tendo mais em foco o caso dos centros históricos da cidade, o congelamento das rendas e os altos níveis de inflação registados no decorrer dos últimos anos conduziram à debilitação do mercado de arrendamento urbano ao reduzir a capacidade financeira dos proprietários, o que contribuiu para o crescente abandono e envelhecimento de edifícios antigos no centro da cidade. Estes, privados de manutenção e reabilitação tornaram-se pouco atrativos para a população, quer por estarem degradados, quer por não responderem aos critérios de habitabilidade"[110].

[110] **BAPTISTA, António**; **MARTINHO, Maria Albina** - *Programas urbanos e reabilitação urbana*. (p. 65).

03_CASOS DE ESTUDO

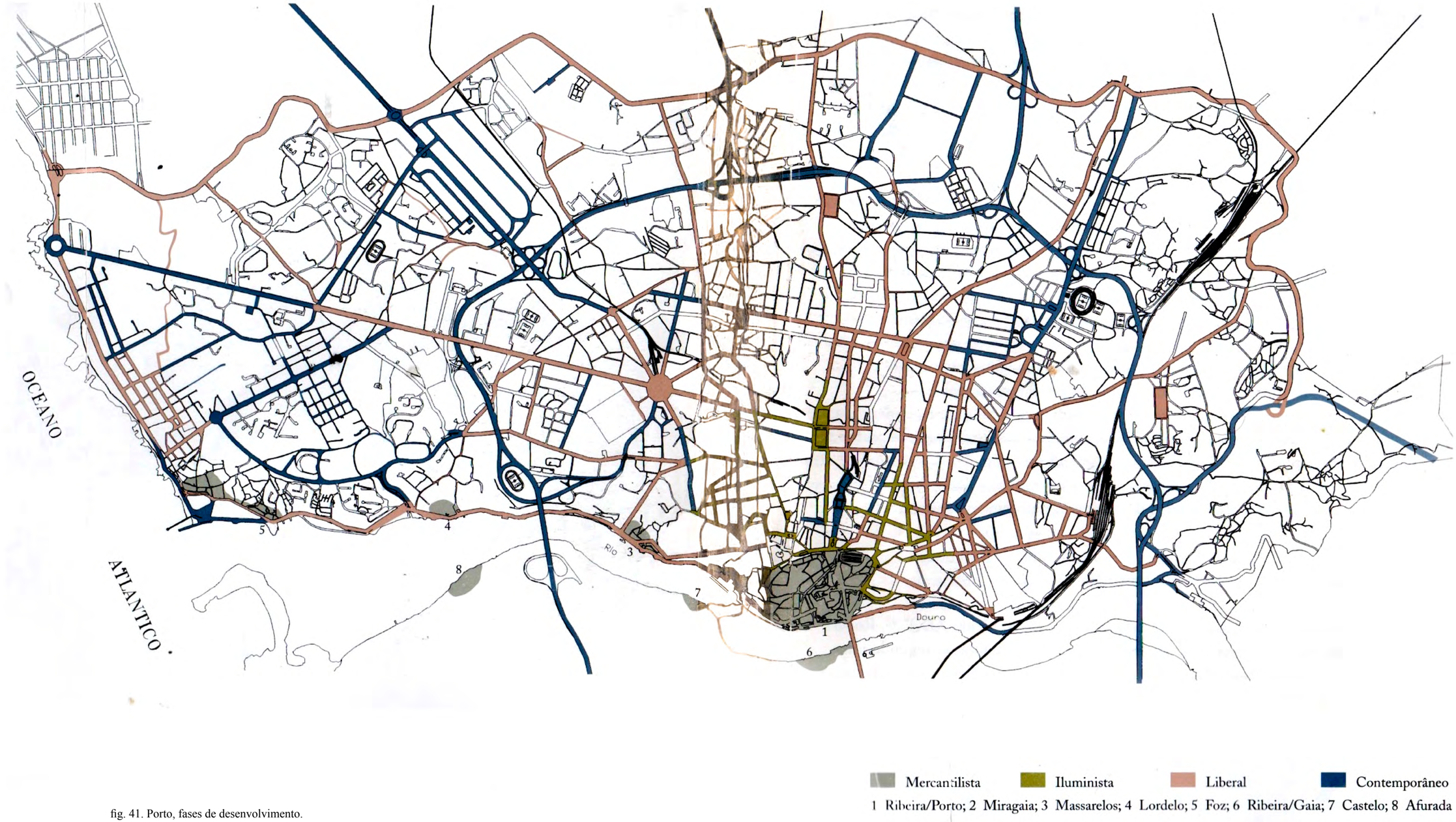


fig. 41. Porto, fases de desenvolvimento.

3.1_**SELEÇÃO**

Dentro do contexto onde se desenvolveram as lógicas da edificação que compõem parte significante do tecido urbano portuense atual, e de onde surge o quarteirão de carácter burguês que a presente investigação visa estudar com caso de estudo, é possível definir três domínios introduzidos por Francisco Barata que contextualizam tipologicamente os casos em estudo.

"*Assim, optámos por denominar as três fases em função de três grandes temas da História que desempenham um papel fundamental na estruturação do período compreendido entre os finais do século XVI e o século XIX: o mercantilismo, o iluminismo e o liberalismo.*"[111].

Expor as fases que compreendem a lógicas do quarteirão burguês, permite analisar o desenvolvimento desta tipologia caracterizadora e definidora do tecido urbano atual, materializando o quarteirão foco no corrente trabalho.
No entanto, como já referido, os domínios ideológicos que vão dar origem ao quarteirão burguês que maior importância têm para a análise, são as fases iluminista e liberal, que estruturam principalmente o desenvolvimento da cidade extra muros fazendo-se acompanhar do consequente planeamento almadino. A fase, que se define pelo mercantilismo, desenvolve-se ainda dentro da lógica burguesa medieval, que dentro dos limites muralhados dá origem a quarteirões compactos de morfologia orgânica e onde a possibilidade de estudar o quarteirão com um núcleo exterior, paralelo à vivência da rua, se torna reduzida. Complementarmente,

---

111 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 77).



Quarteirões fechados

Quarteirões incompletos

fig. 42. Representação de parte da área metropolitana do Porto, estudando a composição da malha urbana composta por quarteirões fechados e incompletos.

outro fator pela qual se evita usar esta tipologia morfológica no estudo da análise do quarteirão burguês portuense, é o facto de se encontrar comprimido essencialmente num ponto da cidade. "*Dentro de muralhas, e particularmente nas zonas da Ribeira-Barredo e da Sé, domina o preenchimento integral do lote de matriz medieval: trata-se do processo de formação da casa do Porto mercantilista.*"[112]. Pelo que reduz a possibilidade de fazer uma leitura mais integra e completa da cidade.

O presente capítulo visa enquadrar a seleção dos três casos de estudo analisados no decorrer deste trabalho. Compreende-se o universo de análise a área da cidade do Porto entre os limites da VCI e o rio Douro, com o objetivo de definir um limite para o espectro de casos possíveis.

Sobre esta esfera, enquadrando as fases de desenvolvimento ilustradas na *fig. 41* que conformam os casos de interesse, quer na fase iluminista quer na fase liberal, surge a necessidade em fazer uma análise extensiva da malha urbana portuense de modo a compreender o universo de casos possíveis e relevantes a aprofundar na sequência da investigação.

Na *fig. 42* procura-se observar a forma do tecido urbano portuense quanto à unidade tipológica que se define pelo cruzamento de traçados. Na figura marcam-se como *quarteirões fechados* aqueles que se delimitam apenas por vias de acesso público, e por *quarteirões incompletos* aqueles que apresentam ter uma ou mais frentes definidas pelas traseiras de um espaço privado ou por vias reservadas.
Com este levantamento objetiva-se enquadrar a forma tipológica do tecido urbano que engloba a definição de quarteirão na cidade do Porto. Sendo este, "*um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios, também um modelo de distribuição de terra por proprietários fundiários. Como é também o modo de agrupar edifícios no espaço delimitado pelo cruzamento de traçados.*"[113].

---

112 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 79).

113 **LAMAS, José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade.* (p. 8).



Casos possíveis

Seleção quarteirões tradicionais

fig. 43. Representação da área metropolitana do Porto, estudando a composição da malha urbana composta por quarteirões de características tradicionais ou burguesas, completado com o mapeamento do casos possíveis a serem aprofundados com casos de estudo (casos de interesse).

Dentro deste primeiro levantamento identifica-se duzentos e oito elementos caracterizadores e definidores do tecido urbano, como representado na *fig. 43*, que vão de encontro à definição tipológica de quarteirão, na sequência das fases acima descritas. É então possível observar, que as tipologias do quarteirão tradicional burguês se fazem acompanhar das principais vias traçadas na sucessiva expansão da cidade, como ilustrado na *fig. 41* por Francisco Barata.

Sobre os duzentos e oito quarteirões que representam a tipologia aqui desenvolvida (dentro da área metropolitana do Porto), demarcam-se aqueles que podem suscitar interesse como casos de estudo a aprofundar, quer pela sua composição morfológica quer pela sua associação com a envolvente pública. Esta leitura é feita com o propósito de filtrar os três casos de estudo, que objetivam convergir para uma representação clara da tipologia em estudo.

Os trinta e quatro casos que se destacam a amarelo na *fig. 43*, para além de se distinguirem a cima dos outros pelas características morfológicas claras e indissociáveis, demarcam-se em última estância pela formação nítida de seus núcleos.
Na representação deste conjunto (casos de interesse) ilustra-se a totalidade de casos cujo núcleo pertence a uma de três categorias: os quarteirões cujo seu núcleo se desenha inteiramente de logradouros, o núcleo dominado não compartimentado ou indefinido e o núcleo que apresenta uma relação mista de ocupações com o interior do quarteirão. Procura-se assim representar de modo controlado a diversidade que engloba a realidade dos quarteirões portuenses de carácter burguês, e o seu interesse destes espaços no contexto da cidade contemporânea.

Complementar ao capítulo sobre as questões tipológicas, importa referir que contrariamente à noção de modelo, "*... entendido de acordo com a evolução prática da arte, é um objecto que deve repetir-se tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objecto em função do qual se pode conceber obras que não se assemelhem nada entre si.*"[114].
O tipo integra nele a singularidade.
Consequentemente, cada caso de estudo vem introduzir olhares diferentes sobre a mesma temática, permitindo extrair conclusões gerais sobre o carácter que define a identidade quarteirão burguês como objeto qualificador do tecido urbano portuense.

---

114 **ARGAN**, **Giulio** - *"Sobre el concepto de tipología arquitectónica" in Historia de la arquitectura: Antología Critica.* (p. 49).

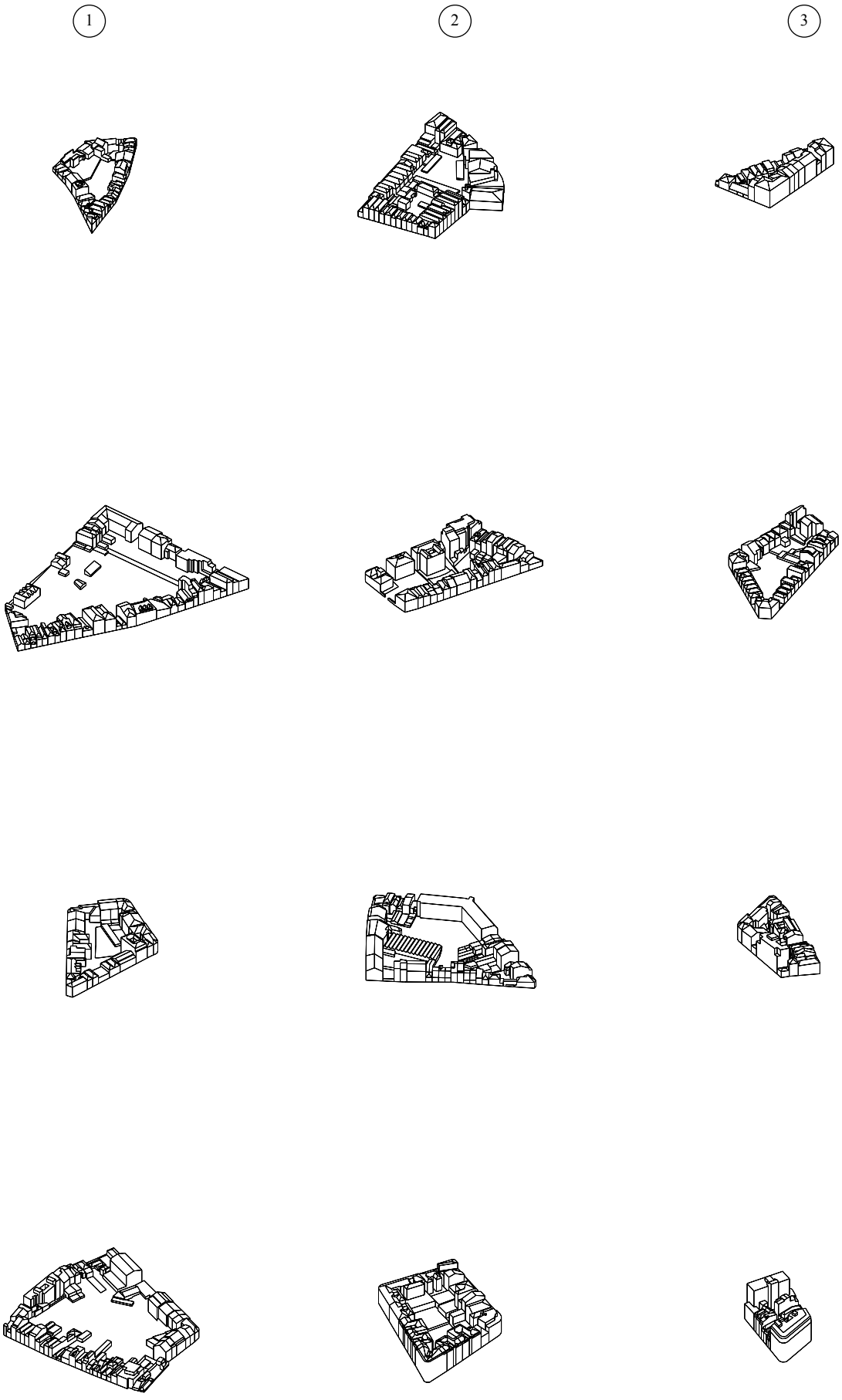


fig. 44. Representação axonométrica de doze quarteirões que suscitam interesse como casos de estudo, dividindo-se em três colunas verticais consoante a tipologia dos seus núcleos.

Em continuidade com a seleção dos três casos, que pela particularidade visam representar a questão tipológica em estudo, torna-se importante que o objecto represente alguma variedade nos elementos que o compõem. Evita-se assim analisar casos de estudo que mostrem uma grande uniformidade, para que o espectro da análise seja mais diverso e consequentemente capaz de criar analogias relevantes dentro do grupo tipológico.

Segundo Francisco Barata, dentro das noções que formam a cidade é possível apreender três parâmetros, o relevo, o espaço público e o conjunto edificado.
"*Utilizando estas variáveis, verificamos imediatamente que na cidade, qualquer que seja a sua dimensão, natureza ou época histórica, domina o tema da habitação, no sentido especifico de residência, de 'residere'. Verificamos igualmente a importância que tem a modelação do edifícios de habitação na caracterização global da forma urbana.*"[115] . De modo complementar, foca-se o estudo em casos que permitam uma leitura clara da tipologia habitacional.

Sobre esta preocupação vem a necessidade de olhar sobre quarteirões cujo núcleo seja mais ou menos contido, para que a caracterização dos diferentes espaços partilhe de uma noção de conjunto.

Consequentemente às premissas referidas, é feita a seleção de doze casos de estudo, que visam manter o equilíbrio das três categorias que apoiaram a escolhas dos trinta e quatro quarteirões ilustrados a amarelo na *fig. 43* (os núcleos consolidados inteiramente por logradouros, os que se definem por um vazio não fragmentado e os que mostravam uma relação mista de ocupações com o interior do quarteirão).
Os doze quarteirões ilustrados na *fig. 44*, surgem a partir da seleção de quatro casos de estudo em cada uma das três categorias mencionadas.

1 *núcleos de morfologia uniforme* (vazios comuns e/ou indefinidos)

2 *núcleos de morfologia mista*

3 *núcleos de morfologia compartimentada*

---

115 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 59).

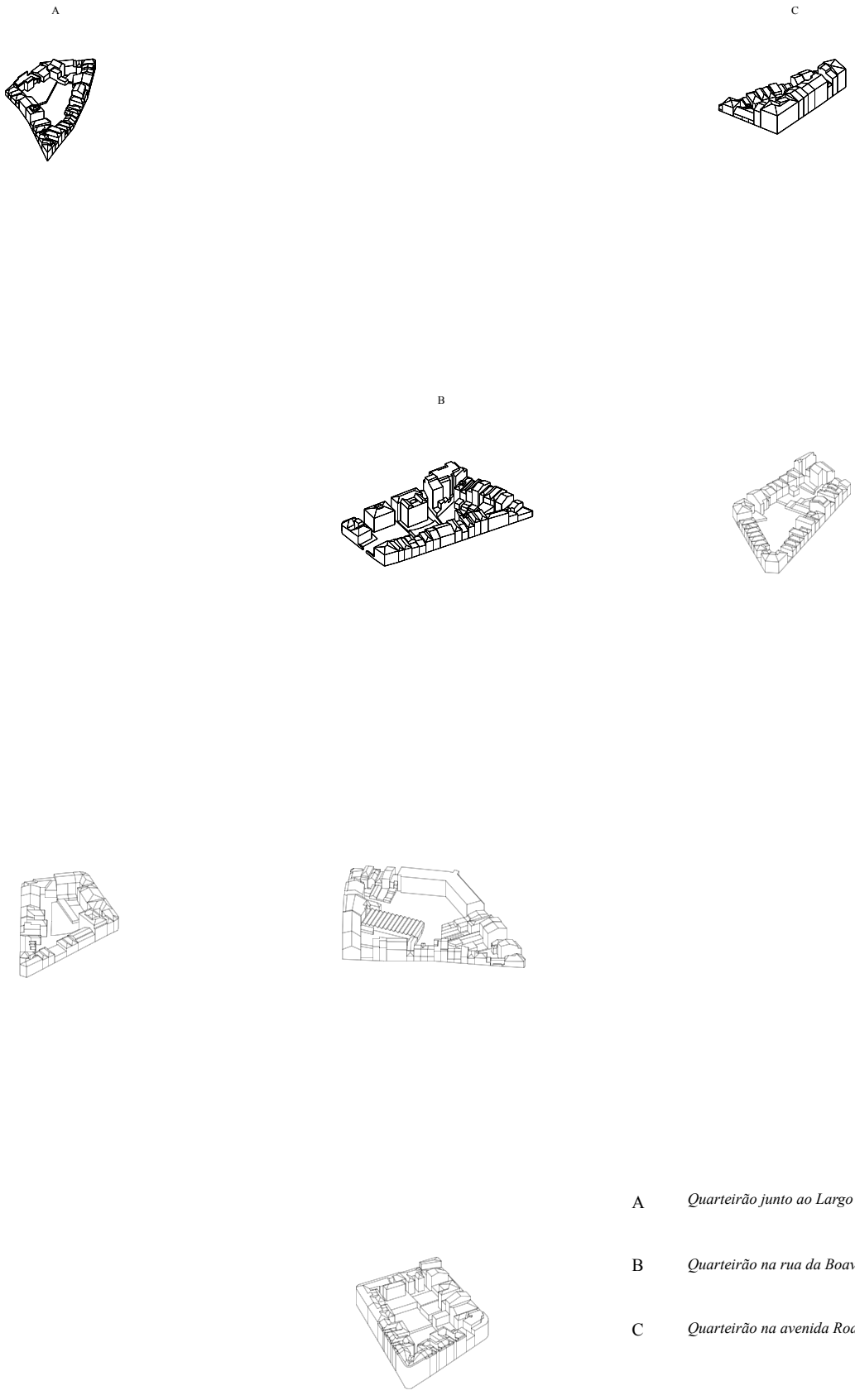


fig. 45. Representação axonométrica de sete quarteirões que determinam a seleção dos três casos de estudo a aprofundar.

A presente seleção procura não só mostrar um conjunto de quarteirões de caraterísticas tradicionais burguesas (catalisadas pelos ideais iluministas e liberais, entre o séculos XVII e XIX) cuje o seu miolo se consolida morfologicamente de modos distintos e complementares, mas procura também facilitar de modo consciente uma filtragem equilibrada dos casos de estudo possíveis.

Responde-se à seleção de três casos de estudo, dentro dos doze quarteirões acima organizados, com o objetivo fundamental de agrupar o número mínimo de casos que enquadre uma leitura completa da presente tipologia e que complementarmente permita, dentro dos limites logísticos de tempo e extensão do trabalho, um aprofundar relevante de cada objeto.
Dos doze quarteirões apresentados, procura-se então selecionar um caso por cada uma das três tipologias que conformam os respectivos núcleos exteriores, retirando as situações onde a dimensão, pela extensão, não permitiria uma análise equilibrada entre as restantes opções, assim como as situações cuja importância já se encontra representada por questões de semelhança. Como resultado, surgem enquadrados os sete casos ilustrados na *fig. 45*.

Expõe-se deste modo, a utilidade em aprofundar casos que apresentem uma escala mais reduzia, com o intuito de desenvolver com mair profundidade os consequentes parâmetros de análise.
Sobre este fator procura-se, no diálogo entre as plantas das *fig. 41* e *fig. 43*, encontrar três casos de estudo que ilustrem um desenvolvimento evolutivo da tipologia do quarteirão burguês. Três casos que se definissem complementarmente, pela lógica iluminista, pela lógica mista entre vias tanto da fase iluminista com liberal, e por vias caracterizadoras unicamente da lógica liberal, integrando origens distintas no desenvolvimento da cidade.
Selecionam-se deste modo os três casos a baixo apresentados, por cumprirem com os filtros de seleção referidos que, por necessidade, vão ser desenvolvidos paralelamente às informações disponíveis nos arquivos da *Câmera Municipal do Porto*.

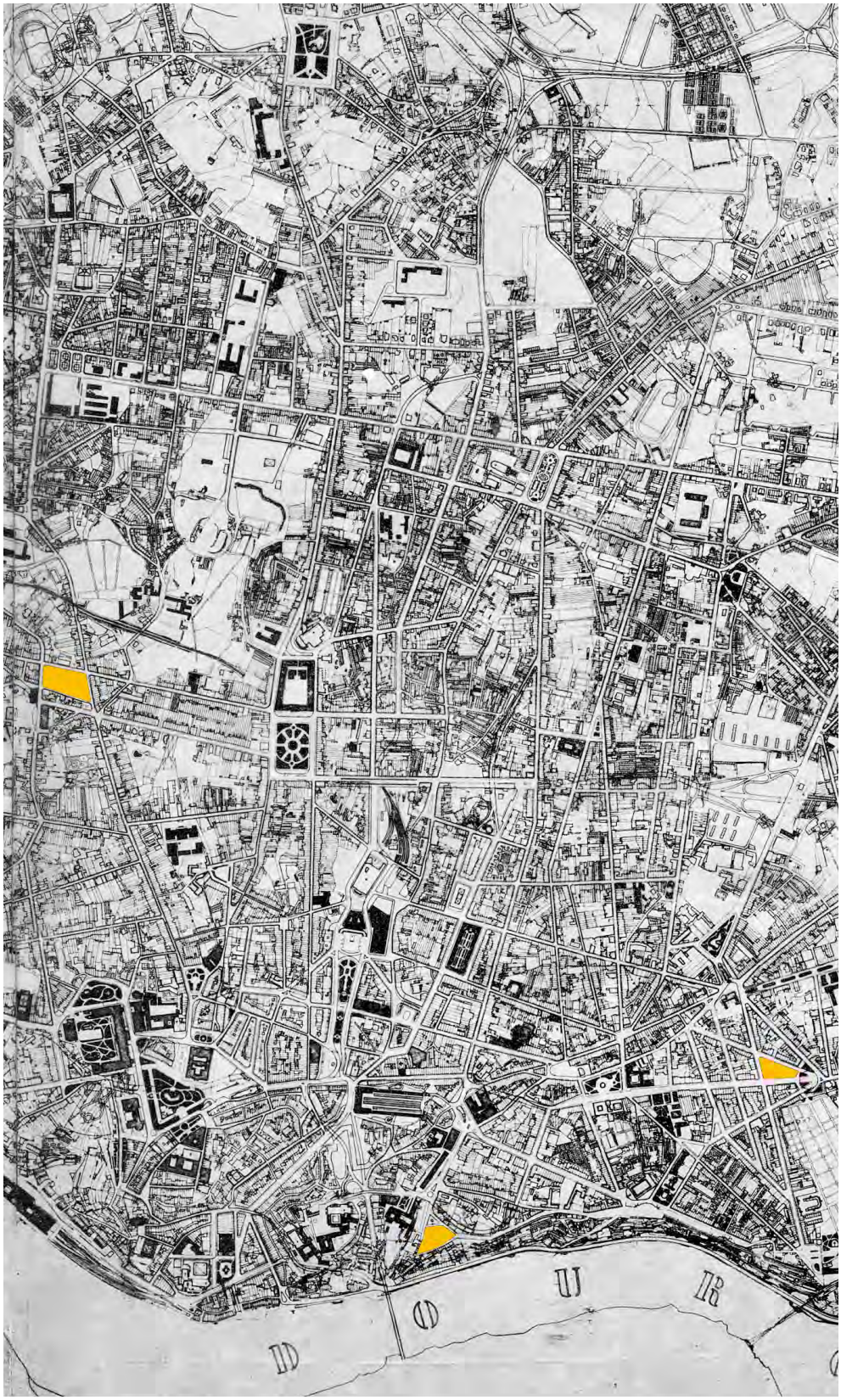


fig. 46. Implantação dos três casos de estudo na malha urbana portuense.

3.2_EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Os quarteirões analisados no presente trabalho, vão surgir fundamentalmente com o desenvolvimento das classes burguesas portuenses, expandindo a forma urbana para fora dos limites da muralha Fernandina, que até os meados do século XIX sofrera uma crescente densificação. "*As freguesias centrais da Sé, S. Nicolau, Vitória e Miragaia - dentro de cujos limites se incluía a cidade muralhada - , tinha alcançado, por volta de 1864, densidades habitacionais muito elevadas ... . A burguesia havia abandonado, progressivamente, as áreas mais antigas do Porto e ido habitar os novos bairros que lentamente iam sendo construídos e consolidados na periferia do velho núcleo urbano.*"[116].

Sobre o crescimento periférico da cidade, catalisado pela classe burguesa, surgem cronologicamente os quarteirões em estudo.
Contudo, a base cartográfica que permite analisar o desenvolvimento morfológico do tecido urbano, integrando cada um dos casos selecionados, limita-se pelos primeiros mapas detalhados existentes da cidade.
Estes surgem apenas no inicio do século XIX, nomeadamente com o registo cartográfico de George Black, datado de 1813, onde se vai analisar com maior detalhe o crescimento da cidade do Porto e o consequente desenvolvimento morfológico dos quarteirões, encontrando-se já desenhados "*... os principais eixos rasgados pelos Almadas ... razoavelmente ocupados por construções*"[117].

---

116 **TEIXEIRA**, **Manuel** - *Habitação Popular na Cidade Oitocentista - As Ilhas do Porto*. (p. 20).

117 *Idem*. (p. 19).

Pelo que, a quando desta fase, já se encontra definido o quarteirão junto ao largo Actor Dias, que sobre os ideais iluministas desenvolve-se na ligação direta com a muralha fernandina, a nascente da cidade medieval.
É possível observar nesta fase, através dos traçados almadinos para a expansão da rua de Cedofeita, os primeiros edificados que vão definir o quarteirão junto à rua da Boavista, no decorrer do século XIX e da consequente fase liberal.
Enquadra-se assim, sobre o contexto cartográfico, que o último dos casos de estudo a surgir na malha da cidade portuense é o quarteirão mais a Este junto à atual avenida Rodrigues de Freitas, sendo este planeado nos finais do século XIX, na sequência da ponte ferroviária sobre o rio Douro em 1877[118], e desenvolvido no decorrer do século seguinte.

Em conformidade com os objetivos do trabalho cada um dos casos selecionados surge na cidade em diferentes fases da história.

O quarteirão junto ao largo Actor Dias, mostra um desenvolvimento intuitivo e orgânico no diálogo com a entrada da muralha (porta do Sol) e com o seu contexto topográfica. Onde as influências da habitação burguesa, que integram hoje imóveis de interesse patrimonial[119], se mostram suficientes para que o edificado se desenvolva sobre um núcleo exterior, caracterizando a lógica de quarteirão do Porto iluminista. "*Fora de muralhas, mas na sua proximidade, e nas áreas de expansão almadina, aumenta a grandeza do lote, altera-se a relação do edifício como o logradouro (alguns destes logradouros, realmente profundos, mantêm área ajardinada e horta): são as casas do Porto ilusionista.*".
É sobre a identidade ajardinada e de horta, pertencente ao logradouro de uma das casas burguesas, que este caso chega à atualidade caracterizado de um núcleo pouco fragmentado e potencializador do quarteirão como elemento resiliente às constantes transformações urbanas.

O quarteirão na rua da Boavista, no ponto Nordeste da *fig. 46*, resulta da extensão desta mesma rua (fase liberal) na continuidade do cruzamento com a rua de Cedofeita (fase iluminista), formando um conjunto de frentes de rua sobre um núcleo geométrico e definido. Contudo, este caso definindo-se pelas linhas que integraram a expansão burguesa da cidade do Porto, vai desenvolver na frente com a rua da Boa-

---

118 Na sequência da linha férrea de Lisboa concluída com a inauguração da Ponte de D. Maria Pia, no dia 5 de Novembro de 1877, afirma-se a área de Bomfim-Campanhã como importante zona industrial, catalizando o crescimento e planeamento urbano na região Este da cidade do Porto.

119 Ver extrato da planta de ordenamento, CMP em anexo, p. 258.

vista edifícios que introduzem uma nova lógica no desenho da habitação burguesa.
"*A partir do final dos anos 20 surgem modelos habitacionais com uma escala que aparenta uma clara importação e adaptação de modelos, provenientes por exemplo, de Lisboa, Paris ou Genebra. Contudo, nesses mesmos edifícios, a linguagem, as opções de acessos e de distribuição espacial e funcional sugerem algumas permanências de um modo de construir portuense, ...*"[120]. Deste modo, os edifícios que protagonizam os modelos habitacionais referidos surgem entre as décadas de 1940 e 1960, afirmando "*uma transformação significativa nas práticas de edificação*"[121], que complementa os edificado de lógica burguesa oitocentista nas restantes frentes do quarteirão.

Por último, e contrariamente ao quarteirão junto ao largo Actor Dias, o caso de estudo junto à avenida Rodrigues de Freitas apresenta na sua origem uma implantação integralmente planeada, onde os limites formais do quarteirão preexistem qualquer edificado. Aqui o edificado define-se sobre uma malha ortogonal que integra um planeamento para o desenvolvimento da cidade na relação com a emergente área industrial de Bonfim-Campanhã, que cresce no último quartel do século XIX.
Neste caso, os edifícios que se constroem sobre as matrizes da burguesia liberalista na primeira metade do século XX, integrando na sua maioria habitações unifamiliares, vão ser parcialmente substituídos na relação do quarteirão com a avenida Rodrigues de Freitas, que mantém as habitações burguesas preexistentes no diálogo com as vias secundárias.

Complementa-se assim três formações, que desfasadas no tempo, integram a tipologia, caracterizadora e definidora do tecido urbano portuense, que é o quarteirão burguês.

---

120 **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. (p. 138).

121 *Idem*. (p. 141).

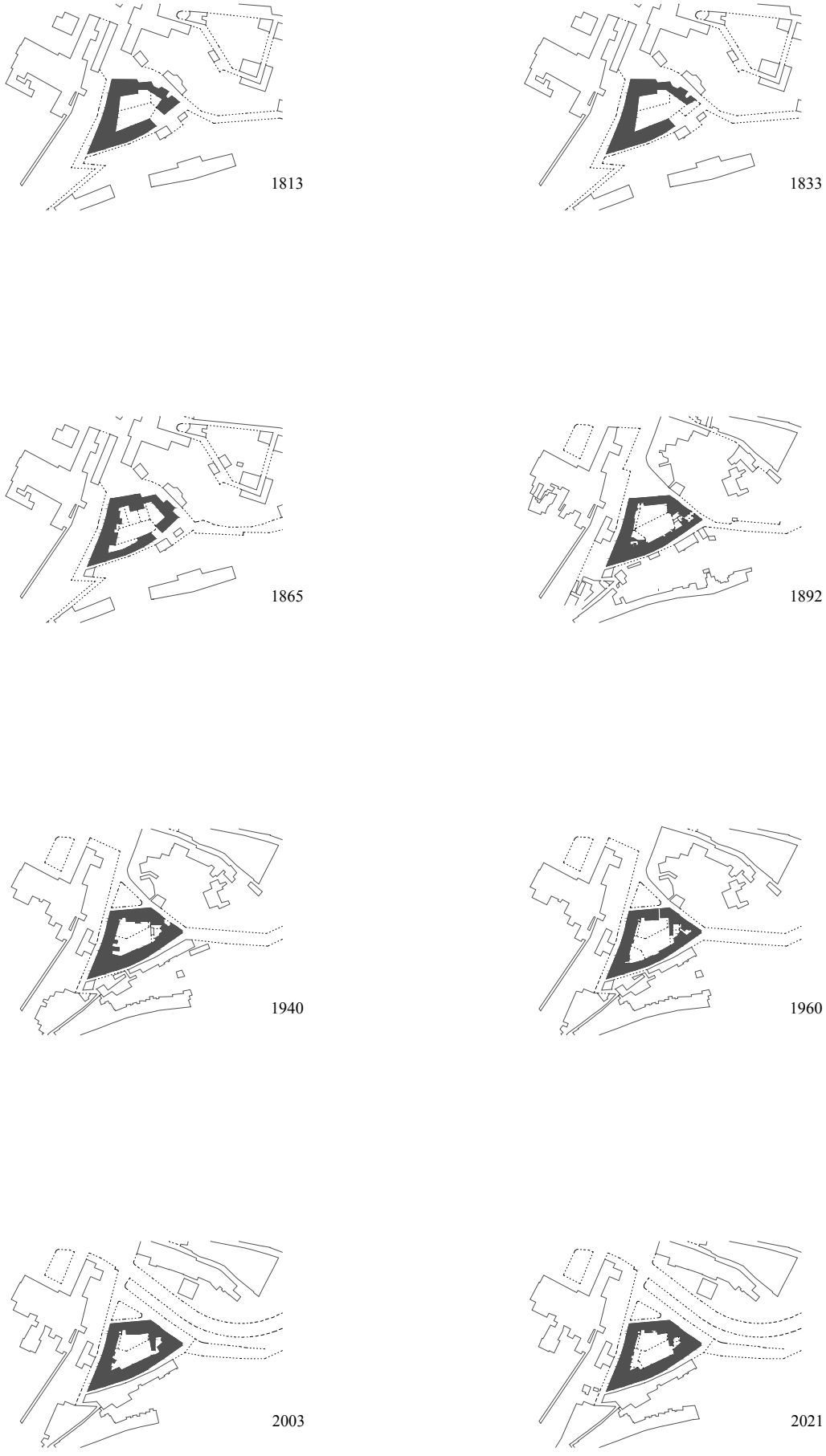


fig. 47. Evolução cronológica do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

Quarteirão junto ao Largo Actor Dias

O quarteirão aqui estudado, apesar de apresentar na sua génese algumas tendências de composição medieval (especialmente nos lotes que acompanham a rua do Miradouro) ganha forma sobre a influência do desenho habitacional burguês que se estende extra muros no decorrer dos séculos XVII e XVIII.
Este espaço caracteriza-se inicialmente pela relação preexistente com Porta do Sol (entrada Este da muralha fernandina) e pela posição sobre o rio, que, em continuidade com o passeio das Fontainhas dá origem à atual rua do Miradouro.
Em conformidade com a topografia acentuada, o quarteirão desenvolve-se de modo intuitivo pelas vias de acesso à porta Este da cidade que definem a frente Norte do quarteirão, e pela imposição natural do vale do Douro que se complementa pelas qualidades do quadrante Sul.
No quadrante Oeste, onde ainda hoje se define pela escada dos Guindais, responsável por ligar a zona da Batalha à zona ribeirinha, desenvolvem-se as habitações pertencentes às famílias burguesas mais ricas, que se traduzem atualmente no conjunto de edifícios de interesse patrimonial que integram o caso de estudo. Consequentemente, estes lotes ganham protagonismo com a construção do elevador dos Guindais em 1891, sendo responsáveis pela identidade unitária que o miolo do quarteirão carrega até aos dias de hoje, na apropriação integra do seu núcleo exterior como lote único.

No entanto, um elemento indissociável à identidade do quarteirão, é a área designada inicialmente, pelo largo da porta do Sol e que a partir de 1830 se passa a chamar largo da Polícia.
O largo vem caracterizar-se com a restauração do chafariz no seu ponto central, na sequência da demolição da porta do Sol em 1875, estabelecendo assim a sua importância como espaço público da cidade.
Conhecido hoje por largo Actor Dias, confere uma identidade na sua relação com o quarteirão, distanciando os habitantes e os consequentes fogos do fluxo viário (em especial da atual rua do General Sousa Dias) e possibilita, nomeadamente na frente Norte, manter parte do caráter intimista que o define ainda hoje.

Como já referido, o quarteirão aparece nos primeiros registos cartográficos com implantação já bastante definida. Consolidando-se por completo em 1892, onde alberga na totalidade do seu interior o jardim pertencente à habitação que vem mais tarde integrar a unidade de saúde do Guindais, extensão do Centro de Saúde da Batalha (hospital de Santa Clara). É sobre o lote que integra o jardim, que o miolo do quarteirão mantém o carácter desimpedido e pouco fragmentado que o define na atualidade.

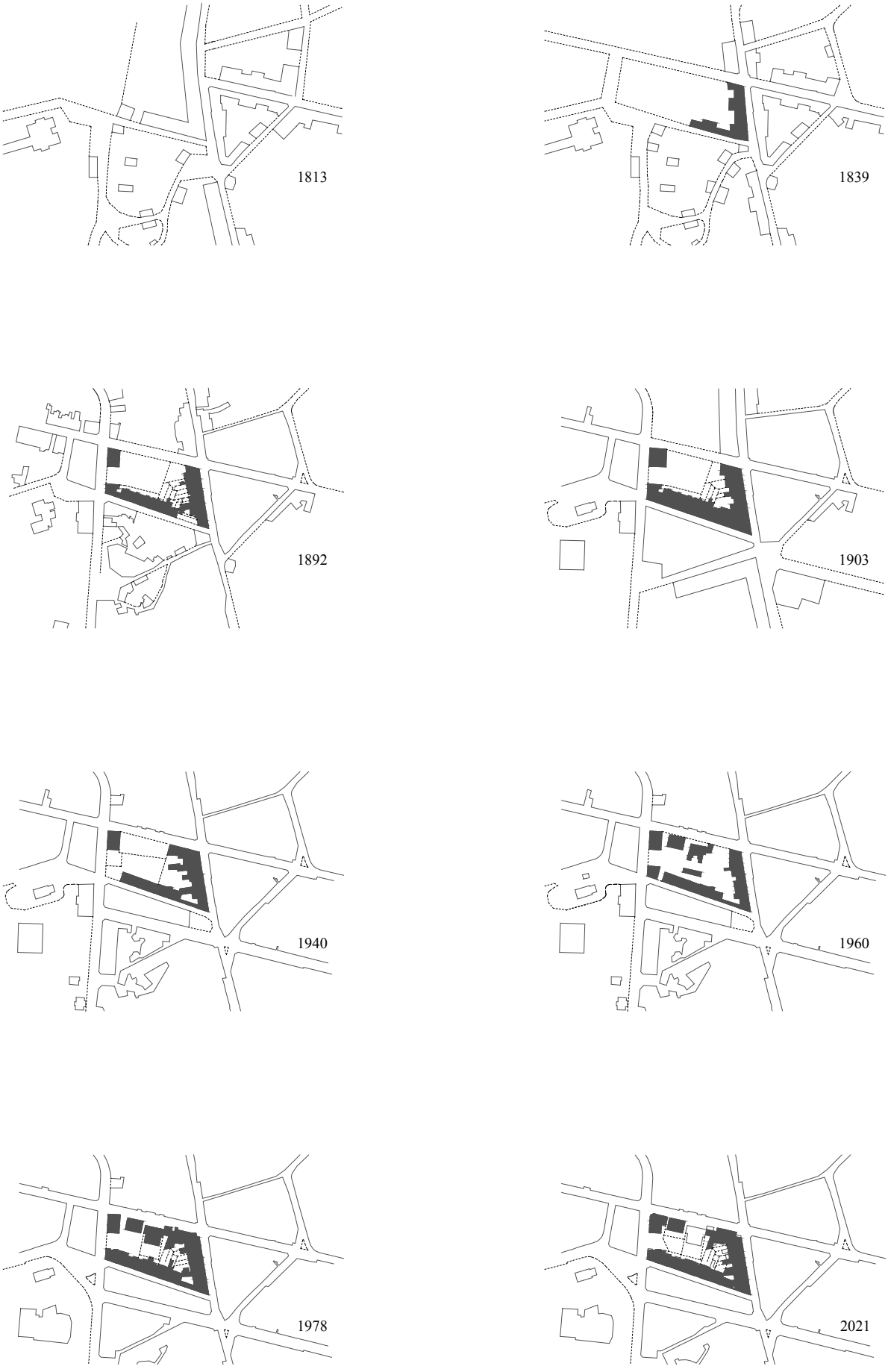


fig. 48. Evolução cronológica do quarteirão na rua da Boavista.

Quarteirão na rua da Boavista

O loteamento inicial que define o presente quarteirão, surge sobre a frente edificada que acompanha o lado ocidental da rua de Cedofeita incorporando o carácter iluminista, na consequência do planeamento almadino do século XVII. Este mesmo edificado é, até à data de 1813, responsável por rematar a rua da Boavista que se desenha entre a praça da República e a rua de Cedofeita.
Como consequência, em 1865, acompanhando o desenho da atual rua de Aníbal Cunha, inicia-se a extensão da rua da Boavista para Oeste, que formaliza a implantação deste caso de estudo na malha urbana portuense sobre os ideais da burguesia liberal. O quarteirão surge então acompanhando a expansão da indústria a Norte da cidade, onde a burguesia, "*... impondo uma nova ordem na organização dos espaços da cidade, através de processos de apropriação do território de maior representatividade da cidade, espaço no qual investe os seus valores económicos, ideológicos e acima de tudo estéticos. É esta burguesia que constrói n(o) centro urbano portuense até meados do século XX, instalando-se nos interstícios do poder produtivo (a indústria a Norte da cidade) e do poder administrativo ...*"[122].

No levantamento de 1892 de Telles Ferreira, o quarteirão já apresenta uma composição definida, que transcende o simples parcelamento de terras, para se definir por um número representativo de edifícios em diálogo com uma envolvente já consolidada. É aqui também que se encontra registado a primeira ocupação clara do seu interior, pertencendo, à Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil do Porto onde o loteamento aparece maioritariamente ocupado pelo desenho de um jardim que complementa o edificado, não habitacional, situado no encontro da rua da Boavista com a rua Aníbal Cunha.

Até os meados do século XX, o quarteirão mantém-se parcialmente aberto a Norte, definindo-se na rua da Boavista com uma frente maioritariamente não edificada. Pelo que, a partir da cartografia de 1960 é possível ver o aparecimento dos principais edifícios plurifamiliares que relacionam o quarteirão com a rua da Boavista e que na sequência de significantes investimentos, no âmbito da habitação plurifamiliar e serviços que decorreram na cidade, ambicionaram "*... a projecção de uma imagem de modernização, inovação e poder económico ...*"[123].

---

[122] **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. (p. 137).

[123] *Idem*. (p. 138).

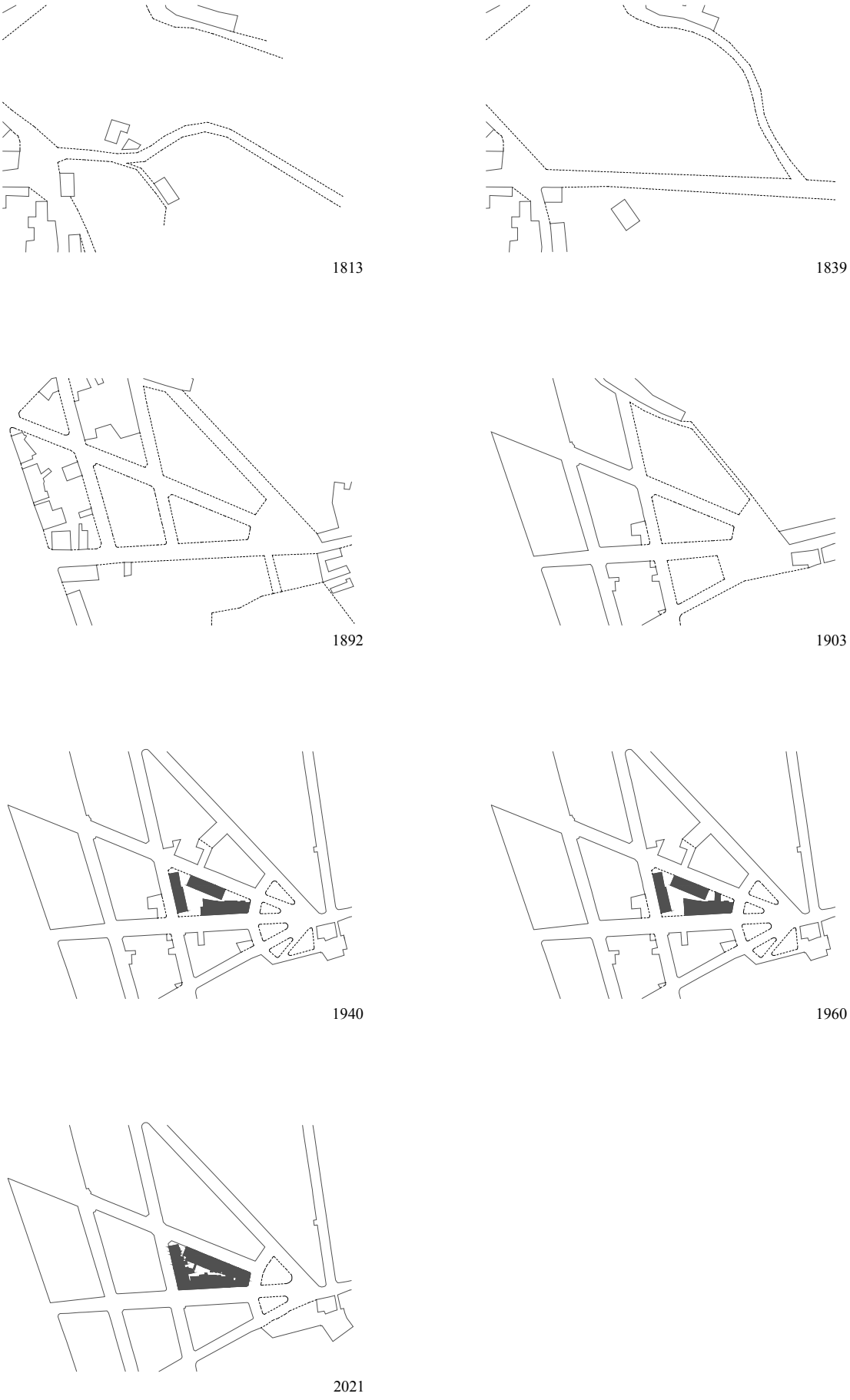


fig. 49. Evolução cronológica do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

É neste conjunto de edifícios isolados uns dos outros, que se vem a desenvolver o projeto de Arménio Losa e Cassiano Branco em 1946 e onde se materializa novas lógicas no pensamento da habitação plurifamiliar do século XX. Estes modelos habitacionais, apesar de apresentarem "*... uma clara importação e adaptação de modelos, provenientes por exemplo, de Lisboa, Paris ou Genebra ...*"[124], mantém na linguagem, nas opções de acessos e nas escolhas da distribuição espacial e funcional "*... permanências de um modo de construir portuense.*"[125].

Nas decorrentes décadas do século XX, nota-se a construção do grande complexo comercial e habitacional que vem desequilibrar em parte a escala formal do quarteirão, planeado no ano de 1977 na intersecção da rua de Cedofeita e da rua da Boavista.

Complementarmente, aponta-se o carácter desimpedido que o miolo do quarteirão apresenta até meados do século XX após se fragmentar com o loteamento dos edifícios habitacionais na frente com a rua da Boavista, projetando na atualidade um certo abandono. Estes lotes representam ainda uma significante área vazia no interior do quarteirão, que chega aos dias de hoje sem um uso ativo ou planeado. Proporcionam-se vazios urbanos que pertencem ao prédios de habitação coletiva em diálogo com a fragmentação de logradouros pertencentes ao piso térreo dos loteamentos menores. Este caso, apesar das potencialidades inerentes à escala do seu núcleo exterior, apresenta no seu miolo significantes vazios em desuso.

Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas

O grelha radial que compõem a malha urbana, a sul da área que se conhece hoje pelo Campo 24 de Agosto (antigo Campo Grande), parte de um planeamento conjunto que segue a reestruturação da cidade na sua ligação com a linha férrea e com o consequente desenvolvimento das industrias na zona de Bonfim-Campanhã nos finais do século XIX.

Definindo-se por um composto de vias radiais e suas ortogonais, vem substituir a antiga rua 29 de Setembro, como mostra o segundo esquema de 1839 da *fig. 49*.
Dentro deste conjunto destacam-se as ruas do Duque de Saldanha, do Duque da Terceira, do Conde de Ferreira assim como a avenida de Rodrigues de Freitas que

---

[124] **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. (p. 138).

[125] *Idem*, *ibidem*.

rege a ortogonalidade do conjunto na sua relação com o centro da cidade. É sobre esta avenida que se demarca o caso de estudo em análise, rematando na sua relação poente o largo de Soares dos Reis.

O quarteirão em estudo surge como parte integrante da cidade, quando o seu planeamento é primeiramente traçado na cartografia de Telles Ferreira em 1892, com a influencia dos ideais burgueses liberalistas no desenho urbano, desenvolvendo-se consequentemente sobre um forte carácter habitacional.
"*Esta é o primeiro tipo de habitação burguesa e urbana do Porto moderno iniciando um processo de industrialização. É o primeiro tipo de habitação urbana, de série, que manifesta e materializa uma efetiva divisão social e funcional da cidade: área de residência e áreas de trabalho. Este tipo não prevê usos mistos e pelo contrário, propõe uma tipologia de habitação de maior complexidade e especialização funcional.*"[126].

Apesar do quarteirão contemplar um planeamento prévio, datado dos finais do século XIX, este só se define como um conjunto fechado no decorrer do século XX.

O presente caso de estudo integra assim as primeiras construções do inicio do século XX, que vão preservar a sua morfologia e densidade até às décadas de 70 e 80, onde a densificação da cidade consolida a forma contemporânea do quarteirão, fechando todas as frentes de rua com edificado.
Estas transformações responsabilizam-se, consequentemente, por romper o carácter maioritariamente habitacional do edificado preexistente, introduzindo na frente com a avenida Rodrigues de Freitas estruturas que, aumentando a escala, vão incluir usos mistos de habitação e comércio.

---

126 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 79).

3.3_PARÂMETROS DE ANÁLISE

Na presente investigação introduzem-se quatro parâmetros de análise que objetivam aprofundar aspetos complementares e caracterizadores dos casos em estudo como integrantes da tipologia do quarteirão burguês portuense.
Sobre a análise, entende-se a importância de uma leitura idiossincrática dos elementos que compõem cada parâmetro, pelo que, a informação recolhida transcende em alguns momentos o objetivo definido em estudo.
A escolha do parâmetros limita-se em número, para que dentro das características do trabalho se possa fazer uma análise completa dos mesmos, repartindo-os em duas dimensões.
A primeira dimensão é composta por dois parâmetros que, sobre uma leitura bidimensional do espaço, visam estudar as hierarquias que integram os casos de estudo, nomeadamente as noções de permeabilização entre privado e público, interior e exterior, circulação e estar, ilustrando como as diversas tipologias espaciais se organizam dentro e fora de cada quarteirão.
A segunda dimensão, abrangendo os restantes dois parâmetros, foca-se em analisar a identidade do quarteirão sobre duas perspectivas antagónicas mas complementares. Sendo a primeira o estudo do volume e da escala, evidenciando a identidade do quarteirão como do objeto tridimensional. E a segunda, um registo sobre a identidade do espaço do ponto de vista de quem o usa, de quem nele permanece, englobando assim o tempo e a memória como grandezas caracterizadoras do lugar.

Expõem-se deste modo os quatro parâmetros que contemplam a seguinte pesquisa, os ***Acessos*** e ***Graus de privacidade*** numa primeira dimensão e a ***Morfologia*** e ***Identidade*** na seguinte.

Torna-se assim oportuno clarificar o desenvolvimento de cada um dos parâmetros propostos.

Acessos

Tem como objetivo compreender quais os acessos que existem no quarteirão, e como estes definem os espaços consequentes. Analisa-se aqui as ligações de circulação responsáveis por dialogar entre o espaço privado e comum, e entre o interior e o exterior, procurando definir tipologias para os espaços de circulação que compõem o quarteirão, e estudar os pontos de ligação entre estas.
Marcam-se os acessos, que as respetivas habitações têm com a rua, assim como os acessos que definem o miolo do quarteirão no diálogo com os fogos no piso térreo. Deste modo é possível ilustrar as funções sociais associadas a cada espaço de circulação e consequentemente compreender o diálogo que se estabelece entre, interior exterior, privado e comum.

Graus de privacidade

"*A mistura de diferentes categorias sociais num mesmo espaço tem sido uma estratégia levada a cabo pelos planificadores, para atenuar o carácter segregativo do espaço urbano atual.*"[127].

Sobre a noção que a resiliência de um elemento urbano relaciona-se diretamente com a sua capacidade de integrar diversidade, e de se adaptar às constantes mudanças que caracterizam a cidade, mantendo a sua memória coletiva e a consequente coesão sócio espacial. O presente parâmetro surge com o propósito de estudar a organização dentro de cada propriedade, pública e privada, através das funções tipológicas que caracterizam os espaços.
A partir das plantas gerais que compõem o piso térreo e piso tipo de cada quarteirão, hierarquizam-se os espaços de acordo com a sua função, transpondo para o trabalho as interações entre os graus de privacidade, privados e comuns, interiores e exteriores.
Procura-se desta maneira analisar a variedade e a organização das vivências que definem o quarteirão em estudo, nomeadamente a sua capacidade em integrar novas lógicas de habitar.

---

127 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou descontinuidade?* (p. 169).

Morfologia

"*... o objeto central das preocupações teóricas do urban design e do urbanismo é a forma física, espacial, da cidade, ela própria, ...*
Supõe-se, ... , que o próprio objeto urbano possui uma certa autonomia enquanto tema de investigação, de crítica e de experimentação."[128].

O presente parâmetro de análise foca como objeto central, a forma física e unitária do quarteirão, permitindo deste modo um olhar sobre as relações de massa que conferem ao quarteirão a sua identidade tridimensional.
O estudo da identidade volumétrica que caracteriza cada caso tem como objetivo clarificar a complexidade da forma urbana e as consequentes relações de dependência entre cheios e vazios, privado e público.
A morfologia enquanto o estudo da forma, vem permitir uma comparação de escalas entre interior exterior que compõem o quarteirão e a vida de quem o habita.
Fazendo recurso a maquetes, este parâmetro prende-se em dominar a forma da implantação, dos lotes, do edificado assim como dos vazios que os caraterizam.

Identidade

"*A ritualização como prática social por excelência, permite a perpetuação de identidade; portanto é pelo ritual que lemos, no quotidiano, as expressões simbólicas de diferenciação e exclusão.*"[129].

Sobre uma análise socioespacial, o corrente parâmetro foca elementos sensoriais e funcionais que conferem ao quarteirão uma identidade do ponto de vista de quem nele habita, objetivando clarificar as características que mais proeminentemente integram a memória colectiva do lugar.
Procura-se deste modo, através de uma percepção idiossincrática do espaço, apreender parte da realidade comum que conforma a presente tipologia de quarteirão perante as atuais problemáticas no espaço urbano portuense.
A análise recorre à entrevista como modo de registar graficamente as observações de cada habitante, mantendo como objeto principal questões capazes de enquadrar o tempo, as rotinas, e os fenómenos que, sobre o ponto de vista de cada um, contribuem para a identidade do lugar.

---

128 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 68).

129 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou descontinuidade?* (p. 163).

3.4_ANÁLISE

3.4.1_ACESSOS

Introdução

Com o objetivo de clarificar as dinâmicas de circulação e permeabilização que caracterizam cada caso de estudo, a análise incide em ilustrar, tipologicamente, as ligações entre o espaço público e os logradouros no interior do quarteirão.

Consequentemente, sobre uma hierarquização tipológica, surge o domínio das ligações entre espaços interiores e exteriores, privados e públicos (ou comuns), que permitem integrar a noção de partilha que o quarteirão tem com o meio urbano.
De modo complementar, as divergências entre as tipologias de circulação horizontal e circulação vertical vão evidenciar as relações de cota entre espaços interiores e exteriores, privados e públicos (ou comuns).
O estudo dos acessos desenvolve-se assim, com base na interpretação das plantas do piso térreo de cada quarteirão sobre a qual se desenham os elementos de circulação que integram cada lote.



fig. 50. Estudo das tipologias de circulação que caracterizam o acessos no quarteirão junto ao largo Actor Dias.

Quarteirão junto ao Largo Actor Dias

Na análise das circulações, e consequentes permeabilizações, que ganham forma através do quarteirão. Começa-se por evidenciar a composição das circulações comuns identificadas na *fig. 50* onde, a existência destes espaços de circulação, coincide na totalidade com os novos usos habitacionais atribuídos pelas reabilitações mais recentes[130] que integraram no caso de estudo espaços para alojamento temporário. Pelo que, separando estes casos, o quarteirão apresenta uma génese de edificados fundamentalmente unifamiliares.

Ao aprofundar sobre as relações de permeabilização que conformam o quarteirão, nota-se que, nas habitações que desenham a fachada Norte da rua do Miradouro, os fogos vão estabelecer por norma apenas um ponto de acesso com a rua, conformando-se com os *halls* e principais eixos de distribuição da casa, e nas traseiras com o acesso aos logradouros, que apoiam os espaços comuns como as lavandarias, cozinhas e salas.
Por outro lado, as habitações que rematam a frente Norte do quarteirão, vão estabelecer uma permeabilização com o espaço exterior mais diluída, nomeadamente na sua relação com o exterior tardoz. É então possível, nestes casos, encontrar em contra ponto com as habitações na rua do Miradouro, fogos que estabelecem mais que um acesso à face da rua ou fogos que vão permitir um acesso partilhado ao logradouro, criando uma vivência mais completa com o interior do quarteirão. Enquanto que nas habitações mais a Sul, na rua do Miradouro, contempla-se uma vivência mais direcionada para a rua.

Neste sentido, e retirando as situações de gaveto, que mostram pontos onde o único contacto com o exterior é a rua, é possível agrupar duas tipologias de internações entre o interior e o exterior: os edifícios unifamiliares, que seguem uma lógica funcional preexistente, e os edifícios destinados à habitações temporárias (de múltiplos quartos), que introduzem uma nova lógica no uso interno do espaço. Paralelamente destaca-se uma apropriação mais relacionado como o miolo do quarteirão e outra direcionada para a rua.

Ao analisar em segundo plano as circulações verticais que integram o quarteirão, nota-se que, não se mantém sobre estas uma lógica genérica que se conforma tipologicamente. Não existe uma lógica de organização dominante para os espaços de

130 Como é possível analisar na Licenças de Obra em anexo.

circulação vertical presentes no caso de estudo. Contudo, é possível encontrar conjuntos pontuais de fogos que partilham da mesma estrutura tipológica, nomeadamente na rua do Miradouro, permitindo em parte identificar etapas no desenvolvimento do quarteirão.

Quanto à caracterização dos espaços, é possível distinguir os edifícios de carácter mais antigo, na rua do Miradouro, assim como as intervenções mais recentes que formam a secção Norte do caso de estudo.
Na rua do Miradouro, a sua morfologia estreita vai trazer para o plano construído um carácter mais intimista e os logradouros, cavados e compactos, vão isolar a experiência de espaço interior comum ao quarteirão.
Na segunda tipologia, o espaço público envolvente (largo Actor Dias e escadas do Guindais) tem um carácter mais exposto e com maior fluxo de pessoas, e na relação do edificado com o miolo do quarteirão marca-se uma maior partilha visual do mesmo.
No que toca ao tipo de acessos no núcleo do quarteirão importa lembrar que este pertencendo maioritariamente a um só lote acaba o seu acesso também este, por ficar restrito a um só edifício, que no caso se vai caracterizar como ponto de ligação comum entre o conjunto de fogos que se encontram isolados no interior do quarteirão e a rua. Enquanto que os restantes acessos ao interior do quarteirão identificam-se através da ligação aos contidos logradouros que complementam perifericamente o lote central.

Quarteirão na rua da Boavista

A partir da transição entre os espaços interiores e exteriores torna-se claro, que neste caso, as habitações vão estabelecer na sua maioria um só ponto de contacto com a rua (mesmo nas situações de gaveto), com excepção dos edifícios que conformam os três maiores vazios no interior do quarteirão, na frente com a rua da Boavista.
Nestes casos é oferecido aos residentes uma ligação complementar com a rua através dos espaços de garagem e de estacionamento que, uma vez no subsolo, vão dar lugar aos vazios que caracterizam o miolo do quarteirão à superfície.

Na relação do núcleo (dos logradouros) com o edificado que o circunda, verifica-se que, nos logradouros privados, quer sejam estes partilhados por fogos ou espaços de loja, os acessos dão-se pontualmente acompanhando a morfologia das traseiras.
Enquanto que nos casos onde a parte exterior do lote é comum a todo o edifico, por norma, estabelece-se um contacto de direta relação com a rua (normalmente de aces-

so aos carros) e um contacto mais cuidado e pontual com o edificado, ou sob a forma de acessos verticais exteriores, ou sob a forma de espaços comuns como lavandarias, pátios, etc.
Existe como consequência deste edificado, onde o logradouro estabelece pontos de acesso diretos com o espaço público, uma permeabilização visual entre a via e o núcleo do quarteirão. Materializam-se portanto, espaços vazios que quebram a continuidade perimetral do edificado.

Quanto aos acessos verticais, importa salientar que as formas habitacionais conformam-se de acordo com a vias envolventes.
Evidencia-se, neste sentido que, os lotes que integram as habitações com acesso direto para a rua da igreja, mantêm a caixa de escadas, no eixo do fogo e em diálogo com o acesso à rua, e como se verá mais à frente, esta circulação vertical responsabiliza-se por dividir a planta da habitação em duas esferas: na vivência horizontal, separando os espaços da casa que se viram diretamente para a rua, dos espaços que vivem do diálogo com o logradouro tardoz; e a vivência vertical, que separa tendencialmente os espaços comuns da habitação no piso térreo e os espaços de dormir nos pisos superiores.
Nestes conjuntos, que fazem frente com a rua da igreja, não é tão presente a existência de pisos cave (loja), sendo que o diálogo com o logradouro dá-se essencialmente ao nível do piso térreo. Enquanto que na relação com a rua, nota-se também, que esta se mantém de nível com a mesma, não existindo elementos de circulação vertical na transição entre a casa e a via pública.
Dentro da rua da Igreja de Cedofeita, destacam-se ainda os acessos comuns, que apontam os edificados de três ou mais andares, onde as caixas de escadas se confrontam de modo bastante direto com os corredores de acesso à rua, não havendo espaços internos comuns na distribuição entre escadas e elevadores.

Na relação com a rua de Cedofeita, importa referir que os espaços de circulação privada, que dominam o piso térreo, ocupam-se na sua maioria por espaços não habitacionais. Sendo, que dentro do seu carácter comercial os pontos de circulação vertical variam, adaptando-se à funcionalidade do espaço.
Nestes casos a circulação vertical que ocupa o espaço comercial é responsável por dar a este acesso ao logradouro, essencialmente no piso sub-loja.
Enquanto que na distribuição dos fogos, estes definem-se pelas mesmas características que as habitações de três ou mais pisos à face da rua da igreja. Aqui também a ausência de elevadores vai estabelecer uma relação continua entre a caixa de escadas e o corredor de acesso à rua, posicionando os acessos verticais no eixo central de



fig. 51. Estudo das tipologias de circulação que caracterizam o acessos no quarteirão na rua da Boavista.

cada lote (que distribui, neste caso, um fogo por piso). Estes edificados são os que atualmente mostram maior dificuldade em se adaptar a novos usos, que sobre matrizes formais burguesas refletem um claro nível de abandono e de degradação, quer nos espaço de função comercial no piso térreo (com acesso aos logradouros), quer nos restantes pisos habitacionais.

Relativamente ao edificado na frente com a rua da Boavista, posição Norte do quarteirão, aponta-se um caso mais singular, no gaveto entre a rua de Cedofeita e a rua da Boavista. Este caso caracteriza um complexo comercial e habitacional (*fig. 51*) que desenvolve acessos verticais para a habitação paralelamente ao contexto comercial (que ocupa o piso 0 e o piso 1). Aqui a posição dos acessos verticais reflete a densificação dos espaços de habitar minimizando os espaços de circulação horizontal nos pisos superiores.
Nos restantes edifícios que definem este troço da rua da Boavista, é possível encontrar uma nova tipologia, que estrutura os acessos de forma simétrica e hierarquizada.

Em ambos os casos, a circulação comum apresenta um caráter centralizado onde prevalece a morfologia de corredor, posicionando a distribuição vertical no núcleo do edifício, onde o piso de acesso às habitações eleva-se sobre o nível da rua (via mais movimentada). Distancia-se o acesso ao edifício do espaço público.

Nos acessos que categorizam as diferentes habitações, agrupa-se assim, os fogos cujo piso térreo mantém um acesso de nível com a rua (como na rua da Igreja de Cedofeita), os fogos que se desenvolvem só a partir do primeiro piso marcados pelos acessos verticais (como na rua de Cedofeita) e os fogos que se desenvolvem no piso térreo elevado em relação à rua (os dois edifícios isolados na rua da Boavista).
Paralelamente nos espaços exteriores caraterizam-se, os de uso privado que, sobre a forma de logradouros, estabelecem um único ponto de acesso com o piso adjacente, e os de uso coletivo, que se ligam independentemente tanto à rua como ao edifício que o ocupa.



fig. 52. Estudo das tipologias de circulação que caracterizam o acessos no quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

Quarteirão na Avenida Rodrigues de Freitas

No último caso é, uma vez mais, através do estudo das circulações e dos consequentes acessos que surge uma leitura das hierarquias habitacionais que conformam o quarteirão. Sobre esta hierarquia clarifica-se que as habitações de acesso direto para a rua dominam em parte as rua secundárias (rua do Conde de Ferreira e rua do Duque de Saldanha) e que o edificado plurifamiliar, onde o acesso a cada habitação se dá através do espaço comum do prédio, relacionam-se em parte com a frente da avenida Rodrigues de Freitas.

Sobre esta base, identifica-se então os espaços para o uso do acesso vertical (escada e elevadores). Nas ruas secundárias, onde os pisos térreos se desenham principalmente por acessos diretos, retira-se que, a relação do espaço privado da casa é elevada do nível da rua.
Os lanços de escadas que marcam a transição direta entre a habitação e a rua, vão estabelecer uma hierarquia na definição dos espaços (piso de entrada superior à cota da rua), preservando assim uma certa privacidade na vivência destas tipologias habitacionais (como é possível observar na *fig. 52*, os acessos diretos iniciam-se quase sempre com um espaço de circulação vertical).
Ainda dentro da tipologia que marca o carácter das ruas secundárias, é possível tirar conclusões sobre os acessos verticais na distribuição dos espaços familiares (a caixa de escadas), que se organizam geralmente sobre o eixo central da habitação, perpendicular ao espaço de acesso à rua. No diálogo com os espaços de circulação a posição do acesso vertical vai introduzir uma divisão horizontal no fogo, separando a parte da casa que se vira para a rua, da parte que se vira para o miolo do quarteirão, e uma divisão vertical, que se responsabiliza por separar o piso térreo (geralmente composto pelos espaços comuns da casa, como as salas e cozinhas) dos restantes pisos. É sobre esta divisão que se organizam os espaços de dormir, nos pisos superiores, e o acesso ao logradouro, no piso inferior (cave) semienterrado em relação à rua.
Nesta lógica o logradouro não estabelece um diálogo direto com a vida privada da habitação, servindo mais como elemento de apoio às funções do piso cave[131].

Na análise das restantes formas habitacionais, em especial aquelas que se viram para a avenida Rodrigues de Freitas, os espaços comuns do prédio destinam-se predominantemente à circulação, que se distribui verticalmente na posição central do lote. Regra geral os acessos verticais vão se posicionar no contacto com uma das paredes

131 Divisão sobreelevada, destinada a zonas de serviço e armazém.

de meação, permitindo que o desenho dos fogos se organize na restante área complementar.
Define-se, pela análise da *fig. 52*, que as caixas de escadas e os elevadores mantêm uma relação de proximidade constante, marcando assim o acesso aos fogos, que na proximidade com os acessos verticais organizam-se também estes sobre o eixo central do lote.

No acesso aos espaços exteriores, quer seja à rua ou o logradouro, podem-se extrair as seguintes conclusões: Na relação com a rua, cada tipologia de espaço (lojas, habitações unifamiliares e habitações plurifamiliares) estabelece a um ponto único de acesso, com excepção das situações de gaveto, que neste caso estabelecem sempre dois ou mais pontos de acesso com a via pública; Na relação do edificado com o miolo do quarteirão (com os logradouros), esta transição dilui-se, quanto mais reservado é o logradouro mais pontos de acesso estabelece com interior que o define.

A análise dos acessos vai permitir caracterizar os consequentes espaços pela relação de inclusão ou exclusão que formam entre eles.
No presente caso de estudo os acessos que dão para as ruas secundárias não só conferem um carácter mais intimo à rua, pela permeabilização que oferecem do seu espaço interior, como induzem nos seus habitantes uma sensação de singularidade por partilharem o lote com um menor número fogos.
Por outro lado, os acessos verticais que permitem a estrutura dos edifícios plurifamiliares na avenida Rodrigues de Freitas, distanciam as vivências privadas do contacto com a rua, absorvendo-as nos espaços comuns do edifício.

Quanto aos logradouros, distinguem-se aqueles que estabelecem uma ligação direta com a rua, como é o caso do lote no gaveto Norte do quarteirão que em parte expõe a sua vivência no contacto com a rua, através do desenho de um jardim privado. Dos logradouros que se enclausuram dentro do núcleo do quarteirão, distinguem-se apenas aqueles que pertencem exclusivamente ao uso privado do piso térreo daqueles que formam um acesso comum a todo o edifício.

Conclusão

Na presente análise é possível observar, de modo mais ou menos transversal, que as variações nos acessos e nas lógicas de circulação traduzem o carácter evolutivo do espaço público envolvente, ou seja, através dos acessos compreende-se as fases que foram transformando o edificado e as sucessivas lógicas de relação com o espaço público.

A capacidade do quarteirão como elemento urbano de integrar sucessivas transformações é o que muitas vezes justifica e dá sentido aos acessos que cada habitante tem com o espaço onde habita.
Identifica-se, como referido na evolução histórica de cada caso, que os quarteirões em estudo surgem desfasados no tempo, integrando lógicas sucessivas no desenho do quarteirão burguês, nomeadamente sobre os ideais iluministas e liberais enquadrados por Franscisco Barata. No entanto, sobre estas matrizes, cada caso de estudo vai acompanhar as transformações inerentes à evolução da cidade, chegando à atualidade com lógicas no desenho habitacional que transcendem o desenho tradicional burguês.
Neste sentido, organiza-se algumas variações no que toca à forma dos acessos que integram o quarteirão atualmente: A morfologia de corredor no dialogo com a caixa de escadas no interior do lote, que se conforma geralmente com as tipologias iluministas e liberais, anteriormente mencionadas, caracterizando-se a primeira (iluminista) pela "*... caixa de escada central, piso térreo destinado a comércio ou armazém, acesso independente e prevalência da não especialização dos espaços ...*"[132] e segunda sobre um carácter exclusivamente habitacional pelo corredor de entrada contíguo à sala do primeiro piso "*... permitindo receber visitas e ao mesmo tempo manter a privacidade do resto da casa ...*"[133]. Enquanto que a segunda variação nos acessos surge nos edifícios de habitação plurifamiliar, já do século XX com a presença do elevador, onde é possível encontrar acessos comuns centralizados no edifício.

Ao analisar os quarteirões em estudo, evidencia-se também como a influencia do piso térreo com a rua impacta diretamente a relação do edifício com o logradouro.
Os espaços privados que mantém a relação de nível com a rua, vão geralmente estabelecer uma relação direta com o logradouro, usando-o como extensão do espaço

---

132 **SILVA**, **Arménio** - *A acessibilidade na casa burguesa do Porto, tipificação de propostas de intervenção*. (p. 58).

133 *Idem*. (p. 60).

doméstico, e favorecendo a sua preservação. Enquanto que por outro lado, os fogos desnivelados em relação ao espaço público acabam por criar, paralelamente, uma relação com o logradouro também esta desnivelada e consequentemente mais distante dos espaços íntimos da casa.

Nos casos do piso térreo comercial, o logradouro tende a transforma-se de modo a favorecer a loja e não com o objetivo de preservar as qualidades do espaço exterior tardoz como qualificador da vida privada.

Paralelamente, nas habitações unifamiliares que a entrada sobe de cota em relação à rua, o acesso ao logradouro vai se dar através do piso cave (normalmente ligado ao primeiro piso por um lance de escadas em tiro), distanciando o logradouro do uso doméstico e catalisando um certo desuso do mesmo.

Por último dá-se as situações onde o piso térreo se distancia da cota da rua estruturando os edifícios de habitação plurifamiliar que consequentemente partilham o espaço exterior no interior do quarteirão com todo o edificado e transformam-no em espaços que não vão qualificar propriamente o miolo do quarteirão como um todo, é nestas situações que se materializam zonas de estacionamento ou espaços indefinidos sobre um certo abandono.

3.4.2_GRAUS DE PRIVACIDADE

Introdução

No decorrer da análise, o objetivo visa compreender a organização dentro de cada propriedade, pública e privada, através das funções que caracterizam os espaços tipologicamente.
Os esquemas desenvolvido focam-se em duas categorias: espaços exteriores e espaços interiores.
Na primeira, a hierarquia dos espaços varia entre, os espaços exteriores públicos, como as ruas e passeios, e os espaços exteriores privados que se representam pelos logradouros e saguões.
Por sua vez a segunda categoria foca-se em analisar as várias funções que complementam os espaços interiores do quarteirão, surgindo assim seis tipologias que conformam os espaços interiores: quartos, cozinhas, salas (espaços de estar comuns), quartos de banho, espaços de trabalho (equipamentos públicos; espaços comerciais) e espaços de apoio (arrumos, garagens, armazéns, arquivos, etc.).



fig. 53. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos do piso térreo, do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

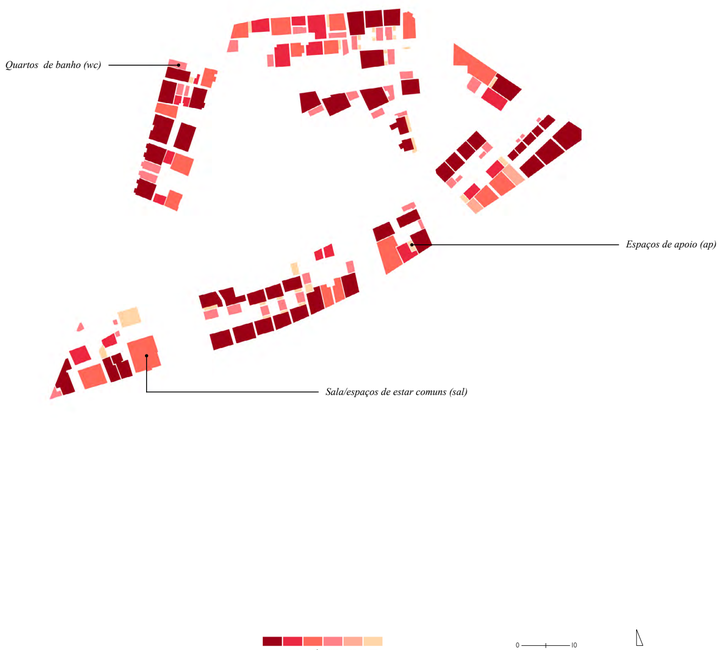


fig. 54. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos dos pisos tipo, do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

Quarteirão na largo Actor Dias

Na relação do quarteirão com o piso térreo, este define-se maioritariamente por habitações de acesso direto para a rua, características da lógica burguesa iluminista.
O edificado que mais segue esta lógica predomina o perímetro Sul do quarteirão, definindo a fachada Norte da rua do Miradouro. A retração desta via perante as zonas de maior movimento, a Norte do quarteirão, confere à rua um carácter mais intimista e com um maior grau de privacidade, que se justifica pela rua ser parcialmente pedestre (metade Oeste). É consequentemente neste troço do quarteirão, que se identificam habitações cuja organização do fogo trás para a frente térrea (a Sul) espaços como o quarto de dormir, onde se estabelece uma relação de proximidade entre o espaço privado e público, priorizando o contacto da cozinha com os espaços exteriores privados, que aqui se desenham na parte tardoz do edificado, recorrentemente sobre a forma de logradouros contidos e de características meramente funcionais.

Na transição entre a parte superior da rua do Miradouro e o largo Actor Dias, demarca-se a tipologia, que dentro da mesma lógica formal, estabelece no contacto direto com a rua espaços de estar comuns, como as salas, projetando os quartos de dormir para os pisos superiores. Tanto a Este no contacto da rua do Miradouro com o largo, como a Oeste na intersecção da rua do Miradouro com as escadarias, as habitações estabelecem um contacto com o espaço público mais forte, visto que em ambas as zonas ocorre um alargamento das vias e o fluxo de pedestres é significativamente mais intenso. Aponta-se também que nestas situações de 'pontas', o edificado por vezes não apresenta relações com o espaço exterior privado (pois a morfologia não o permite), resolvendo assim as cozinhas na relação direta com as salas ou espaços da casa que contactam diretamente com a rua.

Um terceiro grupo de habitações, que apesar de apresentarem na génese uma hierarquia de espaços ligeiramente distinta (associada a classes mais altas da burguesia), encontram-se ou encontraram-se nos últimos anos sobre transformações que objectivam o turismo local e a habitação temporária. Nestes casos tem-se as habitações na parte Norte da escada dos Guindais, na rua Arnaldo Gama, e as habitações que fazem frente com o largo Actor Dias (no conjunto Norte do quarteirão).
Encontra-se na relação direta com a rua, a presença de espaços mais privados da habitação, como cozinhas e quartos de dormir, que surgem, não da condicionante formal do edificado ou da privacidade que a rua possibilita, mas sim da procura pela maximização dos espaços de dormir em prole da rentabilização financeira que os espaços permitem, contribuindo consequentemente para a especulação imobiliária.

Contudo nestas situações é ainda assim, preservada uma lógica de pré existência onde se valoriza os espaços de luz e a relação de permeabilização com o exterior privado. Estes espaços, acabam por favorecer a preservação do espaço livre que qualifica o interior do quarteirão como um todo.
Em suma esta tipologia aparece sobre uma lógica bastante compartimentada, e onde os espaços privados se relacionam de um modo menos hierárquico com os espaços exteriores envolventes, quer sejam estes a rua ou o interior do quarteirão.
Dentro da tipologia de habitação temporária, com foco nos visitantes da cidade, surge uma excepcionalidade, que apenas acontece neste caso de estudo, que é a intervenção de habitações isoladas no logradouro interno do quarteirão.
Clarifica-se que o interior do quarteirão chega aos dias de hoje quase integralmente desimpedido de construções e com carácter de espaço verde, pois este espaço pertence quase na totalidade ao lote de um só edificado (o número 64 na escada dos Guindais) que albergou durante grande parte da existência do quarteirão uma unidade do centro de saúde da Batalha. Este edifício que se caracteriza pela classe alta burguesa, é hoje transformado em alojamento local, anexando ao loteamento original um conjunto de edificados no seu lote interior que se vão isolar por completo da vivência da rua. Neste caso todos os espaços interiores destas habitações relacionam-se apenas com o espaço exterior privado.

Na caracterização dos espaços domésticos que definem a casa e consequentemente o quarteirão, importa notar que as habitações que desenham o quadrante Norte definem-se por dois tipos de espaços exteriores, a rua (a via pública) e o vazio que domina o miolo deste quarteirão (os logradouros), que sendo um vazio pertencente a uma propriedade especifica não deixa de oferecer uma permeabilidade visual que qualifica uma parte significativa do edificado Norte. No entanto, devido à topografia acentuada onde este se implanta, o conjunto de edificados que se desenha na face Sul, fica limitado a definir os seus interiores no contacto com a rua, e a Norte com a criação de logradouros contidos cujo carácter funcional permite dar luz as fogos enterrados pela cota do vazio central.

De um modo geral é possível encontrar quartos no contacto direto com a rua, na parte mais a sul do quarteirão que se caracteriza pela atmosfera mais intimista e pedestre, e na relação Norte da rua Arnaldo Gama, onde as habitações funcionam hoje com alojamentos locais.
Sobre estes casos, todo o quarteirão mostra uma constante presença dos espaços de dormir nos pisos tipo (ou seja, deslocados do nível da rua).
Nos restantes espaços que complementam a vida doméstica aponta-se a organização



fig. 55. Planta piso térreo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

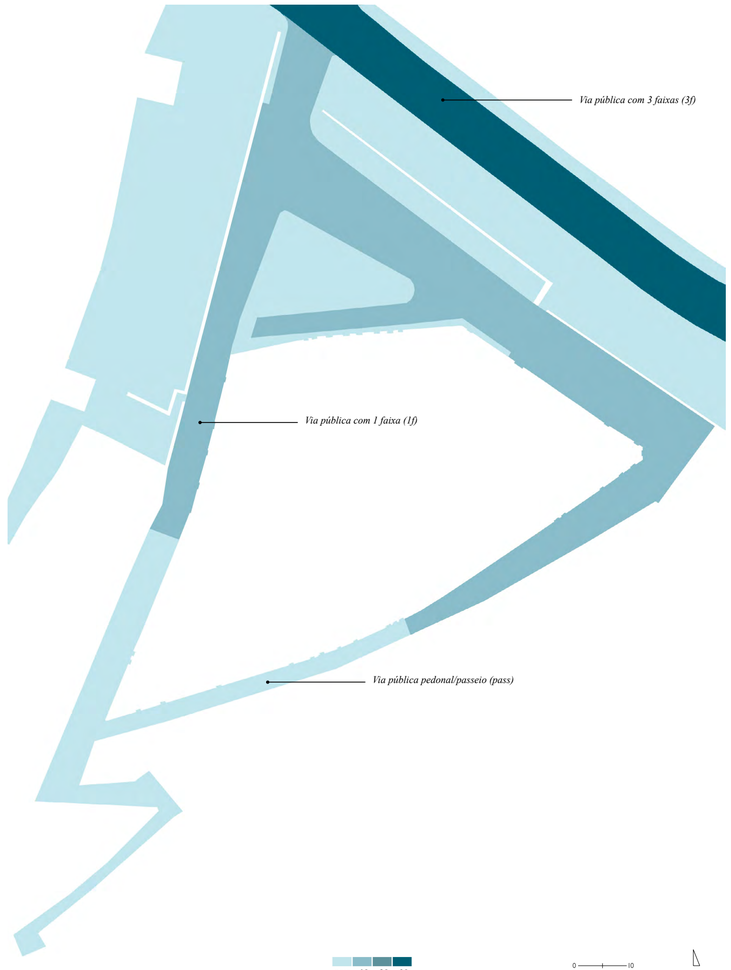


fig. 56. Levantamento das tipologias de espaços exteriores públicos que contextualizam o quarteirão junto ao largo Actor Dias.

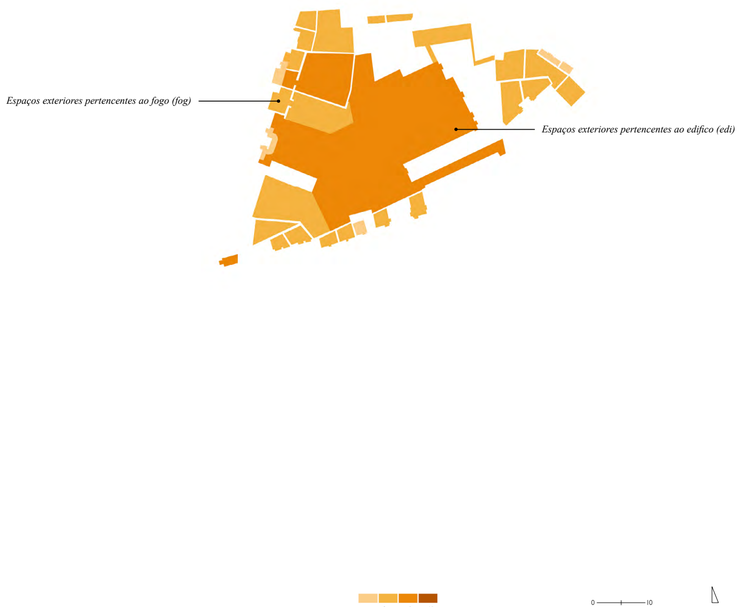


fig. 57. Levantamento das tipologias de espaços exteriores no miolo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

das cozinhas, que se projetam maioritariamente no piso térreo, posicionando-se de modo sistemático na relação do edificado com o miolo do quarteirão (quer seja este um logradouro contido e sombreado ou o lote luminoso e desafogado). Os espaços de cozinha distanciam-se recorrentemente da vida pública da rua.
As salas e espaços de estar, aparecem na composição do quarteirão intuitivamente ligados aos espaços da cozinha, contudo, mostram uma maior liberdade quanto ao seu posicionamento no fogo. Estas funções vão pertencer em parte, aos pisos térreos das habitações que enfrentam o quadrante Sul, na rua do Miradouro (pois aqui a posição tardoz do piso térreo é mais escura e enterrada), e dominar parte dos pisos superiores nas edificações a Norte do pátio central.
Existem inevitavelmente algumas exceções, nomeadamente nas soluções apresentadas para a habitação temporária, contudo esta heterogeneidade dos quarteirões portuenses é o que permite uma análise idiossincrática dos esquemas como os das *fig. 53* e *54*, objectivando neste estudo notar a flexibilidade que a tipologia de quarteirão em estudo tem em se adaptar a diferentes lógicas de habitar, que se conformam com as características da topografia e dos consequentes espaços exteriores (públicos e privados).
Em continuidade, um aspecto a salientar é a relação dos quartos de banho na habitação, que parecem estabelecer uma posição mais ou menos central na organização do fogo, com exceção talvez do conjunto de fogos mais a Este que mostram claras reminiscências do quarto de banho tardoz e exterior (que precedem o saneamento coletivo). Outro aspecto que parece saltar à vista é a relação constante que o quarto de banho estabelece ou com o quarto ou com os elementos de circulação vertical.

Em suma este quarteirão apresenta com alguma clareza distintos tipos de vivências. A primeira, faz-se sentir nos espaços de carácter mais público, como na relação com a escada dos Guindas e a rua Arnaldo Gama, marcada pela presença de turistas à procura das atmosferas intimistas na forma portuense que se desenha na ligação vertical entre a Batalha e a Ribeira, assim como na relação com o largo Actor Dias que evidência a génese do quarteirão no confronto deste com a muralha e com eixos que ainda hoje se mantém importantes como a rua do General Sousa Dias.
Nesta relação mais pública que o quarteirão estabelece com a cidade, surge hoje, um tipo de vivência mais contemporânea caraterizada pelas reabilitações que se focaram maioritariamente no projeto de habitação temporária. Nota-se que neste caso as intervenções de reabilitação e renovação referidas apenas tomaram lugar, pois estas zonas de edificado foram as que mais rapidamente chegaram a um estado de abandono e ruína.

Uma segunda vivência faz-se sentir paralelamente na parte do caso de estudo que se vira a Sul para a rua do Miradouro (que estabelece semelhanças com o carácter estreito e medieval do Porto antigo), fazendo a ponte com uma relação mais antiga da cidade.
Os habitantes desta rua, são na sua maioria pessoas de idade que sobre um certo isolamento, marcam as reminiscencias do lugar. O carácter estreito da rua, e o facto da habitações convergirem para a cota mais baixa do quarteirão contribui para que as vivências sociais, que complementam os espaços comuns da habitação, se façam em parte ao nível da rua.

No quarteirão em análise, os vazios que definem os espaços exteriores, como se podem ver hierarquizados nas *fig. 56* e *57*, são as ruas que, sobre a forma de via pedestre, largo e escadaria caracterizam-se pelo tipo de movimento (pedestre e isolado, ou de acesso automóvel e mais movimentado), e os o logradouros que consequentemente se encaixam nesta divisão. Não existe à partida nenhum espaço aberto no interior deste caso de estudo, que seja exclusivamente do domínio público, pelo que se divide os logradouros em duas tipologias: os logradouros compactos, que assemelhando-se às dimensões dos espaços da casa entram como elementos predominantemente funcionais, e os logradouros que se estendem para além das dimensões do edificado, traduzindo-se sobre a forma de jardins e hortas.
A primeira destas tipologias acompanha o conjunto de vivências que caracteriza as habitações na rua do Miradouro, que mantendo ativa uma certa genuinidade com o passado, albergam hoje os residentes mais envelhecidos do quarteirão. A segunda tipologia preservando-se como forma, vai acompanhar as transformações mais contemporâneas do quarteirão em estudo, complementando os espaços exteriores inerentes a cada habitação.
Regista-se também que as varandas viram-se predominantemente para o interior do quarteirão (*fig. 58*).



fig. 58. Planta piso tipo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

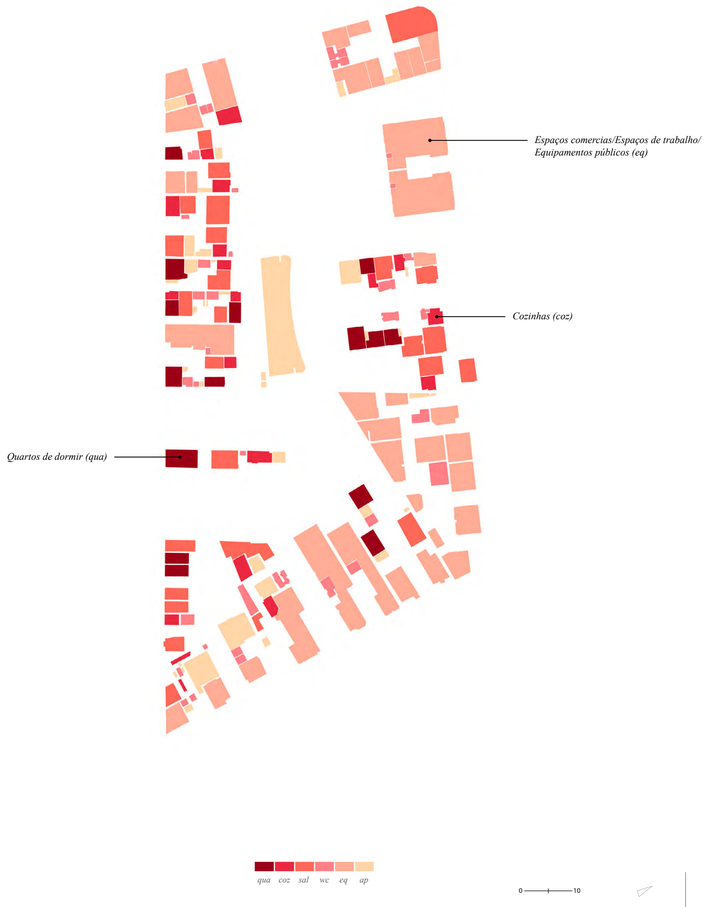


fig. 58. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos do piso térreo, do quarteirão na rua da Boavista.



fig. 59. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos dos pisos tipo, do quarteirão junto ao largo Actor Dias.

Quarteirão na rua da Boavista

Sobre a presente análise evidencia-se uma vez mais o diálogo entre as tipologias habitacionais e as respectivas vias públicas envolventes.

Hierarquiza-se deste modo, a rua da Boavista como o eixo de maior importância na definição do quarteirão, seguindo-se da rua de Cedofeita que define os edificados a Este, ligando o caso de estudo aos pontos centrais da cidade, e por último a rua da Igreja de Cedofeita, paralela ao eixo Este a Oeste, que e ladeada de edificações entre 2 a 3 pisos define-se pelo seu carácter estreito e escuro.

A rua que define o quarteirão a Oeste vai abranger apenas duas edificações em gaveto, que integram as características das consequentes ruas ortogonais.

A hierarquia das vias estabelecer de grosso modo uma base para a interpretação das tipologias habitacionais que conformam o quarteirão.

No conjunto de edifícios que se definem pela rua da Boavista, surgem os projetos que marcam uma fase mais recente do quarteirão (entre as décadas de 1920 e 1960), com excepção do edifício mais a Oeste, na intersecção entre a Boavista e a Aníbal Cunha que sempre albergou um programa público não habitacional (construído na segunda metade do século XIX).

Os restantes edifícios que se desenvolvem nesta frente surgem no decorrer do século XX, fazendo aparecer os principais edifícios plurifamiliares que relacionam o quarteirão com a rua da Boavista. Esta tipologia habitacional caracteriza-se por edifícios isolados plurifamiliares que introduzem uma nova lógica de pensar a habitação. Sobre esta lógica encontram-se os dois edifício centrais, que datam da década de 1940, incluindo o projeto de Arménio Losa e Cassiano Branco em 1946.

Pelo que na ponta Este desta sequência de edifícios, já no cruzamento da rua da Boavista com a rua de Cedofeita, destaca-se ainda o complexo habitacional e comercial que é desenvolvido na segunda metade do século no ano de 1977.

Dentro desta sequência de volumes que forma a frente com a Boavista, é possível ainda encontrar um conjunto habitacional se que caracteriza pela lógica da burguesia liberal (responsável pela extensão desta mesma rua), sendo este o edifício menor que se comprime entre o conjunto habitacional e comercial a Este e o projeto de Arménio Losa e Cassiano Branco no eixo central do quarteirão. É sobre esta pequena pré existência que é possível sentir a marca habitacional que desenhou a rua na antecedência das transformações que marcaram o decorrer do século XX.

Em seguida, salienta-se a tipologia de casas que espelha o desenho da rua de Cedofeita na face Este do quarteirão, onde as habitações são desenhadas segundo as linhas almadinas responsáveis pela definição da própria rua de Cedofeita, projetada no século XVIII, e que se caracterizam, como é possível ver nas *fig. 58* e *59*, por edi-

fícios plurifamiliares. Este edifício vão ter geralmente com um fogo por piso, onde o nivel térreo se destina exclusivamente a espaços de loja, projetando uma lógica de diálogo comercial com a rua. "*A organização interna é semelhante ao segundo tipo de casa Mercantilista referido anteriormente, com caixa de escada central, piso térreo destinado a comércio ou armazém, acesso independente e prevalência da não especialização dos espaços, com excepção da cozinha, situada no último piso, ainda que haja um aumento de complexidade.*"[134].

A maioria destas habitações têm como base as habitações que seguiram a expansão almadina nos finais do século XVII, e apresentam uma morfologia estreita à face da rua e que se estende em profundidade para dentro do quarteirão, seguindo as lógicas da habitação características do porto iluminista. Importa notar que, enquanto nas habitações que acompanham a rua da Boavista estabelecem o espaço exterior privado do lote como parte integrante de todo o edifício, as habitações na rua de Cedofeita caracterizam os seus logradouros como parte exclusiva do piso térreo, regra geral o piso loja.

O terceiro conjunto que integra o caso de estudo, são as habitações que acompanham a rua da Igreja de Cedofeita, onde se define uma identidade mais intimista e de menor circulação viária. Nesta frente urbana os lotes seguem uma lógica estreita e profunda, como que se adaptando a escala da rua de Cedofeita a esta nova rua. Porém neste conjunto, onde o edificado é naturalmente mais contido em altura, as habitações vão trazer parte dos espaços privados da casa para o nível térreo. O piso Loja, neste caso, é então substituído pelo espaço de habitar que incorpora (nesta rua) habitações de uma ou duas famílias. De ambos os lados, esta face do quarteirão, conforma-se com espaços exteriores contido, quer pela rua quer pelo logradouro.

Na distribuição geral dos espaços privados, observa-se pelas *fig. 58* e *59*, que os quartos de dormir projetam-se maioritariamente nos pisos tipo, distanciando-se por norma no nível da rua, com excepção dos edifícios na rua da Igreja, que trazem pontualmente para o nível da rua o quarto de dormir.

Tanto nos pisos tipo como nos pisos térreos, o espaço da cozinha vai tomar lugar no interior do lote, distanciando-se da relação pública com a rua. Marcam-se no entanto excepções, como na rua da igreja, onde os edifícios estreitos organizam dois fogos por piso (um fogo na frente da rua, outro na frente tardoz), e o exemplo do projeto de Arménio Losa e Cassiano Branco que, distanciando a fachada do nível da rua, vira os espaços de dormir para o núcleo do quarteirão virando sobre a rua os espaços comuns, como salas e cozinhas.

134 **SILVA**, **Arménio** - *A acessibilidade na casa burguesa do Porto, tipificação de propostas de intervenção*. (p. 58).



fig. 60. Planta piso térreo do quarteirão na rua da Boavista

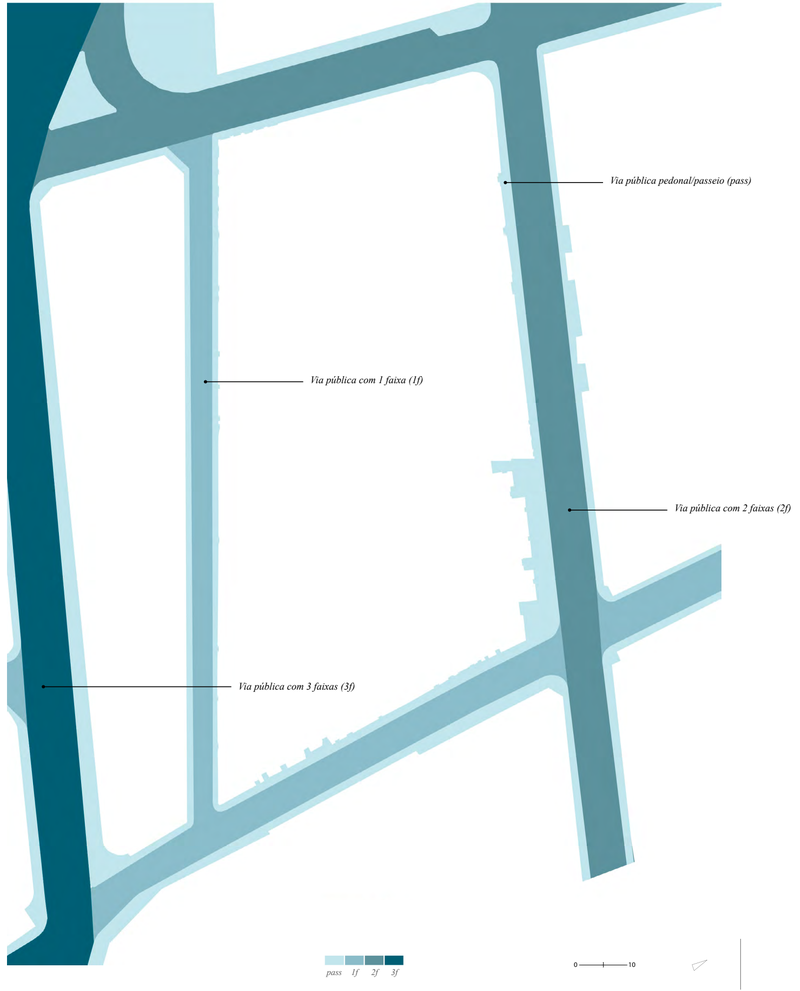


fig. 61. Levantamento das tipologias de espaços exteriores públicos que contextualizam o quarteirão na rua da Boavista.



fig. 62. Levantamento das tipologias de espaços exteriores no miolo do quarteirão na rua da Boavista.

Na composição do piso térreo retira-se que, tanto na ligação com a rua de Cedofeita como com a rua da Boavista, dominam os espaços comerciais e equipamentos públicos, com excepção do edifício projetado pelos arquitetos já referidos que dentro da organização simétrica mantém um caráter exclusivamente habitacional. Por outro lado, nas fachadas que contemplam o quadrante Sul, na rua da igreja, vai-se estabelecer ao nível térreo o diálogo principalmente com os espaços privados, como as salas, quartos e cozinhas.

Quanto às vivências, o tipo de habitações que permite uma maior confluência entre o privado e o público são as habitações na rua da Igreja, no entanto, por ser estreita e consequentemente ladeada de edifícios a Sul, torna-se grande parte do dia, especialmente no inverno, uma rua escura, afastando as experiências exteriores que o sol permite. Logo nesta parte do quarteirão, apesar de persistir uma vivência habitacional mais intima e onde o privado tem um diálogo mais direto com a rua, passa a ter um carácter exclusivamente de circulação funcional para aceder às habitações, pois não se torna convidativa para os espaços de estar. Por sua vez a vivência de estar exterior vive-se na relação com os logradouros que se fazem acompanhar geralmente pelas cozinhas e salas de estar, projetando os quartos para os pisos superiores na fachada com a rua (a Sul).

No restante quarteirão as vivências acompanham de modo geral a hierarquia das ruas, que se caracterizam principalmente pela rua de Cedofeita e pela rua da Boavista.

Na primeira, onde se fazem sentir as matrizes do Porto almadino, a vida privada sobrepõe-se ao nível da rua favorecendo os espaços de loja no piso térreo. Neste caso as principais características habitacionais a retirar, é como a organização dos espaço da casa vai alternando de caso para caso, especialmente entre quarto e salas, virando-se tanto para a rua como para a posição tardoz. A cozinha, no entanto, mantém-se mais ou menos constante, resguardando-se no interior do lote e distanciando-se da rua.

No segundo caso, as vivências traduzem-se mais na identidade de cada edifício, e não tanto na coerência formal das tipologias que formam a rua. Identifica-se neste sentido, o complexo mais a Este, que partilha com a lógica de habitação um conjunto de espaços comerciais no nível térreo e que organiza em si um compacto número de fogos que afastam na sua maioria os espaços de cozinha da frente de rua. Neste sentido, e em conformidade com os restantes edifícios, nasce uma vivência cuja a partilha se dá principalmente dentro do próprio edifício e se desconecta dos restantes vizinhos, que habitam o quarteirão como usuários de um espaço urbano comum.

Nos restantes edifícios que definem este troço da rua da Boavista, segue uma lógica

de habitação plurifamiliar que se relaciona com a via de maior tráfego viário com presença de garagens e espaços de estacionar em cada lote, e que refletem em parte o estilo de vida esperado nos desenho destes espaços. Casa, carro, rua.

Na hierarquia de espaços exteriores que vão acompanhar a forma do quarteirão, participa-se à partida, que as ruas, como já foi referido, refletem no edificado a sua identidade.
Identifica-se assim, a rua da Igreja de Cedofeita, por uma via estreita de um só sentido maioritariamente percorrida por pedestres, a rua de Cedofeita que, apresentando também um sentido, carrega mais tráfego viário e maior importância no contexto urbano. Por último as ruas da Boavista e de Aníbal Cunha que se caracterizam por duas vias de trânsito com maior importância que as restantes.
No enquadramento dos espaços exteriores privados, o seguinte caso de estudo destaca principalmente dois: os logradouros como extensão do piso térreo e os logradouros que conformam os lotes de maior dimensão e cuja utilidade pertence a todo o edifício. Dentro da primeira demarca-se que os logradouros como extensão dos pisos térreos privados sub dividem-se em dois universos, os logradouros que pertencem ao edificado da rua da Igreja de Cedofeita, que se comprimem nas traseiras Norte dos edifícios e que acompanham as zonas de estar comuns dos fogos, como as cozinhas e salas, e os logradouros que pertencem aos pisos térreos na rua de Cedofeita de morfologia mais esguia e profunda, complementando na sua maioria os espaços de loja característicos do piso.
No segundo tipo de espaços exteriores privados os logradouros, que se caracterizam como espaço comum do condomínio, conferem ao edificado um isolamento no contacto com o edifícios adjacentes. Estes espaços acabam por se transformar em zonas de estacionamento arrastando consigo um carácter pouco cuidado, no entanto responsável por conferir ao quarteirão um núcleo desafogado de construções.



fig. 63. Planta piso tipo do quarteirão na rua da Boavista



fig. 64. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos do piso térreo, do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

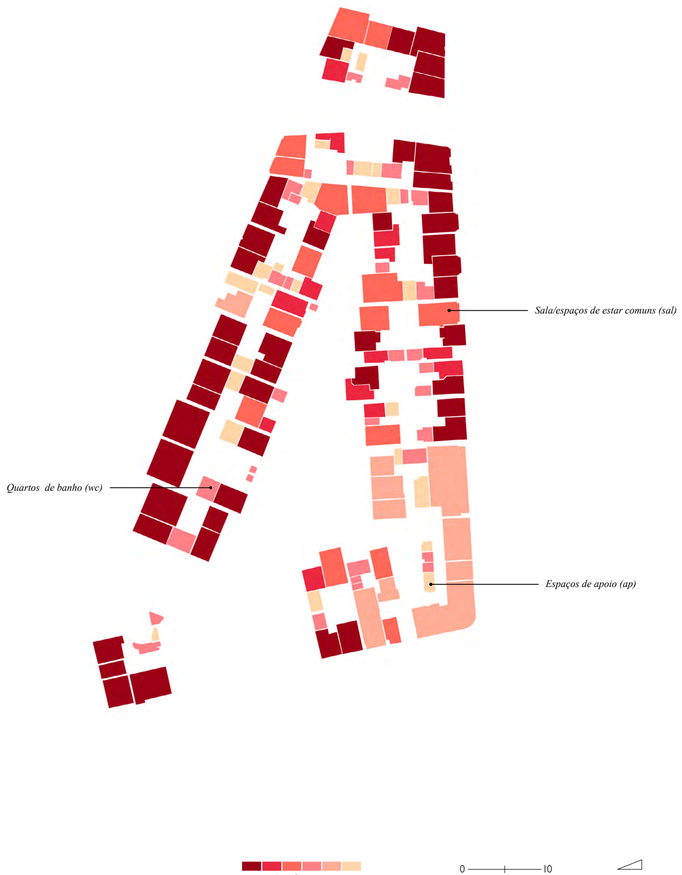


fig. 65. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos dos pisos tipo, do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

Quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas

No presente quarteirão, é possível encontrar de grosso modo dois tipos de estruturas no que toca às tipologias de habitação. Que evidenciam diretamente a capacidade desta tipologia urbana em integrar as transformações que o desenvolvimento da cidade lhe impõe.

Este fenómeno dá-se essencialmente pelo desfasamento temporal sobre a qual estes diferentes grupos de edificado se materializaram.

O primeiro engloba as tipologias habitacionais que seguem as linhas formais da burguesia liberal sobre o olhar da nova burguesia que influenciou a expansão da cidade no decorrer do século XIX. Esta "*... nova tipologia de casa burguesa monofuncional representa uma ruptura tipológica e confina o edificio a uma só função, o habitar, sendo capaz de albergar programas residenciais mais complexos. É introduzida uma cave sobrelevada, destinada a zonas de serviço e armazém; a sala do primeiro piso contígua à entrada, ... a cozinha passa a situar-se nas traseiras do primeiro piso num volume independente e, os quartos, nos pisos superiores.*"[135].

Sendo sobre esta tipologia que se materializa a totalidade do caso em estudo, na sequência do planeamento urbano que originou o quarteirão. No entanto, com no decorrer do século XX todos os lotes que permaneciam em contato direto com a avenida Rodrigues de Freitas (a Sul) foram gradualmente incorporando uma escala e lógica de planeamento diferente acompanhando o desenvolvimento da própria avenida.

Torna-se especialmente fácil distinguir ambas as linguagens habitacionais através da *fig. 64*, ilustrando do lado direito um piso térreo maioritariamente ocupado por lojas e equipamentos de atividade laboral/pública, e do lado esquerdo um conjunto mais fragmentado e doméstico que caracteriza a habitação oitocentista.

No que toca à distribuição dos espaços domésticos, nota-se que estes vão refletir em parte, as duas lógicas referidas anteriormente.

Analisa-se deste modo, os conjuntos habitacionais de características burguesas, que se definem pelo acesso direto entre o habitar privado e a rua, não havendo espaço interiores comuns de transição. Na relação que estabelecem com a rua ao nível do piso térreo, é possível notar que estes partilham principalmente espaços de estar (salas) e pontualmente os quartos de dormir. Enquanto que se mantém consistente por toda a tipologia uma relação dos espaços de cozinha, ao nível do piso térreo, com a

135 **SILVA, Arménio** - *A acessibilidade na casa burguesa do Porto, tipificação de propostas de intervenção*. (p. 60).

parte tardoz da habitação, fugindo do relmo público da rua e projetando-se sobre os logradouros no miolo de quarteirão. "*Relativamente à tipologia que se mantém, não existem grandes diferenças em relação ao século anterior, a não ser a introdução de instalações sanitárias no tardoz ...*", que se associam em geral aos espaços da cozinha no piso térreo[136]. Consequentemente os pisos superiores ficam caracterizados pelos quartos de dormir que estabelecem uma relação tanto com a rua como com o núcleo central do quarteirão.

Perante a tipologia de edificado que se forma na relação com a avenida Rodrigues de Freitas, introduz-se uma nova cércea no quarteirão marcada por habitações que atingem até seis pisos de altura.
Neste conjunto de edifícios, onde se desenvolve uma lógica de habitação plurifamiliar, possibilita-se assim, pelo carácter mais movimentado da avenida, desenhar os pisos térreos exclusivamente como espaços comerciais. As construções integram desta forma os restantes pisos, onde uma lógica de piso tipo começa a ser mais presente, pelo que é possível encontrar no mesmo andar fogos tanto virados para a rua como para o interior do quarteirão. Nestes casos, os quartos de banho estabelecem-se no centro do edificado e os restantes espaços rematam ambas as fachadas. Onde cada fogo ocupa a integra do piso, é comum, como na *fig. 65* encontrar quartos de dormir virados para a avenida e os restantes espaços doméstico para o interior do quarteirão ou mesmo para a rua tardoz, como é o caso dos edifícios que rematam a ponta Este do quarteirão.

Quanto aos espaços exteriores, a hierarquia das vias envolventes têm um importante impacto na formação das tipologias habitacionais, e consequentemente, estas caracterizam de um modo visível os espaços exteriores no miolo do quarteirão. Sendo que, as habitações de menor cércea de carácter burguês, relacionam com o restante conjunto logradouros contidos, que sobre a mesma escala que as repartições da casa, definem um carácter marcantemente funcional para que seja possível a vivência do piso térreo tardoz.
Quanto que o logradouros pertencentes ao edificado da avenida, estes encontram-se obsoletos ou tapados para o uso de armazéns ou garagens. Neste caso nota-se que os logradouros tendem a conformar-se com as seguintes situações: ou pertencem a todo o edifício não podendo fazer um usufruto equilibrado deste espaço tornando-o obsoleto, ou transformam-no em espaços possíveis de partilhar perante um elevado

136 **SILVA**, **Arménio** - *A acessibilidade na casa burguesa do Porto, tipificação de propostas de intervenção*. (p. 60).



fig. 66. Planta piso térreo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

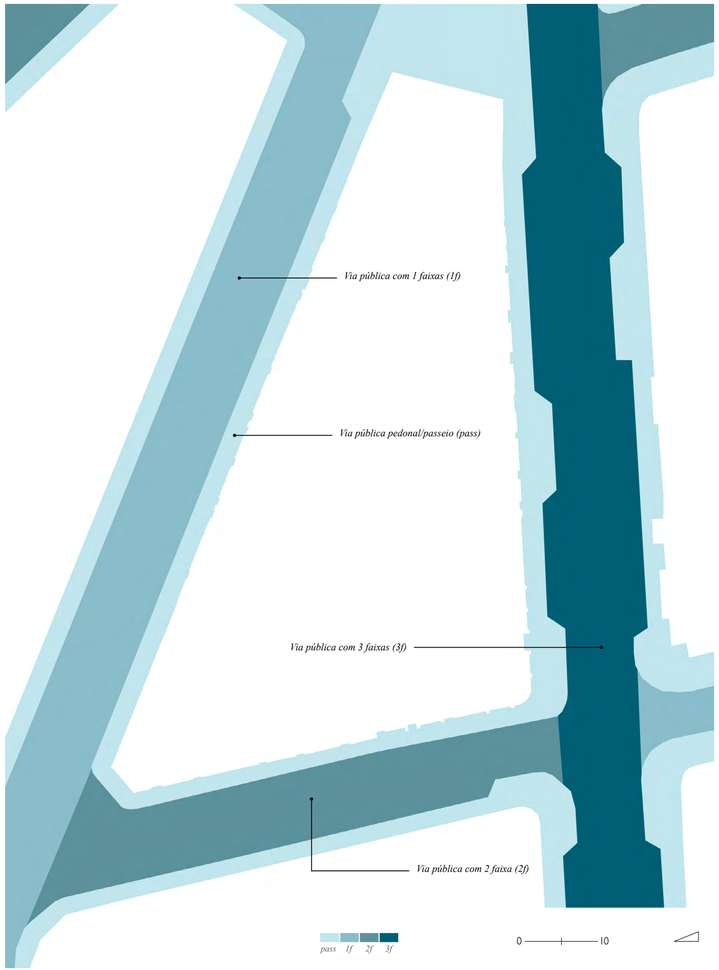


fig. 67. Levantamento das tipologias de espaços exteriores públicos que contextualizam o quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

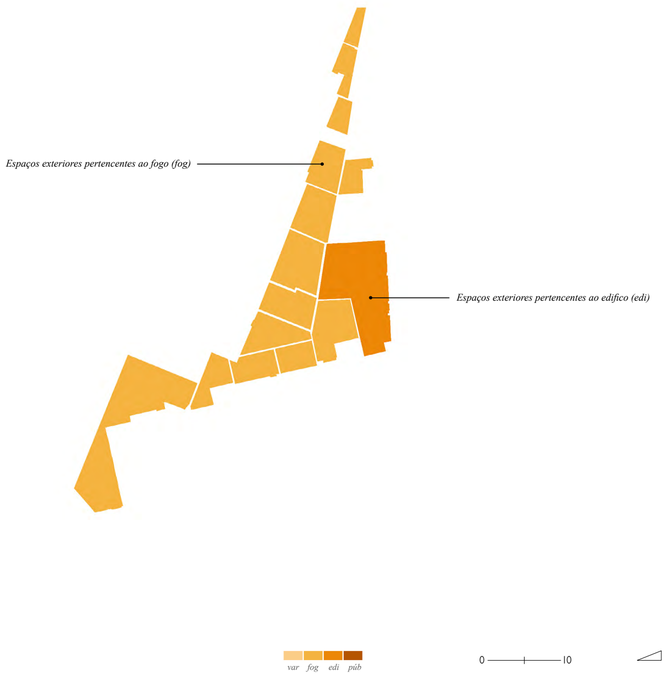


fig. 68. Levantamento das tipologias de espaços exteriores no miolo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

número de fogos, zonas de arrumo ou garagens, ou pertencem exclusivamente ao piso loja que não partilha em nada a vida privada do quarteirão transformando os logradouros por vezes em armazéns, ou simplesmente fechando-os.

Sobre a variedade de vivências presentes retem-se que, as tipologias de menor cércea, estando hoje em dia quase integralmente reabilitadas, ocupam uma variedade etária significativa. Sendo nestas que os seus habitantes, pela força do contato mais direto com a rua, se apercebem mais facilmente das mudanças que vão existindo no próprio quarteirão, de certo modo sentem melhor a presença do vizinho.
Por outro lado, no contexto das habitações que se distribuem pelos pisos tipo que formalizam parte da avenida Rodrigues de Freitas, parece haver um contacto inevitável entre habitantes do mesmo prédio mas mais desconectado da noção de quarteirão.

A existência de logradouros torna-se um elemento quase que puramente funcional que permite, de forma racional, qualificar as habitações do quarteirão, que consequentemente vão dar forma a um espaço vazio comum e responsável por projetar aos edifícios que o partilham a ideia de conjunto. Contudo, os logradouros, nomeadamente aqueles que se estendem em diálogo com a habitação, vão definir em grande parte o espaço interior que os precede, ou seja, pertencem exclusivamente ao piso térreo. É sobre este conjunto de pequenos espaços exteriores que se conformam com os respectivos piso térreos, que é oferecido aos restantes andares um vazio comum que os define como conjunto.
Os espaços exteriores definem o quarteirão em duas dimensões: a rua, que molda diretamente as tipologias habitacionais, e os logradouros, que em resposta ao piso térreo tardoz vai caracterizar (a cima do nível da rua) o quarteirão como conjunto.

Conclusão

De modo a sintetizar a presente análise, é possível estabelecer uma hierarquia nas tipologias habitacionais que conformam os três casos de estudo.
Desde das tipologias de habitações de menor cerca, que estabelecendo um contacto mais direto com a rua vão criar maiores interações com a vizinhança, até às tipologias mais densificadas e onde a relação do habitante com a rua e com os consequentes espaços exteriores se torna mais indireta.
Neste espectro salienta-se que o graus de privacidade entre a via pública e o edificado mantêm um certa coerência, sendo raras as situações onde a casa expõe os espaço privado a ruas de grande fluxos e vice versa.
Contudo, o tempo acaba por ditar as relações de privacidade que as habitações do quarteirão têm com os espaços exteriores envolventes, reagindo ao carácter da via pública e determinando por vezes os constrangimentos que surgem no interior do quarteirão. O quarteirão mostra assim, na sua caracterização temporal, grande capacidade em integrar as transformações que acompanham o desenvolvimento da cidade, sem que a dua identidade unitária se dilua ou se descaracterize.
O próprio carácter burguês da habitações que, nomeadamente sobre os ideais iluminista, começa a materializar a tipologia de quarteirão em estudo, parece ter contribuído em boa parte para a resiliência deste elementos que ainda hoje caracterizam e definem o tecido urbano portuense. Estas edificações "*... apresentam uma notável capacidade de adaptação a novos usos, a novos aumentos em altura, a novos aumentos em profundidade ao nível do piso térreo, e inclusive à pura substituição parcial de materiais e sistemas construtivos. ... Este processo revela uma vitalidade no que respeita à sua adaptabilidade a usos mistos, que o posterior modelo de habitação do período liberal não comporta.*"[137].

Na análise dos três casos de estudo identifica-se então os seguintes tipos: As habitações mais antigas, de lógica unifamiliar, no quarteirão junto ao largo Actor Dias, que fazendo-se acompanhar pelas reabilitações de habitação temporária vão partilhar em parte a lógica dos lotes na rua da Igreja de Cedofeita; Em seguida, encontram-se as habitações unifamiliares que marcam a génese do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas, sobre a lógica do Porto liberal (visíveis hoje na rua Conde de Ferreira e na rua Duque de Saldanha), que desenvolvem o piso térreo privado acima da cota da rua, deslocando tanto o logradouro tardoz como o espaço público do nível de entrada

137 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 146).

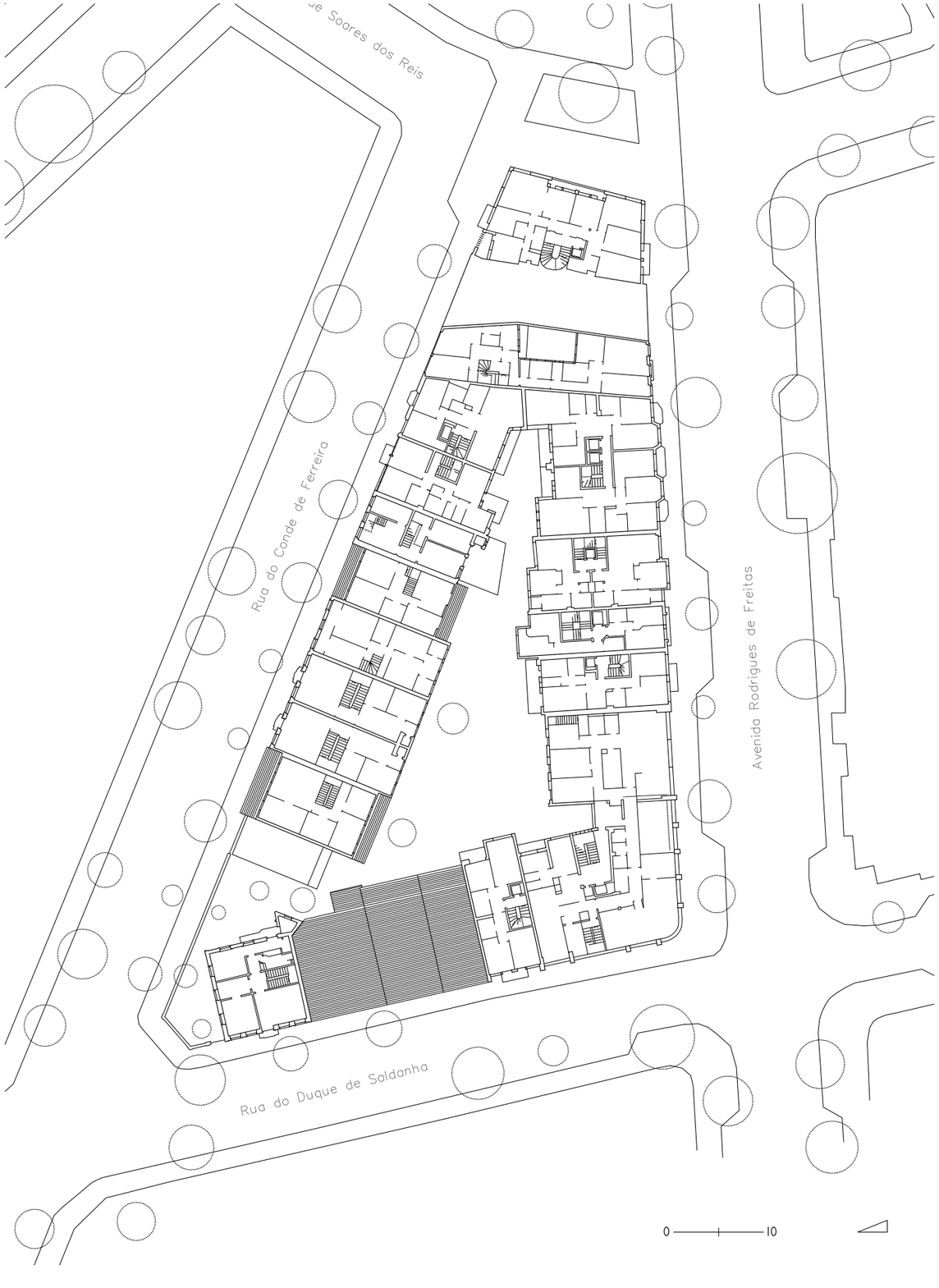


fig. 69. Planta piso tipo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

da habitação; Consequentemente agrupam-se os edifícios de habitação plurifamiliar, destacando assim as habitações poentes na rua de Cedofeita, que sobre lotes estreitos e profundos vão se caracterizar pelo piso térreo comercial (por norma um fogo por piso), estabelecendo assim pontes com o edificado que se desenvolve na frente com a avenida Rodrigues de Freitas, também este de piso térreo comercial (onde o elevador vai permitir organizar pontualmente mais de que um fogo por piso); Sobre esta lógica comercial surgem edifícios de maior escala, como o edifício no gaveto Sudoeste do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas e o edifício no gaveto Nordeste no quarteirão da rua da Boavista, mostrando uma vivência do espaço privado mais isolada do contexto envolvente; Por último surgem lógicas de habitação pontuais com é possível ver na rua da Boavista, no projeto habitacional de Arménio Losa e Cassiano Branco, que vão qualificar de forma simétrica e homogénea os fogos, favorecendo espaços de transição entre o edificado e os espaço público.

A posição dos espaços interiores e as suas funções acabam por ser uma adaptação ao carácter dos espaços exteriores envolventes, originando algumas das tipologias a cima descritas. Contudo, é possível observar configurações transversais aos três casos de estudo, como a posição das cozinhas fora da frente de rua, posicionando-se quase sempre no contacto com as fachadas tardozes, na relação com o interior do quarteirão, assim como, a tendência natural em deslocar os espaços de dormir dos pisos que estabelecem acesso com o espaço público, ou seja o piso térreo.
Outro aspecto geral possível de observar é que os logradouros tornam-se mais obsoletos quando o espaço interior adjacente não depende destes para qualificar a sua função.

3.4.3_MORFOLOGIA

Introdução

O estudo da morfologia, inicia assim a segunda dimensão dos parâmetros propostos, que visa caracterizar algumas das noções de identidade associadas aos caso de estudo.
Procura-se aqui, orientar uma perspectiva crítica focada nas morfologias que definem e que se definem no quarteirão, procurando compreender as formas que cada lote oferece ao espaço.
Neste espectro, a dicotomia entre a perspectiva do habitante e a do arquiteto torna-se relevante. Pois os elementos sobre a qual a disciplina da arquitetura analisa o espaço transcendem por vezes, a experiencia diária que o seus habitantes têm do mesmo.

Analisa-se assim, o quarteirão como um objecto único e isolado da cidade, anulando os sentidos de cor, textura e materialidade, de modo a permitir uma leitura que protagoniza a morfologia do conjunto e a consequente identidade do elemento urbano como objeto tridimensional. Estuda-se o equilíbrio dos espaços.

Ao olhar para as maquetes produzidas procura-se estudar a pressão que os respectivos lotes fazem na conquista pelo espaço, assim como relações que moldam o quarteirão, tanto na sua posição urbana, como com o espaço exterior não público.



fig. 70. Fotografia Maquete do quarteirão junto ao largo Actor Dias com a respectiva envolvente urbana. Estudo da forma do quarteirão no seu contexto morfológico.

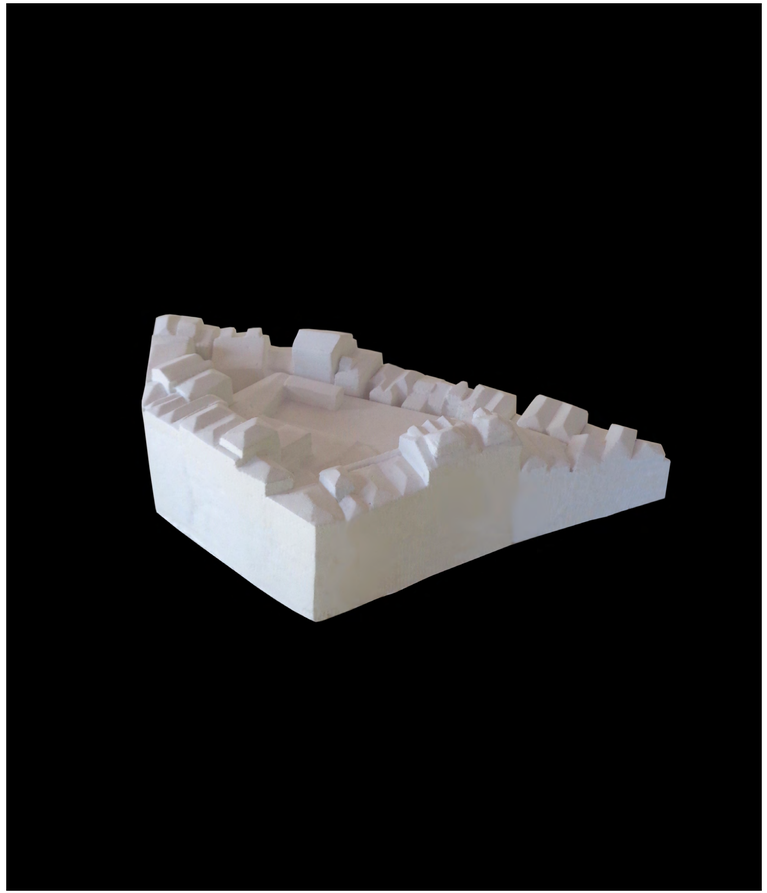


fig. 71. Fotografia Maquete do quarteirão junto ao largo Actor Dias. Estudo da forma do quarteirão como identidade única.

Quarteirão junto ao Largo Actor Dias

Enquanto que nas relações entre rua, casa, habitante, experiencia-se a escala que faz o meio urbano funcionar, ao analisar a maquete é possível dominar um conjunto de noções em simultâneo, impossíveis de apreender ao nível da rua. Como as noções topográficas, que neste caso de estudo, se fazem sentir com especial força.

Através da análise da forma geral do quarteirão é possível visualizar o carácter unitário que esta parcela urbana tem, e em simultâneo compreender como é que as frentes edificadas se organizam em diálogo com o todo. Ao observar a *fig. 71*, ilustra-se de maneira clara a dissociação que os edifícios da rua do Miradouro têm com o resto do grupo, nomeadamente com o miolo do quarteirão, por força da topografia existente.
O edificado Sul do quarteirão, para além de se definir sobre uma rua estreita e de integrar unidades de menor cércea, mantém os espaços exteriores privados comprimidos e afundados na relação com o interior do quarteirão, transpondo assim, uma noção do espaço que não é possível ter do nível da rua.
Ao percorrer o quarteirão pelas vias que o conformam distingue-se o carácter dos edificados em parte pela identidade das respectivas ruas, no entanto, ao analisar de cima o objeto como um todo, torna-se claro que a frente da rua do Miradouro dissocia-se formalmente do espaço central do quarteirão, que impõem a sua cota à topografia envolvente.
Realça-se também, que os projetos contemporâneos que compõem o quarteirão conseguem integrar e respeitar de modo geral a lógica formal do mesmo, transpondo sobre os novos programas habitacionais (de habitação temporária) projetos que vão compreender a escala que está na génese do conjunto e do espaço envolvente.

Neste caso em particular, dominado pela topografia, o quarteirão aparenta integrar especialmente bem as formas urbanas que o rodeiam. A sua morfologia faz a transição entre a cota mais baixa da zona da Batalha e a frente urbana sobre o Douro, na encosta a Este da muralha fernandina.
Este caso apresenta um identidade morfológica mista, expondo um lógica de conjunto centralizado, característico do quarteirão burguês, que se dilui na linguagem medieval orgânica característica dos morros portuenses.

Fora do seu contexto, interpreta-se este espaço como se um objeto único se tratasse, facilitando uma reflexão sobre os constrangimentos e potencialidades que o integram.

Sobre a ideia de que é essencial uma construção conceber em parte do seu lote um espaço exterior, que no limite permite fazer uma retenção mínima das águas pluviais e dar luz aos pisos inferiores, surge a análise destes mesmos espaços exteriores como parte integrante de um núcleo tardoz comum.
Para além destes espaços oferecerem à casa momentos de transição com o mundo exterior, no contexto do quarteirão, estes espaços ganham especial importância, pois uma vez relacionados permitem a criação de um espaço visual comum que pertence unicamente aos moradores, sendo por vezes o único elemento comum que consolida as diferentes vivências no quarteirão.

Na *fig. 72* é representado a volumetria que todos os espaços exteriores vazios no interior do quarteirão formam, onde o seu recorte mais ou menos amplo deve-se a este espaço representar quase na totalidade um só lote.
Na *fig. 73* ilustra-se o mesmo espaço, no entanto com os volumes brancos a representar a cércea do edificado à qual pertence cada lote. Deste modo é possível ver que uma significante parte do miolo do quarteirão pertence a um só lote, cuja cércea mantém-se superior à dos restantes edifícios que partilham de espaços exteriores com o núcleo. Neste sentido, sente-se que não à uma partilha equilibrada do interior do quarteirão, onde a qualidade do miolo do quarteirão depende das ações de um só lote. Contudo, esta realidade foi o que permitiu manter dentro deste caso de estudo o interior desimpedido e ajardinado que o caracteriza hoje.
Ao analisar a maquete da *fig. 73*, torna-se possível identificar o conjunto de espaços exteriores que definem o miolo do quarteirão. Na sequente comparação com a maquete da *fig. 71* salienta-se que o número de espaços exteriores que compõem este conjunto é bastante menor que o número de habitações que define o perímetro do quarteirão, clarificando a disparidade que existe no uso deste espaço central como qualificador e caracterizado do quarteirão.



fig. 72. Fotografia Maquete dos espaços exteriores que compõem o interior do quarteirão junto ao largo Actor Dias.



fig. 73. Fotografia Maquete de representação do volume vazio resultante da área do logradouro pela cércea do respectivo edifício. Estudo do espaço negativo que compõem o miolo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.



fig. 74. Fotografia Maquete do quarteirão na rua da Boavista com a respectiva envolvente urbana. Estudo da forma do quarteirão no seu contexto morfológico.

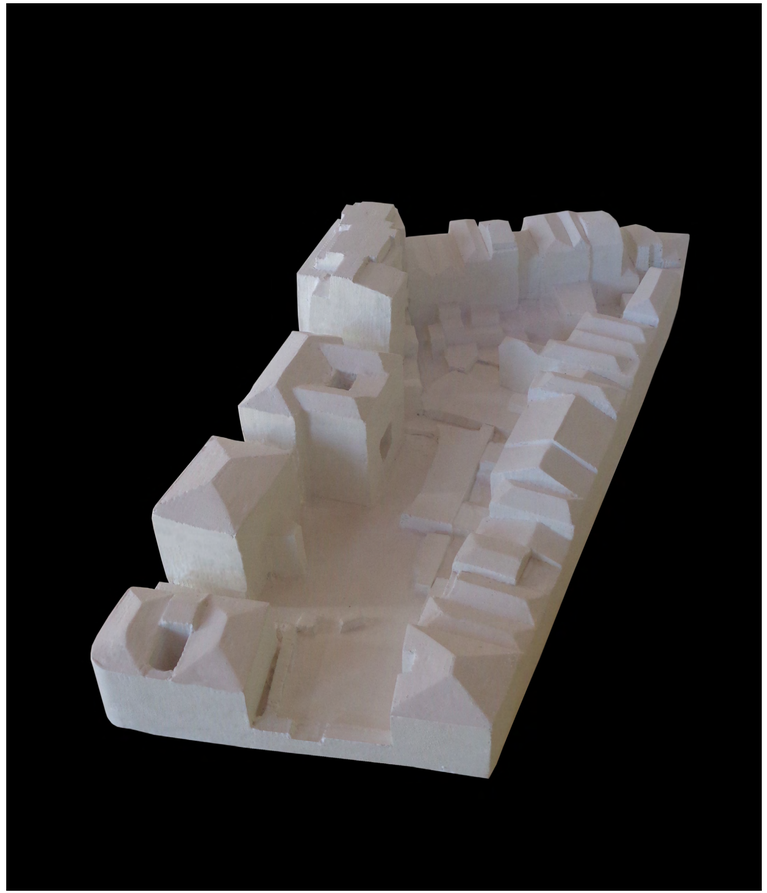


fig. 75. Fotografia Maquete do quarteirão junto à rua da Boavista. Estudo da forma do quarteirão como identidade única.

Quarteirão na rua da Boavista

No quarteirão em análise, importa observar a nítida organização morfológica que cada frente edificada assume, demarcando a clara na linguagem formal que define frente com a rua da Boavista.

Sobre este enquadramento, apesar do observador pedestre conseguir reter uma noção das divergências formais que consolidam o quarteirão, pode não se tornar evidente a hierarquização compreendida na *fig. 75*.
Salienta-se assim, a rua da Igreja de Cedofeita e a rua de Cedofeita dentro de uma mesma tipologia formal, sendo que, o edificado da rua de Cedofeita ganha em altura, refletindo a importância da respectiva rua.
Enquanto que à face da rua da Boavista, compreende-se uma segunda tipologia, responsável pela fragmentação do perímetro edificado. A presença desta segunda linguagem morfológica vai introduzir uma diluição do miolo do quarteirão, permitindo a sua permeabilização visual entre este e os o espaços públicos envolventes.
Outra noção que se retira entre a forma e o espaço de habitar, é o uso que dois dos edifícios fazem de um pátio exterior central (saguão). Esta característica invisível ao nível da rua, permite relacionar as proporções do edificado com a necessidade de um espaço exterior. Vê-se assim uma certa reação natural do edificado em criar um espaço exterior privado paralelo ao núcleo do quarteirão, à medida que o edifício aumenta a sua escala. Analisa-se assim os domínios que o espaço exterior tem na função de habitar. Quais os limites de forma e escala, para o qual a habitação precisa de introduzir em si em novo espaço exterior (saguão).

Na relação entre cheios e vazios que o quarteirão forma com a envolvente pública, evidencia-se a centralidade urbana que este tem no cruzamento de quatro eixos importantes da malha portuense.
Na relação mais mediática com a envolvente, e sobre uma uniformização do objeto de estudo (maquete da *fig. 74*), nota-se que dentro da relação proporcional que os edifícios do quarteirão estabelecem com a envolvente, destaca-se a imposição formal do edifício mais a Este virado para a rua da Boavista. Este edifício de composição comercial e habitacional demarca-se do seu contexto quer pela excedente elevação, que não acompanha a uniformidade da rua, quer pela ocupação integra do lote, fazendo-se depender nos vazios "oferecidos" pelos restantes lotes.

Nos vazios que cada lote oferece ao núcleo do quarteirão, é possível distinguir a hierarquia dos edifícios que os compõem, transparecendo assim, as forças que formaram o quarteirão no de correr do tempo. Nota-se que, apesar de terem uma linguagem habitacional semelhante, os lotes da rua de Cedofeita formam logradouros mais fundos que os lotes na rua da Igreja.

Na rua da Igreja de Cedofeita, os logradouros parecem comprimir-se perante os lotes que conformam a rua da Boavista (onde se formam os edifícios mais recentes deste quarteirão). Este diálogo permite apreender, como já foi descrito na evolução do quarteirão, que a rua de Cedofeita antecede a rua da Igreja, e que os logradouros desta, acabam por não se estender em profundidade pela presença de um lote unitário que só mais tarde se reparte albergando os edifícios habitacionais que detêm a face Norte do quarteirão. O presente fenómeno responsabiliza-se por desconectar parte do caso de estudo da lógica de logradouros, refletindo a morfologia presente na *fig. 76*.

A fragmentação, consequente dos pisos loja na frente com a rua de Cedofeita, acaba por consolidar um vazio significante na qualificação do miolo do quarteirão (*fig. 77*). Contudo este defini-se maioritariamente pelos lotes dos conjuntos habitacionais a Norte, cujo piso térreo comum se traduze em espaços de garagem (como é o caso do loteamento que antecede o gaveto, na frente Oeste com a rua da Boavista).

Complementarmente, nota-se que são os vazios de maior escala que vão estabelecer na sua morfologia, contacto com a rua.

Neste caso é possível observar que as massas que representam os vazios estabelecem uma proporção clara com a hierarquia dos edifícios que as definem, completando-se.

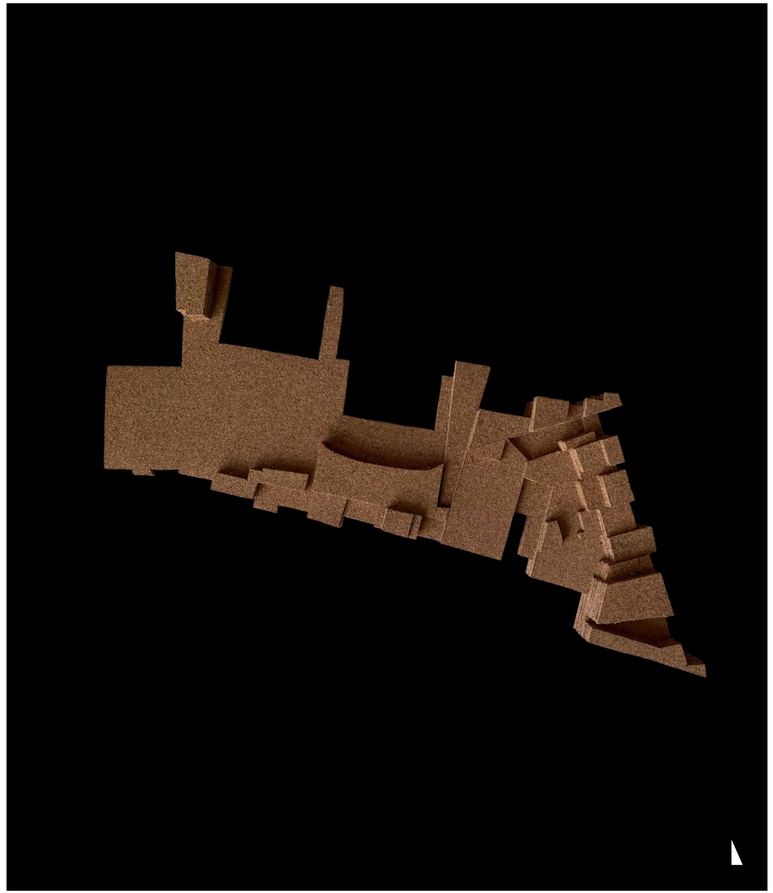


fig. 76. Fotografia Maquete dos espaços exteriores que compõem o interior do quarteirão na rua da Boavista.



fig. 77. Fotografia Maquete de representação do volume vazio resultante da área do logradouro pela cércea do respectivo edifício. Estudo do espaço negativo que compõem o miolo do quarteirão na rua da Boavista.



fig. 78. Fotografia Maquete do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas com a respectiva envolvente urbana. Estudo da forma do quarteirão no seu contexto morfológico.

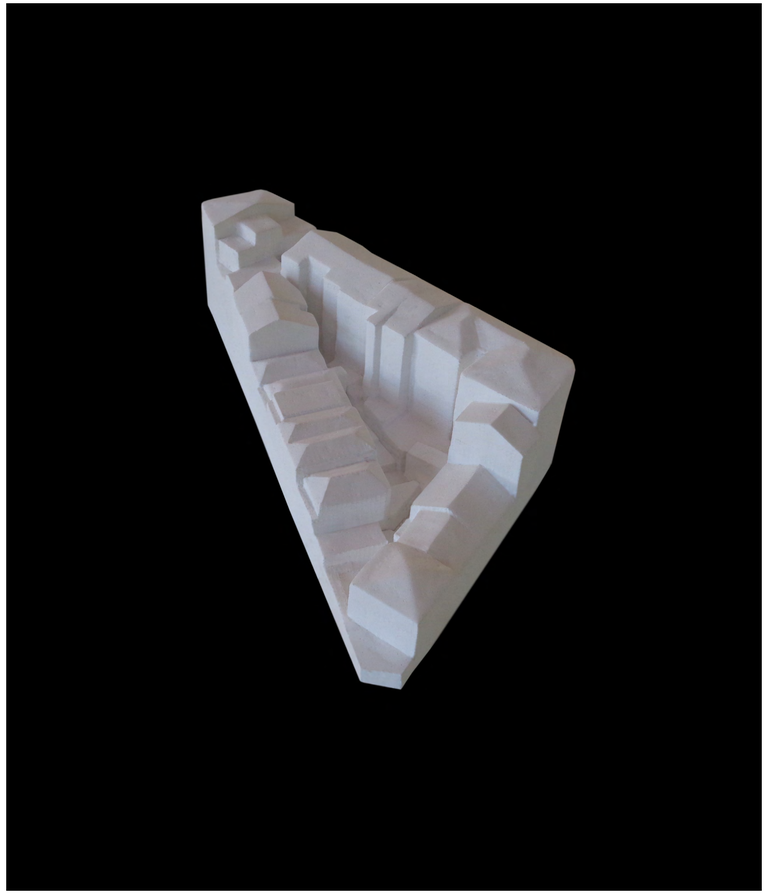


fig. 79. Fotografia Maquete do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas. Estudo da forma do quarteirão como identidade única.

Quarteirão na Avenida Rodrigues de Freitas

Na perspectiva do pedestre, uma das noções que mais se evidencia ao percorrer o quarteirão, é a mudança de escala e a variação do fluxo viário entre as vias principais (av. Rodrigues de Freitas e largo de Soares dos Reis) e as vias secundárias (rua do Conde de Ferreira e rua do Duque de Saldanha). Sendo esta noção inevitavelmente traduzida na morfologia do quarteirão (*fig. 86*).
Contudo uma percepção que escapa ao pedestre, é o vazio que nasce no interior do quarteirão e como a pressão das vias envolventes o condicionam.
Neste caso, os logradouros que compõem o interior do quarteirão mantém entre si uma proporção semelhante, não sendo possível ao olhar para a *fig. 80* caracterizar através destes o edificado envolvente. A área exterior existente no interior do quarteirão é uniformemente dividida pelos respectivos lotes independentemente da cércea dos edifícios que os ocupam. Como efeito, a cércea do edificado Sul, na avenida Rodrigues de Freitas impõem-se sobre o miolo do quarteirão, caracterizando este espaço exterior comum como um espaço maioritariamente em sombra.

Na sua inserção urbana o quarteirão sente-se com elemento integrante dos eixos radiais que nascem no largo de Soares dos Reis, e que se desenham sobre uma zona de topografia mais ou menos constante da cidade.
Analisando as *fig. 78* e *79* ilustra-se um objeto urbano de identidade geométrica forte que se vai dissimular quando inserido no seu contexto urbano, sobre a lógica de um planeamento em quadrícula.

Ao retratar o miolo do quarteirão e a sua forma, importa referir que este se oferece à rua no ponto mais a Norte, na interseção da rua do Duque de Saldanha com a rua do Conde de Ferreira, possibilitando a interação visual deste núcleo com a rua. Neste ponto a permeabilização dá-se através do jardim privado pertencente à habitação que resolve o gaveto Norte do quarteirão.
Sobre esta leitura é possível apreender também, que o quarteirão fragmenta o seu miolo em logradouros com áreas mais ou menos idênticas independentemente do volume do edificado. Sendo este miolo conformada pela forma periférica do quarteirão, havendo apenas uma quebra, com a permeabilização já referida, que extrapola o espaço vazio do núcleo para a face da rua (*fig. 80* e *81*).
Os logradouros que constituem a base deste núcleo exterior, são na sua totalidade espaços privados que não comunicam entre si no nível térreo, partilhando a noção de quarteirão no vazio que geram em altura.

Ao comparar ambas as maquetes que representam os volumes, quer vazios quer cheios do quarteirão, entende-se que o espaço se qualifica quanto melhor for a proporção entre cheio e vazio, entre edifício e logradouro. Pelo que o quarteirão se desqualificaria, se por exemplo, os edifícios a Norte (rua do Conde de Ferreira) tomassem as mesmas características dos edifícios que conformam a frente com a avenida (a Sul).
Em suma é possível sentir um desequilibro entre ambos os volumes, pressionado pela existência da avenida Rodrigues de Freitas e que é amortecido pelas relações mais equilibradas (edifício/logradouro) que desenham as ruas a Norte da avenida.

Conclusão

Reintegrando alguns aspetos gerais do estudo morfológico, nota-se que a volumetria do edificado reage de acordo com o caráter dos espaços públicos envolventes, acompanhando assim as suas hierarquias. Neste sentido, é possível observar uma integração morfológica no que toca à escala do objecto com a sua envolvente. Embora cada caso marque uma morfologia de conjunto distinta, todos eles absorvem-se na escala urbana em que se inserem. Que, no entanto, como consequência desta reação do edificado ao caráter das ruas envolventes, a escala e forma necessária para qualificar o miolo do quarteirão é posta em segundo plano. A pressão do edificado sobre o núcleo é uma consequência indireta do caráter que espaço público envolvente induz no quarteirão.

Sobre o desenvolvimento cronológico de cada caso retém-se de mesmo modo, através do estudo morfológico, as fases na evolução do quarteirão que deram lugar às maiores diferenças formais.
Neste contexto, apreende-se que as construções mantiveram uma lógica mais ou menos constante até ao inicio do século XX, sendo que as formas de habitar que pontualmente rompem esta lógica preexistente vão surgir com o desenrolar do século.
"*Relativamente à inserção urbana, uma das evidências que se detecta quando se percorre a cidade do Porto e se inventariam exemplares aparentemente construídos no período entre 1920 e 1940, é que grande parte das edificações que se inserem em gavetos, remates de quarteirões ou lotes de configuração atípica, foram construídos neste período.*"[143].

143 **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. (p. 474).



fig. 80. Fotografia Maquete dos espaços exteriores que compõem o interior do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.



fig. 81. Fotografia Maquete de representação do volume vazio resultante da área do logradouro pela cércea do respectivo edifício. Estudo do espaço negativo que compõem o miolo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

Contudo, no período que envolve a realidade contemporânea as intervenções tendem a respeitar mais a forma e escala preexistente, mesmo que alterando as lógicas sociais por de trás de uma habitação democrática da cidade.
Nesta sequência, interessa notar como é que através da análise morfológica do todo se consegue subentender os graus de privacidade que os edificados estabelecem com as respectivas vias envolventes.

Na análise do miolo do quarteirão compreende-se, refletida na escala do logradouro, a classe social que originou do edificado correspondente. Os edifícios que comprimem mais os espaços exteriores traduzes (os logradouros), regra geral, vão formar tipologias habitacionais direcionadas a classes mais baixas, e vice versa, logradouros mais amplos correspondem a habitações de proprietários mais prósperos. Interpreta-se assim, através na análise morfológica, as interações entre classes e níveis de vida que foram surgindo dentro do mesmo objeto de estudo, e a sua capacidade em integrar novas adaptações.
De modo geral observa-se que, os edifícios que mais espaço oferecem ao interior do quarteirão, são os que apresentam uma escala ligeiramente superior às pequenas unidades unifamiliares e inferior às unidades plurifamiliares que se densificam em altura.

No quarteirão junto ao largo Actor Dias (mais antigo), a disparidade entre a escala dos espaços exteriores privados e o número de edifícios, é bastante evidente. Quanto que no quarteirão mais recente, junto à avenida Rodrigues de Freitas (quarteirão planeado de raiz) a divisão dos lotes desenha-se de modo muito mais equilibrado, independentemente da importância dos edifícios envolventes.

O quarteirão qualifica-se quanto melhor for a proporção entre cheio e vazio, entre edifício e logradouro, sendo para isso necessária uma sensibilidade entre o carácter da cada via, as leis que controlam o espaço construído e a orientação do edificado no seu contexto topográfico.

3.4.3_IDENTIDADE

Introdução

Ao analisar a identidade dos casos de estudo, completa-se a sequência de parâmetros propostos, dando a conhecer as noções que os habitantes têm do espaço, tanto como observadores como usuários.

O presente parâmetro procura registar a identidade que cada quarteirão projeta, em quem o usa e a quem nele permanece, dando assim a conhecer, as atividades, as memórias, os elementos e as sensações que enquadram as pessoas no lugar.
Analisa-se inevitavelmente a relação da identidade com a rotina, "*... por intermédio do qual, «cada indivíduo «aprende» a manipular os objetos que lhe são imprescindíveis para vida quotidiana.*"[138].

É feito o uso à entrevista como elemento de suporte da análise, desenvolvendo dois diálogos por cada caso de estudo. A morfologia centralizada que estes objetos urbanos apresentam possibilita deste modo, ao investigar dois habitantes que frequentam pontas distintas do quarteirão, encontrar vivências complementares do mesmo.

---

138 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?* (p. 163).


PONTO DE PARTILHA
GIRON
64-IR-69

Quarteirão junto ao Largo Actor Dias

Neste caso de estudo enquadra-se que ambos os residentes entrevistados vivem no quarteirão há mais de cinco, seis décadas, habitando o caso com a génese mais antiga em estudo, que se estruturou como elemento do espaço urbano nas mediações da muralha Fernandina compondo atualmente uma população residente já envelhecida e por vezes isolada.
No decorrer das entrevistas, nota-se que os percursos feitos em redor do quarteirão variam, mantendo-se comum o facto de não se fazer uso frequente das escadas dos Guindais, devido à sua acentuada inclinação.
Pelo que, da interação que os residentes estabelecem com a cidade, através dos percursos que caraterizam melhor as suas rotinas, o largo Actor Dias (espaço de estar público) parece entrar como elemento de transição entre os habitantes e a cidade.
Em ambos os casos o contacto direto que as habitações unifamiliares estabelecem com a rua, vai proporcionar uma vivência com a vizinhança bastante marcante.

Sobre a memória do lugar, observa-se principalmente que as atmosferas espaciais são descritas numa relação direta com o passado, caracterizando-se pela vida que nelas existiu. Neste caso, onde os habitantes experienciaram o quarteirão e o bairro sobre um significante período de tempo, a descrição dos espaços e das suas atmosferas vão se associar às vivências sociais que ali ocorreram, levando os residentes entrevistados a caracterizar a identidade do espaço, pelos eventos e pessoas que ali existiram (no passado).

No primeiro caso, em conversa com o Senhor Tomé, a ideia que se materializa do quarteirão e da rua do Miradouro, onde vive, parece ir de encontra ao que são as interações sociais de boa vizinhança, que se criam em parte pela relação de proximidade entre as habitações unifamiliares e a rua estreita de pouco movimento.
Por outro lado, a Senhora Leontina, já no contacto com o largo tende a definir o lugar sobre as suas características passadas: - *"descrevia que era o argo Actor Dias, que tinha o centro de saúde onde eu trabalhava, era um largo com muita animação, ... que era agradável passar aqui, conhecia-se toda a gente. Era tudo casas por aqui, não havia ainda esta passagem."*[139]. Onde as experiências que os espaços permitem vão definir na memória, em parte, momentos como - *"... o movimento das pessoas, ... no S. João."*[140].

---

139 *Entrevista_2* - Anexos, p. 239.

140 *Idem*, *ibidem*.



Quarteirão na rua da Boavista

No registo feito no quarteirão junto à rua da Boavista, os entrevistados não são residentes mas sim usuários que frequentam o mesmo exclusivamente por razões laborais.

Em primeiro, entrevista-se o responsável pela gerência da farmácia que se encontra na rua da Boavista no número 601, residente na Senhora da Hora. A farmácia, neste caso, integra o piso loja de um dos edifícios plurifamiliares isolados na frente com a rua da Boavista.
Na segunda entrevista (Entrevista _4), o diálogo é feito com um dos coordenadores do centro cultural *OKNa* que se estabelece na rua da Igreja de Cedofeita nº 27. Aqui o entrevistado é de nacionalidade Romena e reside a cerca de sete minutos a Sudeste do quarteirão.
Cada usuário, experienciando faces distintas do quarteirão, acaba por absorver referência bastante distintas no seu quotidiano. Inicialmente, Daniel, ao descrever os espaços que percorre, tanto no seu veículo como de metro, vai usar como referência os principais eixos que o ligam à zona da Boavista, encontrando um ponto comum em redor da escola Carolina Michaelis, quer pelo metro, quer pelo largo da Ramada Alta, que consequentemente o ligam ao espaço de trabalho na rua da Boavista. Nota-se que este acaba por não percorrer as rua da Boavista em si, pois chega à mesma através do cruzamentos que definem os gavetos norte do caso de estudo.
Por outro lado, na rua da Igreja de Cedofeita, Radu faz os seu percurso essencialmente a pé atravessando as principais vias que conformam a área urbana de Cedofeita.
No caso de Daniel, regista-se que é feita uma associação do espaço comum usando como referência a linguagem habitacional que desenha a rua da Boavista, enquanto que para Radu o seu percurso envolve sobretudo vias que se caracterizam pela linguagem almadina como a rua de Cedofeita e a rua de Álvares Cabral, a Este do quarteirão.

Sobre a memória, aquando da descrição ou identificação deste lugar. Recorrem-se inicialmente a pontos de referência que transcendem a relação direta com o quarteirão. Dando a reter que num percurso aquilo que ajuda a identificar o seu destino são também as experiências que se tem ao longo do mesmo. A identidade do objeto prende-se ao seu contexto.

Contudo, nas mediações diretas, a primeira entrevista (*Entrevista_3*) introduz algumas referências de interesse, como o edifício desenhado pelos Arquitetos Arménio

Losa e Cassiano Branco que aprofunda a sequência de fachadas que define a rua, assim como, o prédio na frente oposta, cujo tom cor-de-rosa entra como ponto de referência na identificação do lugar.
Num segundo plano, Radu, salienta com alguma regularidade uma das principais características da rua, sendo o fato de esta permanecer em sobra grande parte do tempo, transpondo para a mesma um carácter escuro e frio. No entanto, a sua relação com a rua de Cedofeita, os cheiros e as comunidades internacionais que ali residem também se tornam elementos caracterizadores do espaço que complementam a primeira noção referida.

No espectro geral de ambas as conversas, poderá ser retirado que, para o Gerente da Farmácia na rua da Boavista o fato desta ser ampla e iluminada permite que haja uma atenção maior à fachadas (formas e cores) como elementos de referência, que estabelecendo uma relação mais distante e passando por uma maior variedade de espaços a velocidades diferentes, tendem a abranger espaços amplos, culturais e de maior fluxo de pessoas. Por outro lado, para o coordenador do centro cultural, na rua da Igreja, esta experiência muda, vivendo uma linguagem espacial mais constante e percorrendo distâncias menores, o usuário sente mais os pontuais momentos de luz, e toma em maior atenção elementos como a calçada e os tipos de habitantes que ali vivem, especialmente nos pontos onde a relação da rua com os espaços privados se faz sentir com maior força.

Quarteirão na Avenida Rodrigues de Freitas

Na sequência do último conjunto de diálogos, observa-se que os habitantes deste caso de estudo se regem pela força da avenida Rodrigues de Freitas, como elemento caracterizador do lugar e da forma do quarteirão.

Sobre a primeira entrevista, regista-se o diálogo com uma estudante, Gabriela, que reside numa das reabilitações que completa as fachadas da avenida. Neste caso, como parte da sua rotina, é feito o uso dos eixos principais que ligam o lugar ao centro da cidade ou ao próprio metro, no Campo 24 de Agosto, onde se acaba por refletir uma noção do local que vai mais em conformidade com a ambiência das ruas principais do que propriamente com a noção de quarteirão no seu espirito de bairro e de conjunto.

No segundo caso, é possível notar uma melhor percepção de conjunto por parte do residente, que vive numa das habitações unifamiliares (de carácter burguês) à face da rua Duque de Saldanha, frente Oeste do quarteirão.
Sobre esta experiência é feito o uso, para além das ruas principais, das ruas que definem o miolo da malha urbana onde se insere o caso em estudo.
Importa assim referir que, esta grelha de ruas concorrentes aos principais eixos viários da cidade, caracteriza-se um conjunto de unidades habitacionais de menor cércea e mais inimistas, permitindo de certo modo dar, a quem por elas passa, uma melhor noção das vivências que a rodeiam. Existe nestes espaços uma relação mais próxima entre a casa e a rua.

Na relação das memórias, como parte caracterizadora do espaço, é possível observar uma vez mais a referência a elementos que definem os percursos realizados: - *"eu ir para o metro, tem lá uns edifícios que ainda têm aqueles azulejos colocados mesmo de fora"*[141]. Sendo os elementos, que acompanham o percurso, usados como meio de enquadrar o lugar onde se vive ou trabalha, por vezes mais do que elementos presentes no próprio lugar.
No que toca à relação da porta, com o próprio edifício onde habita, Gabriela vai indicar os elementos mais intuitivos que acabam por participar mais ativamente nos fluxos sociais do lugar, como o café na frente oposta ao edifício e a própria avenida Rodrigues de Freitas.

---

[141] *Entrevista_5* - Anexos, p. 244.


zona
P
máximo 4h

Complementarmente, sobre as descrições feitas na segunda entrevista, Pedro faz caracterizar o lugar sobre as qualidades das vias secundárias, cuja iluminação poente marca a ambiência do lugar, - *"Aqui na rua eu acho que o fim da tarde é bastante tipico"*[142]. Neste caso, o habitante do edifício unifamiliar (primeiro piso e cave), estabelece uma descrição mais conhecedora das vivências envolventes, do que a estudante que reside no edifício de seis andares na avenida Rodrigues de Freitas. Pedro vai referenciar como parte da identidade do lugar, elementos como: as árvores, os paralelos (das ruas), e as tipologias habitacionais. E referência como elementos sensoriais: o seu carácter "antigo" e característico, a calma existente aos fins de semana, e a sensação de que o bairro vai ficando aos poucos desertificado de antigos moradores.

Os elementos descritos, parecem ser influenciados pelo tipo de edificado onde cada habitante mora e na relação com a rua que o define. Pelo que, na relação mais ampla e menos intimista que o edifico na avenida Rodrigues de Freitas tem com a vida urbana, os pontos de referencia vão refletir uma vivência mais isolada da vizinhança e em conformidade com um uso mais funcional do espaço público, o café, a dimensão da avenida e os percursos que ligam ao metro. Contudo, na habitação unifamiliar e de relação mais intimista com o nível da rua, os acontecimentos exteriores parecem marcar com maior sensibilidade a experiência do habitante, como as coerências formais do edificado envolvente, os finais de tarde, a desertificação, etc. Este tipo de habitação parece permitir, de algum modo, uma maior noção de conjunto, mas que mesmo assim se relaciona mais com as tipologias habitacionais e viárias envolventes, do que propriamente com quarteirão como unidade urbana habitacional.

142 *Entrevista_6* - Anexos, p. 245.

Conclusão

De forma a expor alguns aspetos gerais observados na sequência das entrevistas, aponta-se inicialmente a noção, que a faixa etária dos residentes (com base nos casos em estudo) acaba por acompanhar a identidade atual que quarteirão tem, como parte integrante da cidade.
As construções mais antigas que escapam às reabilitações contemporâneas para alojamentos locais, quando não se encontram ao abandono, albergam ainda hoje os habitantes de maior faixa etária e muitas vezes isolados. De modo mais ou menos gradual este fenómeno acontece até chegar aos edificados com intervenções mais recentes onde moram jovens casais ou habitantes temporários.

Por outro lado, sobre a identidade caracterizada nas rotinas e nas observações de quem usa o espaço, regista-se que os percursos que ligam o quotidiano dos habitantes ao quarteirão surgem indissociáveis de factores funcionais, como a topografia, a morfologia do pavimento, o tipo de movimentos da via (pedestre, ou automóvel), sombras, largura, etc.
Nesta relação, torna-se visível que, quem no seu quotidiano maiores distância se desloca, quer por viver ou trabalhar (estudar) longe, vai englobar na identidade do quarteirão elementos também estes mais distantes, que tendem a enquadrar o lugar sobre de um ponto de vista mais abrangente da malha urbana.
Em contra ponto, quem mais perto deste vive ou trabalha, vai inevitavelmente referir elementos contidos no seu percurso e que estabelecem uma relação de maior proximidade com o quarteirão.
Em síntese, os elementos que caraterizam a identidade do quarteirão parecem expandir no espaço quanto maior a distância percorrida pelos usuários.

De modo complementar, nota-se que, os espaços de estar públicos que pontualmente complementam os quarteirões, como as praças e largos, acabam por se tornar elementos de transição entre os habitantes e o restante universo urbano, quer pela sua identidade quer pela sua funcionalidade espacial.
Na relação da identidade com o espaço público acrescenta-se que, a noção que cada habitante tem do seu contexto urbano, é diretamente influenciada pelo contacto entre privado e público, por sua vez condicionada pela tipologia habitacional.
Este contacto vai-se influenciar, em parte, pela hierarquia das vias que conformam o quarteirão. Sobre a noção já analisada, de que o caráter da via pública impacta diretamente o caráter habitacional do edificado.

Em última estância, conclui-se que a ideia de identidade do espaço urbano indissocia-se das relações sociais que nele existem, conformando-se no tempo sobre a forma de rotinas e hábitos.

Os habitantes mais antigos, acabam por associar a identidade do lugar com maior ênfase nas pessoas, e nas atividades que estas induziram no bairro (geralmente no passado). Enquanto que nos restantes casos, a identidade (ainda prendendo-se a uma relação socioespacial) surge dentro de uma certa harmonia formal, que dando só por si uma identidade ao lugar acaba também por evidenciar elementos de excepção, como tipologias habitacionais diferentes ou momentos que se destacam na sequência edificada.

No entanto, sobre testes fenómenos associa-se o tempo, que acaba por organizar o significado de cada elemento na identidade do espaço.

É ao final do dia que o sol ilumina as fachadas viradas a sul, nos fins de semana que as famílias saem à rua, no inverno que as ruas estreitas se sombreiam, e em diante.

3.5_ANALOGIAS E CONCLUSÕES

"De facto, quando um tipo de edifício deixa de ter a capacidade de adaptação a novas circunstâncias, a novos usos, entra em colapso, degrada-se, transforma-se em ruína..."[144].

Neste contexto, algo que facto se mostra transversal na análise dos casos de estudo é a capacidade que esta tipologia urbana mostra em integrar constantes transformações sem que a sua identidade unitária se dilua ou se descaracterize.

"*Com tão grande elasticidade na tradução formal da atividades ou funções da uma habitação, constata-se como o processo de transformação dos edifícios de habitação é quase sempre reversível, sendo o uso quem comanda esse processo.*
De facto, quando um tipo de edifício deixa de ter capacidade de adaptação a novas circunstâncias, a novos usos, entra em colapso, degrada-se, transforma-se em ruína… Este é um fenómeno que, uma vez verificado numa situação urbana de um modo e em número quantitativamente significativo, se pode verificar noutras partes da cidade nas quais o mesmo tipo de edifício tenha representatividade."[145].

A capacidade do quarteirão em absorver diversidade, no seu desenvolvimento enquanto elemento urbano, compreende-se de modo claro ao analisar as evoluções cronológicas dos respectivos casos de estudo, onde uma vez que os limites de implantação se esgotam a sua forma geral mantém-se mais ou menos constante, pelo

---

144 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 63).

145 *Idem*, *ibidem*.

que não deixa de haver uma transformação e uma renovação dos lotes que o integram até à atualidade.
Tanto no estudo dos acessos, dos graus de privacidade como da morfologia é possível observar conjuntos de lógicas distintas que se consolidam sobre a forma de quarteirão, criando por sua vez uma identidade de conjunto que caracteriza e define o tecido urbano.
A capacidade de absorver transformações consequentes ao desenvolvimento da cidade, deixa na tipologia em estudo inevitáveis marcas do tempo. Contudo, estas transformações vão gradualmente reduzir em escala como resultado da densificação do espaço construído e de uma consciencialização pela preservação do património. As transformações vão ocorrer cada vez mais ao nível da organização interior do edificado, preservando a escala e a guias morfologias das estruturas preexistentes. No entanto estas transformações contemporâneas, traduzem-se em reabilitações e renovações que muitas vezes respeitando a morfologia do património vão catalisar a especulação imobiliária, compartimentando os seus interiores em prol da rentabilização do espaço.

Neste sentido, sobre as noções até agora levantadas, observa-se que as estruturas que integram os casos de estudo na sua origem, mantêm uma lógica de escala e forma mais ou menos constante até ao inicio do século XX. Sendo que as formas de habitar que pontualmente rompem esta uniformidade preexistente vêm-se surgir no desenrolar do século XX, acompanhando uma nova expansão da cidade.
Na atualidade, como já referido, destacam-se maioritariamente projetos de reabilitação que intervêm em lotes gentrificados no centro da cidade.

Contudo é sobre as lógicas de origem que as consequentes transformações se tornam possíveis, como refere Francisco Barata, "*... apresentam uma notável capacidade de adaptação a novos usos, a novos aumentos em altura, a novos aumentos em profundidade ao nível do piso térreo, e inclusive à pura substituição parcial de materiais e sistemas construtivos.*"[146]. Salienta-se deste modo a importância da origem na caracterização da tipologia em estudo.

Com a origem, na formação imprescindível do quarteirão, entra a relação, que se repete no decorrer dos parâmetros selecionados, entre a rua, edificado e logradouro. Esta relação torna-se mais evidente quando comparados casos (dentro ou entre quar-

---

146 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 146).

teirões) onde as ruas se apresentam com carácter distintos. Tando na análise dos acessos como dos graus de privacidade, ilustram-se lógicas na organização interna dos edificados que variam de acordo com as respectivas ruas, é o exemplo dos edifícios que fazem frente com a rua da Boavista na relação com os edifícios que fazem frente com a rua da Igreja de Cedofeita, ou das ruas secundárias (Conde de Ferreira e Duque de Saldanha) na relação com a avenida Rodrigues de Freitas. Sobre estes casos clarifica-se que o carácter e a importância do espaço público acaba por influenciar as estruturas tipológicas do edificado.
Complementarmente, com a análise morfológica salienta-se ainda que, as frentes que conformam os perímetros de cada caso de estudo vão estabelecer uma coerência formal com as respectivas ruas envolventes. Este diálogo entre espaço público e edificado vai inevitavelmente contribuir para uma inserção do objeto (quarteirão burgues) na morfologia do meio urbano envolvente.
Contudo é exatamente esta relação, de prioridade do edifício perante a rua, que acaba por deixar as escalas e as formas necessárias para qualificar o miolo do quarteirão em segundo plano. Esta noção evidencia-se na análise dos três casos de estudo, onde se observa o edificado a desenvolver-se conforme a rua e a sua posição no espaço urbano, por vezes crescendo e invadindo a escala do logradouro, e nunca o contrário.

A relação rua, edifício, logradouro, aprofunda-se como parte estruturante do quarteirão, onde a rua (ou o espaço público) tende a ganhar protagonismo.
Sobre esta lógica, através das análises feitas, o carácter da rua parece estabelecer uma ligação com a definição do piso térreo, que por sua vez impacta a relação do edifício com o logradouro. Neste sentido, as qualidades do núcleo exterior vão depender diretamente do edificado que o conforma, onde a função associada ao logradouro torna-se relevante na resiliência que define a presente tipologia de quarteirão.
Nota-se que, os logradouros tendem a ficar obsoletos quando o espaço interior adjacente não depende destes para qualificar as suas funções.

Esta hierarquia de espaços surge então como uma ferramenta útil na caracterização do quarteirão em estudo, entendendo que este se qualifica quanto melhor for a proporção entre cheio e vazio, entre edifício e logradouro.

Por último, observa-se que a relação entre os espaços privados e a rua, nomeadamente ao nível dos acessos, ajuda a definir o tipo de interações socioespaciais e a consequente memória coletiva que caracteriza a identidade do lugar.
Esta identidade do quarteirão marca-se em parte, pela interações sociais que nele ocorrem, refletindo diferentes nível de coesão (ou de segregação) consoante o caráter

da rua e das relações já referidas, entre espaço privado e espaço público.
Como é o caso dos conjuntos de edifícios unifamiliares que estabelecem um acesso direto com o espaço público, caracterizando alguns dos casos com uma identidade mais intimista como na rua do Miradouro, na rua da Igreja de Cedofeita ou na rua Duque de Saldanha que transversalmente referem as interações sociais de vizinhança no enquadramento do lugar. Pelo que, é nas interações descritas pelos habitantes que se reflete em boa parte as disparidades existentes no meio urbano.
Nota-se aqui, paralelamente, que os espaços públicos associados às áreas residenciais do tecido urbano, ajudam a atenuar disparidades sociais, caracterizando-se como espaços de transição (enquadra-se deste modo o largo Actor Dias, na relação do quarteirão com a cidade).

"*É fundamental estimular a criação de espaços públicos urbanos que possam intensificar a coesão social.*"[147].

Em suma, a tipologia em estudo mostra algumas potencialidades na sua relação com o desenvolvimento urbano, nomeadamente na capacidade em fixar transformações morfológicas ao nível do lote, e em consolidar diferentes tipos de vivências dentro de uma forma urbana unitária.
No entanto, para que esta se potencialize entende-se que haja uma sensibilidade entre, o carácter de cada via, as respectivas tipologias de edificado, as leis que controlam o espaço construído, as relações socioespaciais preexistentes, a orientação do edificado no seu contexto topográfico e na sua relação de luz e escala com os logradouros interiores.

"*Uma cidade apenas pode reivindicar para si o estatuto de inclusiva se for um espaço urbano sustentável e inteligente e tiver a capacidade de dar continuamente respostas eficazes às necessidades da sua população ao longo da vida, abrindo-se e adaptando-se à mudança de estilos de vida.*"[148].

---

147 Série de 24 debates promovidos pelo Porto *Innovation Hub*, 2016/17 - **Relatório de síntese** - *A inovação na transformação da cidade.* (p. 32).

148 *Idem*. (p. 23)

04_PROBLEMÁTICAS URBANAS

4.1_REALIDADE CONTEMPORÂNEA NA CIDADE DO PORTO

Contexto global

Sobre o desenvolvimento até agora percorrido, este capítulo procura introduzir as preocupações mais atuais relacionadas com o corrente desenvolvimento e transformação das cidades, nomeadamente no Porto, que "*tem um lugar entre as cidades "históricas" de Portugal e mesmo da Europa e do Mundo.*"[149]

A presente análise é feita com base em investigações que acompanham o estudo da evolução da cidade do porto, no que toca às pressões sociais, económicas, politicas e culturais que marcaram os finais do século XX e inicio do século XXI.

Considera-se fundamental enquadrar a cidade do Porto no contexto das problemáticas atuais que definem o urbanismo como fenómeno global, para que se compreenda os problemas estruturais que acompanham a evolução cidade e as consequentes segregações.

Cada cidade vem apresentar necessidades únicas ao seu contexto, tal como acontece no Porto, no entanto, na base destas preocupações pontuais que ocupam cada desenvolvimento urbano, existem certos problemas transversais à cidade como fenómeno global.

Na compreensão das problemáticas associadas ao crescimento urbano das cidades encontra-se, nos textos de Senem Zeybekoglu, uma síntese completa. Onde o autor

---

[149] **OLIVEIRA, José** - *A cidade do Porto como centro histórico urbano*. (p. 5).

evidência que a ideia de cidade e de meio urbano, tem sofrido uma transformação, quer em escala quer em função, nos últimos trinta anos.

"*Novas regiões mega-urbanas começam a emergir em várias partes do mundo, absorvendo as suas periferias, rearticulando quer geograficamente quer funcionalmente os antigos centros urbanos (e as 'hinterlands'), e erradicando no processo o meio natural e a vida selvagem.*"[150].

A este rápido crescimento e expansão das cidades, associa-se ao preocupante crescimento da população urbana mundial, que se faz acompanhar de um "*decréscimo das populações rurais e diminuição direta da mão de obra nos pequenos desenvolvimentos agrícolas. Consequentemente, para que seja possível alimentar a crescente população urbana, é aplicado o desenvolvimento de práticas agrícolas de larga escala e mais industrializadas que resultam numa inevitável degradação do ambiente como, a desflorestação, degeneração de ecossistemas, perca de solo, etc..*

Todas estas distorções ambientais vão ter consequências sociais como o desemprego, a pobreza e a fome."[151]. Associa-se assim a contribuição das cidades para a poluição ambiental, para o aquecimento global e para as alterações climáticas, que se acentuam por sua vez, pela emissão de gases efeito estufa derivados do consumo excessivo dos recursos naturais, do aumento das zonas de aterros (acompanhado o crescimento na produção de lixo e outros resíduos urbanos), assim como pela erosão da vida selvagem e das áreas naturais circundantes à cidade.

Contextualiza-se que estes fenómenos caracterizaram, e ainda caracterizam, grande parte das cidades a nível global, a ritmos diferentes como consequência de um processo essencialmente iniciado com a revolução industrial.

"*Nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, o rápido processo de industrialização causando várias mudanças irreversíveis, notavelmente na Europa, veio trazer imposições espaciais e acelerar a transformação do valor utilitário do espaço em prol do valor comercial.*"[152] Como consequência da transição entre a produção rural e os novos sistemas de produção industrial, existe um acentuado êxodo rural e "*as cidades tornam-se centros de produção capitalista*"[153].

---

150 **ZEYBEKOGLU**, **Senem** - *City, Urban Transformation and the Right to the City.* (p. 1).

151 *Idem, ibidem.*

152 *Idem*, (p. 3).

153 *Idem, ibidem.*

Esta crescente pressão no espectro económico, acompanhando o espraiamento das cidades e a sua densificação, vem introduzir a longo prazo um mercado competitivo onde a "*... gestão urbana começa a trabalhar para a produção de uma imagem de cidade apelativa aos olhos do mercado, com o objetivo de atrair capital, que ganhou uma atração global como projetos catalisadores de industrias de alta tecnologia, empregabilidade, novas instituições administrativas e de gestão, atividades culturais e turismo.*"[154]. No entanto, este tipo de projetos acabam por atuar nas cidades de modo heterogéneo, contribuindo muitas vezes ainda mais para a segregação social. O deslocamento dos habitantes da zonas centrais, englobando as classes mais baixas, muitas vezes feito em prol de uma regeneração que não é propriamente direcionada às classes sociais preexistentes.

"*Enquanto uma parte da cidade desenvolve-se de modo a encontrar as necessidades de executivos e profissionais ... , a outra parte envolve uma classe que cada vez mais se marginaliza pelo novo sistema económico. Esta situação pavimenta o caminho para uma sociedade polarizada, onde a desigualdade entre dois mundos aumenta de dia para dia.*"[155].

O espaço urbano contribui assim, em parte, para a produção de desigualdades e exclusão social enquanto objecto que procura produzir capital em prol de uma melhoria democrática das condições de vida.

Sendo este aspecto apenas um perspectiva geral das consequências do desenvolvimento dos meios urbanos até à atualidade, importa reter que dentro de uma economia global, as responsabilidades são também estas globais. Uma cidade que não partilhe na integra as problemáticas mencionadas, não deixa de se responsabilizar pelas situações onde os impactos negativos da crescente expansão urbana se façam sentir com maior força.

O meio urbano integra sistemas de enorme complexidade cujos problemas não se limitam apenas pelas noções anteriormente descritas. Cada caso é independente e interdependente, e as forças que influenciam as constantes transformações urbanas saem muitas vezes do domínio da previsibilidade. Pelo que, sobre as relações globais descritas, importa dominar alguns dos aspetos mais gerais que contribuíram para uma segregação da vida urbana com o meio natural, assim como entre as relações sociais que muitas vezes desequilibradas, conformam a realidade atual das cidades.

---

154 **ZEYBEKOGLU**, **Senem** - *City, Urban Transformation and the Right to the City.* (p. 4).

155 *Idem*. (p. 5).

Contexto portuense

Após a noções anteriormente enquadradas, aprofunda-se assim o contexto urbano portuense, procurando definir as características do seu desenvolvimento e quais as problemáticas mais atuais dentro da cidade.

O Porto contextualiza-se deste modo pelas suas "*... múltiplas gradações urbanísticas.*"[156], que na sua génese não sofreram verdadeiras catástrofes arrazantes, como indica José de Oliveira, contrariamente a outras cidades históricas europeias, como Roma, Londres ou mesmo Lisboa.
No entanto, no Porto, "*... a ganância dos homens ou as tensões do «exôdo rural» marcaram as suas densificações e as suas degradações.*"[157].

O autor menciona, referindo os primeiros índices de preocupação urbanística, que a falta de rigidez do traçado que "*... obedeceu quase em absoluto à tirania do relevo em face das necessidades a que respondia*"[158] não deixou de sofrer abusos que tomaram consciência pelo sentimento coletivo dos povoados, sobre a forma de força corretiva. Foi *"nas queixas repetidas dos moradores em Cortes ou das representações ao Rei, que as primeiras noções de direito urbanístico entre espaço público, colectivo portanto, e espaço privado, se desenham e têm consequências.*"[159]

A evolução na ocupação dos espaços urbanos vai-se, como em qualquer cidade, diversificando com o tempo.
Porém, no contexto portuense, o aparecimento dos diferentes meios de transporte[160], vêm marcar especialmente esta evolução onde, em particular os transportes públicos aumentando os seus percursos, permitem um aproximar das novas áreas de urbanização que complementam a periferia do centro urbano.
Esta maior possibilidade de deslocação vem permitir consequentemente aumentar a relação entre lugar de trabalho e residência.

---

156 **OLIVEIRA, José** - *A cidade do Porto como centro histórico urbano*. (p. 6).

157 *Idem*. (p. 5).

158 *Idem*. (p. 10).

159 *Idem*, *ibidem*.

160 Alguns dos primeiros meios de transporte público que se fizeram marcar na cidade do Porto, foram os "*choras*" e os "*americanos*", aparecendo os primeiros após 1835 pouco depois das grandes cidades europeias e o segundo inaugurado em 1872 no Porto, após concluída a primeira linha marginal de carris.

"*Em contra partida, algumas indústrias, ... abandonam o tecido da cidade para procurarem além Circunvalação e junto desta «raia» da cidade, mais espaço para o seu crescimento e solicitação das novas tecnologias, deixando pela cidade espaços devolutos que esperam urbanizações equilibradas ou mostrando ainda, como nalguns casos, relíquias dignas de estudo da arqueologia industrial.*"[161].

Com o decorrer da segunda metade do século XX, veem-se surgir tipos de estruturas que obedecem "*a um prévio planeamento mas apesar de vocacionadas para residências de luxo, ou atividades terciárias de elevado nível (escritórios de companhia, bancos, profissões liberais de prestígio, etc.), têm a marca da especulação imobiliária.*"[162]
O geógrafo José Oliveira referência, em 1983, que os fenómenos de transformação destes tipos de estrutura aceleram-se e tendem a aumentar, quer sob a forma de reconstruções ou por novas urbanizações. "*O facto rastrea-se na visão panorâmica do perfil da cidade. Onde só ponteavam as torres das suas igrejas, hoje — quase apagando estas — recortavam-se no horizonte cada vez mais os insólitos arrojos de algumas massas de construção quebrando a harmonia do perfil que alguns artistas plásticos nos deixaram em obras que são hoje documentos históricos.*"[163].

No diálogo entre projetos que se conformam com a especulação imobiliária e o aumento progressivo dos meios de transportes, nomeadamente do carro que se introduz em massa no paradigma urbano com a passagem do século XX, "*manifesta-se uma suburbanização crescente e incontrolada*."[164].

"*Assiste-se a um alastramento multi-direccional do espaço construído, caminhando-se para a cidade tentacular. Este processo está associado ao facto da cidade oferecer alojamentos cada vez mais pequenos e a rendas mais elevadas, apresentar níveis de ruído e poluição insuportáveis, congestionamento de trânsito e dificuldades de transporte, ver reduzidos os espaços verdes em detrimento da impermeabilização e aumento dos volumes do edificado, com problemas de abastecimento de água e outros serviços, repelindo assim uma parte significativa dos seus residentes*."[165].

---

161 **OLIVEIRA, José** - *A cidade do Porto como centro histórico urbano*. (p. 20).

162 *Idem*. (p. 18).

163 *Idem*. (p. 19).

164 **FONSECA**, **Adélia** - *Porto Norte - Dinâmica urbana e sua evolução*. (p. 24).

165 **FONSECA**, **Adélia** - *Porto Norte - Dinâmica urbana e sua evolução*. (p. 19).

Este fenómeno faz-se sentir pelo intenso decréscimo demográfico nas freguesias centrais do Porto, entre 1950/70[166], cuja tendência se acentua até à década de 90.
Paralelamente "*... a procura de terrenos baratos em localizações cada vez mais periféricas, determina um desenvolvimento urbano contínuo no tempo, mas descontínuo no espaço, fomentando por vezes uma certa anarquia e uma infraestruturação cara, ou mesmo ausente.*"[167].

Na atualidade o crescente investimento privado e procura imobiliária têm contribuído para um aumento dos valores de arrendamento, "*... para quase o dobro, entre 2013 e 2017, dificultando a permanência de residentes e comerciantes.*"[168].
Como consequência existe a tendência, nas zonas mais centrais do tecido urbano, para uma transformação de usos e de espaços mais direcionados aos visitantes do que propriamente aos residentes. Assiste-se a um processo de substituição não só dos habitantes, mas também dos pequenos comércios que não se adaptaram ao emergente crescimento turístico e ao consequente aumento dos custos locativos. "*... não só saem velhos residentes, como se dificulta a fixação da classe baixa e média e de estudantes universitários.*"[169].

"*Poder-se-ia dizer que, ontem como hoje, a estrutura urbana exprime a existência da clivagens sociais e, ao mesmo tempo, o dinamismo social inerente a cada sociedade.*"[170].

---

166 **FONSECA**, **Adélia** - *Porto Norte - Dinâmica urbana e sua evolução*. (p. 99).

167 *Idem*. (p. 118).

168 **ROCHA**, **Inês**; **CHAMUSCA**, **Pedro**; **FERNANDES**, **José** - *Planos, projetos e mudanças no Porto central do século XXI*. (p. 221).

169 *Idem*. (p. 223).

170 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?* (p. 148).

Preocupações e constrangimentos

O levantamento sobre as presentes problemáticas, nomeadamente no contexto urbano, é feito com base em leituras sequentes, que expõem de modo complementar problemáticas e soluções para uma cidade em constante desenvolvimento.

Contrariamente às últimas décadas do século XX, Portugal encontra-se "*... a viver algum período contra-ciclo, em que o Estado se tem vindo a retirar de muitas políticas, apostando em parcerias público-privadas. Neste período o urbanismo perdeu alguma da sua função social.*"[171].

Importa também referir que, dentro da ligação que os seguintes temas apresentam, tende a existir uma certa disparidade entre as questões tipicamente urbanísticas e as questões que os habitantes consideram mais importantes.
"*Num inquérito recente a munícipes portuenses sobre quais os problemas ou questões mais importantes para resolver na cidade, as respostas com maior peso prendiam-se com casas vazias, pobreza, solidão, emprego e só depois vinham as questões mais tipicamente urbanísticas. Por exemplo, apenas na zona central da cidade do Porto há mais de 2000 pessoas que vivem em solidão e que, para sobreviverem, dependem de visitas de apoio quase diárias.*".[172]

Levanta-se deste modo alguns dos pontos fundamentais para o entendimento das dinâmicas que impactam negativamente o urbanismo de hoje, o abandono, a segregação social (pobreza, solidão e emprego), que se vão relacionar diretamente com questões como a gentrificação, a especulação imobiliária e o crescente impacto do turismo, a necessidade de criar uma memória colectiva fortalecendo a consequente coesão social, e a adaptabilidade dos espaços perante as emergentes transformações da cidade.

O primeiro deste pontos, o abandono, é uma das principais problemáticas reconhecida pela *Câmara Municipal do Porto*, que identifica "*... a necessidade de reabilitar grande parte do seu tecido urbano, criando deste modo condições para a fixação de população jovem e para a atração de novas empresas.*"[173].

---

171 Série de 24 debates promovidos pelo Porto *Innovation Hub*, 2016/17 - **Relatório de síntese** - *A inovação na transformação da cidade.* (p. 86).

172 *Idem*, *ibidem*.

173 **CM-Porto - "***Urbanismo"*. Porto: CMP.

O fenómeno de abandono e degradação faz-se associar em parte à atual conjuntura urbanística, que surge na consequência de uma expansão dispersa do perímetro da cidade estimulada pela iniciativa privada "*... sem regulamentações, ou politicas de coesão e de sustentabilidade dando origem a ... centros urbanos desertificados e/ ou envelhecidos em termos habitacionais e criação irresponsável de infraestruturas.*"[174] Este quadro acaba por potencializar fenómenos prejudiciais à cidade e ao seu desenvolvimento socioeconómico, dando lugar às problemáticas marcadas pela especulação imobiliária e gentrificação.

As alterações que ocorrem do espaço público e as consequente reabilitações e renovações de construções fazem-se acompanhar por uma gentrificação funcional dos estabelecimentos "*... com o que é tradicional, sem capacidade de adaptação ou especial interesse turístico, a fechar; emergindo novos conceitos, por vezes adaptando os estabelecimentos antigos e com linhas tradicionais, a par da entrada de cadeias internacionais, que voltam a marcar presença no comércio de rua.*"[175].

Sobre esta noção soma-se o crescente impacto do turismo, que complementando os temas já abordados, integra novas dinâmicas criadas com base em " *... narrativas de marketing, companhias low cost, plataformas Booking e Airbnb e até na reabilitação ou reconversão de edifícios para hotéis e hostels com investimento privado e, muitas vezes, internacional (Rocha, 2017).*"[176]. Contribui-se assim para uma perda da identidade local, onde o já referido aumento locatário gentrifica certas regiões da cidade, que deixam de se caracterizar pela funcionalidade de habitar para se caracterizar pela sua funcionalidade em gerar lucro, catalisando a presente segregação social.

Adaptam-se as necessidades dos residentes em função das novas dinâmicas económicas, e é deixado para segundo plano uma adaptação das dinâmicas em função das necessidades dos residentes.

"*A descontinuidade é assim construída pelos processos de marginalizarão, indo também inscrever especialmente esses processos; como diz A. Teixeira Fernandes, «a sociedade não só coloca os pobres nos escalões mais baixos da estrutura social, como ainda tende a segregá-los, sobretudo em meio urbano, perpetuando assim, no*

---

174 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. (p. 7).

175 **ROCHA**, **Inês**; **CHAMUSCA**, **Pedro**; **FERNANDES**, **José** - *Planos, projetos e mudanças no Porto central do século XXI*. (p. 222).

176 *Idem*. (p. 221).

espaço e no tempo, as formas de pauperização e retirando-lhes a iniciativa para fazer valer os seus direitos."[177].

Sobre as principais questões que abordam a problemática urbana no Porto contemporâneo, envolvendo inevitavelmente os espaços que se caracterizam e se definem pela tipologia de quarteirão em estudo, o quarteirão burguês, é possível concluir que o aumento da especulação imobiliária leva a uma abandono dos espaços e a uma segregação das classes mais baixas que até agora caracterizaram nas zonas centrais do tecido urbano portuense. Como consequência as novas gerações destas classes vão se instalar na zonas mais periféricas deixando as partes mais antigas da cidade , sendo estas ocupadas com por uma população cada vez mais envelhecida e cada vez mais isolada.
Este processo de gentrificação acaba por se associar à degradação e abandono do edificado que "*... em muitos casos têm interesse patrimonial mas que já não se encontram funcionais por falta de adaptação da atividade ao contexto socioeconómico, o que em muitos casos leva à degradação e abandono do edificado.*"[178].
Paralelamente, os espaços que vão sendo efetivamente renovados e reabilitados, sofrendo uma transformação de usos maioritariamente direcionada ao turismo, que não contribui propriamente para um coesão integra dos vários grupos e classes sociais.

Soluções

A *Câmara Municipal do Porto* salienta três pilares que objetivam superar os presentes desafios, nomeadamente:
" - *A sustentabilidade do desenvolvimento urbano, materializada na opção prioritária pela reabilitação urbana e pela colmatação dos espaços sobrantes, em detrimento de novas áreas de expansão;*
- *O respeito pelas identidades locais, de modo a conciliar desenvolvimento económico, criatividade e valorização do património histórico e cultural;*
- *A coesão sócio territorial, centrada na redução das disparidades de qualidade de vida e de bem-estar dos cidadãos e na regeneração das zonas mais estigmatizadas da cidade.*"[179].

---

177 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?* (p. 168).

178 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. (p. 1).

179 **CM-Porto - "***Urbanismo"*. Porto: CMP.

Contudo, objetivando a tipologia de quarteirão em estudo, as principais soluções levantadas na adaptação do espaço urbano aos problemas que se evidenciam no Porto atual, surgem em grande parte pela apropriação estratégica dos espaços devolutos, como meio de conter o espraiamento da malha urbana, de equilibrar a segregação socioeconomia e de valorizar o património como elemento fundamental para a identidade da cidade.

Deste modo clarifica-se a importância que a adaptabilidade dos espaços têm na coesão social e na resiliência geral do tecido urbano.
"*O planeamento territorial e das cidades apresenta-se como um mecanismo de combate à segregação instalada. O repensar cada espaço e área dentro de cada cidade, aproveitando as construções já existentes mas agora sem funcionalidade dotando-as de uso funcional com novos conceitos de utilização, revela-se uma ferramenta poderosíssima.*"[180]
Através da requalificação do edificado torna-se possível criar oportunidades de fácil acesso para todos, "*... colmatando desta forma as lacunas sociais que neste momento são potencializadoras de distinção e desigualdades sociais cujas consequências trazem graves prejuízos para a sociedade em geral.*"[181].

"*A mistura de diferente categorias sociais num mesmo espaço tem sido uma estratégia levada a cabo pelos planificadores, para atenuar o carácter segregativo do espaço urbano actual.*"[182].
Segundo a Autora, Paula Guerra, no processo de segregação socioespacial, o que está em causa é a capacidade de apropriação dos espaços urbanos como sendo espaços decisivos na produção de práticas quotidianas, inserindo a apropriação do espaço em três dimensões fundamentais, que se consideram relevantes para a investigação em estudo.
A apropriação económica, que implica "*... um controlo da produção dos espaços urbanos (de habitação, de equipamentos, etc.) em termos quantitativos e qualificativos*."[183]. A apropriação sociocultural, que implica "*... a possibilidade de (re)criação de redes de sociabilidade específicas a um determinado grupo de modo a que permi-*

---

180 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. (p. 19).

181 *Idem*. (p. 27).

182 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?* (p. 169).

183 *Idem*. (p. 168).

tam a preservação e o desenvolvimento dum estilo de vida próprio."[184]. A apropriação psicossocial, que implica "*... uma identificação dos espaços com as aspirações, desejos e sonhos dos indivíduos, permitindo a manutenção de uma memória de referência colectiva do grupo, bem como a preservação de (re)criação e de redes de relações de ordem afetiva.*"[185].

Em suma, torna-se importante que haja um controlo económico, quer quantitativo quer qualificativo, no que toca à reestruturação e renovação de espaços urbanos (públicos ou privados), que a intervenções nestes feitas permitam a preservação e o desenvolvimento de um estilo de vida próprio capaz de integrar a coesão de diferente níveis sociais, e por último, que sejam espaços passíveis de dar continuidade a uma memória coletiva.

Casos de estudo

No enquadramento dos casos de estudo, como elementos que integram parte das dinâmicas até agora referidas. Analisa-se os três casos pela sua condição atual, capaz de ilustrar parte dos problemas e potencialidades que definem a tipologia do quarteirão tradicional burguês no contexto portuense.

Recorda-se deste modo, que os três casos analisados surgem pela lógica de expansão burguesa, que se responsabilizou por desenhar uma parte significativa do tecido urbano atual. "*A habitação corrente da cidade, aquela que domina anonimamente no meio urbano é a habitação burguesa.*"[186].
Neste contexto, os quarteirões em estudo, aparecem na malha urbana do porto desfazados entre os séculos XVII e XIX, integrando maioritariamente as lógicas da burguesia iluminista e liberal já mencionadas.
Cada caso, apresenta-se na atualidade com diferentes desenvolvimentos no que toca ao seu núcleo interior.

No primeiro caso, junto ao largo Actor Dias, é possível observar um quarteirão de núcleo maioritariamente desimpedido e arborizado, consolidando no seu perímetro um conjunto edificado que se adapta à acentuadas características topográficas. O en-

---

184 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?* (p. 168).

185 *Idem*, *ibidem.*

186 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 75).

quadramento histórico que formalizou este quarteirão, sobre as matrizes burguesas, traz consigo construções que hoje integram edifícios de interesse patrimonial.
Este caso, desviando-se dos principais eixos que rasgaram a cidade no século XIX e XX, acaba por não desenvolver um edificado muito denso, mantendo uma predominância de habitações unifamiliares com acesso direto para a rua (ou largo). No entanto, na sequência dos paradigmas que caracterizaram as segunda metade do século XX (desertificação dos centro urbanos, aumento dos custos locatários, suburbanização crescente e incontrolada), este caso de estudo protagoniza nas primeiras décadas do século XXI um boa percentagem de espaço devolutos e degradados, nomeadamente na relação com as vias de maior fluxo pedestre (largo Actor Dias e escada dos Guindais). No decorrer da segunda década do século XXI, vêm-se reabilitados e renovados grande parte dos seus edifícios, porém as intervenções desenvolvidas na frente Norte do quarteirão (no contacto com o largo) vão integram lógicas de habitação temporária, com espaços interiores notavelmente compartimentados em prol de uma rentabilização do espaço.
Estas lógicas que acompanham o desenvolvimento do mercado turístico acabam por não contribuir para uma coesão social entre antigos e novos moradores.
Neste sentido, salienta-se que os antigos residentes são na sua maioria pessoas com alguma idade que se mantiveram no bairro apesar da gentrificação, apresentando atualmente um certo isolamento social. Estas lógicas de construir, que priorizam a funcionalidade de gerar lucro em prol da funcionalidade de habitar vão fragilizar a coesão social, que depende de certa permanência dos moradores para se fortalecer.
Contudo, na resposta à problemáticas atuais, o quarteirão em causa, apresenta no seu miolo um carácter unitário e desimpedido capaz de consolidar projetos que possibilitem, em última estância, uma coexistência de diferentes grupos sociais.
Por último, importa referir a relação deste caso com o espaço público, que se define maioritariamente pelo largo Actor Dias onde se associa parte da sua identidade especialmente na época do S. João (Entrevista_2), e pelo desenvolvimento que retem parte do seu potencial no contexto urbano atual, a ligação entre o largo Actor Dias e o passeio da Fontainhas (que se encontra bloqueada), ligação esta que seria capaz de repor à rua do Miradouro, a identidade que a define.

No caso do quarteirão junto à rua da Boavista, insere-se um núcleo central parcialmente aberto, caracterizado por espaços exteriores amplos na parte Oeste e um retalho denso e compartimentado por logradouros, no lado Este. As frentes que definem o quarteirão desenvolvem-se em períodos distintos da expansão da cidade, desenvolvendo-se em duas lógicas principais. A primeira define-se pelos conjuntos edificados na rua de Cedofeita e na rua da Igreja de Cedofeita, que

sobre uma lógica do Porto oitocentista adaptam a cércea dos edifícios à importância e à escala de cada rua.

A segunda lógica construtiva, caracteriza-se pelas estruturas na face com a rua da Boavista, que acompanhando o desenvolvimento da cidade no século XX, introduz uma transformação nas práticas da habitação, nomeadamente com o edifício plurifamiliar projetado pelos arquitetos Arménio Losa e Cassiano Branco.

O conjunto de implantações não geminadas vai possibilitar uma permeabilização visual entre a rua e o miolo do quarteirão.

Na sequência desta frente edificada, desenvolvem-se os lotes que conferem ao núcleo central o seu carácter parcialmente desimpedido. O acesso à metade Oeste do núcleo, é em parte acessível pela área de estacionamento da atual unidade de saúde da carvalhosa, que permite observar a continuidade do espaço vazio entre edifícios.

Contudo estes espaços exteriores, comuns ao edificado plurifamiliar, apresentam uma certa descontinuidade com todo o espaço aberto que oferecem ao miolo do quarteirão. Mostram espaços em desuso, caracterizados por pontuais zonas de estacionamento.

Na frente com a rua de Cedofeita, onde o edificado integra em parte as matrizes formais da expansão almadina (loja no piso térreo e fogos nos pisos superiores), apresenta-se atualmente uma fração do edificado em devoluto e apresentando cada vez maior sinais de degradação. Neste caso a reabilitação dificulta-se, pela dimensão do edifício, que apresenta (segundo as licenças de obra) pertencer a uma unidade conjunta.

No presente caso de estudo, também se desenvolvem restruturações a favor de alojamentos locais e dinâmicas de habitação temporária, no entanto, estes fenómenos apenas vão ocorrer pontualmente na rua da Igreja de Cedofeita, combinando-se com reabilitações para alojamento permanente.

Relativamente ao pisos loja, e zonas comerciais, fixam-se tanto na rua de Cedofeita como na rua da Boavista. Sendo que na rua da Boavista a percentagem de espaços destinados ao comércio e o número de espaços em uso, é desproporcional, havendo pelo menos metade destes espaços por ocupar.

No quarteirão junto à rua da Boavista, fazem-se sentir também os impactos da gentrificação, especialmente nas ruas de carácter iluminista (Cedofeita e Igreja de Cedofeita), contudo, o efeito do desuso nota-se em particular nos logradouros que completam o vazio interno do quarteirão. Torna-se, consequentemente, uma significante área do tecido urbano que fica aquém das suas potencialidades.

Por último, contextualizando o caso junto à avenida Rodrigues de Freitas, apresenta-se o quarteirão, que dentro da tipologia burguesa em estudo, projeta-se sobre um planeamento urbano prévio (finais do século XIX), e não como resultado de uma expansão facetada do tecido urbano. Neste caso, o edificado comprime no seu núcleo exterior uma área compacta e dividida por logradouros, que pertencem na sua maioria aos pisos térreos de cada edificado.

O quarteirão surge inicialmente compostos por conjuntos característicos da burguesia liberal (século XIX), de funções exclusivamente habitacionais. Estes conjuntos edificados, geralmente unifamiliares, vão sofrer transformações no decorrer do século XX, acompanhado o desenvolvimento das vias públicas envolventes.
O perímetro Sul do quarteirão desenvolve-se em conformidade com a avenida Rodrigues de Freitas, que crescendo em altura vai definir o espaço sombreado que caracteriza o núcleo atual do caso de estudo. Este crescimento em altura, marcando uma desproporção com os logradouros tardozes, desenvolve estruturas habitacionais que se caracterizam pelos piso térreos comerciais. Este fenómeno contribui para uma apropriação negligenciada dos logradouros associados à avenida. No loteamento Sul, os logradouros pertencentes aos pisos comerciais vão por norma interiorizar-se, aumentando a área da loja, ou transformar-se em armazéns e zonas de arrumo, não usufruindo propriamente das qualidades de desafogo que este espaço proporciona.
No entanto, nas ruas que conformam o quarteirão a Norte, predomina a relação com o edifícios familiares burgueses, trazendo para a rua uma diálogo mais intimista e estabelecendo com o logradouro tardoz uma relação mais proporcional.
A dicotomia presente neste caso, esclarece a capacidade tipológica do quarteirão em integrar diferentes vivências num só espaço da cidade, proporcionando uma vez mais o contacto entre diferentes grupos sociais. Porém, dentro do contexto atual, é possível presenciar um gentrificação da área que integra os edificados mais antigos, nomeadamente no perímetro Norte que conforma este elemento urbano, onde se relata uma certa descentralização e desertificação dos antigos habitantes.
Complementa-se assim, como aspecto qualificador, que este caso apresenta uma arborização homogénea em todo o seu redor, proporcionando uma identidade dinâmica ao espaço urbano.

"*Aqui na rua eu acho que o fim da tarde é bastante tipico, a Rodrigues de Freitas por causa das árvores tem uma iluminação muito ténue, e por isso é uma zona mais mal iluminada mas mais... mais característica.*"[187].

---

187 *Entrevista_6* - Anexos, p. 245.

No corrente caso nota-se que, sobre o seu caráter compacto e consolidado, uma solução capaz de reaproveitar os logradouros descaracterizados incide em projetar para estes novos usos que desenvolvam o seu potencial com espaços exteriores.
"*... chegou-se à conclusão de que o bom e sustentável desenvolvimento se traduz em adaptar os usos do edificado às necessidades emergentes em vez de inutilizar e deixar no esquecimento.*"[188].

188 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. (p. 12).

REFLEXÃO FINAL

O que aconteceu

A análise desenvolvida neste trabalho procura compreender as dinâmicas que formaram a cidade atual, enquadrando o quarteirão no seu desenvolvimento histórico. Clarifica-se deste modo, que a organização do desenho urbano surge da resposta às necessidades sociais de cada época, criando, transformando ou adaptando a forma urbana sobre o contexto preexistente.

"*Na aventura urbana a cidade é uma criação da sociedade rural de que constitui à posteriori a armadura e a salvaguarda. Só existe na medida em que a economia agrícola a sustenta.*"[189].

Com o evolução das cidades, faz-se acompanhar o desenvolvimento e a importância da rua como elemento público central na organização das principais funções socioespaciais do meio urbano. Como consequência, o desenho da rua vai introduzir uma lógica urbana planeada e geométrica, responsável por definir as primeiras parcelas urbanas que dão origem à ideia de quarteirão, protagonizada nos períodos clássicos da Grécia e Roma antiga.
O desenvolvimento da cidade passa então pelo período medieval, materializando quarteirões esguios e compactos, que dentro dos limites muralhados acompanham a crescente classe mercantil.
No entanto, existe no renascimento um repensar no planeamento da cidade como resposta às condições de insalubridade e de densificação dos núcleos medievais,

189 **GEORGE**, **Pierre** - *O Homem na Terra*, Lisboa. (p. 97).

introduzindo um reviver clássico na reestruturação do tecido urbano responsável por enquadrar parte dos ideias iluministas e liberais conformam as lógicas habitacionais portuenses no decorrer dos séculos XVIII e XIX.
Nesta fase, emerge a cidade industrial, que se responsabiliza pelo aparecimento dos primeiros bairros sociais. Como consequência, o urbanismo modernista vai diluir a ideia de quarteirão tradicional, introduzindo os grandes blocos de habitação e as cidades jardim que integram a escala dos novos meios de transporte emergentes na época.
No confronto com as escalas do urbanismo modernista, a cidade passa por um repensar pós-modernista, onde se projetam os quarteirões abertos e distritos residenciais (como no caso holandês de Lunetten) que visam reconectar o homem à paisagem natural.

Conclui-se que as cidades, em especial no contexto europeu, vão integrar uma sobreposição de camadas, onde o tecido urbano se torna uma adaptação constante entre as morfologias preexistentes e as problemáticas características do seu tempo.
Pelo que, dentro destas camadas, nota-se que a forma que reincide nas linhas do urbanismo clássico, sobre a qual se materializa a tipologia de quarteirão em estudo, vai manter parte das suas qualidades como elemento definidor e caracterizador do tecido urbano atual.

A noção de tipo, nesta pesquisa, vem possibilitar um enquadramento sobre as características morfológicas e funcionais que conformam a ideia de quarteirão, entendendo melhor as bases comuns que a definem assim como as singularidades que materializam cada caso.
As tipologias de quarteirão que se vêm desenvolver, teóricas ou práticas, na realização do espaço urbano, vão integrar sempre a referida relação com os eixos de circulação que conectam a cidade, mostrando a elasticidade funcional associada à formas de habitar.
Consequentemente, o quarteirão de características tradicionais burguesas que domina a expansão urbana do Porto na sequência do século XVIII, integra neste, lógicas formais de organização que se relacionam de modo equilibrado com a escala humana, reintroduzindo alguns dos princípios clássicos como base para restruturar as densas e saturadas morfologias medievais que caracterizavam as cidades europeias dos séculos XVII e XVIII. Esta tipologia é desenhada dentro de uma malha mais ou menos geométrica, tornando visível, através da lógica de loteamento, as transformações que acompanharam o desenvolvimento da cidade, clarificando a flexibilidade desta tipologia no tecido urbano.

Na sequência, dos contextos que acompanham a realidade morfológica do quarteirão, a investigação procurou explorar três casos de estudo, integrantes da tipologia que desenha uma parte importante do tecido urbano do Porto. Através de quatro parâmetros, desenvolve-se uma análise sobre os acessos, os graus de privacidade, as relações morfológicas, e a identidade social refletida nas rotinas e na memória dos residentes.

Os casos, tendo integrado o espaço da cidade em momentos distintos, mostram seguir na sua génese as lógicas de habitação burguesa que acompanharam as sucessivas expansões urbanas, maioritariamente entre os séculos XVIII e XIX, sobre os ideais iluminista e liberais.

Analisou-se então, pelos acessos, as tipologias de circulação na ligação entre espaços interiores, exteriores, privados e públicos (ou comuns), e as consequentes variações de forma, de modo a compreender as distribuições que caracterizam a organização das várias tipologias habitacionais.

Sobre os graus de privacidade, procurou-se compreender a organização dentro de cada propriedade, pública e privada, através das funções que caracterizam os espaços tipologicamente, observando a distribuição dos tipos habitacionais pelos três casos de estudo.

O estudo morfológico, clarificou os vazios que cada lote oferece ao interior do quarteirão, fazendo-se acompanhar da identidade tridimensional do objeto como elemento caracterizador e definidor da tecido urbano. Sobre este parâmetro de análise procurou-se estudar também o equilíbrio dos espaços e quais as relações que moldam o quarteirão, tanto na sua posição urbana, como com o espaço exterior não público.

Em última análise, a perspectiva sobre a identidade, veio aprofundar as noções que os habitantes têm do espaço, tanto como observadores como usuários, evidenciando a identidade socioespacial e a consequente memória coletiva do lugar.

Sobre estas análises foi então possível entender as seguintes características:

A capacidade que esta tipologia urbana mostra em integrar sucessivas transformações sem que a sua identidade unitária se dilua ou se descaracterize.

O contacto mais direto que as habitações de menor cércea tendem a apresentar entre os espaços privados e a rua, vai criar maiores interações de vizinhança, enquanto que nas tipologias mais densificadas, a relação do habitante com a rua e com os consequentes espaços exteriores, tende a ser mais indireta.

Os espaços privados que mantêm uma relação de nível com a rua, vão geralmente estabelecer uma relação direta com o logradouro, usando-o como extensão do espaço doméstico, e favorecendo a sua preservação. Enquanto que os fogos que se apresentam desnivelados em relação ao espaço público acabam por cria paralelamente,

uma relação com o logradouro também esta desnivelada e consequentemente mais distante dos espaços da casa.
Encontram-se configurações transversais aos três casos de estudo, como a posição das cozinhas fora da frente de rua, posicionando-se quase sempre no contacto com as fachadas tardozes, assim como, a tendência natural em deslocar os quartos de dormir dos pisos que estabelecem acesso com o espaço público, ou seja o piso térreo.
Por norma, nos pisos térreos comerciais, o logradouro tende a transformar-se de modo a favorecer a loja e não com o objetivo de preservar as características do espaço exterior tardoz como qualificador da vida privada. Paralelamente, os logradouros tornam-se deste modo mais obsoletos quando o espaço interior adjacente não depende destes para qualificar a sua função.

Na relação morfológica, observa-se que o edificado ganha características identificáveis consoante o espaço público envolvente que o define.
Neste sentido, a presente tipologia de quarteirão tende a absorver-se formalmente no meio urbano onde se insere, sem se destacar. Contudo é também esta característica, de prioridade do edifício perante a rua, que acaba por deixar as escalas e as formas necessárias para qualificar o miolo do quarteirão em segundo plano.
Nota-se ainda, através do estudo morfológico, que as construções vão manter uma lógica formal mais ou menos constante até ao início do século XX, rompendo esta lógica a formas de habitar que surgem pontualmente no quarteirão no desenrolar deste mesmo século.
Neste contexto, os edifícios que acabam por oferecem maior espaço (de logradouro) ao miolo do quarteirão são os que caracterizam as classes mais altas da burguesia. Nem as estruturas plurifamiliares projetadas no século XX, nem as pequenas habitações unifamiliares vão introduzir individualmente grandes espaços exteriores tardozes na presente unidade tipológica.
Sobre a identidade, enquadrou-se que as construções mais antigas que escapam às reabilitações contemporâneas para alojamentos locais, quando não se encontram ao abandono, albergam ainda hoje os habitantes de maior faixa etária e muitas vezes isolados.
A noção que cada habitante tem do seu contexto espacial, é diretamente influenciada pelo contacto entre privado e público, por sua vez condicionada pela tipologia habitacional. Desta forma a ideia de identidade do espaço urbano indissocia-se das relações sociais que nele existem, conformando-se no tempo sobre a forma de rotinas e hábitos. A esta ideia associa-se o tempo, que acaba por organizar o significado de cada elemento na identidade do espaço.
Na caracterização socioespacial, observa-se que os habitantes mais antigos, acabam

por associar a identidade do lugar com maior ênfase nas pessoas, e nas atividades que estas induziram no bairro (geralmente no passado).
Sobre este fenómeno de identificação acrescenta-se que, quem maiores distância se desloca, quer por viver ou trabalhar (estudar) longe, acaba por englobar na identidade do quarteirão elementos também estes mais distantes (vise versa).
Neste contexto as praças e largos (os espaços de estar públicos), acabam por se tornar elementos de transição entre os habitantes e o restante universo urbano.

Sobre o conjunto de características acolhidas, resultantes de uma análise de casos pontuais do tecido urbano portuense, a presente investigação tomou esforço em apreender os impactos negativos das dinâmicas urbanas.
Procurou-se deste modo dar a conhecer as problemáticas associadas à cidade contemporânea, refletindo as preocupações e os constrangimentos que ocupam os paradigmas atuais na cidade do Porto.

A cidade como fenómeno global, caracteriza um rápido crescimento e expansão das metrópoles (muitas vezes descontrolada), que por sua vez se associa a um preocupante crescimento da população urbana mundial. Este contexto insere o espaço urbano como catalisador dos principais fenómenos responsáveis pelas emergentes alterações climáticas[190].
Nota-se que o impacto associado às cidades contemporâneas resulta de um processo essencialmente iniciado com a revolução industrial, que vai acentuar o êxodo rural e associar os centros urbanos à emergente lógica económica de produção capitalista.
Estes enquadramentos introduzem a longo prazo um mercado competitivo onde a gestão urbana começa a trabalhar para a produção de uma imagem de cidade apelativa, com o objetivo de atrair capital.
A cidade contribuí deste modo para uma desequilíbrio e exclusão social, enquanto espaço que visa produzir capital em prol de uma melhoria democrática das condições de vida.
A segregação da vida urbana com o meio natural, assim como entre as relações sociais muitas vezes desequilibradas, conformam a realidade atual das cidades.

No contexto portuense, a ocupação dos espaços urbanos vai-se, como em qualquer cidade, diversificando com o tempo. No entanto, essa ocupação e as problemáticas

[190] O impacto nas alterações climáticas associado às cidades, envolve em parte a necessidade em ali mentar uma crescente população urbana, aplicando o desenvolvimento de práticas agrícolas de larga escala e mais industrializadas que resultam numa inevitável degradação do meio natural, como a desflorestação, a degradação de ecossistemas, perca de solo, etc..

associadas fazem-se sentir em especial com o aparecimento da indústria na referência urbana, expandindo os transportes, a economia, e as diferenças sociais.
Do diálogo entre projetos que se conformam com a especulação imobiliária e com o aumento progressivo dos meios de transporte, resulta uma suburbanização crescente e incontrolada, marcando uma gentrificação do centro urbano que se faz acompanhar de um decréscimo demográfico do mesmo, nas últimas décadas do século XX.
Sobre uma paisagem que marca o centro histórico, no inicio do século XXI, com significante número de edifícios devolutos e em degradação, surge na atualidade um novo paradigma marcado pelo crescente turismo, onde o investimento privado e procura imobiliária vão contribuir para um aumento dos valores de arrendamento. Contribuindo para uma "*... substituição não só de residentes, mas também de estabelecimentos que não se adaptaram ao boom turístico ou não suportaram os novos custos locativos.*"[191].

Neste contexto, o trabalho clarifica algumas das problemáticas mais emergentes na cidade, seguindo-se das consequentes soluções já ponderadas e rebatidas por outros autores.
Evidencia-se deste modo, a frequente presença de espaços devolutos (muitas vezes com valor patrimonial) e das situações de pobreza, solidão e desemprego que se fazem sentir ainda hoje nas zonas mais centrais da cidade. Estas questões acabam por se relacionar diretamente com fenómenos como a gentrificação, a especulação imobiliária e o crescente impacto do turismo, realçando a necessidade de criar uma memória coletiva (através da adaptação dos espaços a novos usos, e de incentivos para a permanência das classes mais baixas e de estudantes), que seja capaz de fortalecer a coesão social e a adaptabilidade dos espaços perante as emergentes transformações da cidade.

Quanto à soluções levantadas no panorama urbanístico da cidade, vêm-se surgir, pela própria *Câmara Municipal do Porto*, respostas como: a prioridade pela reabilitação urbana e pela colmatação dos espaço sobrantes, em detrimento de novas áreas de expansão. Criatividade e valorização do património histórico e cultural, conciliando o desenvolvimento económico em respeito pelas identidades locais. Assim como a regeneração das zonas mais estigmadas da cidade, de modo a reduzir as disparidades de qualidade de vida e de bem-estar dos cidadãos, contribuindo para uma coesão sócio territorial.

---

191 **ROCHA**, **Inês**; **CHAMUSCA**, **Pedro**; **FERNANDES**, **José** - *Planos, projetos e mudanças no Porto central do século XXI*. (p. 221).

Algumas destas ideias são reforçados por autoras, como Filipa Pinheiro[192], onde se salienta a importância que a adaptabilidade dos espaços têm na coesão social e na resiliência geral do tecido urbano. Assim como, com Paula Guerra[193], que enfatiza a necessidade em haver um controlo económico, quer quantitativo quer qualificativo, no que toca à reestruturação e renovação de espaços urbanos, e estruturas que permitam "*A mistura de diferentes categorias sociais num mesmo espaço, como meio de atenuar o carácter segregativo do espaço urbano actual.*".
Num último momento da presente investigação, procurou-se identificar parte das problemáticas anteriormente refletidas no contexto de cada caso de estudo, de modo a enquadrar a tipologia do quarteirão tradicional burguês em alguns dos constrangimentos e soluções, associados à problemática atual do urbanismo portuense.

Foi possível assim determinar, que no quarteirão junto ao largo Actor Dias fazem-se sentir fenómenos de gentrificação, marcados pelas novas estruturas para alojamento local, que veem substituir espaços devolutos.
As habitações mais antigas integram uma população mais envelhecida e sobre algum isolamento, apresentando fragilidades na futura coesão social do quarteirão, que se acentua pelo registo de uma memória coletiva apoiada principalmente nas vivências sociais do passado.
O largo Actor Dias apresenta-se como um espaço representativo da identidade do lugar, no entanto a sua ligação ao passeio da Fontainhas encontra-se bloqueada, perpetuando uma desconectividade com a cidade.
Por outro lado, este caso, mostra potencialidades quando á organização interna das habitações, que incitam a rua como meio de partilha e de conexão social. Paralelamente, o seu loteamento, característico da tipologia em estudo, apresenta uma grande adaptação em integrar novas transformações, nomeadamente na apropriação estratégica de novos usos, sem que o seu carácter patrimonial de dissipe.
Por último, o núcleo interno que consolidada este quarteirão apresenta um carácter unitário e desimpedido capaz de consolidar projetos que potencializem, em última estância, uma coexistência de diferentes grupos sociais.

No enquadramento que define o quarteirão junto à rua da Boavista, evidenciou-se as frentes vazias que integram o edificado na rua de Cedofeita e os es-

---

192 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015. Dissertação de Mestrado.

193 **GUERRA**, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?* Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Artigo em Revista Científica Nacional (1993), p. 145-175.

paços de loja desocupados que caracterizam o piso térreo na rua da Boavista. Neste caso, também se vão evidenciar gentrificações a favor do turismo, no entanto, estas vão ocorrer maioritariamente na rua da Igreja de Cedofeita, e através da licenças de obras estudadas, nota-se que estas reabilitações vão acompanhar as lógicas habitacionais preexistentes.
Quanto ao seu núcleo, notou-se que este se apresenta parcialmente acessível e desimpedido pelos lotes de maiores dimensões pertencentes à rua da Bovista, que vão refletir no seu espaço térreo tardoz alguns sinais de desuso e abandono.
Tanto nos logradouro mal aproveitados, com nos espaços interiores atualmente devolutos, surge uma oportunidade forte de reabilitação, integrando algumas das preocupações sociais que ocupam a atual a esfera portuense.

Refletiu-se por último as características presentes no quarteirão junto à avenida Rodrigues de Freitas, que vai ilustrar uma dicotomia clara entre as vivências que ocorrem nas ruas secundárias e à face da avenida.
Neste caso é possível encontrar várias reabilitações que preservam a lógica habitacional burguesa, na face Norte do quarteirão. No entanto, não deixa de presenciar sobre o seu carácter mais intimista e antigo alguma desertificação de moradores (como relatado na entrevista_6[194]).
A problemáticas, acabam por incidir mais, na desapropriação dos logradouros, nomeadamente na relação com o edificado junto à avenida, onde os espaços que ocupam os pisos térreos não qualificam a relação que estabelecem com o núcleo do quarteirão, salientando assim a desconexão entre os moradores da avenida Rodrigues de Freitas e das ruas secundárias a Norte. Contudo se o núcleo se tornar socialmente funcional, emerge a potencialidade deste quarteirão em estabelecer um coesão social entre diferentes tipos de vivências.
No seu aspeto geral este elemento qualifica-se essencialmente pela relação mais intimista que materializa no perímetro Norte, catalisando uma relação mais forte com o património e com a rua.

194 *Entrevista_6* - Anexos, p. 245.

O resultado

Como resultado da presente investigação, é possível concluir que a tipologia de quarteirão em estudo tem capacidade de integrar, em parte, os principais focos na resposta às problemáticas da cidade, permitindo um desenvolvimento inclusivo e eficiente na ocupação dos seus espaços.

Clarifica-se, deste modo, que a cidade do Porto procura responder na sua base às questões mais eminentes, como a necessidade em atenuar a **gentrificação** que ainda se faz sentir nas zonas centrais, a um controlo da **especulação imobiliária** respeitando as entidades locais, e acima de tudo combater a **segregação social** reduzindo as disparidades na qualidade de vida e de bem-estar da população.
Pelo que, sobre estas problemática, faz-se associar o abandono e a degradação de edificado (por vezes de valor patrimonial), o envelhecimento e solidão das populações mais pobres que habitam o centro, o crescente impacto do turismo, a perca de uma memória colectiva, e um aumento das disparidades socioeconomicas.

Paralelamente, os casos estudados vão absorver algumas destas características, que os conformam como objeto de intervenção no urbanismo portuense. Caracterizando-se em boa parte pela capacidade que apresentam em integrar novas transformações sem que a sua identidade unitária se dilua ou descaracterize. "*... assiste se a uma progressiva transformação da habitação unifamiliar em plurifamiliar por processos que não implicam necessariamente a construção de raiz ou o desenho de novas tipologias.*"[195].

Os casos apresentados, vão também estes refletir fenómenos de abandono e degradação, como consequência da expansão dispersa que se fez sentir no perímetro da cidade, em parte estimulada pela iniciativa privada, que sem regulamentos, politicas de coesão e de sustentabilidade, produziram centros urbanos desertificados e envelhecidos. Estes casos de abandono, evidenciam-se tanto no troço da rua de Cedofeita que define o quarteirão junto à rua da Boavista, como na posição Norte do caso junto ao largo Actor Dias (na relação com o largo e com as escadarias).
É possível deste modo, assistir a uma gentrificação dos espaços, como consequência da especulação imobiliária que se traduz em reabilitações para alojamento temporário sobre novas formas de habitar, que introduzem lógicas compartimentadas em prol da rentabilização do espaço (como se observa no edificado Norte da *fig.* 58).

---

195 **LAMEIRA, Gisela** - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de ha bitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX.* (p. 138).

Os casos de estudo apresentam também, com especial evidencia no caso junto ao largo Actor Dias, um certo envelhecimento dos residentes que ainda permanecem, que associam a memória colectiva do lugar à suas qualidades do passado e às ligações sociais de vizinhança (*Entrevistas _1 e _2*)[196].

Por outro lado, os casos analisados conformam-se transversalmente como espaços com raízes fortes no passado, que integram um registo cronológico quer a nível construtivo, quer a nível funcional e estético (organização dos fogos, na forma, na escala e nas fachadas). Este carácter antigo faz com que estes objetos integrem neles com frequência edifícios de importante valor patrimonial, que se associam a uma importante identidade colectiva. Como explica Francisco Barata, "*Motorizamos os aspectos formais mais marcantes dos seus modelos: elementos arquitectónicos que se repetem sistematicamente, volumetrias, cores, dimensões de fachadas, tipo de coberturas, etc. Do mesmo modo se memoriza a relação destes como espaço público, sobretudo quando possuem uma nomenclatura tradicional.*"[197]. "*Assim, aqueles edifícios de habitação das áreas mais antigas da cidade, erguidos em lotes em frente estreita e grande profundidade, concordantes e aderentes à modelação do relevo, são um facto urbano e arquitectónico que imediatamente se interioriza e memoriza, como caracterizado da cidade do Porto.*"[198].

Por último, os casos estudados apresentam uma quantidade relevante de espaços desaproveitados, tanto nos pisos térreos interiores como nos logradouros tardozes exteriores, que tendo em conta a sua posição central na cidade e as necessidades em reduzir as disparidades socioeconómicas e socioespaciais, surgem como potenciais meios de intervenção urbana, colmatando a sua resiliência no futuro.

Como afirma Filipa Pinheiro, "*... por outro lado, este refrescamento do edificado existente vai permitir uma homogeneização da população das cidades, criando oportunidades de fácil acesso para todos os cidadãos colmatando desta forma as lacunas sociais que neste momento são potencializadoras de distinção e desigualdades sociais ...*"[199].

---

196 *Entrevistas _1 e _2* - Anexos, p. 238-239.

197 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 60).

198 **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 79).

199 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. (p. 27).

Desta forma, compreendendo que os casos de estudo aprofundados integram uma tipologia comum, que se define pelas suas características tradicionais burguesas.
É então possível relacionar a tipologia em estudo aos constrangimentos e potencialidades que integram os quarteirões analisados.

Conclui-se deste modo que a tipologia de origem burguesa, que marca em parte o carácter contemporâneo da cidade, introduz-se como ponto de ação para a resolução das correntes problemáticas urbanas.

Observações

Verifica-se portanto, que o facto do quarteirão em estudo integrar algumas das problemáticas transversais à cidade e mostrar flexibilidade na produção das suas soluções, não é acontecimento suficiente para que as ações neste ocorram, tenham lugar de forma consciente e potencializadora para a melhoria da vida urbana.
É necessário que haja um entendimento, das necessidades sociais da cidade e do contexto urbano onde se vai intervir, "*... para ajustar o existente às necessidades temos que seguir programações consertadas exercendo políticas integradas de reabilitação urbana.*"[200].

No caso do Porto, segundo *Relatório de Caraterização e Diagnóstico da Ocupação do Solo* (2018), nota-se o as tipologias em causa têm sido alvo de consecutivas intervenções, enquadrando assim estes espaço na função futura da cidade. "*O quarteirão oitocentista (unidade B). ... . É a unidade com maior dinâmica urbanística, traduzido no maior número de licenças emitidas (877), apesar da área intervencionada não ser a de maior valor. De igual modo, a sua apetência para a edificação também é otimizada dentro das regras urbanísticas em vigor.*"[201]. Esta unidade B apresenta assim uma forte dinâmica urbanística. No entanto como clarifica Francisco Barata, não basta estar apto a construir para que se desenvolvam dinâmicas respeitadoras da identidade preexistente, muitas das vezes a "*... arquitectura corrente não entende as características do seu conjunto edificada, nem está apto a realizar uma análise tipo-morfológica da área onde é chamado a intervir.*"[202].
Neste sentido enquadrando as característica que conformam a permanência desta tipologia urbana, importa que haja uma sensibilidade entre, o carácter do espaços públicos envolventes, as lógicas de edificado, as leis que controlam o espaço construído, as relações tanto socioeconomicas como socioespaciais preexistentes, a orientação do edificado no seu contexto topográfico e na sua relação de luz e escala com os logradouros interiores.

Filipa Pinheiro, acrescenta ainda que "*... o aproveitamento das construções existentes tendo por base princípios orientadores e objetivos comuns à população incidente*

---

200 **PINHEIRO**, **Filipa -** *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. (p. 18).

201 Revisão do Plano diretor municipal do Porto - *Ocupação do solo, relatório de caraterização e diagnóstico*. Porto, 2018. (p. 106).

202 **BARATA**, **Francisco -** *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. (p. 60).

vão fazer com que haja uma grande poupança de recursos e uma sustentabilidade ambiental."[203].

Em última estância observa-se algumas dinâmicas relevantes passiveis de se desenvolverem no quarteirão em estudo como caso tipológico.
Aponta-se que o quarteirão burguês é um espaço que permite a coexistencia, tanto de habitações com um contato direto com a rua como mais resguardadas no contato com o núcleo interior, agregando num só espaço diferentes vivências e por sua vez diferentes grupos sociais. Este potencial social que existe no quarteirão, nomeadamente no quarteirão burguês, permite desenvolver uma coesão social, importante para a resiliências das relações socioespaciais que estruturam direta e indiretamente a qualidade do meio urbano.

Por outro lado, ao facto do quarteirão se caracterizar com um núcleo livre, surge a oportunidade de o apropriar como espaço partilhado (não própriamente público). Este tipo de ações, quando bem planeadas, têm a capacidade de dar aos seus habitantes uma certa autonomia sobre este espaço partilhado[204], que permite atenuar ou mesmo evitar, intervenções induzidas por poderes externos (sobre pressões económicas ou políticas), que muitas vezes interagem com este espaço não respeitando os melhores interesses do mesmo e dos seus habitantes. Esta autonomia potencializa a identidade coletiva do quarteirão.

Paralelamente, o espaço central livre que caracteriza o miolo do quarteirão, definindo-se como vazio urbano pode contribuir para um aumento da área verde/natural por habitante capaz de fazer um diálogo entre a escala da aldeia e a escala da cidade. Estas áreas potencializam a introdução de momentos de alivio dentro do saturado espaço da cidade, contribuindo consequentemente para um sentido de identidade do lugar, para o conforto e bem-estar do indivíduo, assim como para um impacto positivo no micro-clima urbano.

---

203 **PINHEIRO**, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana.* (p. 19).

204 Z**EYBEKOGLU**, **Senem** - *City, Urban Transformation and the Right to the City.* (p. 4).

Conclusão

O presente trabalho propôs-se a uma exploração do contexto de quarteirão como elemento caracterizador e definidor do tecido urbano, integrando tipologicamente, uma parte relevante da identidade que caracteriza a cidade do Porto.
Procurou-se sucessivamente observar, sobre três casos, aspectos da composição interna e da identidade, tanto do ponto de vista social como do ponto de vista morfológico, de modo a completar a noção de como um conjunto edificado se relaciona no meio urbano integrando as consequentes transformações que caracterizam a cidade.
Através do estudo de casos pontuais cuidou-se a compreender o contexto real sobre o qual a tipologia do quarteirão burguês se materializa.

Sobre este desenvolvimento surge a oportunidade de confrontar as noções analisadas com as necessidades e constrangimentos que caracterizam a atualidade urbana, para que se clarifique, em última instância, o potencial da tipologia em estudo na resolução das problemáticas que hoje integram o urbanismo portuense.

A presente investigação, sobre o quarteirão burguês portuense, desenvolveu-se sobre algumas limitações, nomeadamente no número de casos de estudo a analisar, por questões de tempo e de extensão. Assim como encontrou algumas restrições na elaboração dos parâmetros de análise, associando-se em parte aos elementos disponibilizados e existentes nos arquivos *Câmara Municipal do Porto*.
Nota-se também pela estrutura, que o parâmetros de análise procuraram oferecer-se como ferramentas de trabalho, e como resultado podendo contribuir para um desvio excedente no objetivo geral da análise.
Contudo levantam-se temas e noções importantes, para a consciencialização do quarteirão e quais as características que o definem, quer conceptualmente quer fisicamente.

Num desenvolvimento futuro, entende-se que é possível aprofundar o presente trabalho em duas frentes. Uma análise que aprofunde as relações entre a vida privada e a vida pública como parte integrante do quarteirão e consequentemente da cidade, examinando as transformações internas dos fogos nas lógicas de habitar e a sua importância com o espaço exterior partilhado e público.
Uma segunda frente a desenvolver, destaca a análise das problemáticas urbanas, que refletindo o impacto das ações humanas em todo o meio ecológico, permite elaborar sobre os modos de habitar resilientes com um futuro próximo nomeadamente com o esgotamento dos recursos fósseis, crises sociais e alterações climáticas, enquadrando

o quarteirão como elemento capaz de protagonizar intrínsecas qualidades humanas de uma cidade[205].
Neste espectro importa em trabalhos futuros, uma estruturação clara das características do quarteirão que se pretende analisar, e tomar desde cedo consciência de como as relacionar com os objetivos propostos.

A arquitetura mostra-se como um reflexo indissociável entre as relações sociais e o tempo e o contexto onde estas ocorrem. Na sua permanência observam-se as divergências que estas mesmas relações sofreram, afastando-se por vezes de um diálogo equilibrado com a vida humana e com tudo o que dela depende.
O quarteirão burguês, neste sentido, integra um modo de habitar a cidade que antecede algumas destas transformações, reintegrando o pensamento sobre a necessidade da escala humana na cidade.

205 Lecture by Leon krier - *The Berlage Archive series*. 2010, Roterdão.

"Talvez a escala da aldeia se mantenha necessária, na relação entre o Homem e a Metrópole."[206]

[206] **SCHAAP, Ton -** *Real urbanismo decisive interventions.* (p. 19).

FONTES

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, **Christopher** - *A pattern language*. New York: Oxford University Press, 1997.

ALEXANDER, **Christopher** - *A city is not a tree*. Boston, Massachusetts: Architectural Forum Journal, 1965.

BARTON, **Hugh**; **GRANT**, **Marus**; **GUISE**, **Richard** - *Shaping neighbourhoods: For local health and global sustainability*. Abingdon: Taylor & Francis, 2002.

BARATA, Francisco - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP, 1999.

BAPTISTA, António; **MARTINHO, Maria Albina** - *Programas urban e reabilitação urbana - Revitalização de áreas urbanas em crise*. Lisboa: Edições 70, 1990.

CAMPOS, **Martha**; **DIAS**, **Fabiano** - *Pátios: Espaços de introspecção e captura da paisagem. Arquitectura e paisagem cultural*. Belo Horizonte: Desafios e perpectivas (2º Colóquio Ibero-Americano), 2012.

CASTEX, **Jean**; **DEPAULE**, **Jean-Charles**; **PANERAI**, **Philippe** - *Urban forms: The death and life of the urban block*. Oxford: Architectural Press, 2004.

CAPÍTEL, **Antón** - *La arquitectura del pát*io. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

CASTELLS, **Manuel** - *The City and the grassroots: A cross-cultural theory of urban social movements*. California: University of California Press, 1983.

CERDÀ, **Ildefonso** - *Teoria general de la urbanizacion, y aplicacion de sus principios y poctrinas à la reforma y ensanche de barcelona*. Madrid: Imprenta Española, Torija, 1867.

CHUI, **Iana**; **FEDCHENKO**, **Irina**; **KUKINA**, **Irina** - *Urban form and social context: From traditions to newest demands*. Russia: Siberian Federal University Library and Publishing Complex, 2019.

CONSIGLIERI, **Victor** - *As significações da arquitectura – 1920-1990*. Lisboa: Ed. Estampa, 2000.

CROWE, **Norman** - *Building cities: towards a civil society and sustainable environment*. London: Artmedia Press, 1999.

ECHAVARRI, **Julio** - *La ciudad paseable*. Madrid: Centro de Estudios y Experimentación de Obras Publicas, 2013.

GEHL, **Jan** - *La humanization del espacio urbano*. Barcelona: Reverte, 2006.

GEORGE, **Pierre** - *O homem na terra*. Lisboa: Edições 70, 1993.

GOITIA, **Fernando Chueca** - *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

GROENENDIJK, **Paul**; **VOLLAARD**, **Piet** - *Gids voor moderne architectuur in Nederland*. Nederlands: Nai010 Uitgevers/Publishers, 1998.

HATZELHOFFER, **Lena**; **HUMBODLT**, **Kathrin**; **LOBECK**, **Michael**; [et al.] - *Smart in City Practice*. Berlin: Jovis, 2012.

KOMOSSA, **Susanne** - *The dutch urban block and the public realm: Models, rules, ideals*. Nijmegen: Vantilt Publishers, 2010.

KRIER, **Léon** - *The architecture of community*. Washington: Island Press, 2011.

KRIER, **Robert** - *Urban space*. London: ACADEMY EDITIONS, 1979.

LAMAS, **José Manuel** - *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LUTZENBERGER, **José** - *O fim do futuro?*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1977.

LYNCH, **Kevin** - *The image of the city*. Boston, Massachusetts: MIT Press, 1960.

MARTÍ, **Carlos Aris** - *Las formas de la resistência en la ciudad moderna*. Barcelona: EDICIONS UPC, 2000.

MAY, **Natalie**; **STEINERT**, **Ulrike** - *The fabric of cities : aspects of urbanism, urban topography and society in Mesopotamia, Greece and Rome*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2014.

MONEO, **Rafael** - *OPPOSITIONS Nº13 "On typologys"*. Cambridge, Massachussetts: MIT Press, 1978.

MOORE, **Charles**; **ALLEN**, **Gerald** - *Dimensiones de la arquitectura, espacio, forma y escala.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1976.

OLIVEIRA, Vítor; **MARAT-MENDES**, **Teresa**; **PINHO**, **Paulo** - *O estudo da forma urbana em Portugal*. Porto: U. Porto Editorial, 2015.

PERAKAKI, **Roumpini**; **SINOU**, **Maro** - *Urban courtyard regeneration:offering ew public space, environmental diversity and healthy environments during an economic crisis*. London, Athens: Publicação online, 2015.

ROBERTSON, **John** - *The developing city, a vision for 2050*. London: John Roertson Architects, 2012.

SAALMAN, **Howard** - *Medieval cities: Planning and cities*. New York: George Braziller, 1968.

SCHAAP, **Ton** - *Real urbanism decisive interventions*. Amsterdam: Architectura & Natura, 2019.

SCHOENAUER, **Norbert** - *6000 years of housing*. New York: Garland STPM Press, 1981.

SMITH, **Neil** - *Evolving cities, exploring the relativos between urban form resilience and governante of urban form*. San Francisco: London School of Economics, 2013.

SONNE, **Wolfgang** - *Dwelling in the metropolis: Reformed urban blocks 1890 –1940 as a model for the sustainable compact city*. (Volume 72) Amsterdam; Boston: Elsevier, 2009.

TEIXEIRA, **Manuel** - *Habitação popular na cidade oitocentista - As ilhas do Porto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1996.

PATETTA, **Luciano** - *Historia de la arquitectura : Antología critica*. Madrid: Celeste Ediciones, 1997.

ZUMTHOR, **Peter** - *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2006.

DISSERTAÇÕES

ALMEIDA, **Francisco Tiago** - *Requalificação dos interiores de quarteirão do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2014. Relatório de Estágio de Mestrado.

ALVES, **Tiago Pinto** - *Take-away architecture.* Porto: Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado.

CARDOSO, **Nuno Filipe** - *O piso térreo do edificado na cidade do Porto*. Porto: Universidade Lusófona do Porto, 2015. Dissertação de Mestrado.

CORREIA GOMES, **Sara Sofia** - *O espaço pátio no edifício escolar. Evolução e reinvenção*. Porto: Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado.

COSTA, **Francisco Tiago** - *Requalificação dos interiores de quarteirão do Porto*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em Arquitetura Paisagista, 2014. Relatório de Estágio de Mestrado.

DIAS, **Joana Raquel** - *A ideia de "quarteirão" na regeneração urna do centro histórico do porto*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2016. Dissertação de Mestrado.

DIAS, João Manuel - *Vazios devolutos. Reinterpretações arquitectónicas em quarteirões do centro da cidade de Guimarães*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, **Catarina** - *O pátio enquanto centro mediador.* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação de Mestrado.

FERREIRA, **Inês Maria** - *Quarteirões abertos*. Lisboa: Instituto Técnico Superior de Lisboa, 2012. Dissertação de Mestrado.

FONSECA, **Adélia** - *Porto Norte - Dinâmica urbana e sua evolução*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998. Dissertação de Mestrado.

GUAZZERI, **Andrea**; **NAPOLITANO**, **Umberto** - *Form, city & density*. London: AA School of Architecture, 2019. Dissertação de Licenciatura.

INÁCIO, **Pierre Emmanuel** - *Cidade dentro da cidade*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013. Dissertação de Mestrado.

LAGO, Patrícia Alexandra - *A utilização de quarteirões-tipo nas estratégias de regeneração urbana nos centros históricos*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 2007. Dissertação de Mestrado.

LAMEIRA, Gisela - *O prédio de rendimento portuense. Topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX*. Porto: FAUP, 2017. Tese de doutoramento. 2017.

MORGADO, **Filipa -** *Pátio e casa-Pátio: a dimensão doméstica do espaço exterior da casa. Projeto de um edifício habitacional no desterro, em Lisboa*. Lisboa: Instituto Técnico Superior de Lisboa, 2013. Dissertação de mestrado.

OIKONOMOU, **Maria** - *The transformation of the urban block in the European city*. Thessaloniki: University of Thessaloniki, 2014. Ensaio pós-graduação.

OLIVEIRA, **Fernando de** - *3ª era da cidade em Christian de Portzamparc: Mais do mesmo?*. São Paulo/SP: Universidade São Francisco, 2009. Dissertação Graduação em Filosofia.

REIS, **Nuno** - *O saguão na habitação urbana. O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Dissertação de Mestrado.

REIS, **Luiz Augusto** - *O pátio interno como lugar simbólico*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Doutoramento.

SANTOS, **Patrícia Alexandra** - *A ultilização de quarteirões-tipo nas estratégias de regeneração urbana nos centros históricos*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007. Dissertação de Mestrado.

SPANINKS-AMARO, **Youri Karl** - *Transitar a vida coletiva de um quarteirão: Densificar, Diversificar e Flexibilizar Alcântara*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018. Dissertação de Mestrado.

SILVA, **Arménio** - *A acessibilidade na casa burguesa do Porto, tipificação de propostas de intervenção*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013. Dissertação de Mestrado.

TORRES, **Alexander** - *Inside out: O interior do quarteirão como espaço urbano*. Porto: Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado.

PINHEIRO, **Filipa** - *Novos usos de edifício como forma de reabilitação urbana*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2015. Dissertação de Mestrado.

PIRES, **Amílcar** - *Vilegiatura e lugar na arquitectura portuguesa*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Tese de Doutoramento.

ARTIGOS EM PERIÓDICO

ANDRADE, Maria Filomena; **FONTES**, **João Luís**; **RODRIGUES**, **Ana Maria** - *Mosteiros e conventos no Portugal medieval: vida espiritual e lógicas de implantação*. IRCVM: SVMMA Revista de Cultures Medievals. ISSN. nº. 15, "Standard" (Jun 2020), p. 08-34.

AIBAR, Eduardo; **BIJKER**, **Wiebe** - *Constructing a city: The Cerdà plan for the extension Barcelona*. Sage Publications, Inc: Science, Technology, & Human Values. Vol. 22, nº. 1 (Inverno, 1997), p. 03-30.

OLIVEIRA, José - *A cidade do Porto como centro histórico urbano*. Universidade de Coimbra: Cadernos de Geografia nº2 (1983), p. 03-22.

ZEYBEKOGLU, **Senem** - *City, urban transformation and the right to the city*. Journal of Contemporary Urban Affairs: Vol. 4, nº.1 (2020), p. 01-10.

ROCHA, **Inês**; **CHAMUSCA**, **Pedro**; **FERNANDES**, **José** - *ID822: Planos, projetos e mudanças no Porto central do século XXI*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Colóquio Ibérico - Geografia (2018).

GUERRA, **Paula** - *Tecido urbano actual: Continuidade ou decontinuidade?*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Artigo em Revista Científica Nacional (1993), p. 145-175.

TEIXEIRA, **Manuel** - *A habitação popular no século XIX - características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Análise Social, vol. xxix (127), 1994 (3º), p. 555-579.

INTERNET

FIGUEROA, **Mário** - "*Habitação coletiva e a evolução da quadra"*. São Paulo: Arquitextos, 2006. [Consult.23-06-2020]. Disponível em WWW: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/385 .

Munford, **Eric** - "*CIAM and its outcomes"*. Lisboa: Licensee Congitatio, 2019. [Consult.18-08-2020]. Disponível em WWW: https://www.cogitatiopress.com/urbanplanning/article/view/2383/2383 .

REIS ALVES, **Luiz Augusto dos** - *"O que é o pátio interno? – parte 1 e parte 2*". São Paulo: Arquitextos, 2005. [Consult.23-06-2020]. Disponível em WWW: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/436 .

VIEIRA DA SILVA, **Joana** - "*O interior de um quarteirão do Porto: entre o público e o privado"*. Porto: Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, 2012. [Consult.18-03-2020]. Disponível em WWW: http://www.barometro.com.pt/2012/02/07/o-interior-de-um-quarteirao-do-porto-entre-o-publico-e-o-privado/ .

CM-Porto - "*Urbanismo"*. Porto: CMP. [Consult.18-05-2022]. Disponível em WWW: *https://www.cm-porto.pt/urbanismo/urbanismo* .

Patrimonio cultural - "*Centro histórico do Porto"*. [Consult.21-04-2022]. Disponível em WWW: *http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/centro-historico-do-porto/* .

RELATÓRIOS

SALCEDO, **José António** - *A inovação na transformação da cidade.* Série de 24 debates promovidos pelo Porto *Innovation Hub*. Porto: CMP, 2017. Relatório de Síntese. [Consult.18-05-2022]. Disponível em WWW: https://www.portodigital.pt/wp-content/uploads/2020/05/relatoriosintese.pdf .

CARVALHO, **Isabel**; **BENTO**, **José**; **COSTA**, **Paulo**; [et al.] - *Ocupação do solo, relatório de caraterização e diagnóstico.* Porto: CMP - Divisão Municipal de Planeamento e Ordenamento do Território, 2018. Revisão do Plano diretor municipal do Porto. [Consult.23-06-2020]. https://pdm.cm-porto.pt/documents/53/40_PDMP_ECD_Ocup_Solo.pdf .

CRÉDITOS DE IMAGENS

fig. 1. Planta da cidade de Habuba Kebira, Syria.
Fonte: Internet [Consult.19-03-2021]. Disponível WWW: https://ane.hypotheses.org/3735

fig. 2. Planta da cidade de Priene, Grécia.
Fonte: Internet [Consult.05-02-2021]. Disponível WWW: [[File:Plan of Priene, in Griechische Stadeanlagen Wellcome M0009550.jpg|thumb|Plan of Priene, in Griechische Stadeanlagen Wellcome M0009550]]

fig. 3. Planta de uma casa particular na cidade de Priene, Grécia.
Fonte: Internet [Consult.05-02-2021]. Disponível WWW: https://www.worldhistory.biz/ancient-history/59522-olynthos-houses.html

fig. 4. Representação tipológica da Domus romana.
Fonte: Internet Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: https://cdn.jhmrad.com/wp-content/uploads/comparison-greek-roman-house-plans-typical-etruscan-domus_73964.jpg

fig. 5. Representação tipológica da Insulae romana.
Fonte: Internet [Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: http://www.waterhistory.org/histories/rome/

fig. 6. Cidade Islâmica - Ruas e Pátios.
Fonte: Le Corbusier, 2004.

fig. 7. Padrão de uso do solo numa área residêncial típica em Medina na Tunísia.
Fonte: Schoenauer, 2000.

fig. 8. Origem e evolução da cidade medieval de Évora.
Fonte: Adaptação de **SIMPLICÍO**, **Maria -** *Évora: Origem e Evolução de uma cidade medieval*. Porto: Revista da Faculdade de Letra - Geografia I, vol. XIX, 2003. p. 365-372. Fonte: Internet [Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/330.pdf

fig. 9. Aguarela de Louise Rayner. Perspectiva sobre a Watergate Street, Londres.
Fonte: Internet [Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: [[File:Louise Rayner Chester The Cross looking towards Watergate Street.jpg|thumb|Louise Rayner Chester The Cross looking towards Watergate Street]]
fig. 10. Plano para a Ville-Richelieu em França, 1631.
Fonte: Internet [Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: https://mariepierre-terrien.com/index.php/richelieu/

fig. 11. Gravura da Ville-Richelieuem França, 1657.
Fonte: Internet [Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: [[File:Ville Richelieu 1657 Zeiller 15067.jpg|thumb|-Ville Richelieu 1657 Zeiller 15067]]

fig. 12. Pintura a óleo e tempera de a Città ideale, entre 1480 e 1484.
Fonte: Internet [Consult.20-03-2021]. Disponível WWW: https://artsandculture.google.com/asset/the-ideal-city/

fig. 13. Praça e edifício do Capitólio, em Roma, desenhados por Michelangelo entre os anos de 1536 e 1546.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: https://quod.lib.umich.edu/u/ummu2ic/x-ls003036/ls003036

fig. 14. Fotografia da cidade industrial (sem data).
Fonte: **BENOVOLO**, **Leonardo** - *The origins of modern town planing*. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1969. p. 157.

fig. 15. Gravura pertencente ao mapa Turgot composto de vinte painéis, feitos entre 1734 e 1736 por Louis Bretez.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: [[File:1739 Bretez - Turgot View and Map of Paris, France (c. 1900 Taride issue) - Geographicus - Paris-turgot-1909.jpg|thumb|1739 Bretez - Turgot View and Map of Paris, France (c. 1900 Taride issue) - Geographicus - Paris-turgot-1909]]

fig. 16. Plano para a expansão de Viena, 1860.
Fonte: Internet [Consult.20-05-2022]. Disponível Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:PlaCerda1859b.jpg

fig. 17. Plano original tipológico do quarteirão, na expansão urbana projetada por Ildefonso Cerdà para Barcelona em 1859.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: http://issuu.com/anycerda/docs/el_nom_dels_carrers

fig. 18. Plano integral da expansão urbana projetada por Ildefonso Cerdà para Barcelona em 1859.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:PlaCerda1859b.jpg

fig. 19. Parte integrante de um artigo para o lançamento da cidade de Welwyn, projetada por Ebenezer Howard.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: https://scodpub.wordpress.com/2011/03/01/garden-cities-by-ebenezer-howard/

fig. 20. Perspectiva a grafite do complexo de Transvaalbuurt em 1912, projetado por H. P. Berlage.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: https://biennalewiki.org/wp-content/uploads/2020/05/19-Edilizia-ABITAZIONI-TRANSVAALSTRAAT-PROSPETTIVA-DELLA--TRANSVAALKADE-1919-768x503.png

fig. 21. Fotografia do interior do complexo em 1924, projetado por H. P. Berlage.
Fonte: Internet [Consult.21-03-2021]. Disponível WWW: https://www.iamsterdam.com/nl/amsterdam-qr/oost-watergraafsmeer/transvaalbuurt

fig. 22. Complexo de habitação social, Unité d'habitation. Desenvolvida por Corbusier dentro do projeto para a Cité Radieuse.
Fonte: Internet [Consult.22-03-2021]. Disponível WWW: https://www.herodote.net/L_architecte_de_l_utopie_sociale-synthese-1904.php

fig. 23. Imagem do complexo de habitação social Kiefhoek, projetado por J.J.P. Oud em Roterdão.
Fonte: Internet [Consult.22-03-2021]. Disponível WWW:https://www.flickr.com/photos/janvanhelleman/8444772802

fig. 24. Plano para extensão geral de Amesterdão, de Cornelis Van Eesteren em 1935 (parte superior da imagem sobre a forma de edifícios laminares paralelos), e o plano de Amsterdam Zud de H.P Berlange, já construído entre 1917 e 19290 (parte inferior direita da imagem).
Fonte: Internet [Consult.22-03-2021]. Disponível WWW:https://arquiscopio.com/archivo/2012/07/29/plan-de-extension-de-amsterdam/?lang=pt

fig. 25. Imagem do conjunto habitacional de IJ-Plein em Amesterdão, conceptualizado por N. J. Habraken. (Fotografia tirada a 29 Agosto de 2001)
Fonte: Internet [Consult.22-03-2021]. Disponível WWW: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Amsterdam.Scheepstimmermanstraat.Waterside.04.jpg#filelinks

fig. 26. Elementos inseridos na publicação "The Alphabetical City", editada por Steven Holl em 1995.
Fonte: Internet [Consult.02-02-2021]. Disponível WWW: https://www.archigraphie.eu/?p=1567

fig. 27. Praça de Chipping Norton, no Reino Unido.
Fonte: Internet [Consult.26-03-2021]. Disponível WWW: https://www.revistapunkto.com/2011/09/

fig. 28. Caráter interior do quarteirão burguês a Oeste da Praça da República, Porto.
Autora: Izabela Naves. Fonte: Internet [Consult.26-03-2021]. Disponível WWW: http://www.barometro.com.pt/2012/02/07/o-interior-de-um-quarteirao-do-porto-entre-o-publico-e-o-privado/

fig. 29. Esquemas tipológicos do quarteirão desenhados por Mario Figueroa em "*Habitação coletiva e a evolução da quadra.*".
Autor: Mario Figueroa. Fonte: Internet [Consult.26-03-2021]. Disponível WWW: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/385

fig. 30. Fotografia do complexo de Karl Mark Hof em Viena.
Autor: Mario Figueroa. Fonte: Internet [Consult.26-02-2021]. Disponível WWW: https://hiddenarchitecture.net/red-vienna-i-karl-marx-hof/

fig. 31. Fotografia aérea do complexo de West Sindlungen em Frankfurt, Alemanha.
Fonte: Internet [Consult.26-02-2021]. Disponível WWW: https://ernst-may-gesellschaft.de/wohnsiedlungen/siedlung-westhausen

fig. 32. Esquemas tipológicos do quarteirão desenhados por Mario Figueroa em "*Habitação coletiva e a evolução da quadra.*".
Autor: Mario Figueroa. Fonte: Internet [Consult.26-03-2021]. Disponível WWW: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/385

fig. 33. Esquemas tipológicos do quarteirão desenhados por Mario Figueroa em "*Habitação coletiva e a evolução da quadra.*".
Autor: Mario Figueroa. Fonte: Internet [Consult.26-03-2021]. Disponível WWW: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/385

fig. 34. Imagem do interior do quarteirão Teleger Hafen, em Berlin, projetado no contexto da IBA Berlin.
Fonte: Internet [Consult.06-03-2021]. Disponível WWW: https://www.db-bauzeitung.de/architektur/wohn-bebauung-am-tegeler-hafen/#slider-intro-8

fig. 35. Representação do projeto para o conjunto de Conjunto Golden Lane, em Londres.
Fonte: Internet [Consult.06-03-2021]. Disponível WWW: http://hiddenarchitecture.net/golden-lane-estate/

fig. 36. Esquemas tipológicos feitos por Robert Krier em Urban space (Morfological series of urban spaces).
Fonte: **KRIER**, **Robert** - *URBAN SPACE*. London: ACADEMY EDITIONS, 1979. p. 30.

fig. 37. Porto rua de S. Vitor - principais tipologias de ilhas.
Fonte: **TEIXEIRA**, **Manuel** - *A habitação popular no século XIX - características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Análise Social, vol. xxix (127), 1994 (3º). p. 563.

fig. 38. Entrada para ilha construída no interior do quarteirão.
Fonte: **TEIXEIRA**, **Manuel** - *A habitação popular no século XIX - características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Análise Social, vol. xxix (127), 1994 (3º). p. 563.

fig. 39. Análise do crescente desenvolvimento das matrizes urbanas que consolidaram a atual cidade histórica portuense.
Fonte: **COSTA**, **Francisco Tiago** - *Requalificação dos Interiores de Quarteirão do Porto*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em Arquitetura Paisagista, 2014. Relatório de Estágio de Mestrado, p. 21.

fig. 40. Planta da cidade do Porto. Analise da área potencial (não edificada) dos quarteirões.
Fonte: **COSTA**, **Francisco Tiago** - *Requalificação dos Interiores de Quarteirão do Porto*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em Arquitetura Paisagista, 2014. Relatório de Estágio de Mestrado, p. 20.

fig. 41. Porto, fases de desenvolvimento.
Fonte: **BARATA, Francisco** - *Transformação e permanência na habitação portuense - as formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP, 1999. p.84

fig. 42. Representação da área metropolitana do Porto, estudando a composição da malha urbana composta por quarteirões fechados e incompletos.
Montagem realizada pelo autor, 2021.

fig. 43. Representação da área metropolitana do porto, estudo da composição de quarteirões de características tradicionais ou burguesas.
Montagem realizada pelo autor, 2021.

fig. 44. Representação axonométrica de doze quarteirões.
Montagem realizada pelo autor, 2021.

fig. 45. Representação axonométrica de sete quarteirões que determinam a seleção dos três casos de estudo a aprofundar.
Montagem realizada pelo autor, 2021.

fig. 46. Posição dos três casos de estudo a aprofundar, na malha urbana portuense.
Montagem realizada pelo autor, 2022. Cartografia Disponível: 1960 - http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/638875/?q=Planta+do+Porto+e+arredores%2C+em+1960

fig. 47. Evolução cronológica do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 48. Evolução cronológica do quarteirão na rua da Boavista..
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 49. Evolução cronológica do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 50. Estudo das tipologias de circulação que caracterizam o acessos no quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 51. Estudo das tipologias de circulação que caracterizam o acessos no quarteirão na rua da Boavista.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 52. Estudo das tipologias de circulação que caracterizam o acessos no quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.

Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 53. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos do piso térreo, do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 54. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos dos pisos tipo, do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 55. Planta piso térreo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 56. Levantamento das tipologias de espaços exteriores públicos que contextualizam o quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 57. Levantamento das tipologias de espaços exteriores no miolo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 58. Planta piso tipo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 58. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos do piso térreo, do quarteirão na rua da Boavista.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 59. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos dos pisos tipo, do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 60. Planta piso térreo do quarteirão na rua da Boavista
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 61. Levantamento das tipologias de espaços exteriores públicos que contextualizam o quarteirão na rua da Boavista.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 62. Levantamento das tipologias de espaços exteriores no miolo do quarteirão na rua da Boavista.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 63. Planta piso tipo do quarteirão na rua da Boavista
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 64. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos do piso térreo, do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 65. Levantamento das tipologias de espaços interiores que constituem os fogos dos pisos tipo, do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 66. Planta piso térreo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 67. Levantamento das tipologias de espaços exteriores públicos que contextualizam o quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 68. Levantamento das tipologias de espaços exteriores no miolo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 69. Planta piso tipo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Montagem realizada pelo autor, 2022.

fig. 70. Fotografia Maquete do quarteirão junto ao largo Actor Dias com a respectiva envolvente urbana. Estudo da forma do quarteirão no seu contexto morfológico.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 71. Fotografia Maquete do quarteirão junto ao largo Actor Dias. Estudo da forma do quarteirão como identidade única.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 72. Fotografia Maquete dos espaços exteriores que compõem o interior do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 73. Fotografia Maquete de representação do volume vazio resultante da área do logradouro pela cércea do respectivo edifício. Estudo do espaço negativo que compõem o miolo do quarteirão junto ao largo Actor Dias.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 74. Fotografia Maquete do quarteirão na rua da Boavista com a respectiva envolvente urbana. Estudo da forma do quarteirão no seu contexto morfológico.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 75. Fotografia Maquete do quarteirão junto à rua da Boavista. Estudo da forma do quarteirão como identidade única.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 76. Fotografia Maquete dos espaços exteriores que compõem o interior do quarteirão na rua da Boavista.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 77. Fotografia Maquete de representação do volume vazio resultante da área do logradouro pela cércea do respectivo edifício. Estudo do espaço negativo que compõem o miolo do quarteirão na rua da Boavista.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 78. Fotografia Maquete do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas com a respectiva envolvente urbana. Estudo da forma do quarteirão no seu contexto morfológico.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 79. Fotografia Maquete do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas. Estudo da forma do quarteirão como identidade única.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 80. Fotografia Maquete dos espaços exteriores que compõem o interior do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

fig. 81. Fotografia Maquete de representação do volume vazio resultante da área do logradouro pela cércea do respectivo edifício. Estudo do espaço negativo que compõem o miolo do quarteirão na avenida Rodrigues de Freitas.
Fotografia e maquete feito pelo autor, 2022.

ANEXOS

ENTREVISTA_1

M: - Bom dia, primeiro que tudo, agradeço a disponibilidade - Poderei saber o seu nome?

T: - Pois... eu? Tomé de Carvalho Macedo

M: - Queria lhe perguntar, há quanto tempo frequenta este espaço?

T: - Eu já estou aqui há mais de cinquenta anos...

M: - Mais ou menos desde os anos setenta?

T: setenta... setenta ou antes. Eu morava ali nas escadas (Escada dos Guindais), ... no quarenta e dois, deste lado de cá. Depois entretanto estavam para vender aqui, eram da filha de um médico alí de Gaia... ... e eu fiquei com esta e com mais estas duas casas aqui.

M: -E que percursos é que faz mais vezes, aqui na interação com o quarteirão?

T: - Eu, mais vezes...? Aah a.. quando preciso de ir às compras ou assim de resto...

M: - Costuma ir ali acima ás compras?

T: - À Batalha pois... ... mas já não vou pelas escadas, nas escadas já foi quando lá vivia ... agora, agora é mais fácil ir por aqui sim (pelo Largo Actor Dias).

M: - Por último pergunto, quando pensa neste espaço, e de modo mais abrangente neste quarteirão, quais são os elementos ou sensações que lhe vêm à memória? Para si, que elementos rementem para a identidade deste lugar como espaço urbano?

T: - Eeh... oh ... aqui é gente boa, tudo boa. Olhe alí é do Italiano viveu aqui muitos anos, agora comprou, a sair daqui foi para outra casa, a casa ainda é dele e vai fazer obras... Aqui também o senhorio...

M: - conhece toda agente aqui da rua?

T: - Sim, sim.. nós damo-nos bem todos, por aí a cima, por aí a baixo. ... .

ENTREVISTA_2

M: - Primeiro que tudo boa noite, e agradeço o seu tempo - Já agora como se chama?

L: - Leontina, prazer...

M: - Gostaria de saber há quanto tempo frequenta este espaço, como parte da sua rotina?

L: - Oh... aí à quanto tempo... à mais de sessenta anos

M: - Bem, à sessenta anos isto era muito diferente?

L: - Ah uí... muito diferente. Havia um bairro aqui em frente, isto que está aqui era uma quinta, era a casa da quinta. E tinha aqui muitos autocarros e depois cortaram ali o acesso às fontainhas. ... Depois construíram o viadu

to e demoliram aqui a casa da quinta... um palacete era cor-de-rosa, muito bonito...

M: -De seguida pergunto como usuário deste espaço, que percursos é que faz mais frequência, aqui na interação com o quarteirão?

L: - Com mais frequência é daqui à rua de Santa Catarina, ir daqui à praça da Liberdade, ir daqui à Batalha, ir daqui ao Jardim da S. Lázaro... ir às fontainhas. Ia à Sé, ia à ponte D. Luís. E apanho muitas vezes o funicular para ir lá abaixo ... dou uma caminhada lá em baixo.

M: - Por último pergunto, quando pensa neste espaço, e de modo mais abrangente neste quarteirão, quais são os elementos ou sensações que lhe vêm à memória? Para si, que elementos rementem para a identidade deste lugar como espaço urbano? Como o descreveria?

L: - Descrevia que era o Largo Actor Dias, que tinha o centro de saúde onde eu trabalhava, era um largo com muita animação, ... que era agradável passar aqui, conhecia-se toda a gente. Era tudo casas por aqui, não havia ainda esta passagem.
- No S. João via-se bem ali o fogo na Serra do Pilar...
- E havia aqui um bairro, eles eram muito pobres, havia uma casal que tinha muitos miúdos, e ele era empregado da câmera e ela vendia ambulante, mas eram muito educados e os miúdos muito educados. Brincavam aqui com os meus sobrinhos pequeninos, era tão engraçado.. eles dançavam...
- Pronto, tenho saudades desse tempo... - Agora só vejo carros à minha frente.

M: - Quando fecha os olhos e pensa aqui no quarteirão, qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça.

L: É o movimentos das pessoas, ... no S. João.



ENTREVISTA_3

M: - Bom dia, primeiro que tudo, agradeço a disponibilidade - Poderei saber o seu nome?

D: - Bom dia. Daniel prazer.

M: - Gostaria de saber há quanto tempo frequenta este espaço, como parte da sua rotina?

D: - Há quanto tempo é que ando por aqui? Bem... tou aqui há 28 anos. Desde 93'.

M: -A trabalhar aqui neste local, na farmácia?

D: -Sim, aqui neste local.

M: -De seguida pergunto como usuário deste espaço, que percursos é que faz normalmente, aqui na interação com o quarteirão?

D: -É assim quando eu não morava aqui tão próximo... eh, eu tinha que vir da Senhora da Hora para cá. Vinha muitas vezes de metro, saía aqui em cima no Carolina Michaelis, portanto descia depois, he ... a Oliveira Monteiro, vinha aqui ao cruzamento depois era só chegar aqui.
- Quando vinha de carro ou de moto, vinha pela avenida AEP (Av. Associação Empresarial de Portugal), 5 de Outubro ... 5 de Outubro subia até a cima até aqui há zona da ramalda alta, depois descia ali a Barão de Forrester e vinha ter aqui. Tando de carro como de moto, normalmente era esse o percurso.

M: - Por último pergunto, quando pensa neste espaço, e de modo mais abrangente neste quarteirão, quais são os elementos ou sensações que lhe vêm à memória? Para si, que elementos rementem para a identidade deste lugar como espaço urbano?

D: - É assim..., os principais elementos arquitetónicos desta zona, se bem que a alargar-me um bocado. Casa da Musica, retunda da Boavista, ali em cima a zona do quartel, a praça da república, claro que está aqui as duas igrejas de Cedofeita, tanto a românica como a moderna. Depois temos aqui este edifício aqui do lado, que também é um edifício catalogado. Só que é assim, se eu lhe dizer que este edifício é catalogado a maior parte das pessoas não sabe. ...
- eu por exemplo se não mo tivessem dito não o sabia.
- Lembro-me muitas vezes é também deste edifício por causa desta cor ... o edifício cor-de-rosa.
- É dizer, olhe... o edifício em que eu trabalho fica entre a rua de Aníbal Cunha e a rua de Cedofeita, pertíssimo da igreja de Cedofeita.. ao pé do antigo Maria Pia.
- Portanto há aqui diversos pontos de referência. Agora elementos arquitétonicos que eu possa dizer - Opá... é algo que é impossível escapar, olha desces a rua da Boavista e quando vires o edifício cor-de-rosa, todo ele cor-de-rosa... assim bébé. Agora até está mesmo muito emplamado já. - Já... Éh... é esse.

ENTREVISTA_4

M: - Bom dia, primeiro que tudo, bom dia e agradeço o seu tempo - Poderei saber o seu nome?

R: - Radu.

M: - Radu, gostaria de saber há quanto tempo frequenta este espaço, como

parte da sua rotina?

R: - Já estamos aqui há 4 anos, antes de virmos para aqui, este espaço era uma empresa de seguros, antes de ser o espaço cultural. Por isso tivemos muitas coisa para mudar... a luz, os brilhos, já esta melhor, mas ainda queremos mudar algumas coisas.

M: - De seguida pergunto como usuário deste espaço, que percursos é que faz normalmente, aqui na interação com o quarteirão?

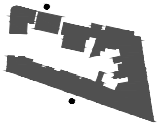
R: Sim... eu vivo a sete minutos dos espaço. Eu uso o mesmo percurso todos os dias ... aah e a coisa é que esta rua não tem sol. Tem, não sei, duas três horas de sol ... e temos uma esplanada no fim da rua, um bar e quando tem sol, o restaurante não está muito bom ou a comida não está muito boa, mas quando tem sol nós vamos todas as vezes para comer lá, só porque tem esplanada e é o único sitio que têm sol.
- Só uso esta rua porque tem aqui o espaço, se não ando mais pela rua de Cedofeita e a Álvaro Cabral, é mais grande e tem mais sol e...

M: - Por último pergunto, quando pensa neste espaço, e de modo mais abrangente neste quarteirão, quais são os elementos ou sensações que lhe vêm à memória? Para si, que elementos rementem para a identidade deste lugar como espaço urbano?

R: - A calçada que tem na Cedofeita, que se sente quando vens para o espaço, é forte. E que esta rua esta no fim de Cedofeita, e que a calçada portuguesa esta a parar na nossa rua. Faz-se a sentir a diferença, que estas na fronteira de Cedofeita ... e que é uma rua escura, uma coisa que chama sempre a atenção.
 - E... não sei, também tem muitos artistas que vivem aqui ... nesta rua. no inicio da rua têm uma comunidade grande de estrangeiros, que são da India, Paquistão...

M: - Aqui nesta rua?

R: - Sim, no início, e nos lembramos também, dos cheiros que estão cozinhar ao jantar que... são muito bons e marcam uma identidade na rua.



ENTREVISTA_5

M: - Boa tarde, primeiro que tudo, agradeço a disponibilidade - Poderei saber o seu nome?

G: - Gabriela, prazer.

M: - Queria lhe perguntar há quanto tempo frequenta este espaço, como parte da sua rotina?

G: - Ora... 3 anos, desde que vim estudar para o Porto.

M: - De seguida pergunto como usuário deste espaço, que percursos é que faz normalmente, aqui na interação com o quarteirão?

G: - Sim.. então eu já usei bastante esta rua, a principal (Avenida Rodrigues de Freitas), aa.. costumo usar várias vezes aquela que vai aqui por trás do edificio. ... não é bem a paralela a esta é a outra (Rua de Ferreira Cardoso) e que vai ter basicamente mesmo ao metro do Campo 24 de Agosto.
- Mais... também já passei muito na rua paralela que vai aqui por trás, no fundo todas as ruas aqui mais próximas já as fiz.

M: - Por último pergunto, quando pensa neste espaço, e de modo mais abrangente neste quarteirão, quais são os elementos ou sensações que lhe vêm à memória? Para si, que elementos rementem para a identidade deste lugar como espaço urbano?

G: - É assim em relação a este aqui, aqui mesmo não sei dizer muito bem, mas por exemplo na tal rua que estávamos a falar (Rua de Ferreira Cardoso)

de eu ir para o metro, tem lá uns edifícios que ainda têm aqueles azulejos colocados mesmo de fora ... na fachada e que me marcam assim a imagem que tenho do caminho.
- Em relação aqui mais no edifício mesmo, o café que fica aqui em frente e não sei... aa.. a Avenida é impossível esquecer. - Por isso diria a Avenida e ali o café. ... .

ENTREVISTA_6

M: - Primeiro que tudo boa tarde, e agradeço toda a disponibilidade - Poderei saber o seu nome?

P: - Pedro, muito prazer.

M: - Queria lhe perguntar há quanto tempo frequenta este espaço, como parte da sua rotina?

P: - É que estamos aqui? Estamos aqui há dois anos, fez dois anos no verão, portanto dois anos e meio.

M: -De seguida pergunto como usuário deste espaço, que percursos é que faz normalmente, aqui na interação com o quarteirão?

P: - Aqui a Rodrigues de Freitas e as paralelas, todas estas ruas dos Duques.

M: - Por último pergunto, quando pensa neste espaço, e de modo mais abrangente neste quarteirão, quais são os elementos ou sensações que lhe vêm à memória? Para si, que elementos rementem para a identidade deste lugar como espaço urbano?

P: - Aqui na rua eu acho que o fim da tarde é bastante tipico, a Rodrigues de

Freitas por causa das árvores tem uma iluminação muito ténue, e por isso é uma zona mais mal iluminada mas mais... mais característica.
- Também já andamos aqui no quarteirão há bastante tempo, mesmo antes de termos vindo morar para aqui.. aah e sim esta estrutura de casa, deste ladrilho fora e depois este tipo de estrutura é bastante típico, há aqui muitas casas iguais, por isso também associamos aqui às ruas dos Duques. - As árvores, o paralelo (das ruas), os tipos de arquitetura.
- Eu diria que é antigo, tem personalidade, característico, calmo ao fim de semana e a ficar um pouco des-centrificado, já a ficar com poucos moradores.





Largo Actor Dias.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Cimo da rua do Miradouro.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Escadas do Guindais.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Vista parcial do Largo Ator dias após as obras de reparação e conservando as lages primitivas. Ao fundo, o cubelo da muralha Fernandina, 1940.

Fotografia extraída do Arquivo Histórico da Câmera Municipal do Porto (Ident. 713583). Disponível WWW: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/713583/?q=largo+ator+dias



Perspectiva da rua da Igreja de Cedofeita.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Rua da Boavista, entre os números 571 e 527, lado Norte.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Acesso parcial ao miolo do quarteirão pela rua de Aníbal Cunha, número 222.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Interior de quarteirão junto à rua da Boavista.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Esquina entre a avenida Rodrigues de Freitas e a rua Duque de Saldanha.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.

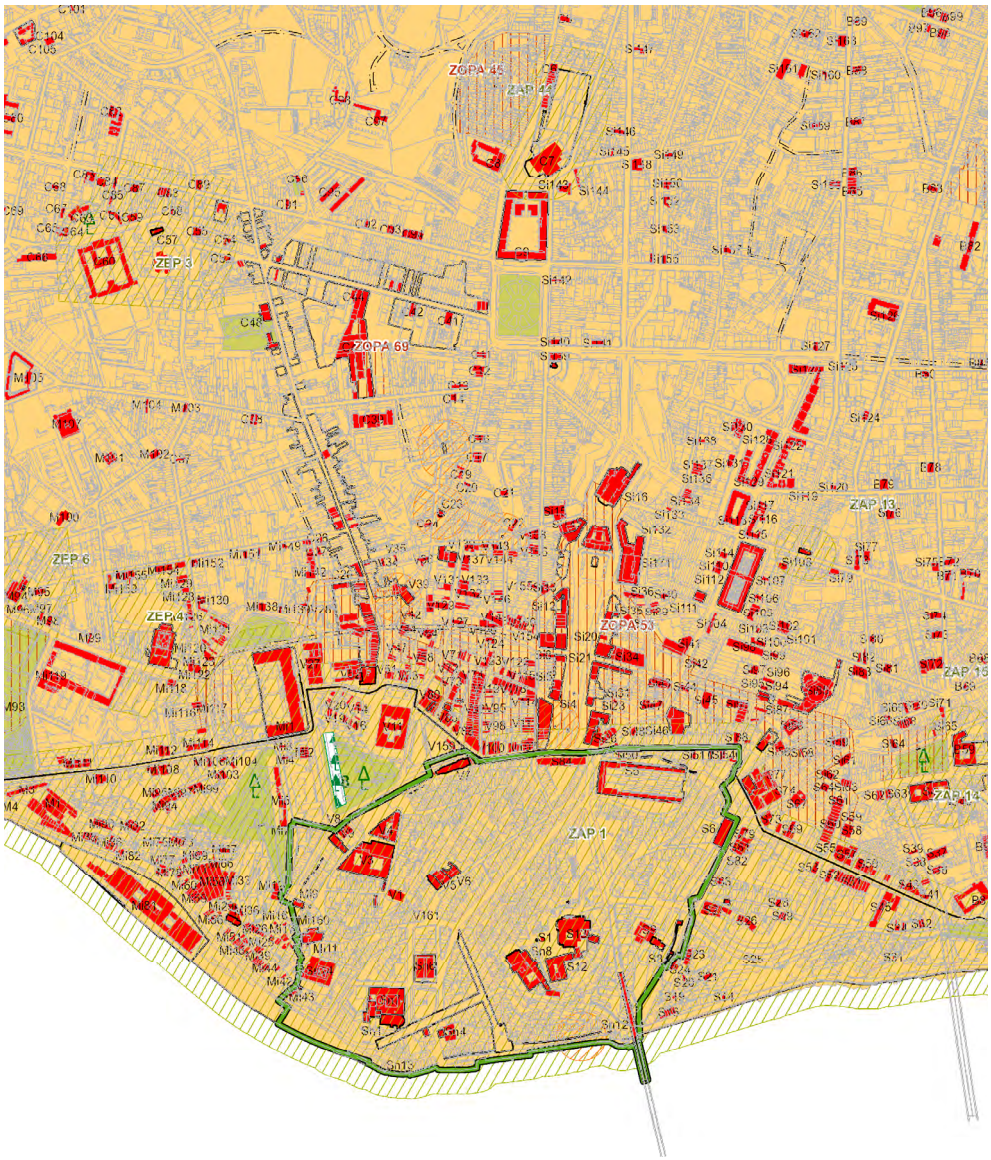


Edifício gaveto entre a rua Duque de Saldanha e rua do Conde de Ferreira.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.



Edifício gaveto na frente com o largo de Soares dos Reis.
Fotografia tirada pelo autor. Dezembro 2021.

CARTA DE PATRIMÓNIO



Extrato da planta de ornamento - Carta de Património. Câmera Municipal do Porto, 2020.
Disponível WWW: https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/

LEGENDA:


Limite do Centro Histórico do Porto incluido na Lista de Património Mundial da UNESCO


Imóvel Classificado ou em Via de Classificação


Zona de Proteção de Interesse Municipal


Imóvel de Interesse Patrimonial

Área de Interesse Urbanístico e Arquitetónico


Espaço Verde com Valor Patrimonial


Núcleo e Lugar

A Nevogilde C Aldoar E Ouro G Campo Lindo I Lamas K Pêgo Negro
B Passos D Vila Nova F Regado H Paranhos J Vila Cova

PATRIMÓNIO NATURAL


Complexo de Gnaisses da Foz do Douro

ESPÉCIES ARBÓREAS CLASSIFICADAS


Zona com Árvores

Árvore Isolada

PERÍMETROS DE PROTEÇÃO ARQUEOLÓGICA


Zona Especial de Proteção / Zona Automática de Proteção (ZEP/ZAP)


Perímetro Especial de Proteção Arqueológica / Zonal de Potencial Arqueológico (PEPA/ZOPA)

Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística (ACCRU)

Proposta Viária

Limite do Concelho



Escala 1:10000

Porto. Câmara Municipal

EXTRATO DA PLANTA DE ORDENAMENTO - CARTA DE PATRIMÓNIO

(1ª alteração - outubro /2012)

Publicitação Web 29-04-2020

Estas impressões, são meras impressões de consulta, não servindo para efeitos de instrução de pedidos e/ou documentos a entidades públicas ou ao Município, excepto quando expressamente previsto na instrução do pedido.

QUARTEIRÃO JUNTO AO LARGO ACTOR DIAS











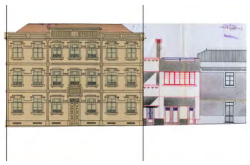


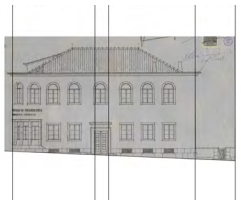




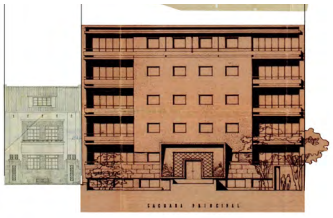
QUARTEIRÃO JUNTO À RUA DA BOAVISTA













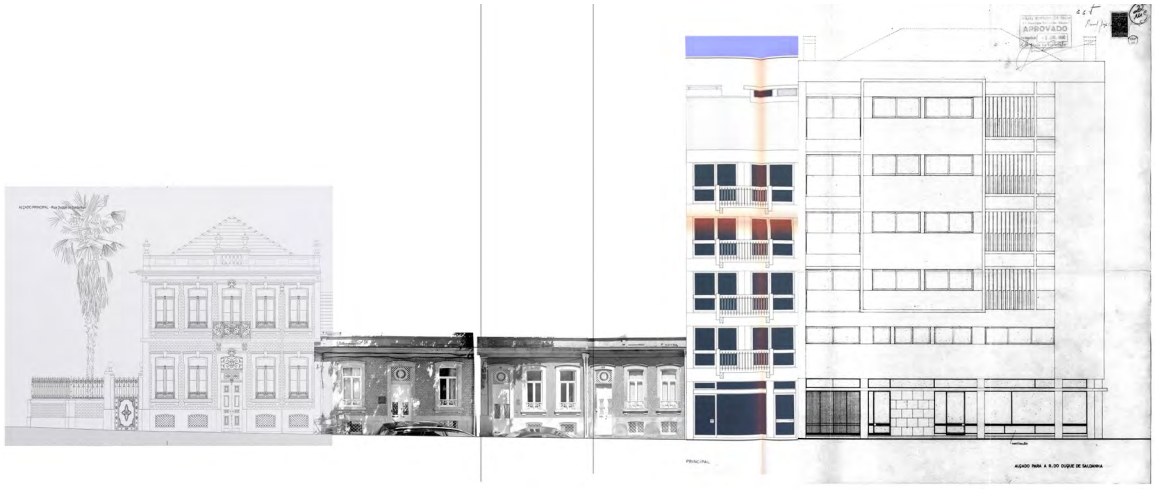




QUARTEIRÃO JUNTO À RUA DA BOAVISTA








PLANTA PISO 1
REZ DO CHÃO
Rua Duque de Saldanha
Avenida Rainha de Frielas